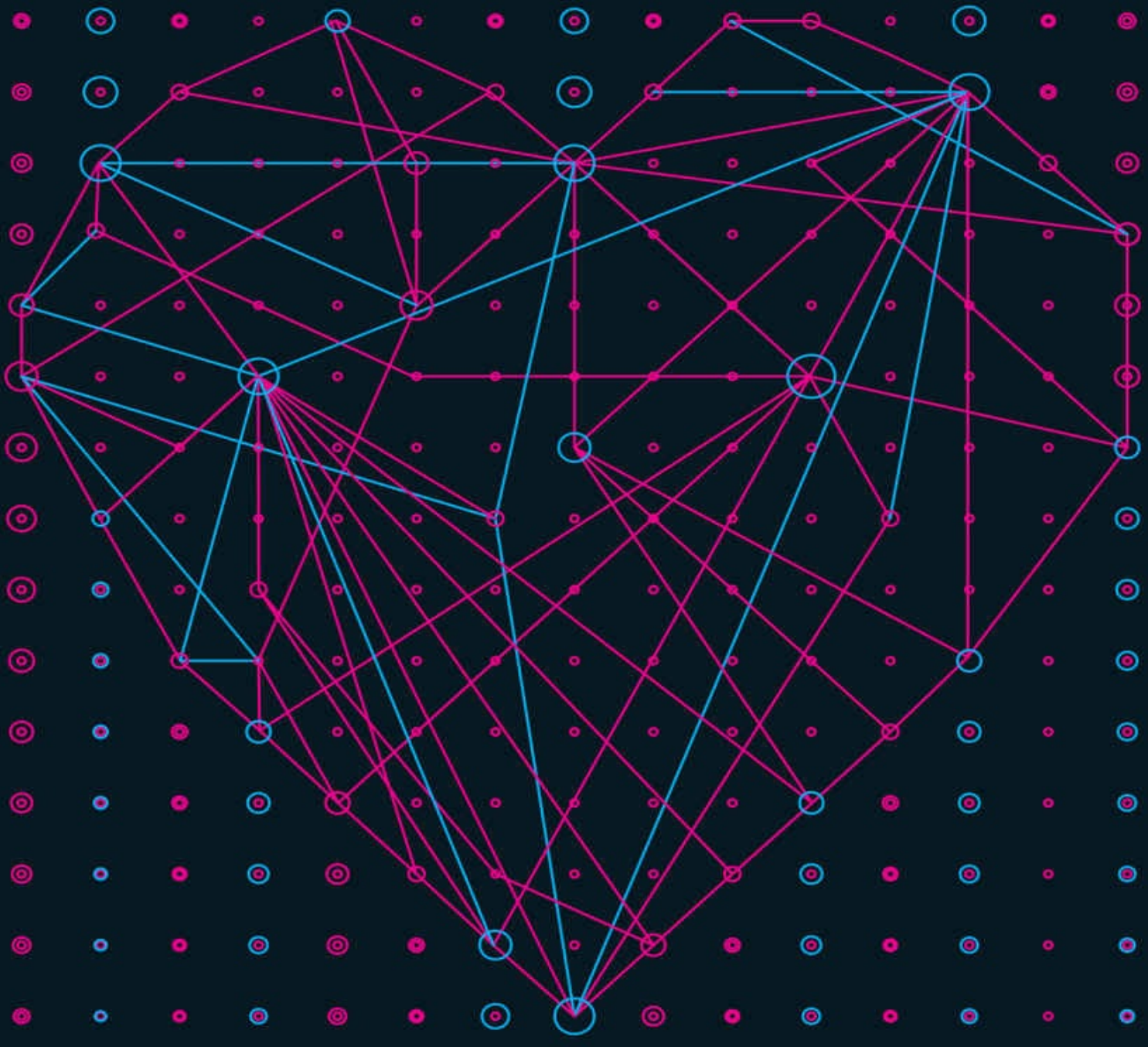
aziz ansari



romance moderno

Uma investigação sobre relacionamentos na era digital

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

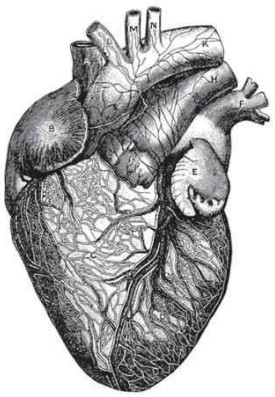
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

AZIZ ANSARI

Com Eric Klinenberg



ROMANCE MODERNO

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE RELACIONAMENTOS NA ERA DIGITAL

Tradução *Christian Schwartz*

paralela

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1
PROCURANDO SUA ALMA GÊMEA

CAPÍTULO 2
O PRIMEIRO CONVITE

CAPÍTULO 3
RELACIONAMENTOS VIRTUAIS

CAPÍTULO 4
ESCOLHA E OPÇÕES

CAPÍTULO 5
PESQUISAS INTERNACIONAIS SOBRE O AMOR

CAPÍTULO 6
VELHAS QUESTÕES, NOVAS FORMAS:
NUDES, TRAIÇÃO, O FUÇAR OBSESSIVO E SEPARAÇÃO

CAPÍTULO 7
ASSUMINDO UM COMPROMISSO

CONCLUSÃO

AGRADECIMENTOS

NOTAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRÉDITOS DAS IMAGENS

ROMANCE
MODERNO

INTRODUÇÃO

OBA!

Obrigado por ter comprado meu livro. Sua grana agora é MINHA. Mas tudo bem, me dediquei bastante a ele e acho que você vai curtir.

Para começar, uma palavrinha sobre este projeto. Quando a gente faz sucesso com stand-up, chovem convites para escrever livros. Sempre recusei, porque achava que o stand-up era o melhor meio de me expressar. Parecia que minhas ideias num livro nunca seriam tão divertidas quanto no palco.

Então por que decidi escrever este livro sobre relacionamentos modernos?

Alguns anos atrás, em Los Angeles, fiquei com uma garota que chamaremos aqui de Tanya. Nos encontramos num aniversário e, quando a festa estava acabando, ela me ofereceu uma carona. Tínhamos conversado e flertado a noite toda, então convidei Tanya para entrar na minha casa e tomar alguma coisa.

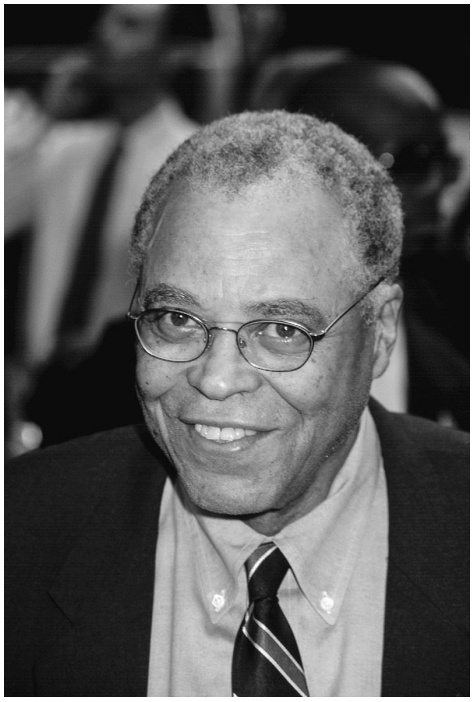
Na época, eu morava em uma casa alugada bem legal em Hollywood Hills. Era tipo a casa do Robert De Niro em *Fogo contra fogo*, mas parecia feita para mim, e não para um criminoso com talento especial para roubar carros-fortes.

Preparei uns drinques para a gente e ficamos nos revezando na escolha dos discos, batendo papo e rindo. Acabamos transando, e foi demais. Eu estava bêbado e me lembro de ter dito algo bem idiota quando ela estava de saída, como "Tanya, você é cheia de charme…", e de ela ter respondido: "Aziz, você também é cheio de charme". Aquilo parecia promissor: todos os presentes concordavam que éramos cheios de charme.

Eu queria encontrar Tanya de novo. Então, deparei com uma questão simples que atinge todo mundo: como e quando entrar em contato?

Telefono? Mando uma mensagem? Escrevo no Facebook dela? Mando um sinal de fumaça? E como produzir a fumaça? Botando fogo na minha casa? Como explicar depois ao proprietário, o ator James Earl Jones?

Ih. Deixei escapar de quem era a casa incrível que eu estava alugando: do rei de *Um príncipe em Nova York*, da voz de Darth Vader, da lenda do cinema James Earl Jones.



Acabei decidindo pela mensagem, porque ela parecia do tipo que manda milhões. Esperei uns dias, para não parecer desesperado. Tínhamos ouvido um disco da Beach House na noite que passamos juntos, e descobri que a banda ia tocar naquela semana em Los Angeles. Parecia o motivo perfeito, então escrevi a seguinte mensagem.

> Oi! Não sei se você já voltou para NY, mas tem show da Beach House hoje e amanhã na Wiltern. Tá a fim? Quem sabe eles não te deixam cantar The Motto se a gente pedir com jeitinho?

Um convite simpático e claro, com uma piadinha interna no meio. (No aniversário, Tanya tinha cantado “The Motto”, do Drake, e fiquei impressionado que ela sabia a letra quase inteira.)

Eu estava bastante confiante. Não que tivesse apaixonado por Tanya, mas ela parecia bem bacana, e aparentemente tínhamos nos dado bem.

Enquanto esperava pela resposta dela, comecei a fantasiar sobre nosso relacionamento inexistente. Talvez no fim de semana pudéssemos ver um filme alternativo ao ar livre no Hollywood Forever Cemetery. Antes disso eu podia

fazer um jantar para ela, talvez aquela receita de frango grelhado que eu estava louco para experimentar. Será que nós dois iríamos para Ojai no outono? Não dava para saber o que o futuro nos reservava, mas ia ser demais!

Passados alguns minutos, vi que a mensagem tinha sido lida.

Meu coração parou.

Era a hora da verdade.

Fiquei a postos, vendo aqueles pontinhos que aparecem na tela do iPhone, indicando que alguém está digitando uma resposta do outro lado — o equivalente num smartphone à lenta subida até o topo de uma montanha-russa. Alguns segundos depois, *eles sumiram*. E a resposta de Tanya não chegou.

Hummm… O que será que aconteceu?

Mais alguns minutos e…

Nada.

Tudo bem, ela deve estar pensando numa resposta engraçadinha. Começou a digitar, achou que não estava ficando boa e preferiu pensar melhor. *Claro*. Ela também não vai responder rápido demais, para não parecer desesperada.

Quinze minutos… e nada.

Minha confiança começa a se transformar em dúvida…

Uma hora… e nada.

Duas horas… e nada.

Três horas... e nada.

Um leve pânico se instala. Fico olhando fixamente para a minha mensagem. Agora acho defeito em tudo.

> Oi! Não sei se você já voltou para NY, mas tem show da Beach House hoje e amanhã na Wiltern. Tá a fim? Quem sabe eles não te deixam cantar The Motto se a gente pedir com jeitinho?

Idiota! Não devia ter colocado só um "i" em "Oi"! E fiz perguntas demais. Onde é que estava com a cabeça? Ah, pronto, mais uma pergunta. QUAL É O SEU PROBLEMA, AZIZ?

Eu me esforço para entender o que está acontecendo e me manter calmo ao mesmo tempo.

Talvez ela esteja ocupada no trabalho. Nada demais.

Ela vai responder assim que puder. Afinal, a gente se deu bem.

E passa a porra de um dia inteiro.

UM DIA!

A esta altura, pirei.

O que aconteceu??? Eu sei *que ela recebeu a mensagem!*

Será que o telefone caiu num rio/ compactador de lixo/ vulcão?

Será que a Tanya *caiu num rio/ compactador de lixo/ vulcão?? Putz, a Tanya morreu, e eu estou aqui preocupado com nosso encontro. Sou uma péssima pessoa.*

Compartilho meu dilema com um amigo.

"Ah, tá tudo bem. Ela vai responder. Deve estar ocupada", ele respondeu, otimista.

Então dou uma olhada nas redes sociais. Tanya está no bate-papo do Facebook. Mando uma mensagem? *Não! Não faz isso, Aziz. Fica na sua. Fica na sua…*

Mais tarde, olho o Instagram, e a farrista da Tanya postou a foto de um veado. Então ela está ocupada demais para me responder, mas tem tempo para tirar foto de um bichinho fofo que viu numa trilha?

Isso me incomoda, mas então tenho uma revelação que todo idiota tem numa situação dessas.

ELA NÃO DEVE TER RECEBIDO A MENSAGEM!

Só pode ser isso! Deu algum pau no celular dela. Claro!

Considero a possibilidade de uma segunda mensagem. Hesito, porque nunca precisei disso com meus amigos.

"E aí, Alan? Faz dois dias que mandei uma mensagem falando de jantar e você não respondeu. Aconteceu alguma coisa?"

"Merda! Não vi a mensagem. Não chegou. Algum pau no telefone. Desculpa. Vamos amanhã."

Voltando à Tanya. A essa altura, já se passaram mais de vinte e quatro horas. É quarta-feira. Hoje é o último show. Ela não vai responder nem para recusar? Aí pelo menos eu poderia convidar outra pessoa. Por quê, Tanya, por quê? Como alguém pode ser tão mal-educado? Não sou um cara qualquer. Ela me conhece há anos.

Continuei me perguntando se devia tentar outro contato, mas me pareceu uma atitude desesperada demais e admiti que ela simplesmente não estava a fim. Disse a mim mesmo que eu não queria sair com alguém que trata as pessoas daquele jeito, o que até certo ponto era verdade, mas ainda me sentia frustrado e ofendido.

Então reparei numa coisa interessante.

A piração que tomava conta de mim não existia vinte ou mesmo dez anos atrás. Ali estava eu, olhando para a tela do telefone que nem um maníaco, a cada poucos minutos, em um turbilhão de pânico, mágoa e raiva, só porque uma pessoa não tinha respondido uma mensagem curta num aparelhinho idiota.

Aquilo me incomodara, mas será que Tanya tinha mesmo feito algo tão grosseiro e maldoso? Não, ela só queria evitar uma situação constrangedora. Eu certamente já tinha feito a mesma coisa com outra pessoa sem me dar conta do sofrimento que causei.

Acabei não indo ao show naquela noite. Em vez disso, subi no palco de uma casa de stand-up para falar da frustração, da insegurança e do ódio que o silêncio provocara em mim. Consegui fazer o pessoal rir, mas foi um pouco mais que isso: era como se a plateia e eu tivéssemos nos conectado num nível mais profundo.

Em algum momento da vida, todos os homens e todas as mulheres ali tinham deparado com sua própria Tanya. Todos tinham ficado sozinhos, sem conseguir parar de olhar para uma telinha preta, sentindo toda uma gama de emoções. Ao mesmo tempo, estávamos todos juntos, na mesma situação, e é reconfortante saber que ninguém tem a menor ideia do que está acontecendo.

Fiquei fascinado por como e por que é tão difícil fazer algo que sempre foi feito com bastante eficiência: encontrar uma pessoa. Comecei a perguntar se alguém conhecia um livro que ajudasse a entender os muitos percalços da busca pelo amor na era virtual. Encontrei uma ou outra coisa interessante, mas não do tipo que estava procurando, uma investigação sociológica aprofundada sobre o tema. Um livro assim simplesmente não existia, então decidi eu mesmo escrevê-lo.

Quando comecei, achava que as grandes mudanças nos relacionamentos eram óbvias — estavam nas novidades tecnológicas, como os smartphones, os sites e aplicativos de relacionamentos e as redes sociais. Quanto mais fundo cavava, porém, percebia que a transformação em nossa vida amorosa não podia ser explicada apenas pela tecnologia — tem muito mais coisa aí. Num período bastante curto de tempo, toda a cultura ligada a encontrar alguém mudou radicalmente. Um século atrás, as pessoas achavam uma pessoa legal que morasse por perto. As famílias se conheciam e, assim que decidissem que nenhuma das duas partes interessadas tinha cara de psicopata, os noivos se casavam e tinham um filho, tudo isso antes dos 22 anos de idade. Hoje, gastamos vários anos da vida procurando a pessoa perfeita, a alma gêmea. Os recursos que

usamos nessa busca são diferentes, mas o que realmente mudou foram nossos desejos e — o que é ainda mais surpreendente — os objetivos por trás da própria busca.

Quanto mais eu pensava sobre tais mudanças, mais achava que tinha que escrever este livro. Mas também sabia que eu, Aziz Ansari, um comediantezinho qualquer, não seria capaz de encarar o tema sozinho, e decidi ir atrás de pessoas inteligentes para me ajudar. Fiz então uma parceria com o sociólogo Eric Klinenberg, e juntos bolamos um extenso projeto que demandaria mais de um ano de pesquisa em cidades por todo o mundo e envolveria alguns dos principais especialistas em amor e vida amorosa.

Antes, quero contar mais sobre nosso projeto, para que vocês saibam o que fizemos — e o que não fizemos. A fonte primordial de dados deste livro é a pesquisa que Eric e eu realizamos entre 2013 e 2014. Entrevistamos centenas de pessoas em grupos focais e individualmente em Nova York, Los Angeles, Wichita (Kansas), Monroe (Nova York), Buenos Aires, Tóquio, Paris e Doha (Catar). E estas não foram entrevistas comuns. Primeiro, reunimos pessoas diversas e tivemos conversas muito íntimas e detalhadas sobre sua vida amorosa. Em seguida, muitos dos participantes se ofereceram para compartilhar o conteúdo de seu celular conosco — o que é surpreendente —, de modo que pudéssemos rastrear suas interações por mensagens de texto, e-mails, sites de relacionamento e aplicativos de encontros casuais como o Tinder. Esses dados foram reveladores, pois pudemos observar como as coisas realmente se deram na vida das pessoas, em vez de apenas ouvir as histórias de que elas se lembravam. Já que pedimos que compartilhassem toda essa informação pessoal, prometemos anonimato. Isso significa que os nomes mencionados são fictícios, conforme o procedimento padrão de pesquisas qualitativas em ciências sociais.

Para expandir o alcance da pesquisa para além das cidades citadas, criamos o fórum temático Modern Romantics, no site Reddit, no qual lançamos perguntas e, basicamente, conduzimos um imenso grupo focal on-line, no qual recolhemos milhares de respostas de todas as partes do mundo. (Quero mandar um enorme obrigado a todo mundo que participou, pois sem essas pessoas não teria sido possível fazer o livro.) Portanto, sempre que mencionamos o “fórum temático”, é a esse espaço que estamos nos referindo.

Também dedicamos bastante tempo entrevistando algumas pessoas geniais, entre as quais importantes sociólogos, antropólogos, psicólogos e jornalistas que se dedicaram a estudar os relacionamentos modernos e que muito generosamente

nos concederam um pouco de seu tempo. Aqui vai uma lista, e morro de medo de ter deixado alguém de fora: danah boyd, da Microsoft; Andrew Cherlin, da Universidade Johns Hopkins; Stephanie Coontz, do Evergreen State College; Pamela Druckerman, do *New York Times*; Kumiko Endo, da New School, que também nos auxiliou com a pesquisa em Tóquio; Eli Finkel, da Universidade Northwestern; Helen Fisher, da Universidade Rutgers; Jonathan Haidt, da Universidade de Nova York (NYU); Sheena Iyengar, da Universidade Columbia; Dan Savage; Natasha Schüll, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT); Barry Schwartz, do Swarthmore College; Clay Shirky, da NYU; Sherry Turkle, do MIT; e Robb Willer, da Universidade de Stanford, que nos ajudou ainda na formulação de algumas perguntas da pesquisa e na análise dos dados.

Além das entrevistas, tivemos acesso a dados quantitativos muito relevantes, que usamos abundantemente neste livro. Desde 2010, o Match.com patrocina o maior levantamento disponível sobre americanos solteiros, uma amostra representativa do país, com cerca de 5 mil pessoas respondendo sobre todo tipo de comportamentos e preferências. Também pudemos contar com a boa vontade de Christian Rudder e do OkCupid, com sua riqueza de dados sobre como se comportam seus usuários. Essas informações foram muito úteis, pois nos permitiram distinguir entre o que as pessoas dizem que querem e o que elas realmente querem.

Outra ótima fonte de dados foi Michael Rosenfeld, da Universidade de Stanford, que compartilhou conosco o material do levantamento intitulado “How Couples Meet and Stay Together” [Como casais se conhecem e permanecem juntos], uma pesquisa com representatividade nacional realizada com 4002 adultos alfabetizados em inglês, três quartos dos quais casados ou em um relacionamento. Rosenfeld e o pesquisador Jonathan Haidt, da NYU, autorizaram o uso neste livro dos gráficos criados por eles. Muito obrigado aos dois.

Com a ajuda de todas essas pessoas, Eric e eu pudemos dar conta de um vasto conjunto de questões ligadas aos relacionamentos modernos, mas não de todas. Uma coisa que vocês devem saber de cara é que este livro trata primordialmente de relacionamentos heterossexuais. Logo no início do processo, Eric e eu percebemos que, se tentássemos escrever sobre como todos os aspectos da vida amorosa aqui tratados se aplicavam aos relacionamentos LGBT, simplesmente não seríamos capazes de fazer jus ao tema sem escrever outro livro. Falamos, sim, de algumas questões relacionadas a amor e vida amorosa entre gays e lésbicas, mas sem aprofundamento.

Outra coisa importante: a maior parte da pesquisa foi feita com pessoas de

classe média, com ensino superior completo e que adiaram os filhos até os trinta ou quarenta anos, e hoje mantêm relações intensas e íntimas com seus smartphones multimilionários. Estou ciente de que o amor e os relacionamentos funcionam de forma diferente em comunidades muito pobres e muito ricas, tanto nos Estados Unidos quanto nos países que visitei para a pesquisa. De novo, Eric e eu sentimos que seríamos engolidos se tentássemos investigar todas as variações nas diferentes classes sociais, de modo que o livro não contempla esse aspecto.

Bem, é basicamente isso que vocês precisam saber para começar. Antes, quero apenas deixar um agradecimento a você, leitor.

Você poderia ter comprado qualquer livro que quisesse. Poderia ter escolhido um exemplar de *Unruly: The Highs and Lows of Becoming a Man* [Rebelde: Os altos e baixos de se tornar um homem], do Ja Rule. Poderia ter escolhido *Pai rico, pai pobre*. Poderia até mesmo ter comprado *Ja rico, Ja pobre: O guia de Ja Rule para uma vida financeira sensata*.

Você poderia ter comprado todos esses livros (e talvez tenha mesmo!), exceto o último, que, apesar dos meus e-mails insistentes, Ja Rule se recusa a escrever.

Mas você também comprou o meu livro. E agradeço por isso.

Agora vamos começar nossa viagem pelo mundo dos… *relacionamentos modernos*!

CAPÍTULO 1

PROCURANDO SUA ALMA GÊMEA

Muitas das frustrações vividas pelos solteiros nos dias de hoje parecem problemas próprios do tempo e do ambiente tecnológico em que vivemos: não receber resposta de uma mensagem; ficar agoniado tentando decidir qual é seu filme preferido para colocar no perfil do site de relacionamento; pensar se você deveria ou não mandar teletransportar rosas para a garota com quem saiu na noite anterior. (NÃO TENHO MUITA CERTEZA DE QUE O TELETRANSPORTE VAI SER INVENTADO QUANDO O LIVRO SAIR NOS ESTADOS UNIDOS, EM 2015, COMO DISSERAM MEUS ASSESSORES CIENTÍFICOS. EDITOR: FAVOR CORTAR ESTA PARTE SE NÃO FOR.)

Esse tipo de sutileza é definitivamente algo novo no universo romântico, mas, à medida que avançava na pesquisa e nas entrevistas para este livro, descobri que as mudanças nos relacionamentos e no amor são muito mais profundas e maiores do que eu tinha me dado conta.

Neste exato momento, sou um entre milhões de jovens em situação parecida. Conhecemos pessoas, namoramos, começamos e terminamos relacionamentos, tudo isso na esperança de encontrar alguém que se ame de verdade e com quem se queira ter uma ligação mais profunda. Podemos até querer casar e começar uma família.

Hoje, essa jornada parece bem normal, mas é absurdamente diferente do que as pessoas faziam há apenas algumas décadas. Para ser específico, agora percebo que nossas ideias sobre duas coisas — “procurar” e “a pessoa certa” — são completamente diferentes. O que significa que nossas expectativas sobre a paquera também são.

TROCANDO DONUTS POR ENTREVISTAS:

VISITA A UMA CASA DE REPOUSO DE NOVA YORK

Se eu queria ver como as coisas haviam mudado ao longo do tempo, pensei que deveria começar conhecendo as experiências de pessoas de gerações anteriores que ainda estão por aí. E isso significava conversar com velhinhos.

Para falar a verdade, tendo a romantizar o passado e, embora curta as facilidades da vida moderna, às vezes gostaria de viver numa época mais simples. Não seria legal ser solteiro em outros tempos? Levar minha garota ao drive-in para ver um filme, depois para comer um hambúrguer com milk-shake numa lanchonete e, por fim, transar sob o céu estrelado num conversível velho. Certo, talvez isso fosse complicado para mim nos anos 1950, considerando a cor da minha pele e as tensões raciais da época, mas, no meu devaneio, a harmonia entre as raças faz parte do pacote.

Voltando: com o objetivo de aprender sobre os relacionamentos do passado, Eric e eu fomos a uma casa de repouso no Lower East Side de Nova York.

Chegamos armados com uma caixa grande da Dunkin' Donuts e café, recursos que, segundo os funcionários do lugar, seriam a chave para convencer os idosos a falar conosco. Dito e feito: foi só sentirem o cheiro dos donuts que, rapidinho, foram puxando cadeiras e respondendo às perguntas.

Um senhor de 88 anos chamado Alfredo não demorou a atacar os donuts. Depois de uns dez minutos de conversa, durante os quais não tinha revelado mais do que a idade e o nome, ele olhou para mim com uma expressão confusa, levantou as mãos sujas de doce e foi embora.

Quando voltamos à casa alguns dias depois para mais entrevistas, Alfredo apareceu outra vez. Os funcionários explicaram que ele tinha entendido mal o objetivo do encontro anterior — pensou que queríamos falar sobre suas lembranças da guerra —, mas agora estava totalmente preparado para responder a perguntas sobre suas experiências amorosas e seu casamento. De novo foi ligeiro para apanhar um donut, e então, em menos tempo do que alguém levaria para limpar os farelos de uma rosquinha do bigode, ele sumiu.

Espero encontrar um esquema assim fácil de filar donuts quando for a minha vez de morar em uma casa de repouso.

Felizmente, outros moradores foram mais cooperativos. Victoria, de 68 anos, cresceu em Nova York. Casou aos 21 com um rapaz que morava no mesmo edifício, um andar acima do seu.

"Eu estava parada na frente do prédio, com umas amigas, e ele me abordou",

contou Victoria. “Falou que gostava muito de mim e perguntou se eu queria sair com ele. Não respondi. Ele me convidou mais duas ou três vezes até eu aceitar.”

Foi a primeira vez que Victoria saiu com alguém. Foram ao cinema e depois jantaram na casa da mãe dela. Ele logo se tornou seu namorado e, após um ano, seu marido.

Estão casados há 48 anos.

A história de Victoria tinha aspectos que eu esperava serem bem comuns naquele grupo de pessoas — ela se casara jovem, o namorado havia sido apresentado aos pais quase que imediatamente e o casamento não demorou muito.

Imaginei que a parte de casar com alguém que morava no mesmo prédio fosse meio casual.

Mas a mulher com quem falamos em seguida, Sandra, de 78 anos, contou que tinha se casado com um rapaz que morava do outro lado da rua.

Stevie, de 69 anos, se casou com a moça do apartamento no final do corredor.

Jose, de 75 anos, se casou com uma moradora da rua de cima.

Alfredo, com a vizinha da frente (provavelmente filha do dono da confeitaria do bairro).

Aquilo era notável. No total, catorze dos 36 idosos com quem conversei acabaram se casando com alguém que podiam visitar a pé. O pessoal se casava com os vizinhos da rua, do bairro e até do mesmo prédio. Parecia um pouco bizarro.

“Gente”, falei. “Vocês moravam em Nova York. Nunca pensaram: *Ah, talvez eu pudesse achar alguém fora deste prédio*? Por que se limitar? Por que não expandir horizontes?”

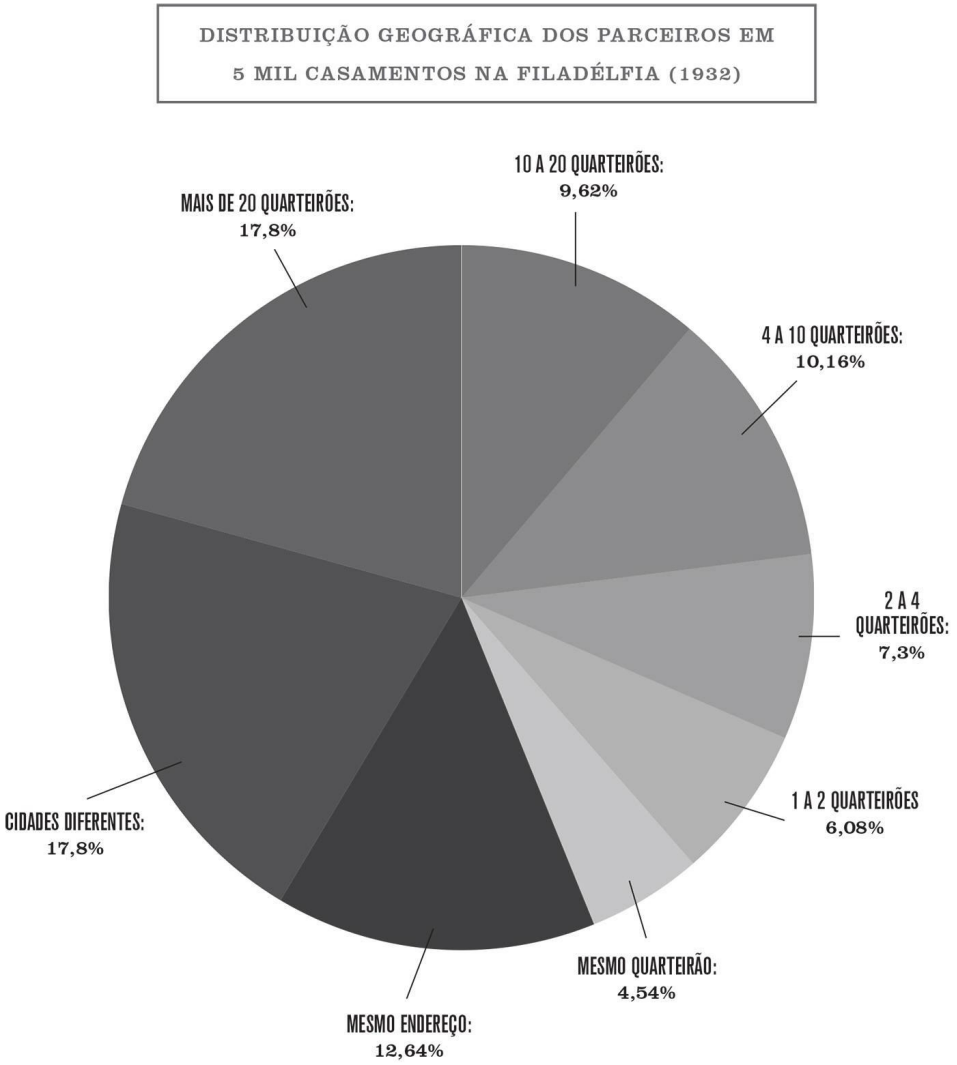
Eles simplesmente deram de ombros e disseram que ninguém fazia as coisas desse jeito.

Depois das entrevistas, fomos pesquisar se aquele era mesmo um padrão de comportamento. Em 1932, um sociólogo da Universidade da Pensilvânia chamado James Bossard examinou 5 mil certidões de casamento consecutivas nos arquivos da cidade da Filadélfia. Opa: *um terço* dos casais da amostra morava num raio de cinco quarteirões um do outro antes de se casar. De cada seis casais, um morava no mesmo quarteirão. E, mais impressionante, um em cada oito casais morava no *mesmo prédio*.[1]

Será que esse padrão valia apenas para as cidades grandes? Bem, nos anos 30 e 40, sociólogos se perguntaram a mesma coisa e divulgaram suas descobertas nas principais publicações científicas da época. E elas eram extraordinariamente

parecidas com as de Bossard na Filadélfia.

Havia poucas variações. Por exemplo, pessoas de cidades menores também se casavam com vizinhos quando possível. Quando a oferta era limitada demais, elas expandiam seus horizontes — mas só até onde fosse necessário. Como afirmou o sociólogo John Ellsworth Jr., de Yale, num estudo sobre padrões de casamento em Simsbury, Connecticut, com população de 3491 habitantes: “As pessoas vão até onde for preciso para encontrar um parceiro, mas nunca mais longe do que isso”.[2]



É claro que as coisas são muito diferentes hoje. Descobri que os sociólogos nem fazem mais pesquisas sobre a geografia dos casamentos no nível das cidades. Eu, particularmente, não consigo me lembrar de um só amigo que tenha

casado com alguém da vizinhança, e poucos são os que se casaram com uma pessoa da mesma cidade em que nasceram. Meus amigos, em sua maioria, casaram com pessoas que conheceram logo após a faculdade, quando conviviam com gente do país inteiro e, em alguns casos, do resto do mundo.

Pense no lugar onde você passou a infância, no seu prédio ou no seu bairro. Você consegue se imaginar casando com alguém daquele bando de manés?

IDADE ADULTA EMERGENTE:

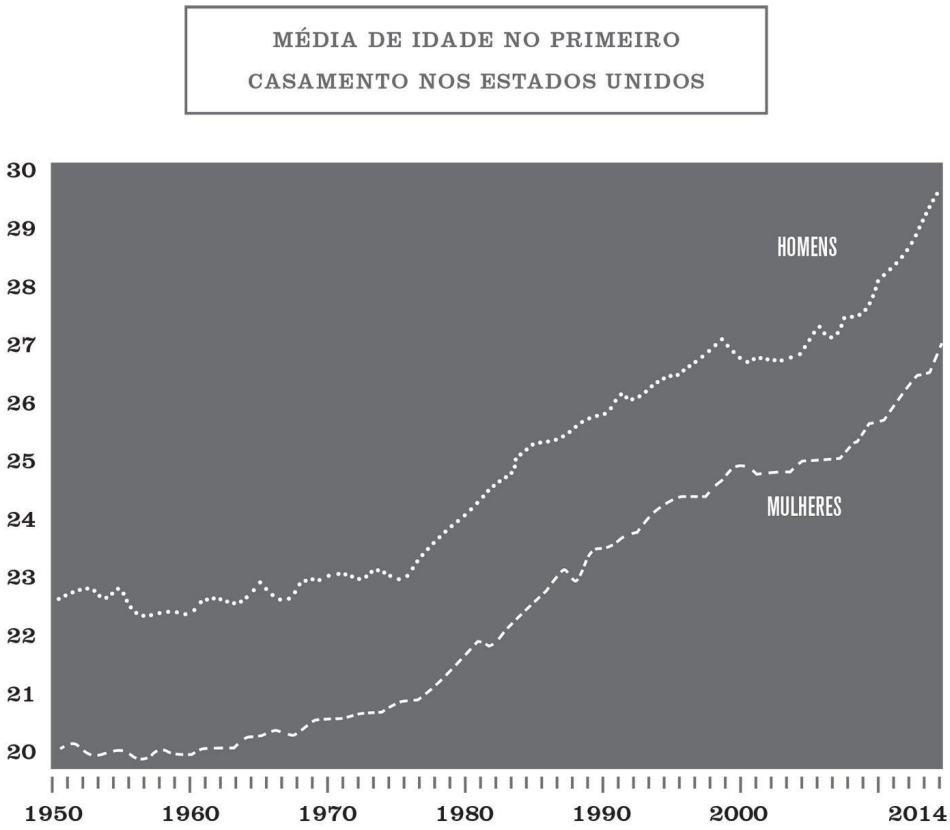
QUANDO OS MARMANJOS CRESCEM

Uma das razões pelas quais é tão difícil se imaginar casando com as pessoas com quem passamos a infância e a adolescência é que, nos dias de hoje, casamos muito mais tarde do que as gerações anteriores.

Entre os idosos que entrevistei na casa de repouso de Nova York, a idade média no casamento era de vinte anos entre as mulheres e 23 entre os homens.

Hoje, a idade média no primeiro casamento é de aproximadamente 27 anos entre as mulheres e 29 entre os homens, e de mais ou menos trinta anos para ambos os sexos em cidades grandes como Nova York e Filadélfia.

Por que a média de idade no primeiro casamento cresceu tão dramaticamente nas últimas décadas? Nos anos 50, o casamento era o primeiro passo para a vida adulta. Depois de terminar o ensino médio ou a faculdade, casava-se e saía-se de casa. Hoje, o casamento costuma ser um dos estágios mais avançados da vida adulta. Atualmente, a maioria das pessoas vive a faixa dos vinte e dos trinta como outra etapa, em que vão para a universidade, começam uma carreira e experimentam o que é ser adulto longe da casa dos pais antes de se casar.



Nessa etapa, encontrar um parceiro e se casar não é tudo na vida. Temos outras prioridades: concluir uma formação, tentar diferentes empregos, ter alguns relacionamentos e, com sorte, se desenvolver mais plenamente como pessoa. Os sociólogos até criaram um nome para esse novo estágio da vida: “idade adulta emergente”.

É um estágio em que acabamos expandindo muito o leque de opções amorosas. Em vez do bairro ou do prédio, temos as cidades para onde mudamos, os anos que passamos conhecendo pessoas na faculdade ou no trabalho e — o maior fator de mudança — as infinitas possibilidades oferecidas por ferramentas virtuais.

O período da idade adulta emergente é para os jovens uma época excitante e divertida de independência dos pais, quando podem curtir os prazeres da vida adulta — antes de se tornar marido ou esposa e formar uma família.

Se você é como eu, não consegue imaginar ter de se casar sem viver tudo isso. Quando tinha 23 anos, eu não sabia que tipo de adulto me tornaria. Estudava administração e biologia na Universidade de Nova York. Será que teria me casado com uma garota que morava no raio de alguns quarteirões em Bennettsville, Carolina do Sul, onde cresci? E que misterioso “negócio

biológico” eu estaria planejando começar, afinal? Não faço ideia. Eu era um idiota que definitivamente não estava preparado para a importância que esse tipo de decisão tem na vida.*

Os idosos com quem conversei simplesmente não passaram por essa etapa da vida e muitos pareciam lamentar isso, principalmente as mulheres, que não tinham tantas oportunidades de fazer faculdade ou iniciar uma carreira. Antes da década de 60, na maior parte dos Estados Unidos, mulheres solteiras simplesmente não viviam sozinhas, e muitas famílias desaprovavam que elas se mudassem para “repúblicas de moças”. Até se casar, essas mulheres ficavam basicamente presas em casa sob supervisão bastante rigorosa dos mais velhos e sem uma vida adulta autônoma. Eram obrigadas a informar os pais onde estavam e o que pretendiam fazer. Mesmo o namoro pressupunha envolvimento pesado da família, que tinha que aprovar o rapaz ou acompanhar a filha nos encontros.

Em certo ponto, no grupo focal de idosas, perguntei de forma bem direta se muitas moças da geração delas se casavam só para poder sair de casa. Todas balançaram a cabeça, concordando. Para as mulheres daquele tempo, o casamento parecia ser o jeito mais fácil de conseguir as liberdades básicas da vida adulta.

Mas nem tudo era um mar de rosas depois do casamento. A maioria dessas mulheres logo descobria que o matrimônio as libertava dos pais, mas as tornava dependentes de um homem que podia ou não tratá-las bem, e ainda as atrelava à responsabilidade de cuidar da casa e criar os filhos. Restava a elas aquilo que foi descrito no best-seller da época *A mística feminina*, de Betty Friedan, como “o problema inominável”.

Uma vez que as mulheres tiveram acesso ao mercado de trabalho e ganharam o direito de entrar elas mesmas com o pedido de separação, as taxas de divórcio dispararam. Algumas das mulheres que conheci nos grupos focais tinham se separado no auge dessa revolução e contaram que sempre se ressentiram por terem sido privadas de algo singular e especial: a experiência de ser uma jovem solteira e desimpedida.

Elas queriam ter passado pela idade adulta emergente.

“Acho que pulei uma etapa da minha vida, aquela em que a gente sai com as amigas”, disse Amelia, melancólica. “Nunca tive permissão para isso. Meu pai não deixava. Era muito rigoroso. Então o que digo para as minhas netas é: ‘Aproveitem. Se divirtam. Se casem depois’.” Tomara que isso não leve as netas de Amelia a ficar muito loucas de ecstasy e depois dizer para a mãe: “A vovó disse para eu me divertir! Me deixa em paz!!”.

O sentimento de Amelia era geral entre as entrevistadas. Todas, inclusive as que disseram ter sido felizes no casamento, afirmaram que queriam que suas filhas e netas abordassem a questão de forma diferente. Gostariam de ver as jovens que conheciam namorando uma porção de homens antes de escolher um marido. “Eu dizia para a minha filha: saia, se forme, compre um carro, aproveite”, contou Amelia. “Aí, por fim, escolha alguém.”

Até mesmo Victoria, casada há 48 anos com um homem que morava no apartamento em cima do seu, concordou. Ela enfatizou que amava muito o marido, mas deu a entender que, se tivesse outra chance, talvez fizesse uma escolha diferente.

“A gente se entende, meu marido e eu”, ela disse. “Mas somos muito diferentes. Às vezes fico pensando… Se eu tivesse me casado com alguém interessado nas mesmas coisas que eu…” Ela não completou a frase.

Vai ver o interesse de Victoria era por donuts e ela estava pensando como teria sido a vida com Alfredo.

O LUXO DA FELICIDADE:

DO COMPANHEIRO À ALMA GÊMEA

A mudança quanto à época da vida em que buscamos amor e casamento veio acompanhada de uma mudança quanto àquilo que procuramos no futuro parceiro. Quando os idosos que entrevistei falavam das razões por que namoraram, noivaram e, por fim, casaram, diziam coisas como: “Ele parecia ser um rapaz muito bom”, “Ela era uma boa garota”, “Ele tinha um bom emprego” e “Ela me dava donuts”.

Hoje, quando a gente pergunta a alguém por que se casou com determinada pessoa, as respostas são bem mais dramáticas e amorosas. “Ela é minha cara-metade”, “Não consigo me imaginar vivendo as alegrias da vida sem ele ao meu lado” ou “Toda vez que toco nos cabelos dela, meu pau fica duro”.

No fórum temático, perguntamos: se você tem ou teve um casamento ou relacionamento duradouro, como chegou à conclusão de que essa pessoa era (ou ainda é) a certa? O que tornava (ou torna) essa pessoa diferente das outras? As respostas foram muito diferentes daquelas que tínhamos ouvido dos idosos na casa de repouso.

Muitas incluíam histórias que ilustravam uma ligação muito profunda, fazendo com que sentissem que tinham encontrado alguém único, e não simplesmente uma pessoa bacana com quem formar uma família.

Uma mulher escreveu:

O momento exato em que me apaixonei pelo meu namorado, ou pelo menos o momento em que percebi isso, foi quando a gente estava estudando um perto do outro, eu cantando baixinho "Greatest Love of All", da Whitney Houston, e então ele começou a cantar a plenos pulmões. E a gente cantou a música inteira rindo e dançando pela sala. Momentos como esse, em que me sinto tão livre e boba e amada, é que me fazem ter certeza de que ele é a pessoa certa. Também sinto que, com ele, tenho me tornado uma pessoa melhor. Me esforço para tentar coisas diferentes e continuo aprendendo, mesmo já não estando mais na escola. Não preciso de muita coisa, mas contar com o apoio dele tem feito toda a diferença.

Outra mulher comentou:

Ele me faz rir e, quando não estou a fim de rir, dá um tempo e tenta descobrir o motivo. Ele faz com que eu me sinta bonita e amada até nos meus momentos de feiura e chatice. Também compartilhamos a mesma fé, os mesmos valores morais, a mesma ética de trabalho, o amor pelo cinema e pela música e o gosto por viajar.

E outra ainda disse:

Ele é diferente de todos, é um ser humano único. Não tem ninguém como ele no mundo. É extraordinário, e todos os dias fico admirada com ele. Por causa dele, sou uma pessoa melhor. Estamos juntos há cinco anos, somos melhores amigos, e eu continuo obcecada por ele.

Todas essas pessoas encontraram alguém realmente especial. Pela maneira como escreveram, parece que seu padrão de exigência para assumir um compromisso era muito mais alto do que o daqueles senhores de apenas algumas gerações atrás.

Para descobrir por que as pessoas se expressam hoje em termos tão exaltados ao explicar a decisão de firmar um compromisso, conversei com Andrew Cherlin, respeitado sociólogo especializado em família e autor do livro *The Marriage-Go-Round* [O casamento-carrossel]. Ele comentou que, até mais ou menos cinquenta anos atrás, a maioria das pessoas se satisfazia com o que chama de "casamento de companheirismo". Nesse tipo de casamento, cada parte tinha papéis claramente definidos. O homem era o chefe da família e o principal

provedor, enquanto a mulher ficava cuidando da casa e dos filhos. A satisfação no casamento dependia, em grande medida, de a pessoa ser capaz de desempenhar bem o papel que lhe cabia. Se garantisse o leite das crianças, o cara era um bom marido. Se mantivesse a casa em ordem e botasse 2,5 filhos no mundo, a mulher era uma boa esposa. Ela talvez até amasse o parceiro, mas não era o tipo de amor "toda vez que vejo o bigode dele, meu coração dispara".

A pessoa não se casava por estar loucamente apaixonada; se casava porque, juntos, os dois podiam formar uma família. Embora algumas pessoas dessa geração digam que se casaram por amor, a pressão pelo casamento e por começar uma família era tanta que nem todo par conseguia ser um romântico, de modo que o que se tinha era um casamento que "dava para o gasto".

Esperar pelo amor verdadeiro era um luxo a que muitos, especialmente mulheres, não podiam se dar. No início da década de 60, chegava a 76% (!) a proporção de mulheres que admitiam estar dispostas a se casar com alguém que não amassem. Apenas 35% dos homens diziam a mesma coisa.[3]

E as mulheres ainda tinham menos tempo para encontrar um homem. Amor verdadeiro? O cara tem um emprego *e* um bigode decente. Agarra ele, amiga.

Isso implica uma mudança fundamental no modo como se vê o casamento. Hoje, casar significa encontrar alguém para a vida toda. Alguém que se ame. Mas essas ideias de casamento em nome da felicidade e do amor são algo relativamente novo.

Ao longo da maior parte da história humana, a corte e o casamento não estavam relacionados a dois indivíduos tentando encontrar amor e realização. De acordo com a historiadora Stephanie Coontz, autora de *Marriage, A History* [Casamento, uma história], até recentemente uma união matrimonial era importante principalmente por estabelecer um vínculo entre duas famílias. Ela estava relacionada a garantir estabilidade — financeira, social e pessoal. A criar condições que tornassem possível sobreviver e se reproduzir.

E não estamos falando de história antiga. Até a Revolução Industrial, a maioria dos americanos e europeus vivia em fazendas, e todos os moradores da casa precisavam trabalhar. Quando se considerava com quem casar, a questão era antes de tudo prática.

No passado, um cara pensava: *Cara, tenho que arranjar uns filhos para trabalhar na fazenda. Tô precisando para ontem de meninos de quatro anos para botar na roça. E de uma mulher que me faça umas roupas. Melhor resolver esse negócio.* E uma mulher estaria pensando: *É bom eu encontrar logo um cara que saiba cuidar de uma fazenda e usar um arado para que eu não morra de*

fome.

Certificar-se de que a mulher gostava de sushi e dos filmes do Wes Anderson *e ainda* te deixaria de pau duro toda vez que você tocasse no cabelo dela parecia frescura.

Claro, as pessoas também se casavam porque se amavam, mas as expectativas quanto ao que o amor lhes traria eram diferentes. Para as famílias cuja estabilidade futura dependia de bons casamentos dos filhos, a paixão era vista como um motivo extremamente arriscado. “O casamento era uma instituição política e econômica vital demais para ser assumida com base apenas em algo irracional como o amor”, escreve Coontz.[4]

A historiadora também aponta que, antes da década de 1960, a maior parte das pessoas de classe média tinha expectativas bastante inflexíveis e orientadas por gênero quanto àquilo com que cada parte contribuiria para o casamento. As mulheres queriam estabilidade financeira. Os homens, virgindade, sem se preocupar com qualidades como formação ou inteligência.

“Na média, um noivado durava apenas seis meses — ótimo indicativo de que até então o amor passava pelo filtro de fortes estereótipos de gênero, em vez de se basear num conhecimento profundo da outra pessoa como indivíduo”, afirmou Coontz.

Isso não quer dizer que as pessoas que se casaram antes dos anos 60 tinham uma vida conjugal desprovida de amor. Naquela época, os casais com frequência desenvolviam sentimentos cada vez mais intensos à medida que passavam tempo juntos, amadurecendo e construindo uma família. Eram casamentos que talvez até começassem em banho-maria, mas com o tempo podiam chegar a ferver.

Porém, muita coisa mudou nos anos 60 e 70, inclusive as expectativas quanto àquilo que se deve obter de um casamento. A luta pela igualdade de gênero foi uma grande força de transformação. À medida que cresciam em número nas universidades, conseguiam bons empregos e conquistavam independência financeira, as mulheres passaram a exercer controle sobre seu corpo e sua vida. Recusavam-se cada vez mais a se casar com o cara do bairro ou do prédio. Queriam experimentar coisas novas, e agora tinham liberdade para isso.

De acordo com Cherlin, a geração que se tornou adulta nas décadas de 60 e 70 rejeitou o casamento de companheirismo e começou a almejar algo maior. Homens e mulheres não desejavam meramente um par — queriam uma alma gêmea.

Nos anos 80, nos Estados Unidos, 87% dos homens e 91% das mulheres afirmavam que não se casariam com alguém se a relação não fosse romântica e

amorosa.[5]

O casamento com a alma gêmea é muito diferente do casamento de companheirismo. Não tem a ver com encontrar alguém bacana com quem formar uma família. Tem a ver com achar uma pessoa perfeita que se ama verdadeira e profundamente. Alguém com quem se queira compartilhar o resto da vida. Alguém que também se lembre com carinho, ao sentir o cheiro de uma camiseta, daquela vez em que preparou o café da manhã e vocês passaram o dia em casa assistindo às oito temporadas da série *Perfect Strangers*.

Queremos, desde o pontapé inicial, paixão, ardor. No passado, as pessoas não estavam atrás de ebulição; só queriam um pouco de água. Uma vez que encontravam e se comprometiam pela vida toda, faziam o melhor para esquentar a coisa. Hoje, se a água já não estiver fervendo, assumir um compromisso parece prematuro.

Procurar a alma gêmea toma um tempão e exige um investimento emocional enorme. Antigamente, "dá para o gasto" já estava de bom tamanho. Mas, hoje, essa procura pela "pessoa ideal" pode provocar muito estresse. As gerações mais jovens encaram uma pressão imensa para achar algo que não existia antes.

Quando a busca é bem-sucedida, porém, a recompensa é incrível. De acordo com Cherlin, o casamento com a alma gêmea tem o maior potencial de felicidade e proporciona níveis de realização que as pessoas das gerações anteriores que entrevistei raramente conseguiam alcançar.

Cherlin sabe muito bem como é difícil manter tamanha felicidade e argumenta que o casamento com a alma gêmea de hoje é o modelo com mais chances de acabar em decepção. Como as expectativas são muito altas, as pessoas não pensam muito antes de terminar um relacionamento, caso as expectativas não estejam mais sendo cumpridas (toque no cabelo, nada de pau duro). Cherlin gostaria ainda que eu reiterasse que essa relação cabelo/ pau duro foi ideia minha e de mais ninguém.

A psicoterapeuta Esther Perel já aconselhou centenas de casais que passavam por problemas conjugais, e, em sua opinião, exigir tudo isso de um casamento põe pressão sobre os relacionamentos. Nas palavras dela:

> *O casamento era uma instituição econômica em que a pessoa ganhava, para toda a vida, um parceiro em questões como filhos, status social, sucessão e companhia. Hoje, porém, queremos que nosso parceiro continue a nos proporcionar todas essas coisas e, ainda por cima, seja o melhor*

amigo, o confidente e o amante apaixonado, sem falar que vivemos o dobro do tempo que se vivia antes. De modo que encontramos essa pessoa e o que pedimos a ela é que nos dê aquilo que, antigamente, uma vila inteira costumava proporcionar: pedimos pertencimento, identidade e continuidade, mas também pedimos transcendência, mistério e admiração reverente, tudo ao mesmo tempo. Pedimos aconchego e aventura. Pedimos novidade e familiaridade. Pedimos previsibilidade e surpresa. E achamos que isso é um fato da vida, e que brinquedinhos e lingerie são capazes de resolver a questão.[6]

Num mundo ideal, temos a sorte de encontrar nossa alma gêmea e desfrutar da mina de felicidade que mudará nossa vida.

Mas na vida real uma alma gêmea é coisa muito difícil de achar.

ENCONTRANDO SUA ALMA GÊMEA

Bem, ninguém disse que procurar uma alma gêmea seria fácil. Ainda assim, em muitos aspectos, a geração atual de solteiros saiu ganhando com as mudanças nos relacionamentos modernos. Ter mais tempo para investir no desenvolvimento pessoal e namorar pessoas diferentes antes de casar são coisas que nos ajudam a fazer escolhas melhores. Pessoas que se casam depois dos 25 anos, por exemplo, estão menos sujeitas a se separar do que aquelas que se casam antes.[7]

E, se não quisermos, não somos *obrigados* a casar. Houve um tempo em que casar e formar uma família era o único plano de vida razoável. Hoje nos tornamos bem mais tolerantes a outros estilos de vida, e é normal passar por diversas fases: solteiro morando com amigos, solteiro morando sozinho, solteiro com namorada, casado, divorciado, divorciado morando com uma iguana, novamente casado e ainda com a iguana, divorciado com sete iguanas porque sua obsessão por iguanas arruinou o relacionamento, e finalmente solteiro com seis iguanas (Arturo infelizmente acabou atropelado).

Não existem mais trajetórias de vida predeterminadas. É cada um por si.

Se nos casamos, fazemos isso por amor. Porque encontramos a alma gêmea. E os recursos que temos para isso são incríveis. Não estamos limitados aos manés do prédio. Os sites e aplicativos de relacionamento nos dão acesso a milhões e milhões de manés no mundo inteiro. Podemos selecioná-los do jeito que quisermos. Quando saímos à noite, podemos usar o celular para mandar

mensagens para os pretendentes enquanto circulamos de bar em bar. Não estamos limitados por linhas de telefone fixo ou condenados a curtir a noite com quem combinamos de sair.

A extensão de nossas opções amorosas não tem precedentes, e nossas ferramentas para escolher entre elas e nos comunicar são assombrosas.

E isso leva a uma pergunta: por que tanta gente anda frustrada?

Eric e eu queríamos verificar o que aconteceria se conseguíssemos juntar grupos representativos de ambas as gerações e fazer com que discutissem o namoro do passado e do presente. Para isso, organizamos um grande grupo focal com duzentas pessoas.

Fizemos o convite e estabelecemos que todo mundo tinha de trazer para o evento um ou os dois pais. Conforme o pessoal foi chegando, separamos as famílias em dois grupos: jovens à esquerda e pais à direita. Passamos uma hora indo de um grupo ao outro, perguntando às pessoas como era (ou tinha sido) conhecer gente nova, propor um encontro e decidir sobre compromisso e casamento.

Nas conversas com os mais velhos que tinham casamentos felizes e bem-sucedidos, o que eles contavam sobre como haviam se conhecido soava antiquado e simples, bem menos estressante do que aquilo que os solteiros de hoje têm de enfrentar. As pessoas se conheciam muito jovens, quando provavelmente não eram tão sofisticadas quanto se tornariam mais tarde, mas, como me disse uma das senhoras: “A gente amadurecia e mudava junto. E aqui estamos, ainda juntos, depois dos sessenta”.

Quase todas as pessoas mais velhas que compareceram ao evento daquela noite contaram ter proposto um encontro logo de cara, por telefone ou pessoalmente. Um senhor chamado Tim descreveu a primeira vez que convidou a futura esposa para sair da seguinte forma: “Cruzei com ela na escola e falei: ‘Tenho ingressos para ver The Who no Madison Square Garden…’”. O que soa infinitamente mais descolado do que ficar trocando mensagens de texto com a garota durante duas semanas só para, no final, ela recusar o convite para o show do Sugar Ray.

Quando conversamos sobre como era namorar em outros tempos, as pessoas me contaram que iam a um bar ou a um baile, tipo uma festa comunitária, geralmente promovida por uma igreja, uma faculdade ou outra instituição local, onde os jovens podiam se encontrar e conversar. E ali ficavam, a noite toda, à base de um ou dois copos de bebida.

Parece mais agradável do que vejo, atualmente, nos bares por aí: um bando de

gente de olho no celular, procurando alguém ou alguma coisa mais excitante em outro lugar.

E quanto a todas as opções que temos hoje? Dá para achar a pessoa ideal entre todas elas, certo? Na verdade, os mais velhos veem isso como uma *desvantagem*. Expressaram solidariedade e preocupação quanto à situação dos filhos — e gratidão pelo fato de que as coisas eram mais simples, ainda que longe de perfeitas, quando eles próprios eram jovens.

"Uma coisa é preciso dizer em defesa dos jovens de hoje: eles simplesmente têm opções demais", falou uma das mães. "Na minha juventude, era um baile e um bar, e só. Mas agora, meu Deus. Eu ia odiar ser solteira, de verdade."

"Por que a senhora acha isso tão ruim para esses jovens?", perguntei. "Pense em todas as escolhas que eles têm, todas as portas que podem abrir."

Os coroas não engoliram esse papo. Entendiam que, no tempo deles, havia menos opções, mas não pareciam lamentar isso. Como uma das senhoras explicou: "A gente não ficava pensando nas alternativas. Quando encontrava alguém de quem gostava, embarcava logo na relação. Acho que não tinha isso de pensar: *Bom, mas tem outras doze ou dezessete ou quatrocentas e trinta e três portas que eu posso abrir*. A gente via uma porta que chamava a atenção, ia lá e abria".

Agora vejamos o que acontece com a minha geração. Estamos num corredor com *milhões* de portas. É porta pra caramba. É legal ter todas essas opções.

Mas… um corredor com *milhões* de portas? Isso parece mesmo melhor? Ou só aterrorizante?

Por um lado, são muitas portas para experimentar, o que parece melhor do que ser enfiado porta adentro quando se é jovem demais e não se está exatamente pronto para virar adulto. Por outro, talvez algumas pessoas de gerações anteriores estivessem preparadas para abrir suas portas. Afinal, basta pensar em Amelia, Victoria e todas aquelas mulheres ansiosas para dar o fora da casa dos pais, que correram muito satisfeitas para a primeira porta que encontraram. Alguns dos casamentos nos quais embarcaram, apressadas, acabaram sendo solitários e difíceis. Mas não raro o amor e a realização floresceram.

Hoje, o que queremos é um monte de portas, e somos muito cautelosos quanto a qual delas abrir. O estágio da idade adulta emergente é, basicamente, a permissão da sociedade para que a gente circule pelo corredor e descubra que porta é a mais acertada. Andar por esse corredor às vezes pode ser frustrante, mas, num roteiro ideal, a pessoa cresce, amadurece e, quando está pronta, acha a porta que funciona de verdade para ela.

Atualmente, quem está em busca de amor tem uma gama de opções sem precedente para encontrar um parceiro incrível ou, idealmente, sua alma gêmea. Podemos casar praticamente com quem quisermos, independente de sexo, gênero, etnia, religião ou raça — e mesmo de paradeiro geográfico. É provável que encontremos nos relacionamentos mais igualdade entre as partes do que as gerações mais velhas. E, ao contrário de como foi para eles, entre nós quase todo mundo vai casar com alguém que ama.

A questão é que, com todas essas possibilidades, o *processo* de encontrar essa pessoa fica bem estressante. E, diferentemente daquele tempo em que quase todos se casavam aos vinte e poucos anos, hoje a procura pelo amor se estende por décadas.

Casar com o vizinho do andar de cima ou com a garota da casa ao lado? Nada disso.

Engatar um relacionamento estável (e para sempre) com a namoradinha do colégio? Esqueça.

“Ei, mãe, pai, essa pessoa ali na sala não parece legal? Tudo bem se a gente casar daqui a três meses?” Nem pensar.

Em vez disso, temos toda uma nova cultura de relacionamentos, baseada na busca épica pela pessoa ideal. Uma busca que pode atravessar os anos de faculdade e vários estágios da carreira. Uma busca que assume novas formas, porque, no atual ambiente das relações românticas, grande parte da ação se passa nas telas.

MUNDO CELULAR

Em 2014, o americano médio passou 444 minutos por dia — cerca de sete horas e meia — diante de alguma tela: do celular, do tablet, da televisão ou do computador. É mais do que na maioria dos países europeus, onde, naquele ano, as pessoas passaram “apenas” de cinco a sete horas por dia com suas telas, mas não chega nem perto das que se verificam nos países que ocupam os cinco primeiros postos do ranking: China, Brasil, Vietnã, Filipinas e, em primeiro lugar, Indonésia, cuja população costuma ficar nove horas olhando para uma tela todos os dias.[8]

As sete horas e meia americanas são um número bem alto, mas, investigando meus próprios hábitos, não parecem implausíveis. Hoje tive uma manhã de domingo bem comum em Los Angeles. Acordei e passei um tempo mandando mensagens para meus amigos Nick e Chelsea sobre onde seria o brunch. Fui para

o laptop pesquisar as sugestões. Olhei no Yelp e nas páginas dos próprios estabelecimentos para ver o cardápio e, entre uma coisa e outra, naveguei à toa (lendo qualquer chamada boba que prendesse minha atenção no Reddit** e assistindo aos melhores momentos do *Saturday Night Live* da noite anterior), até que, finalmente, depois de umas vinte idas e vindas que se estenderam por uma hora e sete minutos, Chelsea e Nick decidiram que preferiam ficar perto de casa, numa lanchonete simples. Eu não estava a fim de ir até lá. Acabou que nem saímos para comer juntos.

O que fiz foi ir para o brunch com outras pessoas em outro lugar, o Canelé. Enquanto comíamos, começou a tocar uma música do Nelly e dei uma olhada na página dele na Wikipédia, como se deve fazer toda vez que uma dúvida sobre o Nelly vem à mente. A caminho de casa depois do brunch, troquei mensagens com outras pessoas sobre o que estavam planejando para o jantar.*** Agora estou em casa, de novo diante do laptop, digitando este capítulo que você está lendo neste exato momento, possivelmente também numa tela!

O episódio do brunch é notavelmente semelhante a como ocupo meu lugar no mundo dos solteiros: fazendo planos ou tentando fazer, via celular, envolvendo quem quer que esteja no meu radar no momento. Como com Chelsea e Nick, muitas vezes esses planos acabam não dando certo. E, do mesmo jeito que tive o cuidado de pesquisar os lugares aonde a gente poderia ir, jovens solteiros pesquisam uns aos outros — em sites de relacionamento, nas redes sociais ou mesmo dando um Google geral — para ter uma ideia melhor da pessoa com quem pretendem sair.

No fim, cheguei à conclusão de que o motivo pelo qual passamos tanto tempo com nossos aparelhos é que todos criamos nossos próprios e particulares “mundos celulares”.

É no mundo celular que estamos conectados com toda e qualquer pessoa em nossa vida, dos pais àquele conhecido cujo convite para ser amigo no Facebook aceitamos. Para as gerações mais jovens, a vida social acontece em redes sociais como o Instagram, o Twitter, o Tinder e o Facebook tanto quanto na faculdade, no café e na balada. Mas, nos últimos anos, à medida que mais e mais adultos começaram a passar mais e mais tempo com suas telas, praticamente qualquer um com poder aquisitivo para ter um aparelho e um plano de dados se tornou um participante hiperengajado em seu mundo celular.

O mundo celular é o lugar aonde se vai para encontrar alguém com quem ir ao cinema. É aonde se vai para decidir a que filme assistir. É onde se compram os ingressos. É onde se avisa o amigo: “Já tô aqui”. É onde o amigo responde:

“Merda, errei o cinema de novo”; e a gente diz: “Porra, cara! Vc sempre faz isso. Blz. Vou ver *G.I. Joe: Retaliação* sozinho DE NOVO”.

E agora que até a mais banal das atividades tem lugar em nosso mundo celular, é claro que parte importante da nossa vida amorosa também acontece ali.

Hoje, quem tem um smartphone carrega no bolso um bar para solteiros 24 horas por dia. Basta apertar alguns botões a qualquer momento para se ver instantaneamente imerso num oceano de possibilidades românticas.

De início, nadar nesse oceano pode parecer incrível. Mas os solteiros modernos, em sua maioria, logo se dão conta de que se manter à tona exige esforço demais, e encontrar a pessoa certa e voltar à terra firme com ela então nem se fala.

Muita coisa acontece nessas águas, e são inúmeras as decisões rápidas e as manobras difíceis. Entre todos os desafios, nenhum é mais aterrorizante do que descobrir o que fazer quando se encontra alguém interessante.

Como vimos no meu exemplo com Tanya, não importa o quanto a coisa pareça simples, o convite inicial sempre vem cercado de estresse e desdobramentos assustadores.

---

* Tenho uma tatuagem que é um lembrete permanente disso.

** Destaque para o vídeo de uma garotada que transformou a porta de casa numa “porta-monstro” que distribuía doces no Halloween. A porta era em estilo antigo, com duas janelinhas que se abriam na parte de cima e que os garotos transformaram em dois olhos. Por uma terceira abertura saía um braço de feltro marrom. Bem fofo.

*** Esse experimento deixa claro que a maior parte dos meus dias é gasta ao telefone ou no laptop tentando resolver, ao mesmo tempo, onde e com quem comer.

CAPÍTULO 2

O PRIMEIRO CONVITE

Convidar alguém para um encontro é uma tarefa simples que com frequência se torna um dilema aterrorizante e cercado de medo, insegurança e ansiedade. Envolve um amontoado de decisões difíceis: como faço o convite? Pessoalmente? Por telefone? Mando mensagem? O que digo? Será que essa pessoa vai ser aquela com quem vou passar o resto da vida? E se ela for minha cara-metade? E se eu mandar a mensagem errada e acabar estragando tudo?

Embora a tecnologia tenha acrescentado sutilezas novas a esse dilema, convidar uma pessoa para um primeiro encontro nunca foi fácil: significa declarar atração por alguém e se expor completamente, arriscando-se à possibilidade brutal da rejeição — ou, nos tempos modernos, até mesmo a um silêncio frio e sem explicação.

No caso do pretendente moderno, a primeira decisão é sobre o meio a ser usado: telefonema ou mensagem de texto. Há ainda quem inclua o e-mail e as redes sociais entre as opções. Apenas uma geração antes, o telefone fixo ou mesmo um anúncio nos classificados do jornal teriam sido a primeira escala na busca por um par. Hoje, porém, quase imediatamente voltamos os olhos para nossas telas. Na verdade, grande parte do universo amoroso de muitos pretendentes se encontra no mundo celular.

Uma observação rápida: os números mostram que a expectativa de que o homem tome a iniciativa continua a ser esmagadoramente majoritária. Em 2012, apenas 12% das mulheres americanas diziam ter convidado alguém para um encontro no ano anterior. De modo que, nessa discussão, usarei o exemplo de um rapaz convidando uma garota para sair. As questões aqui discutidas também

valem, em geral, para a situação inversa (só não totalmente porque mulheres odeiam que um cara tente abordá-las com fotos do próprio pênis).

Tá legal, vamos ver quais são as principais tendências.

Em 2013, os pesquisadores do levantamento realizado pelo Match.com perguntaram aos americanos: “Se fosse convidar alguém para um encontro pela primeira vez, como o faria?”. Os resultados foram:

Método do convite	Mais de 30 anos	Menos de 30 anos
POR TELEFONE	52%	23%
PESSOALMENTE	28%	37%
POR MENSAGEM	8%	32%
POR E-MAIL	7%	1%

Duas coisas podem ser destacadas aqui. Em primeiro lugar, a queda na preferência do telefonema como meio de comunicação de um grupo etário para o outro (52% contra 23%) é acentuada. Entre os adolescentes, o percentual dos que usam mensagens é ainda mais alto. Numa pesquisa de 2012 da textPlus, 58% dos americanos entre treze e dezessete anos disseram que convidariam uma pessoa para sair por mensagem de texto.[1] Fica evidente que os mais jovens, crescendo numa cultura dominada por esse meio, se sentem muito mais confortáveis enfrentando sua vida amorosa via mensagem.

A segunda é que, à medida que o tempo passa, isso vale para todos nós.

Em 2010, apenas 10% dos jovens adultos usavam mensagens para marcar um primeiro encontro, comparados a 32% em 2013. Convidar alguém para sair por mensagem está se tornando a nova norma: rapidamente o telefonema vai ficando para trás.

Aqui, vale a pena uma pausa para destacar que essa é uma transformação absurdamente veloz na maneira como nos comunicamos. Por muitas gerações, os jovens se valeram de telefonemas para chegar a possíveis pares românticos. Era uma experiência angustiante pela qual todos já passamos. Antes do convite para o encontro, ouvíamos aterrorizados o telefone chamando e, em seguida, alguém atendendo. Podia ser seu objeto de desejo, a pessoa que dividia o apartamento com ela ou até um dos pais. Aí chegava o momento de pedir para falar com a pessoa.

Se ela estivesse em casa, finalmente você ouviria um “Alô” do outro lado, e o que se seguia era um leve pânico. Seria preciso passar algum tempo jogando conversa fora, tentando criar um clima e ainda preparando o terreno para uma passagem provavelmente desajeitada daquilo para o convite.

“É, pois é, então, perdi aquele concurso do maior comedor de tortas… Quer ir ao cinema uma hora destas?”

Esse tipo de abordagem telefônica exigia alguma coragem como ponto de partida e certa habilidade na execução, mas com o tempo o cara ia melhorando e começava a elaborar estratégias para seus telefonemas.

Digamos que você fosse um rapaz chamado Darren. Suas primeiras tentativas de ligação talvez fossem assim:

DARREN: *E aí, Stephanie? Aqui é… o Darren.*
STEPHANIE: *E aí, Darren, tudo bem?*
DARREN: *Tudo.*
DARREN: (longa pausa)
DARREN: *Então tá… Tchau.*

Mas logo você começaria a se sair melhor. Depois de um tempo, ficaria mais seguro nesse tipo de contato. Teria logo uma história engraçada ou um bom assunto engatilhados. Uma tirada espirituosa na ponta da língua e pronto: você e a Stephanie se transformariam em dois esgrimistas verbais duelando mais ou menos assim:

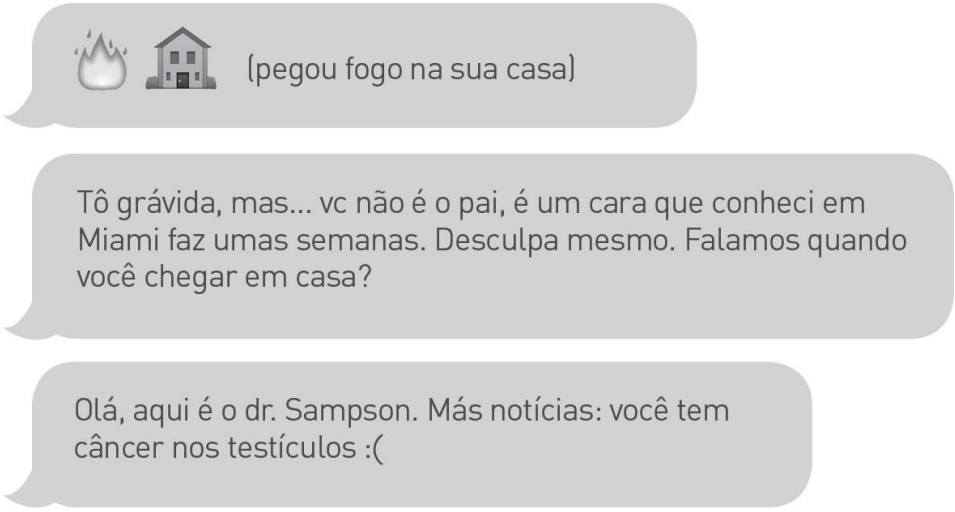
DARREN: *E aí, Stephanie? Aqui é o Darren!* (confiante e animado)
VOZ DE MULHER: *Oi, Darren. É a mãe da Stephanie que está falando. Só um segundo…*
DARREN: *Merda.* (silêncio)
DARREN: *Você consegue, Darren. Você consegue.* (silêncio)
STEPHANIE: *Alô?*
DARREN: *E aí, Stephanie? Aqui é o Darren!* (de novo confiante e animado)
STEPHANIE: *Ah, e aí, Darren? Beleza?*
DARREN: *Acabei de comprar um guarda-chuva!*
STEPHANIE: *Legal…*
DARREN: *Então tá, tchau!*

Bom. Você provavelmente se sairia melhor que isso.

A habilidade necessária para um telefonema a quem nos interessa é algo que talvez as gerações mais jovens nunca precisem ter.

À medida que as tecnologias se tornam mais presentes em nossa vida, comportamentos que pareciam estranhos ou inapropriados para uma geração podem se transformar em algo normal para a seguinte.

Numa pesquisa recente, por exemplo, 67% dos adolescentes americanos afirmaram que aceitariam um convite feito por mensagem de texto para o baile de formatura.[2] Para as gerações mais velhas, a ideia de ser convidado para algo tão especial via mensagem poderia parecer fria e impessoal. Soaria inapropriada à ocasião. Mas os mais jovens já vivem num ambiente dominado pelas mensagens, o que molda sua percepção do que é ou não apropriado. Outro exemplo, a respeito de um tópico que veremos com mais profundidade adiante, é terminar um relacionamento usando esse recurso: parece bastante brutal para alguém da minha geração, mas, quando entrevistamos pessoas mais jovens, muitas disseram que terminaram namoros apenas via mensagem. Vai saber que tipo de interação estará reservada às próximas gerações.



A ASCENSÃO DA MENSAGEM DE TEXTO

A mensagem de celular, também conhecida como Short Message Service (SMS), foi projetada em 1984 por

Friedhelm Hillebrand, um engenheiro alemão. O primeiro SMS a ser enviado com sucesso partiu de um jovem engenheiro britânico, Neil Papworth, que mandou “Feliz Natal” a um amigo em 1992. O amigo infelizmente não respondeu, pois seu celular não enviava mensagem de texto.[3]

Ahan, tá bom. Até hoje escuto o mesmo papinho dos amigos que não respondem minhas mensagens coletivas de “Feliz Natal”. Eu até envio uma imagem diferente a cada ano. Saca só esta aqui, de 2012:



Enfim, vocês conseguem imaginar que coisa maluca deve ter sido aquilo — receber *o primeiro SMS da história*? Quando ninguém sabia o que era isso? A reação provavelmente foi, tipo: “O QUE ESSAS PALAVRAS ESTÃO FAZENDO NO MEU CELULAR??? TELEFONES FUNCIONAM COM NÚMEROS!!”.

Em 1997, a Nokia lançou um celular com teclado à parte, armando o cenário para a epidemia BlackBerry que logo acometeria a comunidade yuppie global, mas apenas em 1999 a troca de SMS entre aparelhos de operadoras diferentes se tornou possível, e a partir daí o uso das mensagens de texto começou a crescer. Em 2007, pela primeira vez na história, o número de SMS enviados num mês, nos Estados Unidos, superou o de ligações telefônicas. Em abril de 2010, 6,1 trilhões de mensagens de texto cruzaram o planeta, aproximadamente 200 mil por minuto.

As empresas de tecnologia foram introduzindo todo tipo de novos serviços para nos ajudar na troca de mensagens, e nós reagimos teclando como nunca. O que, claro, se traduziu na ampla multiplicação do número de interações românticas via mensagem de texto.

Uma das razões dessa escalada é que muito mais gente passou a ter smartphones com telas grandes, que tornam divertido e fácil trocar mensagens. De acordo com pesquisas junto a consumidores, o percentual de americanos adultos que possuem um smartphone aumentou de 17% em 2010 para 58% em 2014, e o grupo em que os aparelhos mais estão presentes é o das pessoas na idade adulta emergente, entre dezoito e 29 anos, 83% das quais carregam o celular para onde vão.[4] Quando não usamos as mensagens de texto tradicionais para nos comunicar, temos aplicativos como o WhatsApp, o Facebook Messenger e o iMessage, além do Twitter, meios que nos permitem comunicação gratuita. Pelo mundo afora, um número crescente de pessoas tem usado mensagens como a forma de comunicação básica, e os jovens, em particular, as adotam em detrimento dos antiquados telefonemas.

Apesar disso, não abandonamos completamente os velhos hábitos. Muitas pessoas, inclusive jovens adultos, apreciam uma ligação ocasional, e chegam a tomar o gesto como um sinal de algo especial na relação prestes a desabrochar. Mas, nas primeiras conversas que tivemos sobre como uma pessoa convidava outra para um encontro, descobrimos que, com todas essas mudanças tecnológicas, nos sentimos confusos e desorientados quanto a que meio usar e quando usá-lo. Como saber a ocasião certa para um telefonema, uma mensagem ou simplesmente esquecer tudo isso, aparecer na janela da pessoa e fazer uma serenata com nossa música favorita de R&B dos anos 90, talvez “All My Life”, do K-Ci & JoJo?

Era o que tínhamos de investigar.

TELEFONEMA X MENSAGEM

“Um telefonema? Nada PIOR.”
PARTICIPANTE FEMININA DO GRUPO FOCAL

“Se o cara quer falar comigo, vai ter que me ligar.”
OUTRA PARTICIPANTE FEMININA DO GRUPO FOCAL

(*Cara de atordoado*)
TODOS OS HOMENS DO GRUPO FOCAL

A questão telefonema contra mensagem gerou uma ampla variedade de respostas em nossos grupos de foco. No geral, os caras mais novos declaravam *se cagar de medo* de ligar para alguém. Isso não me surpreendeu tanto quanto ouvir das moças que elas também tinham medo de um telefonema tradicional. “Ligação é um saco e me deixa ansiosa”, disse uma das participantes, de 21 anos. “Depois que apareceu a mensagem, a gente pensa em telefonema como emergência”, comentou outra. Outras achavam que ligar para alguém era uma primeira abordagem direta demais e que uma mensagem seria, no geral, o meio mais apropriado.

No entanto, algumas moças disseram que um telefonema mostrava que o cara tinha autoconfiança, o que ajudava a diferenciá-lo dos demais que vinham com o genérico “oi, td bem?”. Para elas, caras que ligam passam a impressão de corajosos e maduros. As conversas por telefone ajudam a criar uma empatia que faz com que elas se sintam mais confortáveis e seguras, a ponto de aceitar sair com uma pessoa que não conhecem muito bem.

Uma participante de um dos grupos focais contou que tinha ficado tão de saco cheio das mensagens que cortou esse serviço do celular e só recebia ligações. Ela nunca mais teve um encontro. Brincadeira, logo ela começou a namorar. Os caras que tinham coragem de ligar eram mais ponta firme, e assim ela conseguia evitar um monte de manés.

Mas as coisas não são tão simples para algumas dessas moças que adoram telefonemas. Por um capricho bastante inconveniente do ponto de vista dos pretendentes, muitas disseram que adoram que liguem, mas não atendem. Foi o que disse uma das mulheres, parecendo indiferente ao ridículo da afirmação.

Para essas mulheres, o correio de voz funciona como uma espécie de triagem.

Quando elas me explicaram isso, a coisa fez sentido para mim. Se a mensagem for de alguém que encontraram rapidamente num bar, é possível ouvir a voz do cara, o que torna mais fácil eliminar os canalhas. Uma das moças falou toda empolgada de uma mensagem bacana que um cara havia deixado no correio de voz dela. Delicadamente pedi para ouvir, e era uma maravilha: “Oi, Lydia. Aqui é o Sam. Só estou ligando para dar um alô. Me liga quando puder”.

E MAIS NADA.

Perguntei o que tinha de tão legal na mensagem de voz. Sonhadora, ela explicou: “Ele lembrou meu nome, falou ‘oi’ e disse para eu ligar”.

Pouco importava o fato de que isso correspondesse ao conteúdo de LITERALMENTE TODAS AS MENSAGENS DE VOZ DA HISTÓRIA. Nome, olá, me liga. O sujeito não era exatamente um galanteador. Para não passar no teste, ele precisaria ter deixado uma mensagem assim: “Nenhum cumprimento. Aqui é um cara. Não me lembro de você. Fim”.

Quando os números gerais sobre como nos comunicamos são observados, percebe-se que estamos mandando cada vez mais mensagens e fazendo cada vez menos ligações. De acordo com a Nielsen, o uso de telefones para comunicação por voz entre os americanos teve seu pico em 2007; desde então, estamos ligando menos e conversando um número menor de minutos.[5]

Essa mudança na maneira de se comunicar pode ter efeitos colaterais. Em seu livro *Alone Together* [Sozinhos juntos], Sherry Turkle, psicóloga social do MIT, é convincente ao defender a tese de que os mais jovens estão tão habituados à comunicação baseada em texto, na qual têm tempo de organizar as ideias e planejar com precisão o que vão dizer, que começam a perder a habilidade de conversar espontaneamente. Turkle argumenta que os músculos do cérebro que nos auxiliam nas conversas espontâneas têm sido menos exercitados no mundo das mensagens.

Naquele grande grupo focal em que separamos as pessoas por geração — filhos à esquerda, pais à direita —, uma coisa estranha aconteceu. Antes de a brincadeira começar, reparamos que do lado dos pais o papo corria solto. As pessoas conversavam entre si, umas perguntando às outras como tinham ido parar ali e se conhecendo. Do lado dos filhos, cada um estava com a cara enfiada no próprio celular, sem conversar com os demais à sua volta.

Isso me fez pensar se nossa habilidade e nosso desejo de interagir com estranhos não seria outro músculo que corre o risco de atrofiar no mundo do smartphone. Não precisamos conversar com estranhos quando podemos ficar lendo a página da Wikipédia do *Barrados no baile* a qualquer hora. Sejamos

sinceros: quem consegue competir por atenção com um vídeo mostrando a amizade entre dois bebês hipopótamos? Ninguém.

No mínimo, os mais jovens ficam mais ansiosos quanto a manter uma conversa telefônica em tempo real com alguém que não conheçam muito bem e, em particular, com potenciais pares. “O contato social me deixa nervosa e, se fosse obrigada a responder ou reagir no ato a uma ligação ou conversa presencial, eu ficaria me cobrando demais e entraria em parafuso”, uma jovem participante do grupo focal nos contou. “Prefiro me dar o tempo necessário para pensar numa resposta mais genuína.”

A vantagem óbvia de uma mensagem é que digitar requer menos coragem que ligar. Aceitando a proposição de Turkle de que, de modo geral, os rapazes também estão menos aptos a conversar espontaneamente, parece lógico que essa seja uma tendência ascendente.

Discuti com Turkle, em Los Angeles, sobre essa mudança no modo como nos comunicamos, e ela fez uma reflexão interessante quanto ao que se passava num convite para sair em outros tempos, feito por telefone. “Quando o cara ligava para marcar um encontro, era algo muito especial. A gente se sentia especial e bastante lisonjeada por ele ter tomado coragem e telefonado.”

Quando discutimos o que eu tinha ouvido nas entrevistas com os jovens de hoje, Turkle afirmou que ser convidada para um encontro via mensagem se tornou tão banal que não deixa mais as mulheres lisonjeadas. Na cabeça delas, o cara que mandou a mensagem deve ter jogado a isca para um monte de outras e estar esperando quais vão escrever de volta. A menos que o texto em si seja realmente diferenciado e pessoal, não tem lá muito significado.

Depois de muitas conversas com mulheres sobre o mundo dos solteiros, só posso concordar com ela.

O MANÉ MODERNO

Uma constante em todas as nossas entrevistas com mulheres foi a impressão de que os caras por aí, em sua maioria, são uns perfeitos manés. Passei horas conversando com elas e vendo que tipo de primeira mensagem costumam receber deles, e, acreditem, é de dar raiva. Essas moças são inteligentes, atraentes, incríveis e mereciam coisa melhor.

Há quem diga que não importa o que está escrito na mensagem. Se quem recebe gosta de quem manda, vai gostar de qualquer jeito. Depois de entrevistar centenas de solteiros, posso afirmar cientificamente que isso é uma grande

besteira.

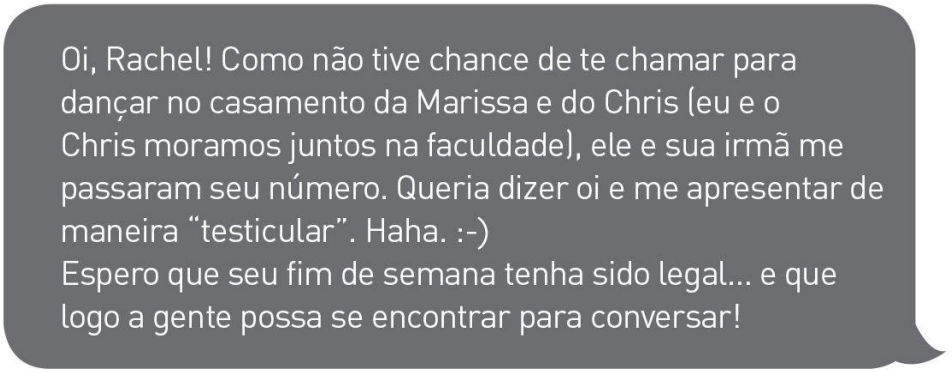
Para os que duvidam de mim, dou um exemplo da apresentação que fiz no Chicago Theatre na primavera de 2014.

Como tinha preparado algumas piadas sobre o hábito de trocar mensagens de texto, passei a perguntar às plateias durante a temporada se havia pessoas ali que tinham conhecido alguém recentemente e estavam na fase das mensagenzinhas para lá e para cá. Quando apareciam voluntários, eles subiam ao palco e eu lia e analisava mensagens de alguns, fazendo também perguntas para entender o conteúdo dos textos.

Nessa apresentação da qual vou falar aqui, especificamente, conversei com Rachel, que tinha conhecido um cara no casamento de uma amiga próxima. Por acaso ele também era amigo da irmã de Rachel, então tinha um crédito razoável para um primeiro encontro. Rachel era solteira. Estava interessada. Tudo o que o cara precisava fazer era enviar uma mensagem simples, lembrando quem era e a convidando para fazer alguma coisa.

Mas o que aconteceu vem a seguir.

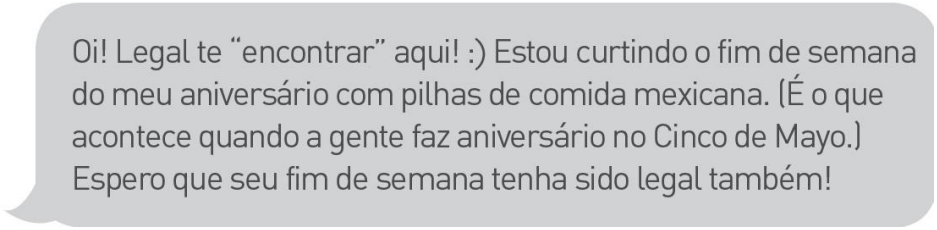
Ele envia a primeira mensagem:



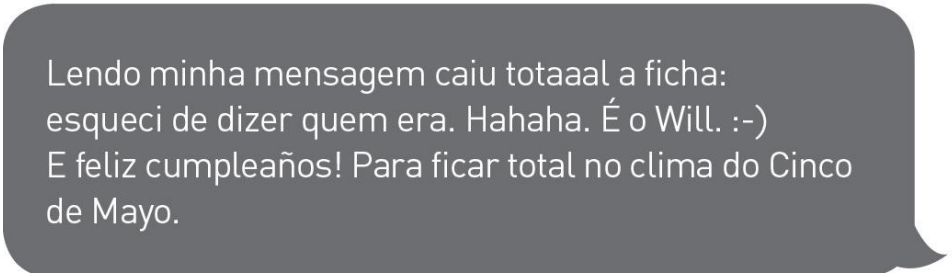
Assim que falei "testicular", ficou claro que nem uma das 3600 pessoas do Chicago Theatre treparia com aquele cara nem em um milhão de anos. "Testicular", sei lá por quê, pareceu indubitavelmente repulsivo para todo mundo ali.

O sujeito bem que podia ter acrescentado: "Ah, e tenho uma doença venérea bem asquerosa e da hora! Haha :-) Mas, sério, tenho mesmo".

Rachel respondeu:



Logo ele respondeu:



Rachel nunca chegou a sair com Will. Depois de algumas mensagens dessa natureza, ela parou de responder. Nenhum de nós o conhece. Talvez ele seja um rapaz bonito, doce e com um coração de ouro. Mas o que temos para julgá-lo são apenas essas mensagens. E a imagem que elas passam é a de um cara meio esquisito e não muito inteligente. Tudo, daquele "testicular" aos "totaaal", joga contra as chances de Rachel querer encontrar Will na vida real. Então, por favor, não acredite quando disserem que o texto da mensagem não tem importância. Se insistirem, peça para mandarem um "testículo" para o Will e certeza totaaal que essa pessoa vai mudar de ideia.

O interessante é que a mensagem, como meio de comunicação, mantém a pessoa com quem estamos falando à distância, então podemos agir de modo diferente do que faríamos presencialmente ou por telefone. Em *Alone Together*, Sherry Turcle conta a história de um menino que tinha o compromisso de jantar todos os domingos na casa dos avós. Toda semana ele queria desmarcar e sua mãe dizia que telefonasse e dissesse que naquele domingo não iria. O menino nunca ligava, pois não conseguia suportar a ideia de ouvir a voz decepcionada dos avós. Se só precisasse mandar uma mensagem de texto, no entanto, ele provavelmente nem teria pensado duas vezes. Pode-se afirmar com segurança que a mensagem de texto, como meio, favorece a falta de consideração e cortesia e muitos outros traços de personalidade que não seriam revelados num telefonema ou numa interação presencial.

Quando o assunto era paquera, observei que muitos rapazes, que em pessoa deveriam ser caras decentes, se tornavam “ogros ignóbeis” ao usar mensagens como escudo. Os textos que enviavam eram sem dúvida inapropriados e frequentemente ofensivos, mas, também aqui, as consequências de ofender alguém via mensagem são mínimas. Não estamos vendo o rosto da outra pessoa. Não estamos ouvindo a voz dela. E ela não está ali na nossa frente para mostrar sua expressão horrorizada e jogar um objeto pesado na nossa cabeça de bagre.

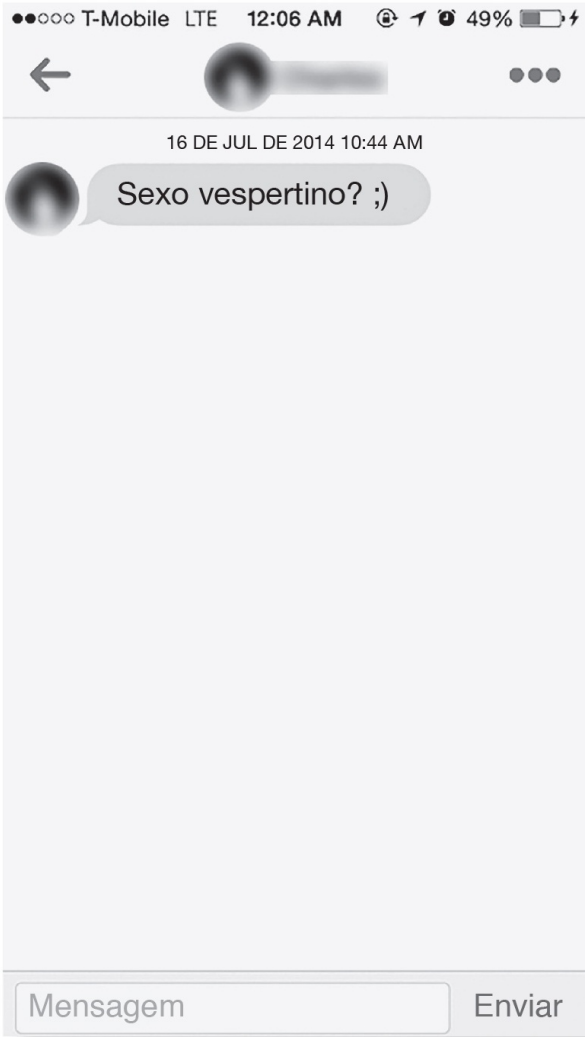
Por outro lado, na hipótese remota de que a pessoa esteja interessada, o cara já quebrou o gelo. É a essa esperança idiota que muitos manés se apegam quando mandam suas mensagens lamentáveis.

O site Straight White Boys Texting virou o lugar da internet onde as mulheres podem postar as mensagens horrorosas (e muitas vezes hilárias) que recebem.

Segundo a descrição da página, o blog surgiu por causa do fenômeno dos caras que, do nada, tentando pegar alguém enviando mensagens com sugestões sexuais do tipo: “Oi, que tamanho de sutiã você usa? ;)”, ou “O que você faria se estivesse aqui? Haha! lol ;)”.

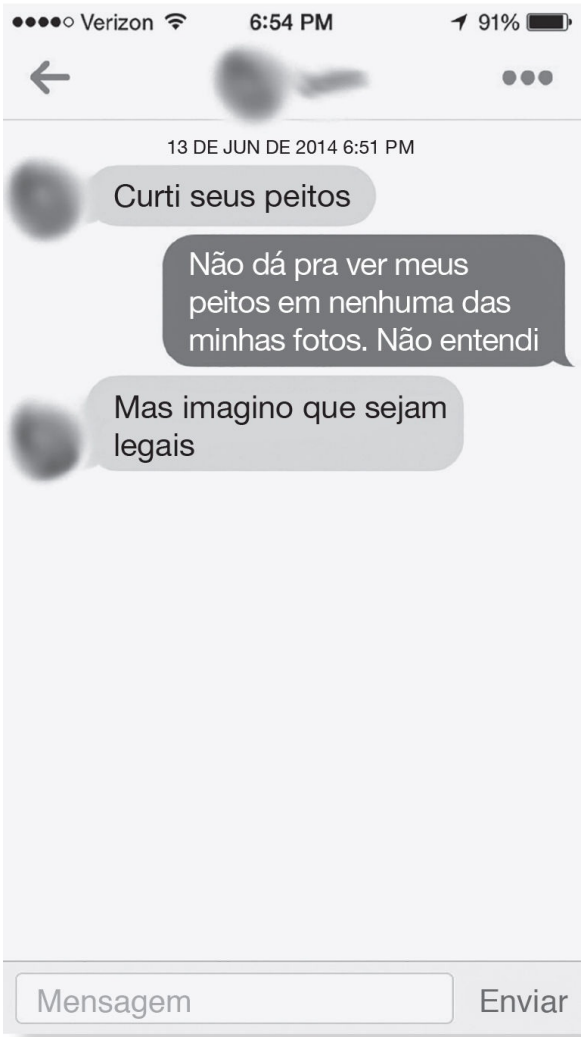
Esse tipo de abordagem ficou conhecido como “*straight white boy text*” [mensagem de garotos brancos héteros], daí o nome do blog, mas, é bom deixar claro, os exemplos do site incluem ignóbeis de todas as raças, etnias e orientações sexuais.

Alguns dos meus favoritos:



Esse sujeito não perde tempo. O que me interessa, porém, é saber se o cara faria isso na vida real. Duvido que simplesmente chegasse para uma mulher, piscasse para ela e dissesse: “Sexo vespertino?” — a menos que o sujeito fosse algum superstar do R&B — nesse caso, ele faria isso o tempo todo, e talvez até se desse bem.

Outro exemplo:



De novo, presumo que, se esse cara topasse com a mesma moça num bar, encontraria algo melhor para dizer do que “curti seus peitos”.

O blog e os celulares de mulheres por toda parte estão cheios de trocas de mensagens constrangedoras como essas. São mensagens extremamente desagradáveis. Mas, nas nossas entrevistas, descobrimos que, mesmo para os rapazes que não escrevem esses absurdos repulsivos, a mais sutil mudança naquilo que digitam numa telinha pode fazer uma enorme diferença na hora do encontro.

Algumas vezes, caras que deixaram uma boa impressão pessoalmente e estão a um passo de estabelecer um vínculo real mandam uma mensagem idiota e medonha e estragam tudo. Claro, há os extremos, como a moça que perdeu imediatamente o interesse depois do cara pedir que ela mandasse para ele a foto “de um peitinho só”.

Os erros que as pessoas cometem nem sempre são assim crassos, no entanto. Repetidas vezes encontramos casos em que uma mensagem foi capaz de mudar toda a dinâmica de uma relação prestes a desabrochar. Em certo contexto, até mesmo simplesmente dizer algo tão inócuo quanto “Oi, vamos sair uma hora dessas?”, incorrer em erros de ortografia ou fazer uma escolha infeliz de pontuação pode irritar a outra pessoa. Quando conversei com Sherry Turkle sobre isso, ela disse que a troca de mensagens, ao contrário da conversa presencial, não é um meio em que se possa errar.

Numa interação em pessoa, as pessoas têm como interpretar a linguagem corporal, as expressões faciais e os tons de voz umas das outras. Se dizemos alguma coisa errada, conseguimos perceber os sinais de que isso aconteceu e temos um momento para nos recompor ou consertar a frase antes que o impacto seja irreversível. Mesmo num telefonema, dá para saber, pela mudança no tom de voz ou pelo silêncio mais prolongado do interlocutor, de que maneira aquilo que dizemos está sendo interpretado. Numa mensagem de texto, o erro simplesmente continua ali, azedando na tela da outra pessoa, como uma prova duradoura da falta de noção de quem escreveu.

O fato de as interações via celular poderem ter esse efeito profundo sobre a impressão que passamos deixa claro que, hoje, temos basicamente dois eus: o eu do mundo real e o eu do mundo celular.

Esse segundo eu é definido por qualquer coisa que enviamos à tela de outra pessoa. Entrevistei muitas mulheres que disseram que nem sempre guardavam uma lembrança muito precisa dos caras para quem passavam o número de celular depois de uma conversa num bar ou de alguns drinques numa festa. Nesse contexto, a primeira mensagem que recebem pode ser um fator muito importante para decidir se respondem ou não, e o eu do mundo celular que ali se apresenta faz toda a diferença. Como vimos no exemplo de Rachel, até uma piadinha boba é capaz de definir o remetente como bacana ou babaca, inteligente ou bocó, engraçado ou chato.

Nas entrevistas e nos grupos focais que realizamos, gente de todas as partes do mundo generosamente nos deu acesso ao mundo secreto de seu celular. Sou provavelmente a pessoa que mais leu trocas de mensagens, e perguntei a homens e mulheres o que todos nós estamos nos perguntando: o que passou pela sua cabeça quando você leu/ escreveu isso? O que você pensou desse cara/ dessa garota quando recebeu essa mensagem? Foi bem fascinante observar como as palavras conseguem evocar um leque tão amplo de reações.

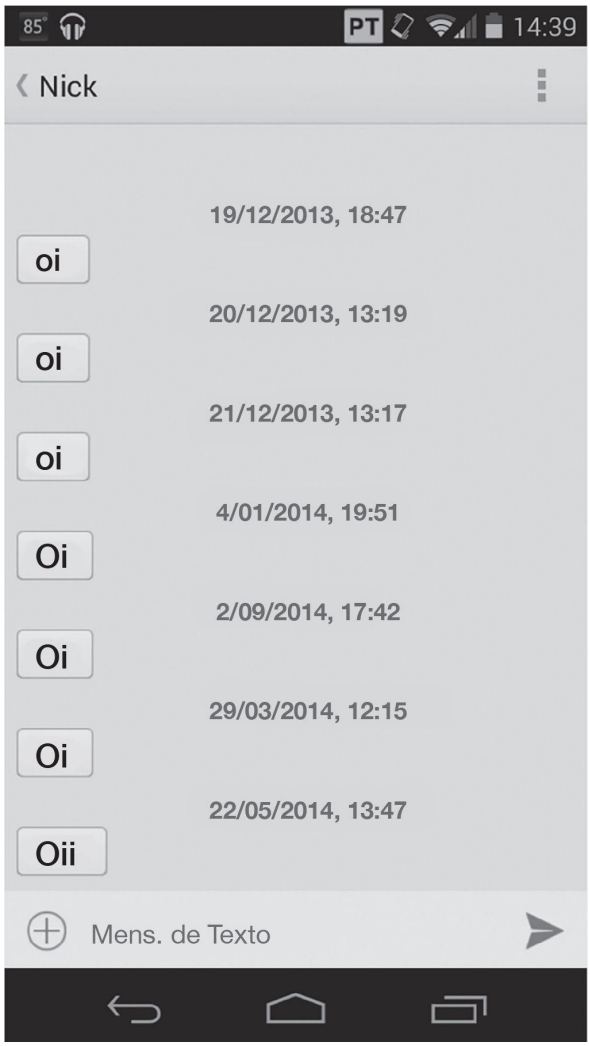
Primeiro vejamos as coisas que mais irritaram quem recebeu as mensagens.

O “OI” GENÉRICO

Depois de ver centenas e centenas de mensagens em celulares de mulheres, posso afirmar definitivamente que, em sua maioria, mostram, é triste constatar, uma total falta de originalidade ou personalidade. Querem saber o que lota a caixa de quase toda mulher solteira? “Oi”, “Oi!”, “Oiii!!”, “Oiê”, “Oi, blz?”, “E aí?”.

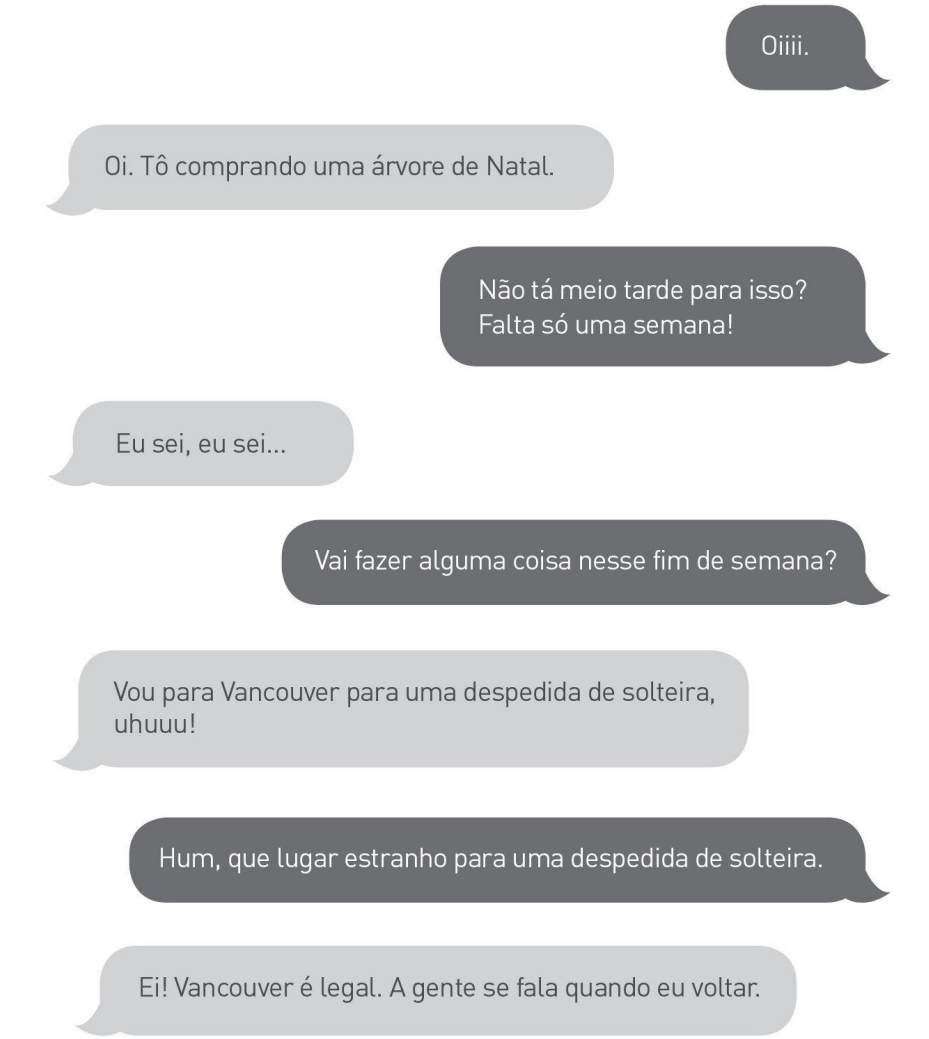
Parece uma mensagem inofensiva, e eu mesmo certamente mandei uma boa quantidade delas. Eu e todos os outros que escrevemos mensagens dessa natureza com certeza não tínhamos intenção de ofender ninguém. Mas vê-las da perspectiva inversa faz a gente abrir os olhos. Se a caixa da pessoa já está cheia desse tipo de coisa, outra mensagem genérica parece muito chata e preguiçosa. Para quem a recebe, a impressão é de estar sendo tratada como alguém que não é muito especial nem importante.

Ah, e no caso de você ser um desses caras e nunca ter visto como ficam suas mensagens de “oi” enviadas em sequência, aqui vai mais um dos posts do Straight White Boys Texting:

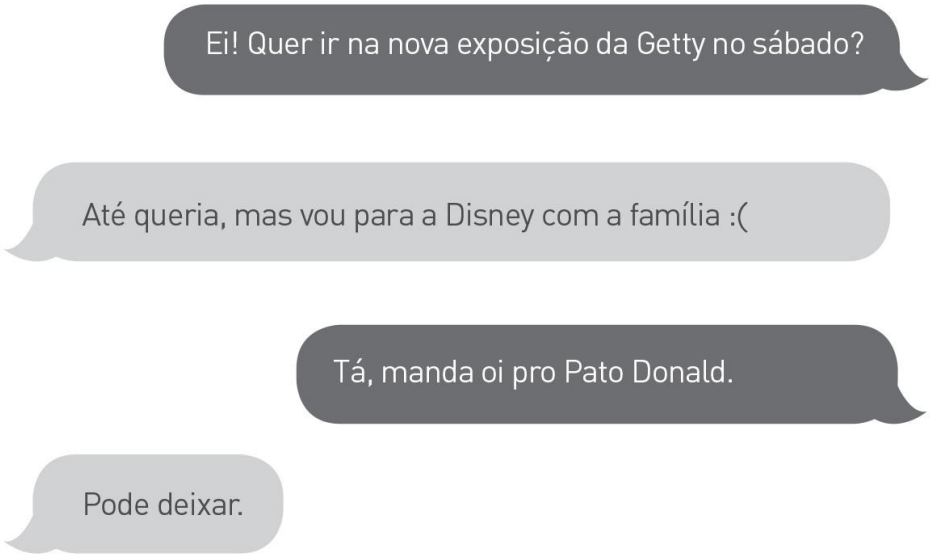


O PROBLEMA DA SECRETÁRIA

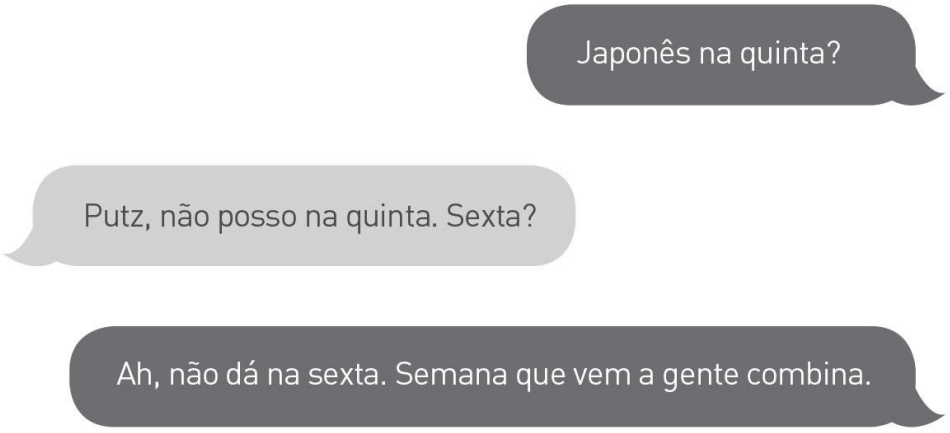
Outra situação irritante que aflige tanto homens quanto mulheres é a troca sem fim de mensagens simpáticas que jamais levam a um encontro na vida real. São muitas as pessoas que, na tentativa de estabelecer uma relação, gastam um tempão digitando, digitando e digitando, para, no fim, ver que a faísca inicial talvez tenha se perdido. Nos grupos focais, ouvimos inúmeras variações de uma interação mais ou menos assim:



Quatro dias depois.



Nove dias depois.



Seis dias depois.



A conversa terminava aí. É incrível observar como essa troca de mensagens, de início divertida, simplesmente vai murchando. E dá para ver como acontece: os dois passam das tiradas simpáticas à tentativa de marcar algo concreto, e de repente estão agindo como secretárias.

Outra coisa chata de uma negociação assim, cheia de gracinhas, é que ambas as partes às vezes ficam se perguntando se a outra pessoa está de fato muito ocupada ou finge estar muito ocupada, o que leva a mais confusão e frustração. Quando você está nesse vaivém, difícil não se perguntar se a outra pessoa tem mesmo algum interesse em você.

O VAIVÉM SEM FIM

Conversas para marcar um encontro são apenas uma das muitas formas de intercâmbio inútil de gracinhas que tornam os relacionamentos na era virtual tão frustrantes, especialmente para as mulheres com mais de 25 anos, uma vez que elas têm menos paciência para a troca constante de mensagens. Outra dessas formas, particularmente frequente entre os jovens, surge quando um cara é simplesmente tímido demais para convidar a outra pessoa para fazer alguma coisa. Em vez de uma negociação sobre lugares e horários, acabam numa série

infinita de mensagens improdutivas.

Perdi a conta de quantas mulheres que conheci estavam claramente interessadas em caras que, em vez de convidá-las para sair, ficavam só na encheção de saco, com pérolas como “Você lava sua roupa em casa?”, seguidas por um vaivém de dez mensagens sobre o assunto (“É, eu mudei para um sabão sem cheiro. Achei INCRÍVEL”).

Em Tulsa, num dos meus stand-ups, conheci um rapaz chamado Cody. Ele subiu ao palco e dei uma olhada em suas mensagens de texto. Ali havia, literalmente, vinte mensagens de gracinhas inúteis denotando nervosismo. Era evidente que a moça estava interessada, mas o pobre do Cody simplesmente não a convidava para fazer nada. Eu disse a ele que devia fazer isso. Cody mandou a mensagem: “Oi, Ally. Já foi no Hawaiian Brian? Se estiver a fim podemos ir esta semana”. Duas horas depois, ela respondeu que estava, e os dois foram curtir uma deliciosa refeição no Hawaiian Brian.

GRAMÁTICA/ ORTOGRAFIA

Em todas as entrevistas que fizemos, sempre que pintavam erros gramaticais ou ortográficos, a brochada era imediata. As mulheres pareciam encarar isso como um claro indicativo de que o pretendente era um mané. Digamos que você seja um cara bonito e charmoso que causou uma ótima primeira impressão. Se sua primeira mensagem para ela for “Oi agente devia da um role um dia dese”, você pode simplesmente destruir a imagem que tinha construído.

No fórum temático, ficamos conhecendo a história de um rapaz que estava atrás de uma moça incrível, mas acabou rompendo relações com ela. Ele contou que a coisa começou a degringolar quando enviou uma mensagem perguntando se ela queria ir numa festa na casa de um amigo em comum. A resposta foi: “Queim?”. Com “i”. Ele tentou forçar a conversa para ver se a palavra aparecia de novo e assim ter certeza de que ela não era capaz de acertar uma ortografia tão óbvia. A moça voltou a digitar repetidas vezes “Queim? Queim?”. O rapaz afirmou que foi isso que estragou tudo.

VAMOS SÓ NOS ENCONTRAR OU É UM ENCONTRO?

Outra coisa que irrita demais as mulheres é ser convidada para "fazer alguma coisa". A falta de clareza quanto ao convite costuma frustrar pessoas de ambos os sexos, mas, uma vez que em geral são os caras que tomam a iniciativa, esse é um campo aberto para que os homens se superem.

"Não sei se é porque eles têm medo de levar um fora, ou se é porque querem dar a impressão de um convite casual, mas essa atitude pode acabar deixando um lado (ou ambos) inseguro(s) quanto àquilo ser um encontro romântico ou não", disse uma das entrevistadas.

Ser direto nessa questão pode realmente ajudar o cara a se destacar dos demais. Uma garota lembrou, no fórum temático, o dia em que conheceu um rapaz numa festa barulhenta:

> *Mais tarde ele me enviou uma mensagem: "Oi,* [nome excluído]*, aqui é o* [nome e sobrenome]*, quer sair comigo?". A confiança dele, a abordagem sem rodeios e educada* (*em vez daquela coisa de "vamos tomar uma cerveja um dia desses"*) *deixou uma primeira impressão incrível e duradoura.*

AS MENSAGENS CERTAS

Nem todos os caras são manés. Também deparamos com algumas mensagens ótimas que me encheram de esperança no homem moderno. Se um telefonema pode ser uma ideia excelente, a vantagem de se comunicar por texto é criar a oportunidade para que o cara ou a garota invente uma mensagem bacana e bem sacada que pode realmente funcionar como atrativo.

Também pudemos observar algumas características comuns a essas mensagens bem-sucedidas. A partir de conversas com centenas de homens e mulheres, as três coisas aparentemente mais importantes que encontramos foram as seguintes:

UM CONVITE PARA FAZER ALGUMA COISA ESPECÍFICA NUM HORÁRIO ESPECÍFICO

Há uma diferença monumental entre o destino de um cara que digita “Oi, e aí?” e de outro que escreve “Oi, Katie, foi ótimo te conhecer no sábado. Se você estiver por aqui na semana que vem, adoraria jantar com você naquele restaurante de que falamos. Me avisa se tiver um tempo livre”.

Esses dois sujeitos até podem ter as mesmas intenções e os mesmos sentimentos, mas a moça para quem estão mandando a mensagem nunca vai saber disso. A decisão sobre com quem sair dependerá, em parte, da maneira como ela interpretar as mensagens que pintarem no seu celular. A falta de especificidade em “Tá a fim de fazer alguma coisa algum dia da semana que vem?” é um enorme mau sinal para as mulheres. As entrevistadas, na sua esmagadora maioria, disseram preferir algo bem específico (e idealmente interessante e divertido).

UM COMENTÁRIO SOBRE O ÚLTIMO ENCONTRO PRESENCIAL

Isso prova que vocês estavam realmente sintonizados da última vez que saíram e, ao que parece, ajuda bastante com as mulheres. Um rapaz lembrou que naquele dia a garota estaria se mudando e escreveu: “Espero que tenha dado tudo certo na mudança”.

Entrevistamos a moça, que, ao falar da história, contou que aquilo acontecera fazia *anos*, mas ela ainda se recordava.

Outro rapaz compartilhou no fórum temático a história de quando conheceu uma garota num bar: os dois conversaram durante algum tempo e, a certa altura, ele falou da banda Broken Bells e recomendou que ela desse uma conferida no som. Na manhã seguinte, recebeu a seguinte mensagem: "Acho que minha música favorita no disco do Broken Bells é 'October'". "October" *também* era a música favorita *dele*. "Ela não só tinha escutado o disco que recomendei como acabamos criando ali uma ligação muito forte. Foi o começo de uma conversa que continua até hoje", ele contou.

E apareceu ainda a seguinte história de uma moça:

> *Certa vez, conheci um cara numa festa. Quando cheguei em casa, recebi uma mensagem dele: "Boa noite, pequena Audrey". Não me chamo Audrey. Achei que ele estivesse bêbado demais até para lembrar meu nome. Comentei isso, e ele falou que tinha me chamado de Audrey porque eu tinha dito que gostava da Audrey Hepburn. Foi bem fofo.*

BOM HUMOR

Eis um território perigoso, pois alguns caras exageram e acabam fazendo piadas toscas que não pegam bem, mas, numa situação ideal, quando as duas pessoas têm o mesmo senso de humor, dá para acertar com essa linha. E, se a coisa dá liga, a atração que se cria pode ser bastante intensa.

Eis uma história compartilhada no fórum temático:

> *A gente se conheceu num bar e, às duas ou três da manhã, bêbado, digitei o número que ela tinha me dado e escrevi: "Sou aquele cara alto com quem você transou". De manhã, acordei e encontrei a seguinte resposta: "Qual deles?". Fiquei impressionado com o senso de humor dela, e ainda estamos juntos, dois anos e meio depois.*

É SÓ O COMEÇO…

Taí, então, o que descobri sobre o convite para um primeiro encontro, mas essa é só a ponta do iceberg. Mesmo que a primeira abordagem tenha sido boa, ainda assim se está sujeito a muita confusão. Talvez a pessoa esteja ocupada — ou será que está só fingindo? Talvez não haja resposta, como aconteceu comigo! É só o começo da aventura. Como hoje todos temos um mundo social no celular, levamos no bolso todo tipo de desencontro, drama e romance. Navegar nesse mundo é interessante, e explorar o mundo celular de outra pessoa é muito louco.

DEPOIS DO CONVITE…

Certo, você mandou uma mensagem ótima, ou talvez simplesmente tenha recebido uma. Se está no meio da multidão crescente que avalia potenciais pares românticos e faz planos com eles via mensagens, o jogo mal começou. Ao contrário de um telefonema, no qual duas pessoas se veem conectadas por uma conversa em tempo real que requer ao menos alguma interpretação compartilhada da situação, na comunicação por texto não há uma sequência temporal predeterminada, o que deixa muito espaço para ambiguidade. Sério que acabei de usar a expressão "sequência temporal predeterminada"? *Caralho, usei.*

Num dos nossos primeiros grupos focais, Margaret nos contou sobre um rapaz que tinha conhecido no trabalho. O cara tinha bom papo e ela ficou muito interessada. Pedi para ver as trocas de mensagens dos dois e reparei imediatamente no nome dele: de acordo com o iPhone, era "Greg MSGS SÓ DEPOIS DE QUINTA".

Ou seja, ficou clara a importância das mensagens. Era uma troca inicial que talvez fosse fator determinante para Margaret decidir se acabaria se tornando ou não a sra. MSGS SÓ DEPOIS DE QUINTA e formando uma família cheia de pequenos MSGS SÓ DEPOIS DE QUINTA.

Mais tarde, Margaret explicou que aquele *não era* o sobrenome verdadeiro do cara, mas, na verdade, uma atitude extrema que tinha tomado para evitar mandar mensagens para ele por alguns dias, de modo que não parecesse estar a fim demais e, em última análise, para ficar mais atraente aos olhos dele. O medo de passar uma impressão de desespero ou ansiedade exagerada numa troca de mensagens se revelou uma preocupação constante nos grupos focais, e quase todo mundo parecia ter uma estratégia para evitar essa armadilha fatal. Ainda não inventaram um manual oficial do uso de mensagens, mas lentamente vai se formando um consenso cultural acerca do assunto. Algumas regras básicas:

- Nunca responda imediatamente. Parece que você não tem nada mais para fazer da vida.
- Se tiver escrito para alguém, não mande outra mensagem antes de receber a resposta da primeira.
- A quantidade de texto na mensagem de resposta deve ser similar à da mensagem recebida.
- Se suas mensagens são as azuis e as da outra pessoa, as verdes, e se a conversa na tela estiver mostrando uma porrada de azul para pouco verde, quer dizer que a pessoa não está nem aí para você.
- Quem recebe a última mensagem de uma sequência GANHA![6]

A CIÊNCIA DA ESPERA

Uma questão sobre a qual houve muito menos consenso foi a de quanto tempo se deve esperar para responder uma mensagem. Dependendo das partes envolvidas, isso pode acabar se

tornando um jogo bastante complicado e, vamos admitir, bobo, com muitos pontos de vista diferentes sobre como jogar — e ganhar. Conforme nos contou uma das entrevistadas:

> *Tem esse desejo, pelo menos para mim, de estar sempre no controle. Preciso disso. Então, se mando uma mensagem e a pessoa demora dez minutos para responder, espero vinte minutos para mandar a seguinte. Parece idiota, mas a ideia é que tanto ele quanto eu sabemos que o outro fica grudado no celular. Todo mundo fica. Se é para fazer um joguinho, tudo bem, mas vou jogar melhor. É uma coisa bem competitiva.*

CARAMBA.

Várias pessoas assinaram embaixo dessa ideia de dobrar o intervalo de resposta. (Se respondem em cinco minutos, você demora dez etc.) Desse modo se assumiria o "controle", parecendo constantemente ocupado e menos disponível do que o pretendente. Já outras pessoas achavam que esperar apenas alguns minutos era o suficiente para provar que há outras coisas importantes na vida além do celular. Alguns opinaram que era melhor dobrar o intervalo, mas de vez em quando lançar uma resposta mais rápida só para não parecer muito certinho (nada muito longo, porém!). Outros ainda botavam fé num intervalo de resposta 1,25 mais demorado que o da outra pessoa. Houve quem argumentasse que três minutos era o intervalo exato. Houve também aqueles que, de saco cheio de joguinhos, decidiram que escrever respostas a seu tempo, livres dessa brincadeira, era animador e inspirava confiança.

Mas esse negócio de calcular tempo funciona? Por que tantas pessoas agem assim? Será que alguma dessas estratégias se alinha, de fato, com descobertas reais sobre a psicologia humana?

Essas ideias sobre esperar e se fazer de difícil para se dar bem existem há séculos. De acordo com o historiador grego Xenofonte, certa vez uma prostituta foi se aconselhar com Sócrates,* e ele disse à moça: "Tu deves atraí-los comportando-se como um exemplo de decoro, mostrando-se relutante em ceder e guardando-se até que eles estejam tão sequiosos quanto possível; pois, nesse ponto, as mesmas dádivas significarão muito mais para quem as recebe do que significariam se servidas antes de se tornarem desejadas". Da mesma forma, Sócrates sabia que as pessoas tendem a desdenhar ou mesmo rejeitar aquilo que está sempre disponível.

Acho bastante frustrante a ideia de que esses jogos funcionem. Se uma pessoa está realmente a fim de mim e demonstrando interesse, será que eu não devia

gostar disso e receber bem as investidas? Por que queremos aquilo que não podemos ter e, às vezes, nossa atração é maior por aquelas pessoas que parecem um pouco distantes ou desinteressadas?

O PODER DA ESPERA

Nos últimos anos, estudiosos do comportamento vêm conseguindo lançar alguma luz sobre as razões pelas quais essas técnicas de jogar com a espera são poderosas. Primeiro, vamos entender por que responder de imediato a uma mensagem torna a pessoa menos atraente. Psicólogos têm conduzido centenas de pesquisas em que premiam cobaias de laboratório de diferentes formas, sob diferentes condições. Uma das descobertas mais intrigantes é a de que a "incerteza da recompensa" — por exemplo, numa situação em que as cobaias não conseguem prever se empurrar uma alavanca lhes dará à comida — pode fazer aumentar dramaticamente o interesse dos animais pelo prêmio, ao mesmo tempo que reforça neles os níveis de dopamina responsáveis por deixá-los ligadões.[7]

Se pensarmos na resposta a uma mensagem de alguém como um "prêmio", temos de considerar que a cobaia de laboratório que é recompensada toda vez que empurra uma alavanca acaba, em algum momento, por *dar um tempo*, pois sabe que, assim que desejar, o prêmio estará ali, esperando por ela. Então, basicamente, se você é o cara ou a garota que responde de imediato às mensagens que recebe, as outras pessoas terão certeza de que podem contar com isso, o que, em última análise, diminuirá seu valor enquanto "recompensa". Como resultado, um pretendente não sentirá tanta necessidade de ficar mandando mensagens ou, pensando na cobaia, de empurrar a alavanca.

A mensagem de texto é um meio de comunicação que condiciona nossa mente de um jeito próprio, e esperamos que nossas trocas de mensagens funcionem de forma diferente do que os telefonemas. Antes de todo mundo ter um celular, em geral as pessoas podiam dar um tempo para ligar de volta — até mesmo alguns dias — sem que a outra pessoa chegasse ao ponto de ficar preocupada. Com as mensagens, nos acostumamos a receber retorno muito mais rápido. De acordo com nossas entrevistas, essa medida varia de pessoa para pessoa, mas pode ser qualquer coisa entre dez minutos e uma hora, ou até uma resposta imediata, dependendo do histórico da interação. Quando não se tem isso, a mente entra em parafuso.

A antropóloga Natasha Schüll, do MIT, estuda viciados em jogo e especificamente o que acontece com a mente e o corpo de pessoas que se tornam dependentes da satisfação imediata proporcionada por uma máquina caça-níqueis. Quando nos encontramos em Boston, ela me explicou que, diferentemente dos jogos de cartas, das corridas de cavalos e dos prêmios da

loteria — todas modalidades que fazem o apostador esperar (pela sua vez, pelo momento em que os cavalos cruzam a linha de chegada, pelo sorteio dos números ganhadores) —, a aposta em caça-níqueis é relâmpago, e os apostadores têm acesso imediato à informação.

"A pessoa passa a esperar um desfecho instantâneo e não consegue mais tolerar nenhuma demora", explicou Schüll. Ela esboçou uma analogia entre as máquinas caça-níqueis e as mensagens, uma vez que ambas geram a expectativa de uma resposta rápida.

> *Quando trocamos mensagens de texto com alguém por quem nos sentimos atraídos, alguém que ainda não conhecemos bem, é como jogar num caça-níqueis: há muita incerteza, inquietação e ansiedade envolvidas. A pessoa nessa situação está totalmente programada para receber uma resposta. E quer — precisa — dessa resposta imediatamente, de modo que, se ela não vem, a programação toda falha. Não sabemos o que fazer com a falta de resposta, com um desfecho pendente.*

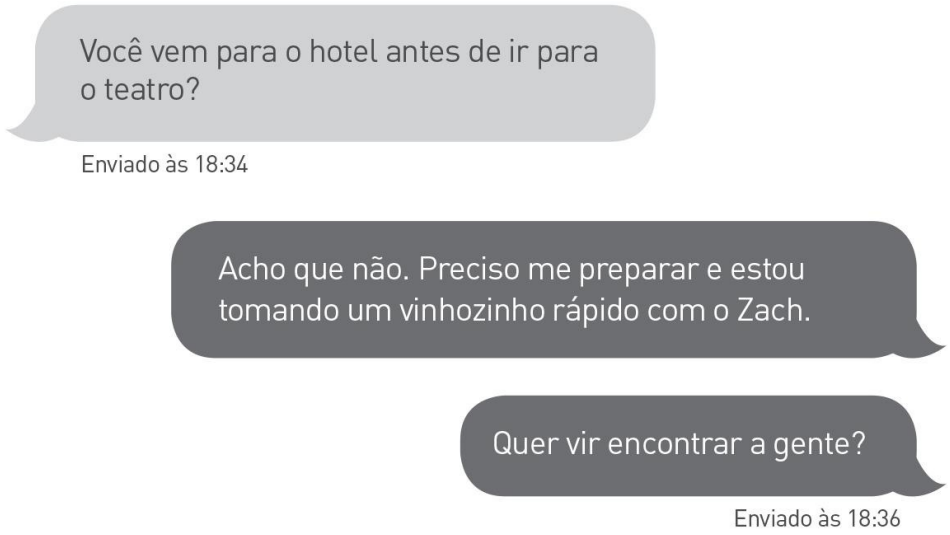
Schüll afirmou que escrever algo é bem diferente de deixar uma mensagem na secretária eletrônica de casa, o que se costumava fazer antes dos smartphones. "Na forma de lidar com o tempo, e também emocionalmente, deixar uma mensagem na secretária eletrônica de alguém parecia mais com comprar um bilhete de loteria", explicou a psicóloga. "Sabíamos que a espera até que fossem conhecidos os números ganhadores seria longa. Não havia a expectativa de que a outra pessoa retornasse a ligação imediatamente e dava até para curtir esse suspense, pois era dado que a resposta levaria alguns dias. Mas, no caso das mensagens de texto, se não recebemos um retorno em quinze minutos, piramos."

Schüll nos contou que ela mesma já experimentou em primeira mão o estresse da espera. Alguns anos atrás, estava trocando mensagens com um cara, alguém com quem tinha começado a sair e por quem tinha realmente se interessado, e da parte dele também havia todos os indícios de um interesse real. Aí, do nada, o cara parou de responder. Ela ficou sem notícias durante três dias. Acabou obcecada pelo sumiço do rapaz, e já estava com dificuldades de concentração e até de participar dos eventos normais da vida social. "Ninguém queria sair comigo", relatou Schüll, "porque eu estava obcecada, tipo: 'Mas que merda! Onde é que esse cara se meteu?'."

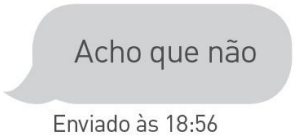
Por fim, o rapaz deu sinal de vida, e Schüll ficou aliviada ao saber que ele tinha perdido o celular. Como só tinha o número dela lá, não havia outro jeito de entrar em contato.

“Se o meio de comunicação fosse o telefone, três dias de silêncio provavelmente não levariam a tamanha piração, mas, com a mente habituada à troca de mensagens, a perda da recompensa… Bom, foram três dias de inferno total”, contou Schüll.

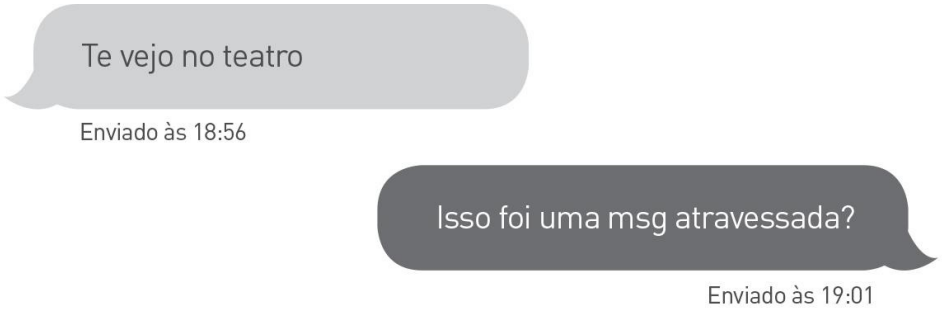
Até pessoas que já estão num relacionamento passam por essa ansiedade quando trocam mensagens. Eu mesmo, hoje numa relação séria, várias vezes experimentei a inquietação causada pela demora de uma resposta. Um exemplo:



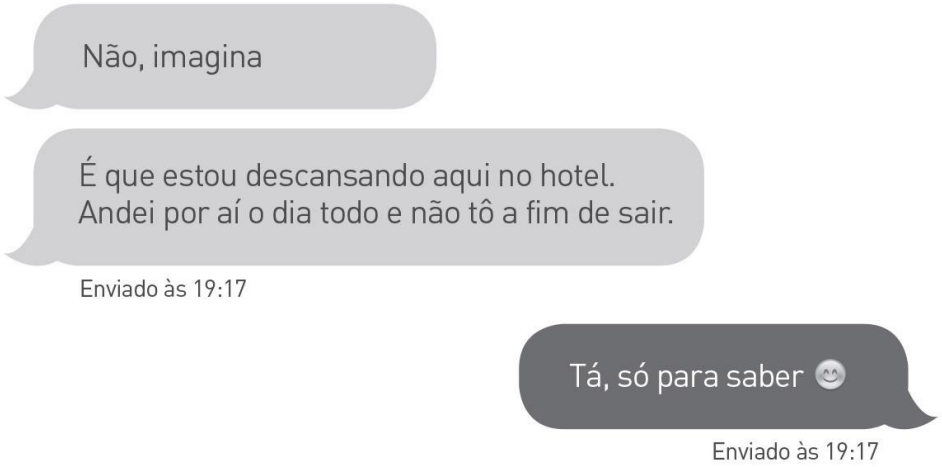
Reparem nos vinte minutos de intervalo aqui.



No intervalo depois de “Quer vir encontrar a gente?”, tive certeza de que ela estava irritada com alguma coisa. As respostas até ali vinham sendo bem instantâneas, e pareceu que a interrupção na sequência fosse um indicador de que algo estava errado, de que eu devia voltar para o hotel ou qualquer coisa assim.



Reparem na demora aqui também.



De novo, quando ela não respondeu depois de “Isso foi uma msg atravessada?”, eu tinha certeza de que ela tinha se irritado comigo: afinal, por que demorar tanto para me dizer que não? Toda essa mudança na minha percepção sobre os sentimentos dela e no meu próprio estado de espírito se deu puramente por conta dos diferentes intervalos entre as mensagens.

Mesmo em situações que não envolvem romance, a espera pode causar inquietação. Mandei uma mensagem para um conhecido sobre a possibilidade de ele ler uma primeira versão deste livro. Escrevi: “Oi. Tem interesse em dar uma lida no manuscrito do meu livro sobre relacionamentos modernos? Só queria uma opinião, e acho que você ia sacar o tom que estou procurando e me daria um retorno legal. Se estiver ocupado não tem problema nenhum”.

A mensagem foi enviada às 13h33 de uma quarta-feira, e imediatamente veio o aviso de lido. Mas não tive resposta até as 18h14 do dia seguinte. Nesse meio-tempo, fiquei preocupado, achando que talvez tivesse abusado da nossa amizade, que um pedido daqueles não era apropriado *etc.* No fim, estava esquentando a

cabeça à toa, pois a resposta dele foi: “Claro! Parece divertido”.

Se as consequências são pesadas assim para pessoas em relacionamentos sérios ou amigos, faz sentido que todos os princípios psicológicos pareçam indicar a espera como uma estratégia que funciona para solteiros tentando parecer mais atraentes.

Por exemplo: digamos que você seja um homem e tenha conhecido três mulheres num bar. No dia seguinte, você envia mensagens para elas. Duas respondem bem rápido, enquanto a terceira não dá sinal de vida. As que responderam, em certo sentido manifestaram interesse ao fazer isso, e o tranquilizaram. A outra mulher, ao não responder, criou insegurança, e sua mente agora está tentando descobrir o motivo. Você não para de se perguntar: *Por que caralho ela não escreveu de volta? O que há de errado? Será que pisei na bola?* Essa terceira mulher introduziu uma incerteza que, de acordo com descobertas de psicólogos sociais, pode levar a uma intensa atração romântica.

A equipe de Erin Whitchurch, Timothy Wilson e Daniel Gilbert conduziu um estudo em que mulheres foram colocadas diante de perfis masculinos do Facebook e informadas de que aqueles rapazes tinham visto os perfis delas. A um dos grupos de mulheres, os pesquisadores disseram que aqueles eram os homens que tinham avaliado melhor seu perfil. A um segundo grupo de mulheres, passou-se a informação de que seu perfil havia recebido avaliação mediana dos rapazes. E a um terceiro grupo foram mostrados perfis masculinos cujos donos estavam “indecisos” se tinham gostado dos perfis das moças ou não. Conforme o esperado, o interesse das mulheres foi maior pelos caras que as avaliavam melhor do que por aqueles que lhes davam notas medianas. (É o princípio da reciprocidade: gostamos de quem gosta da gente.) Porém, *mais* atraente ainda se mostrou o grupo dos “indecisos”. E, mais tarde, as mulheres que tinham visto os perfis de “indecisos” eram as que diziam mais pensar nos rapazes. Quanto mais se pensa numa pessoa, maior é a presença dela na nossa mente, o que pode levar a sentimentos de atração.[8]

Outra ideia da psicologia social que se encaixa em nossos joguinhos de troca de mensagens é a do princípio da escassez. Basicamente, percebemos uma coisa como mais desejável quanto menos ela estiver disponível. Quando suas mensagens para uma pessoa são enviadas com frequência menor, o resultado, na verdade, é que se cria uma escassez *sua*, o que te torna mais atraente para ela.

O QUE FAZER QUANDO ESTAMOS

INTERESSADOS

Às vezes existe mesmo uma razão para as pessoas demorarem a responder uma mensagem: quando elas estão checando a porra da sua vida inteira no Google.

Numa pesquisa de 2011, mais de 80% das pessoas nascidas entre os anos 80 e 90 admitiram ter feito uma busca na internet sobre o parceiro antes do primeiro encontro.[9] E por que não? Com as redes de relacionamento expandidas, encontramos pessoas que mal conhecemos, inclusive completos estranhos com quem não mantínhamos nenhum laço anterior. Felizmente, a mesma tecnologia que permite nos conectar com essas pessoas ajuda a saber se elas estão mais para postagens de fotos fofinhas de elefantinhos ou um blog sobre a mais recente expedição de caça ilegal aos elefantes de que participaram em Botsuana.

Em geral, uma busca na internet não resulta em muito mais do que informações biográficas básicas e um punhado de fotos no Facebook ou no Instagram. Alguns solteiros afirmaram que mesmo esse conteúdo sendo relativamente ínfimo é útil, pois fornece pistas sobre os interesses e a personalidade da outra pessoa antes do encontro. Para mim faz sentido, já que se poderia argumentar que as fotos postadas num perfil do Instagram passam uma imagem bem mais realista de alguém do que o perfil cuidadosamente montado dessa mesma pessoa num site de relacionamento.

Outros veem o procedimento como prejudicial, pois acham que ficar sabendo demais da história da outra pessoa pode privar a ele, e a um possível encontro, da diversão que é conhecer alguém novo. Alguns solteiros com quem conversamos relataram não ter conseguido curtir um encontro porque já chegaram com todo tipo de ideias preconcebidas e difíceis de superar.

Um jovem que conheci me disse que as informações pessoais que conseguimos tão facilmente na internet frequentemente o levam a ser duro demais com as pessoas. “Vou e olho todos os tuítes de alguém. Vejo uma coisa imbecil com a qual não concordo e, mentalmente, meio que já descarto o encontro”, contou.

Pode até ser duro demais julgar alguém por um ou dois tuítes, mas, se a busca é levada a sério, a internet oferece muito mais informação que isso. Quando, no fórum temático, lançamos essa questão da pesquisa na internet antes do primeiro encontro, ficamos sabendo de algumas histórias realmente tenebrosas.

Uma das participantes relatou ter cancelado o encontro depois de uma verificada rápida:

Dei um Google no cara com quem ia me encontrar, ele tinha um nome bem diferente. De acordo com o informativo semanal de uma sinagoga, ele e a esposa iam receber crianças em casa para uma aula sobre a Torá no mesmo dia do nosso encontro.

Essa foi a única ocasião até hoje registrada em que alguém disse: “Nossa, que bom que li esse informativo semanal da sinagoga”.

E surgiram histórias ainda mais terríveis.

Uma mulher escreveu:

Uns meses atrás, uma amiga do trabalho conheceu um bombeiro num bar. Os dois conversaram bastante, trocaram números de celular e passaram a semana seguinte mandando mensagens um para o outro para marcar um primeiro encontro. Ele tinha dito para ela que não estava no Facebook e, quando comentou isso com outras pessoas, minha amiga ouviu que talvez fosse mentira e ele tivesse namorada ou fosse casado. Então ela colocou no Google o nome do pretendente + Corpo de Bombeiros de Los Angeles e encontrou uma reportagem (com vídeo!) contando que o sujeito e A MÃE DELE tinham batido numa vizinha idosa que andava alimentando gatos abandonados no bairro. Na mesma hora minha amiga parou de falar com o cara.

É por isso que eu sempre digo: se sua mãe pedir uma forcinha para espancar a velhinha da rua que dá comida aos gatos vadios… DIGA NÃO. Ou isso vai assombrar você para sempre.

O QUE FAZER QUANDO NÃO ESTAMOS INTERESSADOS

Se você simplesmente não tem interesse em alguém, terá de lidar com outro dilema totalmente diferente. Como informar essa pessoa de que não está interessado? A partir das nossas entrevistas, parece haver três abordagens principais: fingir estar ocupado, não dizer nada ou ser sincero.

Em todas as escalas da minha turnê, de San Francisco a Londres, passando por Wichita, perguntei às pessoas da plateia que método usavam. No total, a pergunta foi feita para 150 mil pessoas. Com cada plateia, uma amostra de

alguns milhares, a reação era a mesma. A esmagadora maioria praticava o método “fingir estar ocupado” ou o método do silêncio. Apenas uma pequena parcela dizia adotar a prática da sinceridade.

Aí eu invertia a situação e dizia: “Tá, agora imaginem a situação inversa. Alguém está reagindo ao *seu* interesse. Como você prefere que *ela ou ele* se comporte? Bata palmas quem prefere que a pessoa finja estar ocupada”.

Um punhadinho de aplausos.

“Bata palmas quem prefere que a pessoa não diga nada, que a reação seja o silêncio.”

Um punhadinho menor ainda.

“Bata palmas quem prefere que a pessoa seja sincera.”

A plateia inteira aplaudia, basicamente.

Por que todos dizemos preferir a sinceridade dos outros, enquanto raramente reserva a eles a mesma cortesia? Talvez lá no fundo queiramos ser sinceros, mas é difícil pra cacete botar isso em prática. A sinceridade é um modo de confronto. Bolar aquela mensagem “sincera” toma muito tempo e reflexão. E, não importa o quanto tentemos fazer a coisa delicadamente, rejeitar alguém soa como algo frio e mesquinho. Sob vários aspectos, é bem fácil não dizer nada ou fingir estar ocupado até a pessoa se tocar.

Mas será que preferimos mesmo ouvir a dura e fria verdade quando somos nós que estamos sendo rejeitados? Não reagimos bem à rejeição, especialmente depois da exposição que é demonstrar interesse por outra pessoa, e é doloroso ler uma mensagem dizendo que alguém não quer sair com a gente.

Se formos honestos conosco, perceberemos que, por mais bizarro que isso pareça, na verdade preferimos que nos contem uma mentira. Quando a pessoa mente, dizendo que está namorando ou que em breve vai se mudar para outra cidade, não nos sentimos rejeitados porque pensamos: o problema não é *comigo*.

Desse jeito não nos machucamos *e* evitamos a confusão ou a frustração dos métodos do silêncio ou do “fingir estar ocupado”. Então, o que acho que estou tentando dizer aqui é que, da próxima vez que alguém te convidar para um encontro e você não estiver interessado, a coisa mais bacana a fazer é responder: “Desculpa, não posso sair para jantar amanhã. Estou partindo numa missão secreta do programa espacial! Quando voltar para a Terra não vou ter envelhecido quase nada e você será uma senhora de 78 anos. Acho que não é um bom momento para um encontro”.

E O QUE ROLOU COM A TANYA?

O que fica de lição é que, com todas as hipóteses que costumamos levantar sobre o conteúdo e o momento certo de uma mensagem, às vezes não é culpa nossa se não recebermos uma resposta, porque outros fatores estão em jogo. Na época da história com a Tanya, a melhor coisa que ouvi, pensando agora, foi o conselho de um amigo. Ele falou: “Muitas vezes a gente se mete nessas situações e fica ruminando coisas que disse ou escreveu, mas pode acontecer de o problema simplesmente estar do *outro* lado, pode ser alguma coisa que a gente não faz a menor ideia”.

Alguns meses mais tarde, encontrei Tanya por acaso. A gente se divertiu bastante na ocasião, e ela acabou dizendo que sentia muito por não ter me respondido. Ao que parecia, quando nos conhecemos ela estava totalmente em dúvida sobre sua identidade sexual, tentando descobrir se era lésbica.

Bom, aí estava algo que definitivamente não tinha me passado pela cabeça.

Acabamos ficando de novo naquela mesma noite e ela disse que, daquela vez, não haveria joguinho.

Mandei uma mensagem uns dias depois para combinar alguma coisa.

A resposta dela: silêncio.**

---

* Só para esclarecer, não era nenhum cafetão chamado Sócrates, mas o admirado filósofo — se bem que Sócrates até que é um bom nome para um cafetão.

** Só para esclarecer, Tanya e eu continuamos amigos e ela é uma pessoa muito bacana.

CAPÍTULO 3

RELACIONAMENTOS VIRTUAIS

Como sou uma figura pública, nunca considerei a hipótese dos sites e aplicativos de relacionamento. Sempre pensei que um *stalker* poderia aproveitar a oportunidade para me sequestrar e matar.

Não tenho muita certeza de como a história se desenrolaria. Talvez meu *stalker* (provavelmente um indiano) visse meu perfil e pensasse: *Ah, aquele comediante tem um perfil aqui no OkCupid. FINALMENTE uma chance de chegar nele e lentamente tramar sua morte.* O cara me manda uma mensagem fingindo ser uma mulher. Dou uma olhada no perfil. "Ela" curte tacos e *Game of Thrones*. Fico entusiasmado.

Marcamos um encontro. Fico ansioso, mas mantenho o bom humor. Vou buscá-lo em casa. Usando uma peruca, ele atende a porta. Imediatamente me dou conta de que é uma roubada, mas sou nocauteado antes de poder reagir. Quanto acordo, estou num porão escuro cheio de bonecas ao som de alguma música medonha tipo "The Chauffeur", do Duran Duran. Ele me submete a um transplante de rosto e assume minha identidade.



Como imagino que seria meu stalker indiano.*

Grito em agonia e penso: *Eu sabia que isso ia acontecer*.

Tá, essa perspectiva talvez seja bem irreal, mas, enfim, vocês entendem minha relutância. A verdade é que sempre achei os sites e aplicativos de relacionamento sensacionais.

Certa vez conheci um cara que encontrou a esposa digitando no campo de busca do Match.com — literalmente — "judia" e seu código postal. Brinquei com ele dizendo que eu uso a mesma técnica para encontrar a franquia da Wendy's mais próxima. Digito "Wendy's" e meu código postal e depois saio para pegar uns nuggets. É meio bobo o cara ter encontrado a esposa desse jeito, mas também é bonito e fascinante como uma pesquisa de internet boba dessas levou o sujeito à pessoa com quem compartilharia sua vida.**

Há aqui uma incrível sequência de eventos: o rapaz digita o que busca, os fatores e algoritmos aleatórios entram em ação, o rosto da moça aparece na tela, ele clica, manda uma mensagem e, por fim, ela se torna a mulher com quem ele vai passar o resto da vida. Hoje os dois estão casados e têm um filho. Uma vida. Uma *nova* vida foi criada por causa de um instante, anos atrás, em que ele decidiu digitar "judia 90046"*** e apertar enter.

Encontros desse tipo têm acontecido em larga escala. Sozinho, o OkCupid é responsável por aproximadamente 40 mil novos casais diariamente. São 80 mil pessoas encontrando outras pela primeira vez por conta desse site todos os dias.

Cerca de 3 mil acabarão numa relação duradoura; duzentas vão se casar, e muitas terão filhos.[1]

A ASCENSÃO DO RELACIONAMENTO VIRTUAL

Nos anos 60, apareceram os primeiros serviços computadorizados de busca por pares românticos. Eles garantiam ser capazes de usar o poder recém-descoberto dos computadores para ajudar aquelas pessoas sem sorte no amor a achar sua alma gêmea de um jeito racional e eficiente. Pediam aos clientes que preenchessem extensos questionários, e as respostas eram então registradas em computadores do tamanho de uma sala. (Bom, nem todos os serviços do tipo funcionavam assim. Ao que parece, o Project Flame, da Universidade de Indiana, fazia os estudantes fornecerem informações em cartões perfurados que eram simplesmente embaralhados pelos pesquisadores, criando falsos pares perfeitos.) A máquina processaria os dados e, baseada em sabe-se lá que algoritmo primitivo com o qual fora programada, devolveria o nome de dois clientes teoricamente compatíveis, entre os quais era marcado um encontro.[2]

Serviços similares atravessaram os anos 80 em vários formatos, mas jamais se tornaram populares de verdade. Houve alguns bons motivos para que fracassassem. Um deles é bem simples: não eram muitas as pessoas que tinham computadores em casa, ou mesmo no trabalho, e a ideia de que alguma máquina estranha fosse identificar o par perfeito de alguém soava esquisita. Depois de milhares de anos em que se namorava e encontrava a pessoa certa sem ajuda eletrônica, a maioria resistia à ideia de que a resposta para a procura pelo amor verdadeiro passasse por um trambolho da IBM. Houve ainda outra razão importante para não ter acontecido uma procura em massa pelos cupidos eletrônicos: as empresas que ofereciam o serviço não conseguiam demonstrar que sabiam quando duas pessoas formariam um bom casal, e ninguém tinha evidências de que o sistema de fato funcionava. Por fim, havia um estigma muito forte: a maior parte das pessoas achava que usar máquinas com esse propósito era sinal de desespero.

Nos anos 80 e começo dos 90, em vez dos computadores cupidos, os classificados eram o meio preferido dos solteiros em busca de novas maneiras de conhecer outras pessoas. Esse gênero foi inventado, na verdade, por volta de 1690, e já no século XVIII os anúncios casamenteiros haviam se tornado um

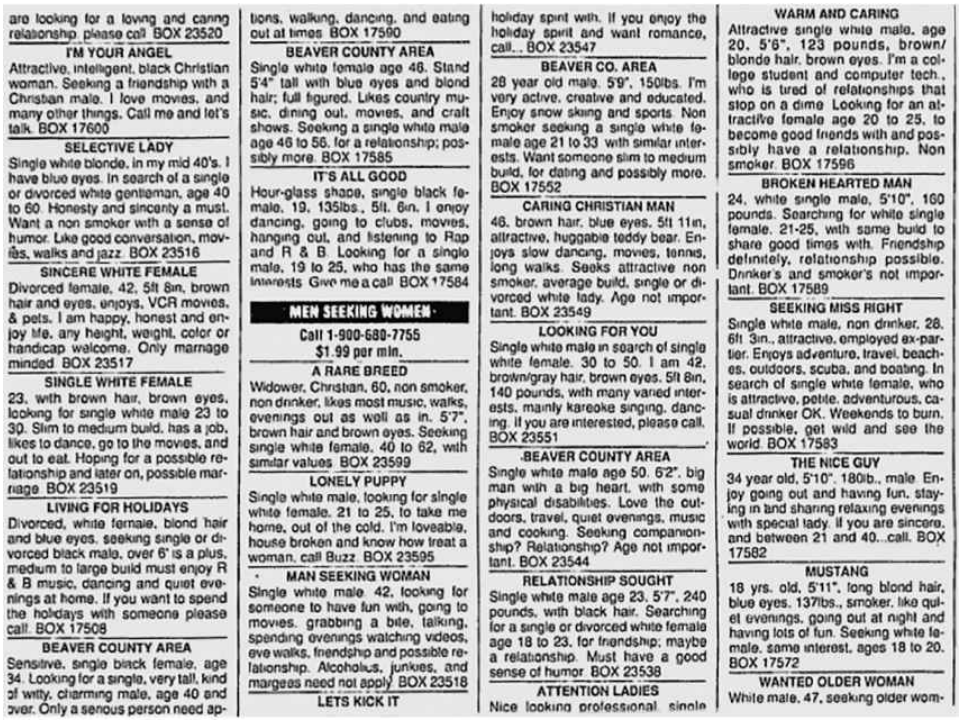
negócio lucrativo para os jornais.[3] Foi na década de 1960, depois da revolução sexual, quando tanto homens como mulheres passaram a ser mais ousados na procura de gente nova, que os classificados realmente decolaram. Décadas antes da Craiglist, a seção de anúncios "íntimos" dos jornais diários e, em especial, dos semanários era um ponto de encontro agitado, particularmente nos "mercados de limitados", como o LGBT, o das pessoas de meia-idade (em geral divorciadas) e o dos heterossexuais de idade mais avançada.

Os anúncios eram muito curtos, geralmente com menos de cinquenta palavras, e começavam com um título atrevido, em letras maiúsculas, tentando chamar a atenção — qualquer coisa variando de "RUIVINHA" a "RAPAZ SOLITÁRIO!", ou de "SURPREENDA-ME" a um simples "MEU NOME É WILLIE"!

Aí a pessoa fazia uma descrição rápida de si mesma e do que estava procurando. Para economizar espaço, usavam-se abreviações como SWM (*single white male* [homem branco solteiro]), SJF (*single Jewish female* [mulher judia solteira]), SBPM (*single black professional male* [homem negro solteiro e bem-sucedido]) e, claro, DASP (*divorced Asian saxophone player* [saxofonista asiático divorciado]).

Normalmente, o anúncio era gratuito até certo tamanho, e se pagava por mais linhas. No *Los Angeles Times*, por exemplo, até quatro linhas eram grátis e, a partir daí, cada linha saía por oito dólares.

Abaixo, alguns classificados do *Beaver County Times* de dezembro de 1994, apenas alguns meses antes da aparição do primeiro site de relacionamento.



are looking for a loving and caring relationship please call BOX 23520

I'M YOUR ANGEL

Attractive, intelligent, black Christian woman. Seeking a friendship with a Christian male. I love movies, and many other things. Call me and let's talk. BOX 17600

SELECTIVE LADY

Single white blonde, in my mid 40's. I have blue eyes. In search of a single or divorced white gentleman, age 40 to 60. Honesty and sincerity a must. Want a non smoker with a sense of humor. Like good conversation, movies, walks and jazz. BOX 23516

SINCERE WHITE FEMALE

Divorced female, 42, 5ft 8in, brown hair and eyes, enjoys, VCR movies, & pets. I am happy, honest and enjoy life, any height, weight, color or handicap welcome. Only marriage minded BOX 23517

SINGLE WHITE FEMALE

23, with brown hair, brown eyes, looking for single white male 23 to 30. Slim to medium build, has a job, likes to dance, go to the movies, and out to eat. Hoping for a possible relationship and later on, possible marriage BOX 23519

LIVING FOR HOLIDAYS

Divorced, white female, blond hair and blue eyes, seeking single or divorced black male, over 6' is a plus, medium to large build must enjoy R & B music, dancing and quiet evenings at home. If you want to spend the holidays with someone please call BOX 17508

BEAVER COUNTY AREA

Sensitive, single black female, age 34. Looking for a single, very tall, kind of witty, charming male, age 40 and over. Only a serious person need apply.

tions, walking, dancing, and eating out at times BOX 17590

BEAVER COUNTY AREA

Single white female age 46. Stand 5'4" tall with blue eyes and blond hair; full figured. Likes country music, dining out, movies, and craft shows. Seeking a single white male age 46 to 56, for a relationship; possibly more. BOX 17585

IT'S ALL GOOD

Hour-glass shape, single black female, 19, 135lbs., 5ft. 6in. I enjoy dancing, going to clubs, movies, hanging out, and listening to Rap and R & B. Looking for a single male, 19 to 25, who has the same interests. Give me a call BOX 17584

MEN SEEKING WOMEN

Call 1-900-680-7755
$1.99 per min.

A RARE BREED

Widower, Christian, 60, non smoker, non drinker, likes most music, walks, evenings out as well as in. 5'7", brown hair and brown eyes. Seeking single white female, 40 to 62, with similar values BOX 23599

LONELY PUPPY

Single white male, looking for single white female, 21 to 25, to take me home, out of the cold. I'm loveable, house broken and know how treat a woman. call Buzz BOX 23595

MAN SEEKING WOMAN

Single white male 42, looking for someone to have fun with, going to movies, grabbing a bite, talking, spending evenings watching videos, eve walks, friendship and possible relationship. Alcoholics, junkies, and margees need not apply BOX 23518

LETS KICK IT

holiday spirit with. If you enjoy the holiday spirit and want romance, call... BOX 23547

BEAVER CO. AREA

28 year old male, 5'9", 150lbs. I'm very active, creative and educated. Enjoy snow skiing and sports. Non smoker seeking a single white female age 21 to 33 with similar interests. Want someone slim to medium build, for dating and possibly more. BOX 17552

CARING CHRISTIAN MAN

46, brown hair, blue eyes, 5ft 11in, attractive, huggable teddy bear. Enjoys slow dancing, movies, tennis, long walks. Seeks attractive non smoker, average build, single or divorced white lady. Age not important. BOX 23549

LOOKING FOR YOU

Single white male in search of single white female, 30 to 50. I am 42, brown/gray hair, brown eyes, 5ft 8in, 140 pounds, with many varied interests, mainly karaoke singing, dancing. If you are interested, please call. BOX 23551

BEAVER COUNTY AREA

Single white male age 50, 6'2", big man with a big heart, with some physical disabilities. Love the outdoors, travel, quiet evenings, music and cooking. Seeking companionship? Relationship? Age not important. BOX 23544

RELATIONSHIP SOUGHT

Single white male age 23, 5'7", 240 pounds, with black hair. Searching for a single or divorced white female age 18 to 23, for friendship; maybe a relationship. Must have a good sense of humor. BOX 23538

ATTENTION LADIES

Nice looking professional single

WARM AND CARING

Attractive single white male, age 20, 5'6", 123 pounds, brown/blonde hair, brown eyes. I'm a college student and computer tech., who is tired of relationships that stop on a dime. Looking for an attractive female age 20 to 25, to become good friends with and possibly have a relationship. Non smoker. BOX 17596

BROKEN HEARTED MAN

24, white single male, 5'10", 160 pounds. Searching for white single female, 21-25, with same build to share good times with. Friendship definitely, relationship possible. Drinker's and smoker's not important. BOX 17589

SEEKING MISS RIGHT

Single white male, non drinker, 28, 6ft 3in., attractive, employed ex-partier. Enjoys adventure, travel, beaches, outdoors, scuba, and boating. In search of single white female, who is attractive, petite, adventurous, casual drinker OK. Weekends to burn. If possible, get wild and see the world. BOX 17583

THE NICE GUY

34 year old, 5'10", 180lb., male. Enjoy going out and having fun, staying in and sharing relaxing evenings with special lady. If you are sincere, and between 21 and 40...call. BOX 17582

MUSTANG

18 yrs. old, 5'11", long blond hair, blue eyes, 137lbs., smoker, like quiet evenings, going out at night and having lots of fun. Seeking white female, same interest, ages 18 to 20. BOX 17572

WANTED OLDER WOMAN

White male, 47, seeking older wom-

Depois da publicação dos anúncios, a pessoa interessada telefonava para uma central e deixava uma mensagem na caixa postal do anunciante. O custo para gravar um recado girava em torno de 1,75 dólar por minuto, e o tempo médio das chamadas era de três minutos. Ouvia-se a saudação do autor do classificado e gravava-se uma mensagem de voz. Havia até a opção de escutar como tinha ficado a gravação e regravá-la, se fosse o caso. O anunciante então ouvia os recados e entrava em contato com os pretendentes que lhe interessassem.

Sem fotos e com pouca informação em que se basear, procurar um amor pelos classificados íntimos podia ser uma experiência frustrante. Apesar disso, esses anúncios às vezes conseguiam levar a encontros amorosos de fato. Por acaso o pai do Eric, Ed, era um adepto frequente dos classificados na Chicago dos anos 80 e início dos 90, e se lembra bem de suas experiências. Ed colocava anúncios no *Chicago Reader*, um semanário local alternativo. Felizmente para nós, ele guardou o último e mais bem-sucedido deles:

EM BUSCA DE AVENTURA??

Homem judeu divorciado, 49, gosta de velejar, fazer caminhadas, andar de bicicleta, acampar, viajar e de arte, música, francês e espanhol. Procura mulher para relacionamento duradouro que compartilhe alguns desses interesses. Ouse — ligue agora mesmo! Chicago Reader, caixa postal xxxxx.

Muita coisa nesse anúncio deve soar familiar a quem investe em sites de relacionamento. Ed informa situação conjugal, religião, idade e interesses pessoais. O texto passa a ideia de um sujeito cosmopolita e promete aventura às pretendentes ousadas. (Boa, Ed!)

O classificado acima obteve respostas de 35 mulheres, de acordo com Ed. Para respondê-lo, era preciso telefonar para o número da central e digitar o código da caixa postal. Ouvia-se então a saudação pessoal de Ed, que ele resgatou para nós:

> *Olá! Se você procura aventura e diversão, veio ao anúncio certo! Meu nome é Ed. Sou um homem judeu divorciado de 49 anos com dois filhos adultos. Tenho casa própria em Lincoln Park e desde 1969 toco minha agência de propaganda e relações públicas. Velejo por hobby há anos e tenho um barco em Monroe Harbor. Também gosto de fotografia, de andar de bicicleta, fazer caminhadas, correr e acampar. Estudei inglês na Universidade de Michigan e, depois de formado, trabalhei seis meses, juntei todas as minhas economias e fui fazer um curso na Sorbonne. Durante as férias de verão, viajei 16 mil quilômetros de carona pela Europa e parte do Oriente Médio. Dá para ver que viajar pelo mundo é um dos meus maiores interesses! Pratico meu francês com dois grupos diferentes e também falo espanhol. Se chamei sua atenção e você gostaria de conversar por telefone, por favor responda a esta mensagem deixando um número no qual eu possa encontrá-la.*

Caramba, o Ed parece foda nesse anúncio. O cara tem um barco e não só um, mas *dois* grupos de conversação em francês. Ele nos contou que telefonava para ouvir as mensagens mais ou menos uma vez por semana — nem de longe o que fazem as pessoas que usam sites e aplicativos de relacionamento hoje, muitas das quais dão uma conferida se têm novos pretendentes a intervalos de poucas horas, isso quando não programam o celular para receber notificações instantâneas. “Eu ouvia cada uma das mensagens várias vezes, anotando as informações-chave. Aí ligava para as mulheres que me pareciam mais interessantes. E uma delas realmente se destacou.”

> *Olá, meu nome é Anne e gostei muito do seu anúncio no* Reader *e da apresentação que acabei de ouvir. Tenho 37 anos, sou divorciada e sem*

filhos. E sim — estou em busca de aventura! Gosto de muitas das atividades que você listou. Morei um tempinho na Colômbia e no Peru, então falo espanhol, como você. Se estiver a fim de um encontro, me ligue. Espero que esteja!

Ed ligou e convidou Anne para um café. Ele explicou que com frequência esses primeiros encontros não davam muito certo, pois não era possível ter ideia da aparência da pessoa pela resposta a um classificado de jornal, e confiava-se basicamente na impressão passada pela voz ao telefone. Mas ele e Anne se deram bem logo de cara, e a coisa não demorou a decolar. Namoraram por seis anos até ele pedi-la em casamento no barco, hasteando uma vela que ele mesmo tinha feito com os dizeres: "Querida Annie, eu te amo. Quer casar comigo?". Ela respondeu "sim", e pouco depois os dois zarparam para a Califórnia a fim de começar uma nova vida juntos.

Ora, a ideia de um encontro proporcionado pelos classificados íntimos de um jornal rende uma história e tanto, mas Anne não a contou durante muitos anos. Ela é uma profissional muito bem-sucedida, com diploma de uma universidade de elite, vem de uma família conservadora e sabia que havia um estigma associado a casais que se conheciam por anúncios de jornal. Anne inventou uma história de fachada para quando surgisse a inevitável pergunta sobre como conhecera Ed: alguém tinha apresentado os dois. Seus próprios amigos e familiares não souberam da verdade até Anne contá-la a todos no dia do casamento, no momento do brinde com os convidados, quando a família a deserdou por ser ridícula. Tá, não foi isso que aconteceu, mas não seria muito louco se acontecesse?

Uns anos antes de Ed e Anne encontrarem o amor via classificados, alguns empreendedores tentavam aplicar os mais avançados recursos tecnológicos à busca por pares românticos, lançando serviços por vídeo, que ofereciam uma ideia mais dinâmica dos potenciais pretendentes, incluindo o tão necessitado componente visual. Para usar um serviço do tipo, pessoas como Ed ou Anne se dirigiam a um pequeno estúdio, se sentavam diante de uma pequena equipe de TV e passavam alguns minutos gravando uma apresentação para uma câmera. De quando em quando, recebiam pelo correio uma fita VHS com vídeos curtos dos pretendentes e, caso gostassem de alguém, podiam tentar marcar um encontro.

O relacionamento por vídeo nunca emplacou, e uma pesquisa no YouTube permite conhecer um pouco desse fantástico material. Um sujeito, Mike, abria sua apresentação com esta incrível observação:

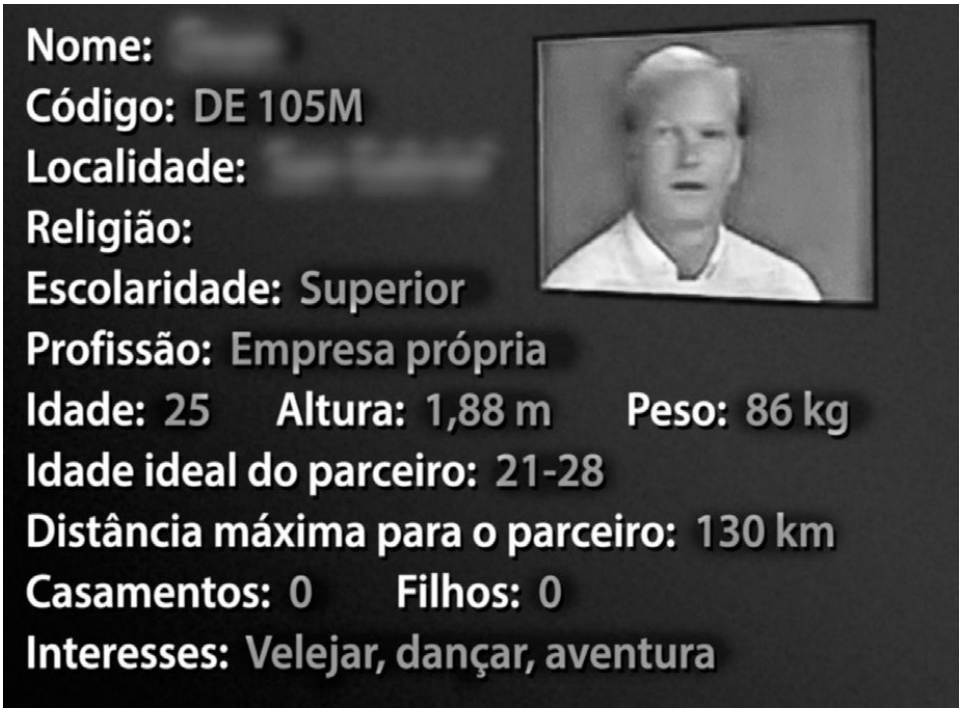


Oi, meu nome é Mike, e se você está vendo este vídeo com um cigarro aceso, pode passar para a frente, porque não fumo e não gosto de fumantes.

A maior parte dos clipes a que assisti era de caras que se apresentavam dizendo gostar de “se divertir” e estar à procura de “alguém para que a gente possa se divertir juntos”. Também falavam um pouco deles mesmos. “Curto pizza”, dizia um jovem. “Nada de gordinhas nem alcoólatras”, anunciava outro. “No momento trabalho com lixo tóxico”, dizia um sujeito, descrevendo sua vida profissional, ao passo que outro se apresentava como “executivo de dia, maluco de noite”, e um terceiro proclamava: “Me interesso por todos os aspectos do processamento de dados”.

Um rapaz disse que não queria saber de “Donnas Juanitas”, o que me pareceu um insulto racista contra mulheres hispânicas. Mas fiz uma pesquisinha na internet e descobri que se tratava, na verdade, da versão feminina de Don Juan. Basicamente, o que o cara não queria era uma mulher que fosse para a cama com todo mundo.

Depois de cada apresentação, as informações do pretendente apareciam na tela assim:



Fico meio chateado que esses vídeos não existam mais, porque vi clipes realmente ótimos. Saca só o cara aí de cima. Um dos interesses dele é "aventura"!

O fracasso dessa modalidade não desanimou os empreendedores, que identificaram em outra nova tecnologia, a internet, uma possível revolução na busca pelo par perfeito. Em meados dos anos 90, quando os computadores pessoais e os modems se popularizaram, os sites de relacionamento começaram a pegar.

Lançado em 1995, o Match.com não era apenas uma versão atualizada dos antigos serviços computadorizados — trazia uma inovação crucial: em vez de encontrar o par perfeito com um algoritmo, o site permitia que os próprios clientes fizessem suas escolhas, em tempo real. Mas a maioria duvidava que o novo serviço fosse mudar alguma coisa. Em sua primeira entrevista importante na TV, Gary Kremen, fundador da empresa e seu primeiro CEO, usando uma camiseta tie-dye e sentado num pufe de cores berrantes, ousou afirmar para a câmera: "O Match.com vai trazer amor para este planeta como não se vê desde Jesus Cristo".[4]

Mas primeiro o site precisava ser aprimorado. De início, o Match.com sofreu do mesmo estigma que afastava as pessoas dos antigos serviços computadorizados. No boom da internet da década de 90, porém, a relação com

o computador e a cultura virtual mudou radicalmente, com cada vez mais gente se sentindo confortável em realizar tarefas básicas usando máquinas. Com o tempo, e-mails, salas de bate-papo e, por fim, redes sociais exigiriam a criação de personas virtuais. E a ideia de lançar mão do computador para encontrar pretendentes se tornou completamente aceitável. Em 2005, o Match.com já contava 40 milhões de usuários registrados.

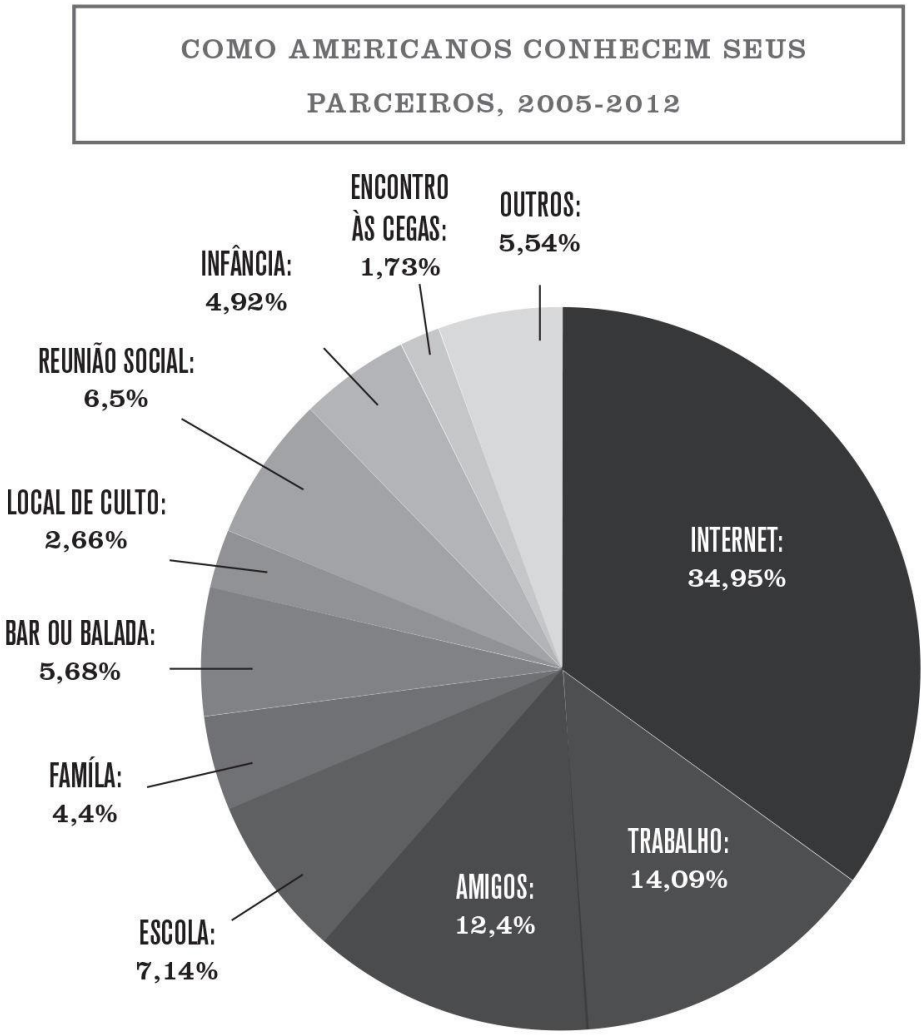
Uma vez que ficou claro que havia um mercado para os sites de relacionamento, os concorrentes pipocaram, procurando novos nichos ao mesmo tempo que tentavam se apropriar da base de clientes do Match.com. Cada novo site surgia com uma marca registrada — o eHarmony era para pessoas em busca de um relacionamento sério; o Nerve, para os hipsters; o JDate, especializado no público judeu, e assim por diante.

A maioria deles se baseava num mesmo modelão: fornecia um vasto catálogo de solteiros acompanhado de um método quase científico de triagem das opções, pelo qual seria possível encontrar os pares com maiores chances de dar certo. Há controvérsias quanto a se esses algoritmos eram mais eficazes que aqueles dos antigos serviços computadorizados, mas, à medida que os computadores se tornavam incrivelmente rápidos e sofisticados, as pessoas pareciam mais inclinadas a confiar nas sugestões românticas.

O RELACIONAMENTO VIRTUAL HOJE

Eu sempre soube que os sites e aplicativos de relacionamento eram populares, mas até recentemente não fazia ideia do peso imenso que têm hoje quando se busca um parceiro.

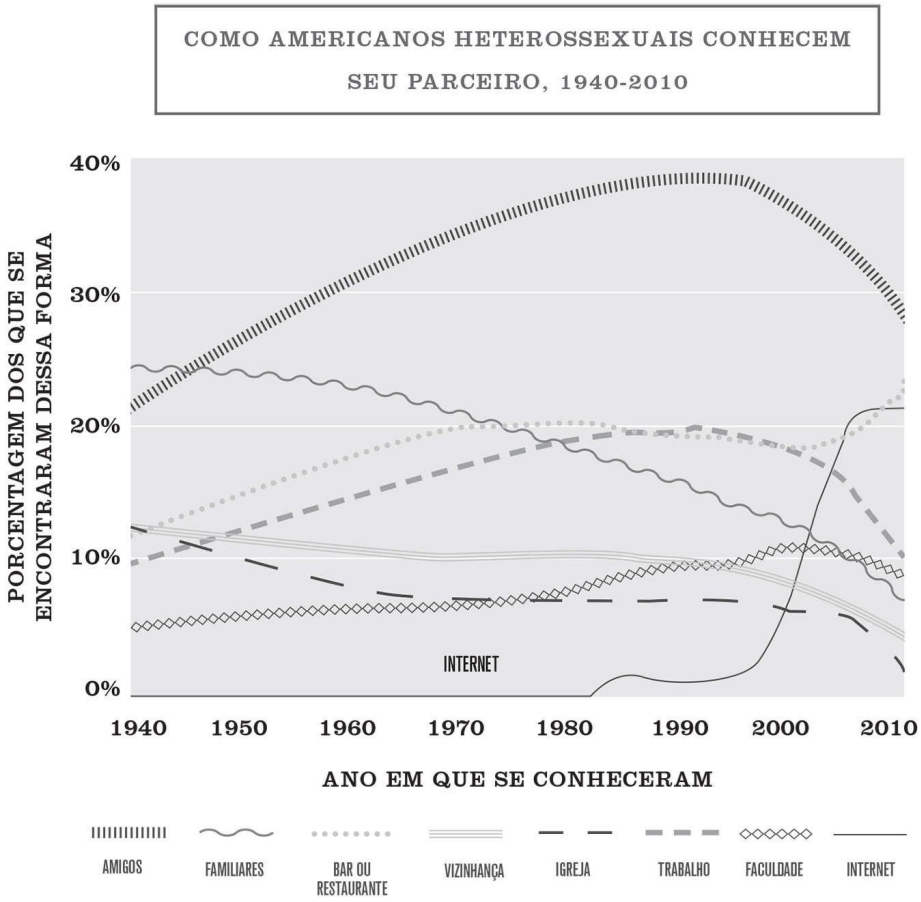
De acordo com estudos do psicólogo da Universidade de Chicago John Cacioppo (não confundir com John *Cacio e Pepe*, um italiano gordo fissurado pelo macarrão com queijo pecorino e pimenta-do-reino), mais de um terço das pessoas que se casaram entre 2005 e 2012 nos Estados Unidos se conheceram em sites de relacionamento. Essa foi a forma isolada mais citada pelas pessoas ao responder como encontraram o marido ou a mulher. O número de pesquisados apontando essa resposta superou o daqueles que disseram ter conhecido o parceiro por meio de amigos, no trabalho ou na escola *somados*.[5]



Os resultados de Cacioppo são tão chocantes que muitos especialistas questionaram sua validade, isso quando não usaram o argumento de que os pesquisadores teriam sido parciais por estarem sendo financiados por uma empresa de relacionamento on-line. Mas a verdade é que esses números coincidem com os do sociólogo Michael Rosenfeld, da Universidade de Stanford, o estudioso que mais se dedicou a documentar a ascensão dos relacionamentos pela internet e o declínio de praticamente todas as outras formas de manter contato com as pessoas.

A pesquisa de Rosenfeld, “How Couples Meet and Stay Together”, é um estudo com abrangência nacional que incluiu 4 mil americanos, 75% deles casados ou vivendo um relacionamento amoroso e os outros 25%, solteiros. Adultos de todas as idades foram questionados sobre como conheceram seu par e, uma vez que alguns dos participantes eram mais velhos, esse levantamento nos permite ver como as coisas mudaram.[6]

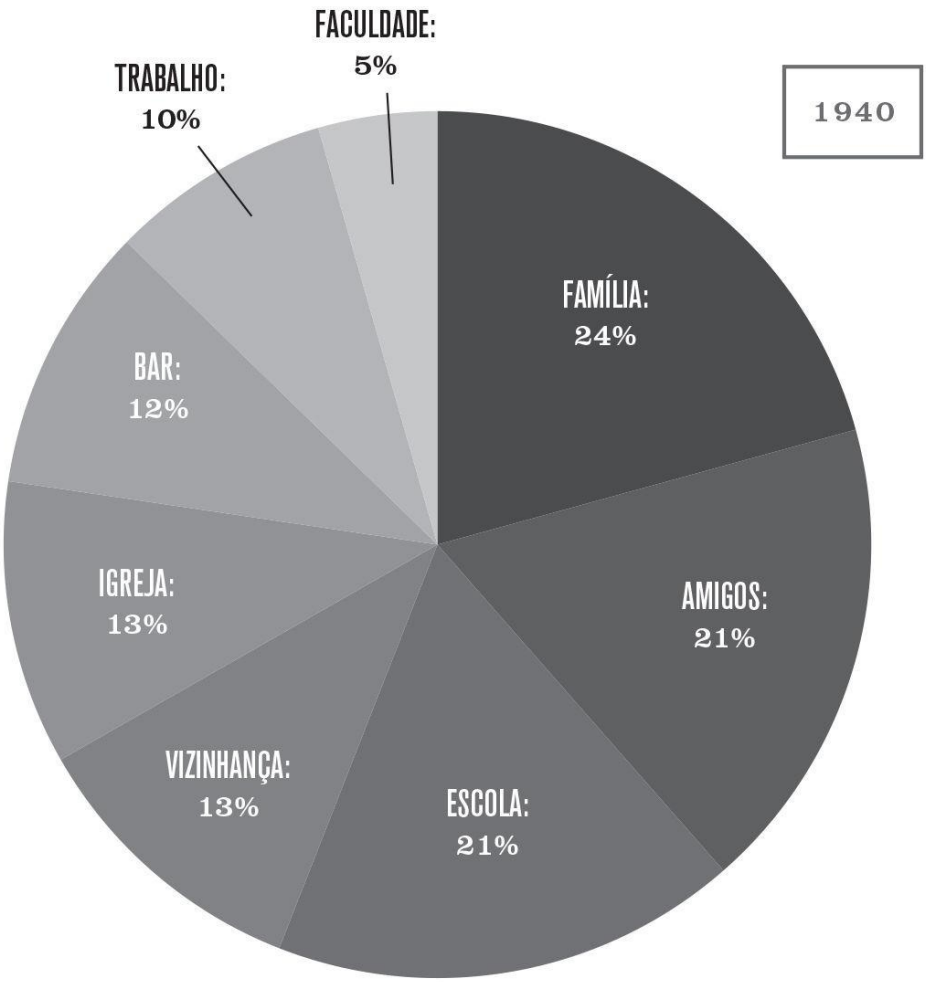
É especialmente didático comparar a situação do período entre 1940 e 1990, às vésperas da ascensão do relacionamento virtual, e o que acontece dos anos 90 até hoje.

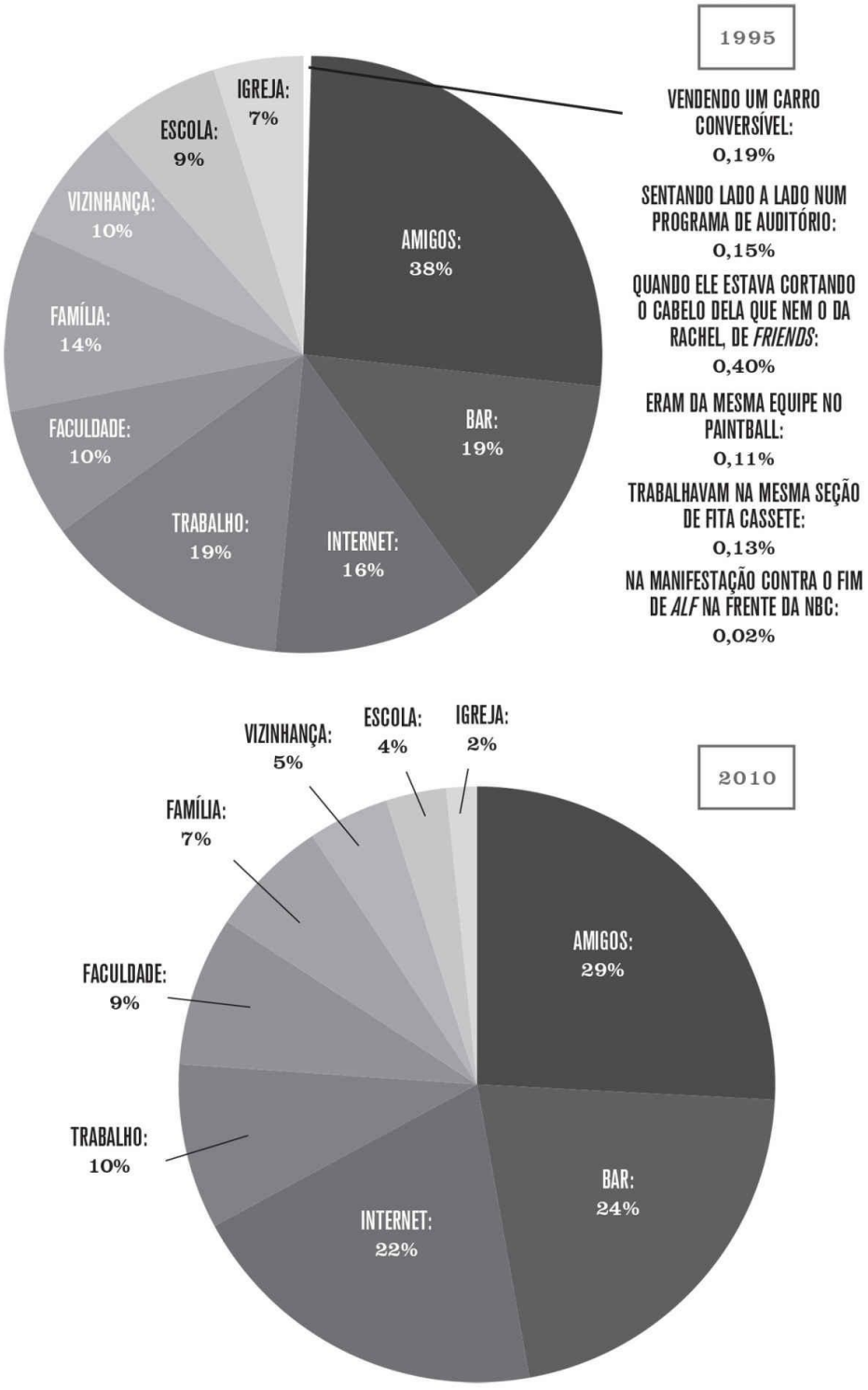


Primeiro vamos dar uma olhada nas diferenças de 1940 para 1990 — pouco antes do surgimento dos sites de relacionamento. Em 1940, a forma mais comum de conhecer um parceiro era por intermédio de familiares; cerca de 21% dos heterossexuais americanos conheciam seus parceiros na escola; outros 21%, por amigos; aproximadamente 12%, na igreja ou na vizinhança, e mais ou menos a mesma proporção, num bar ou restaurante ou no trabalho. Só uns poucos, cerca de 5%, encontravam a pessoa certa na faculdade, pela simples razão de que não eram muitos os que tinham acesso ao ensino superior.

As coisas haviam mudado em 1990. A família se tornara um cupido muito menos influente, ajudando solteiros a formar casais em apenas 15% dos casos, o mesmo fenômeno ocorria com a escola, cuja influência caíra para 10%, e com a igreja, reduzida a 7%. O caminho mais popular para chegar a um relacionamento era através de amigos, responsáveis por quase 40% da formação de novos casais.****

COMO AMERICANOS HETEROSSEXUAIS CONHECEM SEUS PARCEIROS*





A parcela de pessoas que se conheciam em bares e restaurantes também aumentara, chegando a 20%. Os encontros na faculdade tinham subido para 10%, ao passo que conhecer alguém da vizinhança era só um pouquinho menos

frequente do que em 1940.

Outra forma bastante popular usada em 1990 era gritar algo como: “Ei, garota! Você aí com essa bunda arrebitada no seu jeans manchado, volta aqui que te levo no show do Spin Doctors/ Better Than Ezra”. A moça, lisonjeada pela atenção e pela oportunidade de assistir ao maior acontecimento musical da época, rapidamente atendia ao chamado. Era assim que aproximadamente 6% dos casais se formavam. Só para deixar claro, esse é um palpite meu que nada tem a ver com a pesquisa do professor Rosenfeld.

O advento dos sites de busca de par transformou a forma como iniciamos relacionamentos românticos. Em 2000, apenas cinco anos após a criação do Match.com, 10% das pessoas vivendo uma relação tinham conhecido o parceiro na internet, número que já era de quase 25% em 2010. Outro meio de se iniciar um relacionamento jamais se disseminou tanto e em tão pouco tempo.[7]

Em 2010, apenas os encontros na faculdade e em bares e restaurantes continuavam tão representativos quanto em 1995. Em contraste, a parcela das pessoas que se conheciam por intermédio de amigos havia diminuído drasticamente, de 40% para 28%, e encontrar um parceiro através da família, no trabalho, na escola ou na vizinhança se tornou ainda menos comum, cada uma das opções sendo de aproximadamente 10% ou menos. E as igrejas seguiram o mesmo caminho do Spin Doctors e do Better Than Ezra: sumiram do mapa.

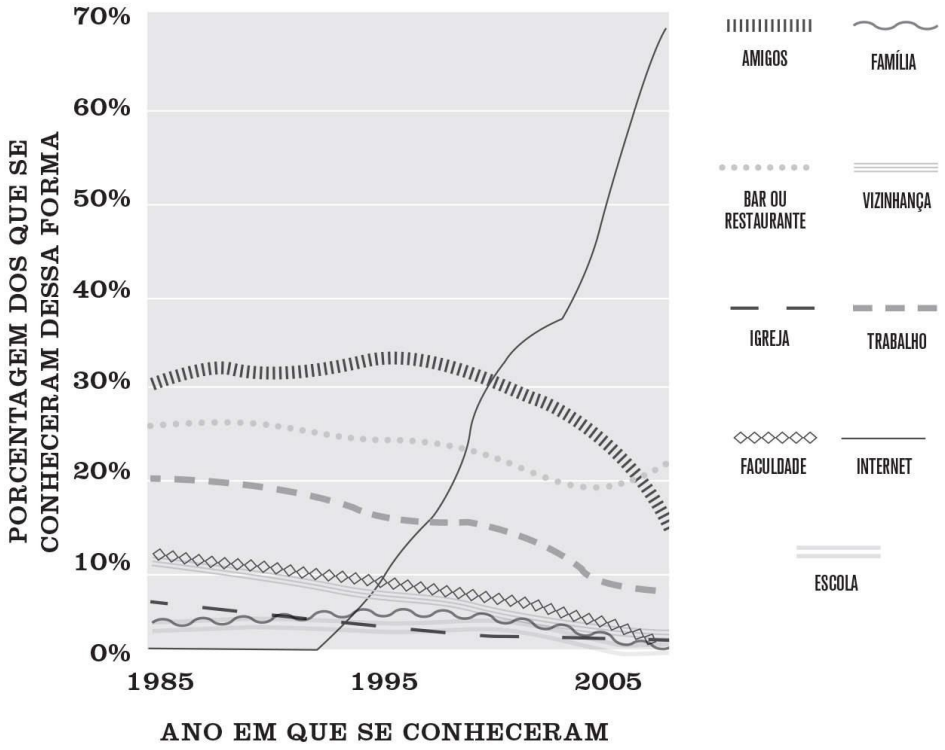
Hoje, o relacionamento virtual é praticamente pré-requisito para um solteiro moderno: 38% dos americanos que se descrevem como “solteiros à procura” já usaram algum site de relacionamento.[8]

MERCADOS LIMITADOS

A internet mudou o jogo ainda mais radicalmente naquilo que Rosenfeld chama de “mercados limitados”, principalmente o das pessoas interessadas em relacionamentos com outras do mesmo sexo, mas cada vez mais entre gente mais velha e de meia-idade. A razão para isso é bastante óbvia: quanto menor o universo de potenciais pares românticos, menor a chance de encontrá-los pessoalmente, seja por intermédio de amigos, seja em lugares públicos. Claro, em algumas cidades existem bairros gays que não param de crescer, mas as pessoas que vivem e circulam neles se encontram o tempo todo. Depois de algum tempo, os solteiros ali já avaliaram todas as opções e estão em busca de algo novo. É um dos motivos pelos quais os encontros em bares ou na vizinhança são bem menos comuns para casais LGBT do que já foram um dia, e a razão que explica por que mais de 60% desses casais se conhecem pela internet.

O estudo de Rosenfeld mostra que o relacionamento virtual é “extremamente mais comum entre casais do mesmo sexo *do que qualquer outra forma de conhecer pessoas jamais foi, tanto para heterossexuais quanto para homossexuais*”. E tendências recentes sugerem que, à medida que aumenta o número de pessoas mais velhas na internet, o mesmo ocorrerá nesse universo.

COMO PARCEIROS DO MESMO SEXO
CONHECERAM SEU PARCEIRO



ESTIGMA SOCIAL

O estigma em relação aos sites de relacionamento ainda existe, e as pessoas às vezes têm medo de admitir que foi por intermédio de um deles que conheceram o parceiro. O medo é de que pensem que recorrer à internet significa que a pessoa, de algum modo, não era suficientemente atraente ou desejável para encontrar alguém pelos meios tradicionais, embora em anos recentes essa preocupação pareça estar em declínio. Aqui e ali, entrevistamos pessoas que se sentiam constrangidas por ter conhecido seu par on-line e inventavam histórias de fachada para amigos e família. Espero que a predominância do relacionamento virtual hoje, como estamos relatando aqui, acabe com o temor que algum leitor ainda possa ter de que isso não seja aceitável. Não importa o que digam seus amigos e sua família quando souberem que você conheceu sua cara-metade num site, pois o que não falta é gente na mesma situação que você. Se a insegurança persiste, porém, e você precisa de uma ajudinha para inventar sua história de fachada, posso dar algumas sugestões:

> *Era uma tarde chuvosa de domingo e decidi ir ao cinema. Não tinha ingresso para nada a não ser uma sessão especial de Natal de* Um herói de brinquedo*, com Arnold Schwarzenegger. Vi que tinha mais uma pessoa na sala. Era a Janine. Sentei ao lado dela e começamos a conversar. Quando chegou a parte em que o Schwarzenegger finalmente consegue o boneco do Turbo Man para seu filho Jamie, a gente já tinha transado DUAS VEZES.*
>
> *Eu estava colocando o lixo para fora quando um filhote de cachorro veio até mim. Olhamos um para o outro e dei meia-volta. Ele me cutucou com a patinha. Virei. Ele então falou, com uma voz rouca, parecendo a de um velho, e um sotaque sulista como o do Kevin Spacey em* House of Cards*: "Daniel… Daniel, olha só… Você precisa sair à procura de Katherine Reese. Ela vai ser sua mulher". Não voltei a ver o cachorrinho e jamais conheci Katherine Reese, mas naquela noite encontrei a Jen num bar do centro.*
>
> *Estava assistindo a uma luta de boxe em Atlantic City. De repente se ouviram tiros, e o Secretário de Defesa, cuja segurança eu estava fazendo, foi morto. Mandei lacrar o ginásio e, usando minhas habilidades de*

detetive, concluí que o mentor do plano todo era ninguém menos que meu próprio parceiro, Kevin Dunne. Aquele filho da mãe. Depois de enfrentar sozinho um dos boxeadores, consegui escapar no momento exato em que o furacão Jezebel atingia a costa. Exatamente: maremoto. Por fim, o Dunne, quando se deu conta de que seu plano fracassou, se suicidou com um tiro diante das câmeras, e foi aí que eu conheci a Cindy.

NOTA: Só use essa história caso tenha certeza de que seu interlocutor não viu o filme *Olhos de serpente*, com o Nicolas Cage.

É fácil perceber por que os sites e aplicativos de namoro deram tão certo. Na internet, a oferta de solteiros querendo se relacionar parece inesgotável. Temos ferramentas para filtrar e encontrar exatamente aquilo que procuramos. Não precisamos recorrer a terceiros, como um amigo ou colega de trabalho, que faça as apresentações. Os serviços funcionam o tempo todo e permitem buscas quando e onde a gente quiser.

Digamos que você seja uma moça querendo encontrar um rapaz de 28 anos, com 1,77 metro de altura, cabelos castanhos, que more no Brooklyn, seja membro da congregação Baha'i e adore o som do Naughty By Nature. Antes do relacionamento virtual, sua missão seria impossível, mas hoje, a qualquer hora do dia, não importa onde esteja, você está a poucos cliques de uma mensagem para esse sonho de homem bem específico e esquisito. Mas, claro, o relacionamento virtual também tem seus percalços.

OS PROBLEMAS DO RELACIONAMENTO VIRTUAL

Até aqui, a situação parece bem atraente: milhões de pessoas encontrando o amor com alguns cliques. Na teoria, o relacionamento virtual deveria ser uma grande evolução em relação aos métodos tradicionais pelos quais conhecemos pessoas. É infinitamente mais abrangente, mais eficiente, mais preciso e está sempre disponível. No estudo de Rosenfeld, 74% das pessoas que acabaram juntas eram completos estranhos no início da relação, o que significa que, se não fosse pelo advento do relacionamento virtual, jamais teriam se conhecido.

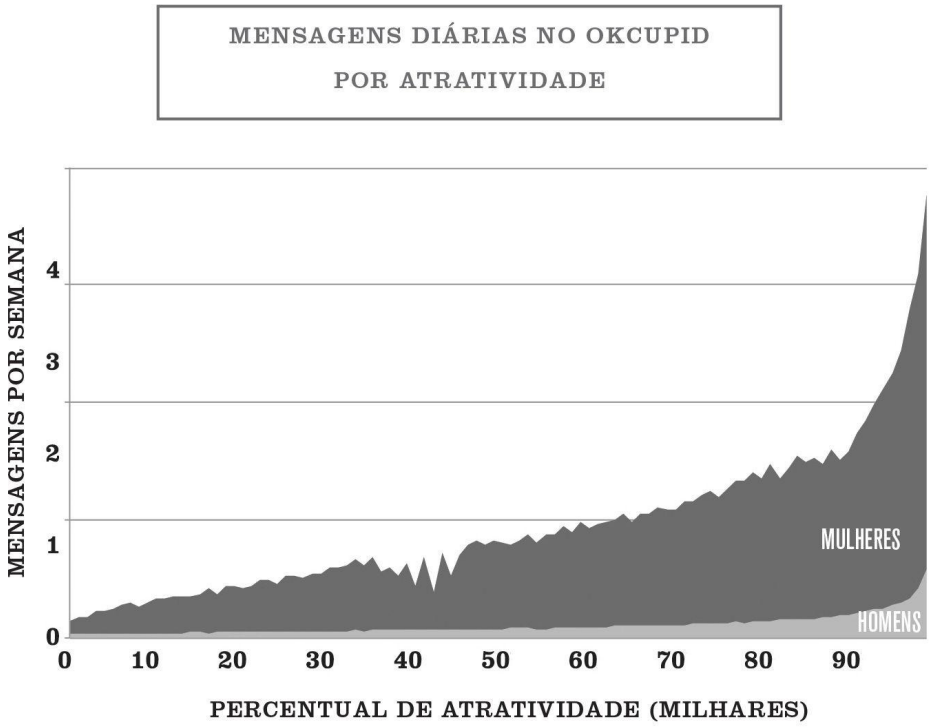
No entanto, apesar do inegável sucesso apontado pelos números citados, as pesquisas que fiz e li deixam claro que a nova tecnologia voltada aos encontros românticos criou seu próprio conjunto de problemas. Para ter uma noção concreta do universo do relacionamento virtual, tivemos de olhar para além dos números. Então nos lançamos na tentativa de entender as situações reais que as pessoas experimentam em sites de relacionamento.

Particularmente esclarecedor do relacionamento virtual foi quando, num lance que até agora não acredito que deu certo, Eric e eu conectamos um computador a um projetor e pedimos que jovens solteiros entrassem em seu perfil para nos mostrar como era se relacionar pela internet na vida real. Essas pessoas abriram suas caixas de mensagens para nós e nos permitiram observar o que fazem ali.

Na primeira vez que usamos o método, numa apresentação ao vivo em Los Angeles, uma mulher atraente entrou em sua conta do OkCupid e me deixou projetar o que se passava na tela do computador numa tela maior, para que a plateia toda pudesse enxergar. A moça recebia cinquenta novas mensagens por dia, e sua caixa estava abarrotada de literalmente centenas de solicitações não lidas. Ela foi percorrendo essas mensagens uma após a outra, e os caras na plateia assistiram a tudo horrorizados. Não conseguiam acreditar no volume absurdo daquilo. A mulher disse que se sentia mal pelo fato de que uma porção daquelas mensagens provavelmente acabaria apagada porque ela jamais teria tempo de responder a todas. A audiência masculina soltou em uníssono um gemido penoso. Ao longo de todas as entrevistas, este se revelou um achado consistente: as mulheres recebem infinitamente mais atenção que os homens.

Em seu livro *Dataclysm,* o fundador do OkCupid, Christian Rudder, ilustra essa diferença extrema com um gráfico feito a partir de dados de usuários do

site. Abaixo, segue um gráfico das mensagens recebidas por dia de acordo com a atratividade segundo a cotação dos usuários.



Mesmo um cara que ocupe o topo da escala de atratividade mal consegue atingir o número de mensagens que quase todas as mulheres costumam receber.

Isso não quer dizer, porém, que no mundo virtual os rapazes sejam o equivalente daquela pessoa sozinha num canto do bar. Não existem cantos solitários nesse universo. Todos os lugares estão lotados de gente querendo se encontrar.

Um sujeito que talvez tivesse muito pouca sorte no bar pode acabar com a caixa de mensagens cheia. O número talvez não seja alto em relação ao das mulheres mais atraentes do site, mas é enorme se comparado com o tipo de atenção que esse cara teria nos ambientes sociais mais tradicionais.

Basicamente, hoje qualquer mané pode ser um garanhão.

Tomemos o exemplo de Derek, um usuário regular do OkCupid que mora em Nova York. O que estou prestes a dizer vai soar bem cruel, mas Derek é um cara muito sem graça. Branco, altura mediana, cabelo castanho rareando, bem-vestido e apessoado, mas longe de parecer imediatamente irresistível ou charmoso. Não que ele não seja atraente, mas não despertaria necessariamente todos os olhares

ao chegar a uma festa ou um bar.

No grupo focal sobre relacionamento virtual que realizamos em Manhattan, Derek acessou o OkCupid e permitiu que víssemos enquanto navegava por suas opções. Eram moças que haviam sido selecionadas como potenciais pares para ele, a partir de seu perfil e do algoritmo do site. A primeira em que Derek clicou era muito bonita, tinha um perfil espirituoso, um bom emprego e uma porção de interesses em comum com ele, inclusive o gosto por esportes. Depois de uma olhada que durou um minuto, mais ou menos, Derek falou: “É, ela parece legal. Só vou dar mais uma olhada”.

Perguntei o que tinha de errado com a moça e ele respondeu: “Ela torce para os Red Sox”.

Fiquei totalmente chocado. Não podia acreditar que ele pensasse tão rapidamente em descartar aquela opção e seguir adiante. Imaginemos o Derek de vinte anos antes encontrando essa mulher linda, charmosa e interessada nele. Se ela estivesse num bar e sorrisse para ele, o Derek de 1993 teria se derretido. Não chegaria nela e diria: “Ah, peraí, você torce para os Red Sox?! Não, obrigado!”, antes de lhe dar as costas. Mas o Derek de 2013 simplesmente clicou em um X na tela de um navegador de internet e apagou a possibilidade sem pensar duas vezes, como se fosse uma blusa que não tivesse atingido as expectativas na imagem ampliada.

Derek tampouco se interessou pela opção seguinte, embora se tratasse de uma moça relativamente atraente. Durante dez ou quinze minutos, ele circulou pelo site sem demonstrar um pingo de entusiasmo por nenhuma das mulheres extremamente interessantes que estavam ali, em busca de romance, até que, por fim, decidiu-se por uma delas e digitou uma mensagem simples, relegando as demais ao esquecimento no seu histórico de navegação.

Vejam bem: eu gostei do Derek. Ele era uma pessoa legal, e me sinto horrível por ter descrito o cara como muito sem graça. A questão é que ele não me saltava aos olhos como um garanhão. Mas, uau, vendo o jeito como ia passando por aqueles perfis, a mentalidade de garanhão ficou clara. Não pude deixar de pensar que Derek e sabe-se lá quantos outros como ele estão se dando muito melhor no relacionamento virtual do que se dariam em outras modalidades. Ele e outros homens e mulheres agora têm diante de si mais possibilidades na vida amorosa do que nunca, o que, parece claro, está mudando totalmente a maneira como encaram a procura por um parceiro em potencial.

Outro exemplo surpreendente desse fenômeno apareceu no fórum temático. Um rapaz entrou para comentar que estava chocado com o desempenho de uma

amiga, uma moça atraente, no Tinder. “A cotação de atratividade dela era de 95%”, ele contou. “Quase 150 pretendentes em vinte minutos. Ela é muito atraente ao vivo, mas eu não esperava esses números. Em uma hora, minha amiga atraiu um número de pretendentes que eu só consegui atrair em quatro meses.” Em parte, esse cara está se queixando dos problemas de ser homem no mundo do relacionamento virtual: a concorrência por moças atraentes é grande, e as mulheres conseguem números muito melhores que os dos homens nessa disputa. Tudo bem. Mas, no meio da história, o rapaz disse uma coisa incrível: “Consegui atrair 350 pretendentes em cinco meses”. Isso dá setenta por mês. Vinte anos atrás, se aparecesse um sujeito dizendo que naquele mês tinha conhecido setenta mulheres que demonstraram interesse por ele, a gente ia achar que estava diante de um tremendo garanhão. Hoje, é só um cara com um smartphone e um polegar.

EXAUSTÃO:

ARPAN X DINESH

Derek e todos os outros como ele viram suas opções aumentarem enormemente, mas a que preço? Descobri tudo sobre os estragos que o relacionamento virtual pode causar ao conhecer dois caras muito interessantes e diferentes entre si num grupo focal em Los Angeles.

Era uma manhã de sábado e realizávamos nossas entrevistas num prédio comercial na zona oeste da cidade. Entrei pela garagem e peguei o elevador, onde estavam dois indianos. Um era Arpan. O outro, Dinesh. Minha primeira reação foi de susto: será que um daqueles dois era o meu *stalker*? Não, eles pareciam legais.

Se tivesse de me basear apenas em nossa troca de cumprimentos inicial para dar um palpite sobre qual dos dois tinha uma vida amorosa mais interessante, nem pensaria para responder: Arpan. Ele se vestia um pouco mais na moda, tinha autoconfiança e charme e parecia confortável com toda aquela gente desconhecida. Dinesh era um pouco tímido, não tão estiloso e menos jovial. Quando começamos o trabalho com o grupo focal, porém, a história foi outra.

Iniciamos a discussão com uma pergunta simples: o que as pessoas ali estavam buscando? Arpan se encolheu na cadeira para contar sua história.

"Tenho 29 anos e moro no centro de LA", ele começou. "Estou procurando algo sério. Faz alguns anos que estou solteiro. E, bom, no começo, especialmente quando era mais jovem, tipo, com uns 26, eu achava legal. São tantas opções!" Durante algum tempo, o acesso fácil a um mundo de mulheres solteiras morando por perto o entusiasmou, e ele passava horas on-line espiando perfis ou em flertes casuais. Também ia muito para a balada e, aos poucos, foi aprimorando suas técnicas.

Então Arpan passou a relatar sua descida ao fundo do poço. Contou que, de início, gastava um tempão bolando mensagens pessoais sedutoras para as mulheres, raciocinando logicamente que, com o grande número de mensagens que elas recebiam, ele precisava fazer alguma coisa que o diferenciasse. No fim, porém, o retorno era tão pequeno que não justificava todo aquele investimento de tempo e energia. Passava horas quebrando a cabeça e aí percebia que as mulheres simplesmente o desconsideravam, baseadas na aparência ou em outra variável.

E, ainda que a garota respondesse, nem sempre era fácil. "Aí ela finalmente responde. Você reage, tipo, *Oba!* É um momento de euforia", continuou. E então

ele acabava absorvido num vaivém de mensagens com aquela pessoa, o que podia se estender por um bom tempo, para enfim, como descreveu o próprio rapaz, “não dar em nada, ou resultar num encontro que acabava sendo horrível, simplesmente um desperdício de tempo”.

Tudo isso começou a ter um custo para Arpan, que se tornou uma pessoa diferente. Ele decidiu que ia parar com as mensagens bem boladas porque não valiam o tempo gasto. Passou a enviar em massa o que, ele mesmo admitiu, eram mensagens “ignóbeis”.

“Estou tão desanimado e cansado desse negócio que nem me dou mais ao trabalho. Mando uma mensagem idiota, tipo: ‘Oi, você é bonita. Tá a fim de sair para beber?’. E faço isso para, tipo, vinte, trinta pessoas, porque estou muito cansado. A resposta delas vai se basear na minha aparência, de qualquer jeito.” O desleixo das mensagens tornou as coisas mais fáceis e efetivas. “Não dá trabalho”, comentou Arpan. “E meu percentual de respostas aumentou, o que é bizarro.”

Bizarro, sim, mas verdadeiro. No livro *Dataclysm*, Christian Rudder usou dados reais de usuários do OkCupid para mostrar que escrever uma mensagem padrão e dar um copiar/ colar é 75% mais eficaz para começar uma conversa do que enviar um texto original. Uma vez que também exige muito menos esforço, Rudder afirma que “em termos de custo/ benefício, sempre vai compensar”.[9]

O que Arpan fez foi passar a usar o sistema a seu favor, mas não apenas padronizando suas mensagens de apresentação: ele também desenvolveu um modelo para os encontros. Quando começou no relacionamento virtual, quase sempre levava as moças para jantar, até concluir, a certa altura, que aquilo era um “erro de principiante”. Se a coisa não dava liga, virava um longo calvário, com ele preso num jantar aparentemente interminável, o que fez com que mudasse de estratégia, passando a convidar as moças para drinques. Da mesma forma, sentiu que escolher um lugar divertido para ir era esforço demais, considerando que a maioria das noites acabava sendo um fracasso, então decidiu limitar seus pontos de encontro a uns poucos bares aos quais pudesse ir a pé do seu apartamento.

Ou seja: nada mais que uns drinques, esforço mínimo da parte de Arpan, e a moça que se deslocasse até ele. Ficaram a fim ao ler isso, meninas?!

Perguntamos aonde ele tinha levado as duas últimas mulheres com quem marcara encontro pelos sites de relacionamento. “No Volcano, a cinco quadras de casa.” E a outra? “No Lucky Strike Lanes, a seis quadras.” Se alguma moça tiver se empolgado com a possibilidade de um encontro num boliche, se

decepcionou. De acordo com Arpan: “Lucky Strike Lanes é um boliche, sim, mas tem um lounge bar, então nem passamos para a área das pistas”. Putz. Alarme falso. “Ei! Vamos jogar boliche! Brincadeirinha, a gente veio só beber no lounge.”

Aliás, é mais do que sabido que não há nada mais excitante para uma mulher do que o lounge bar de um boliche. Depois de assistir a caras gordos jogando bolas ao som aprazível de fliperamas do *Simpsons*, não consigo imaginar outro desfecho para a noite que não uma maratona de sexo.

“Procurar uma namorada é cansativo, sem dúvida”, Arpan disse. “Dá muito trabalho. E, sabe, agora estou tão desanimado e, tipo, tão cansado desse negócio, que já não me esforço muito. Cheguei naquele ponto, tipo: ‘Encontra alguém para mim! Dá um jeito!’.” Até onde eu podia ver, os métodos do rapaz não estavam funcionando.

Arpan, que passa uma primeira impressão de ser um cara vibrante e cheio de autoconfiança, foi minado de tal forma na procura por uma namorada que basta mencionar o assunto para que se encolha na cadeira e comece a contar histórias dignas de um veterano de guerra exausto. As agruras do mundo do relacionamento virtual transformaram esse que um dia foi um rapaz solteiro entusiasmado num sujeito desajeitado e triste, cuja ideia do que seja um encontro se reduziu a uma ida ao boliche para voltar para casa o mais rápido possível, sem jogar.

Outras pessoas em nossos grupos focais reclamaram que navegar nesse novo mar de opções disponíveis on-line estava se tornando quase um segundo emprego. A palavra “exaustivo” apareceu em todas as discussões que realizamos, o que fazia sentido depois que se ouviam os relatos das experiências dos participantes.

A trabalheira que dá encontrar um só par em potencial que seja — ler as mensagens todas, achar uma que agrade, clicar no perfil, investigá-lo e, depois disso tudo, AINDA ser obrigado a entrar num vaivém de mensagens até marcar um encontro na vida real — ainda tem um preço.

Havia até quem tivesse chegado a um ponto de ruptura. Priya, de 27 anos, contou que recentemente tinha deletado sua conta no Tinder e no OkCupid. “É que simplesmente demora muito para um primeiro encontro acontecer. É bem mais eficaz usar os grupos sociais de que a gente faz parte”, ela disse. “Eu prefiro me colocar nesse tipo de situação social do que me sentir exausta.”

Na opinião de Priya, assim como na de muitos usuários de sites de relacionamento que conhecemos em diferentes cidades, o processo passou de

algo divertido e excitante a uma nova fonte de estresse e apreensão.

E quanto a Dinesh, o outro rapaz indiano?

Dinesh tinha uma abordagem completamente diferente em relação a relacionamentos. “Não sou usuário de nenhum desses sites”, ele anunciou ao grupo naquela manhã, parecendo um pouco perplexo com a conversa.

“Qual foi o encontro mais recente que você teve?”, perguntei.

“Ainda estes dias conheci uma garota na igreja e a gente foi no cinema”, ele respondeu.

E disse isso com a pose autoconfiante de um cara foda. Comparado com o que tínhamos acabado de ouvir de Arpan, o papo “igreja e cineminha” de Dinesh soava como “racha de moto e sexo sem compromisso”.

“E como foi com a garota com quem você saiu antes disso?”, perguntei.

“Conheci ela num trabalho voluntário”, contou Dinesh.

Os demais caras no recinto pareciam fascinados com a fantasia de sair com uma moça simpática que se entregava de coração a obras de caridade.

Antes ainda, prosseguiu Dinesh, ele conheceu uma moça numa festa de fim de ano. “Tenho vários grupos de amigos muito legais, e meio que por toda parte em LA, então acabo conhecendo um monte de gente.”

O segredo, disse Dinesh, é ter amigos que circulem com diferentes grupos em lugares diversos, e variar de uma noite para a outra, ficando um pouco com cada um. Seja na igreja, em trabalhos voluntários, nas festas do escritório ou num evento esportivo, sempre existirão lugares onde as pessoas se encontram naturalmente.

“Tem um monte de coisa legal rolando em LA o tempo todo”, explicou o rapaz. “Acho divertido e interessante conhecer gente nova e, se o encontro é ao vivo, as pessoas ficam mais dispostas a abrir um espaço na agenda. Eu também. Gosto de ir trabalhar supercedo para estar de volta em casa, digamos, às cinco ou seis e fazer alguma coisa.” Ele deu uma espiada para sentir a reação de Arpan, depois virou para a gente outra vez. “E não, não me sinto exausto.” Felizmente, a essa altura Arpan estava tão enterrado na cadeira que a posição bloqueava seus ouvidos e ele nem chegou a escutar nada.

Dinesh passava uma atmosfera zen que não era páreo para outra pessoa no recinto. Enquanto os demais solteiros ali reunidos naquela manhã pareciam desanimados e frustrados, ele dava a impressão de se sentir tranquilo e à vontade quanto a se relacionar. Seria porque evitava o mundo virtual? Ou porque aqueles que haviam aderido a ele eram, na verdade, péssimos naquilo?

Após várias e longas conversas com especialistas, me parece que a segunda

opção deve ser levada em consideração.

A MAIORIA DAS PESSOAS É PÉSSIMA NO RELACIONAMENTO VIRTUAL

O relacionamento virtual é como um segundo emprego que exige conhecimento e habilidades que poucos de nós dominamos. Na verdade, a maioria de nós não tem a menor ideia do que está fazendo. Uma das razões para isso é que as pessoas nem sempre sabem o que procuram numa alma gêmea, diferentemente de quando precisam decidir sobre algo mais simples, como a marca do sabão da máquina de lavar (recomendo o Tide Fonte das Montanhas — quem não quer as roupas com o cheirinho da água fresca de alguma bica?!).

Talvez a gente pense que sabe o que quer, mas erre. De acordo com o livro de Dan Slater que conta a história do relacionamento virtual, *Love in the Time of Algorithms* [Amor na era dos algoritmos], os primeiros serviços do gênero tentavam encontrar o par certo para seus clientes quase que exclusivamente com base no que eles diziam querer. Em geral, o usuário respondia a uma pesquisa indicando determinadas características que desejava em um parceiro. Por exemplo, se um rapaz afirmasse que procurava uma moça loira e alta, sem filhos e com diploma universitário, a empresa lhe oferecia todas as opções que estivessem de acordo com a descrição. Mas não demoraram a perceber que aquilo não estava funcionando. Em 2008, o Match.com contratou Amarnath Thombre como novo “programador-chefe de algoritmos”. Thombre se dedicou a tentar descobrir por que muitos dos casais que o algoritmo do site dizia formar combinações perfeitas frequentemente não passavam do primeiro encontro. Quando começou a esmiuçar os dados, descobriu algo surpreendente: a descrição do parceiro que os usuários afirmavam estar buscando não batia com o tipo de pessoa por quem realmente se interessavam.

Thombre percebeu isso simplesmente analisando a discrepância entre as características que os clientes diziam querer que seu par tivesse (idade, religião, cor de cabelo, esse tipo de coisa) e o que se verificava nos potenciais parceiros com quem de fato entravam em contato no site de relacionamento. “Começamos a ver como é frequente as pessoas quebrarem as próprias regras”, o programador relatou a Slater. “Quando se observam os hábitos de navegação dessas pessoas — seu comportamento real no site —, vemos que divergem muito do que elas

afirmam estar procurando."[10]

Para escrever alguns stand-ups sobre relacionamento virtual, fiz perfis falsos em diversos sites, só para sentir como eram as perguntas e como a coisa funcionava. A descrição da pessoa que eu procurava foi a seguinte: um pouco mais nova que eu, baixa, de cabelo escuro. A pessoa com quem estou namorando no momento, que conheci por intermédio de amigos, é dois anos mais velha que eu, loira e tem mais ou menos a minha altura — TÁ BOM, É UM POUQUINHO MAIS ALTA. Não teria passado na triagem do site.

Porém, quando se está à procura de alguém nesses sites, boa parte do tempo é gasta com estabelecer critérios de triagem, vasculhar um monte de perfis e percorrer uma lista daquelas características obrigatórias que a gente pensa que deseja. As pessoas levam esses parâmetros muito a sério. Declaram que o parceiro em potencial "tem que gostar de cachorros", ou que procuram "um amor que goste do filme *Procura-se um amor que goste de cachorros*", com a Diane Lane no papel de uma recém-divorciada cuja amiga a incentiva a criar um perfil num site de relacionamento dizendo que os pretendentes "têm que gostar de cachorros". (Valeu, Wikipédia, por me ajudar a lembrar do enredo do filme.)

Mas será que esse esforço de triagem ajuda?

Apesar de todo tipo de informação cheia de nuances que costuma acompanhar os perfis, o fator que mais influencia as pessoas quando estão pré-selecionando parceiros é a aparência física. Com base nos dados que analisou, Rudder nos contou que sua estimativa é de que as fotos postadas direcionem 90% das ações no mundo do relacionamento virtual.

FOTOS DE PERFIL:

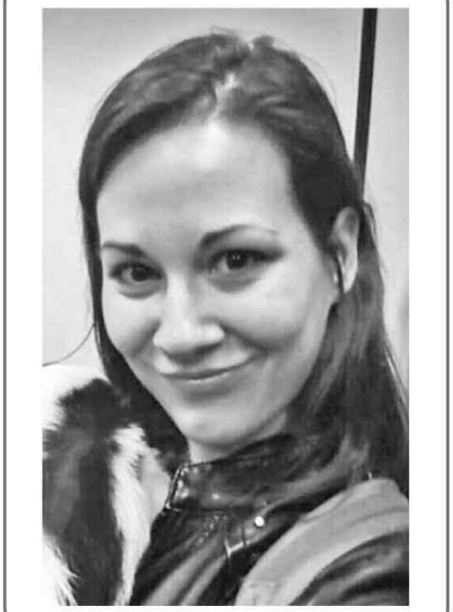
POR QUE VOCÊ PRECISA URGENTEMENTE EXPLORAR CAVERNAS COM UM FILHOTE DE CACHORRO

Se o destino de alguém que procura um namorado na internet depende 90% das fotos que escolhe, essa é uma decisão importante. Então o que funciona? Rudder investigou o que dava mais e menos certo num site de relacionamento e fez algumas descobertas surpreendentes.[11]

Primeiro vamos examinar o que funciona para as mulheres. A maioria delas (56%) prefere fotos sorrindo. Mas os 9% que optam pelo "flerte com a câmera" acabam sendo um pouco mais bem-sucedidas. Vejamos os exemplos a seguir:

FOTOS SORRINDO





FOTOS FLERTANDO COM A CÂMERA





Bom, esses resultados não surpreendem muito, mas o curioso é que, entre os

homens, quem se dá melhor são aqueles que *não* sorriem nas fotos e *não* olham para a câmera. Enquanto as mulheres pesquisadas tiveram menos sucesso quando não encaravam a lente, desviar o olhar se mostrou bem mais eficaz para os caras. O que parece contrariar o que pensaríamos que funciona melhor. Essas fotos aí são boas? Para onde eles estão olhando?

FOTOS SEM SORRIR E SEM OLHAR PARA A CÂMERA



Ah, merda, aquilo é um guaxinim na minha cozinha?



Estou olhando para meu irmão, cuja perna eu comi. Estou perdido no deserto há três semanas, sem comida ou água. Ah, e também gosto de fotografia e de tocar violão.



Tira logo uma foto minha na frente dessa ponte. Cara, isso é uma abelha? Vai rápido, tenho alergia.

A segunda coisa que Rudder descobriu é que, para as mulheres, o ângulo que de longe mais surte efeito é a selfie frontal tirada de cima, com uma expressão levemente coquete.





Explorando perfis, percebemos uma tendência das pessoas a escolher certos modelos para as fotos — na balada bebendo com os amigos, ao ar livre perto de uma montanha *etc.* Os dados de Rudder mostram que, para as mulheres, após a selfie tirada de cima vêm as fotos na cama, ao ar livre e viajando. As menos eficazes são aquelas em que aparecem bebendo ou com um animal.





Já para os homens, estranhamente, as fotos que mais surtem efeito são aquelas em que estão com algum animal, seguidas daquelas em que exibem seus músculos (barrigas-tanquinho etc.) e, depois, as que os mostram fazendo alguma coisa interessante. Ao ar livre, bebendo e viajando são os tipos com menos apelo.





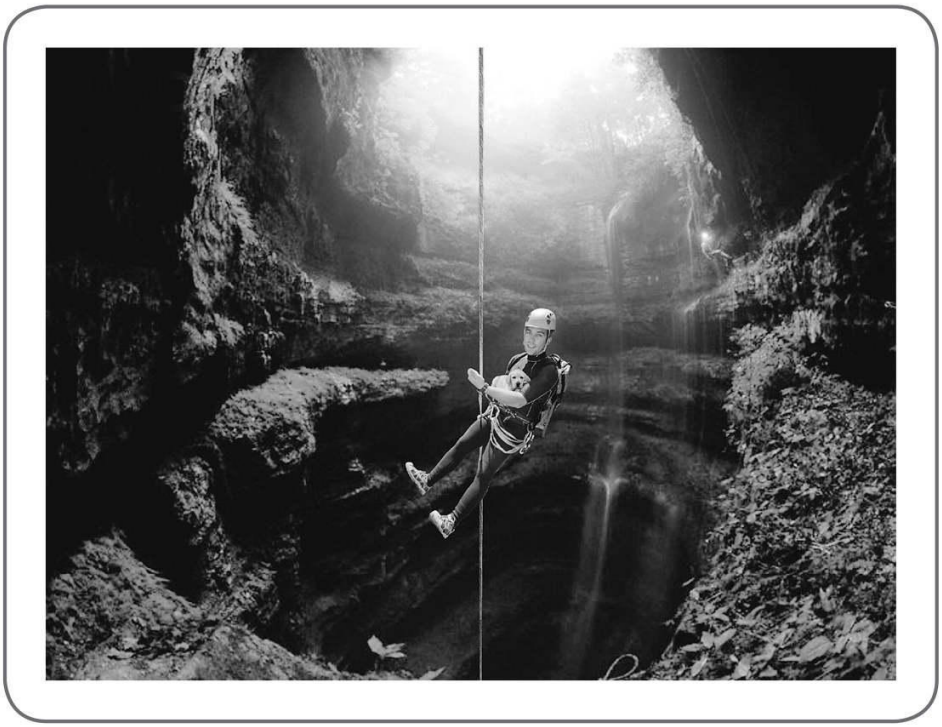
O mais intrigante, porém, é quando Rudder analisa os dados sobre quais fotos levaram às melhores conversas. Enquanto fotos de decote rendem às mulheres 49% mais novos contatos, as imagens que levaram a melhores resultados em termos de conversas posteriores foram aquelas que mostravam as pessoas fazendo coisas interessantes. Às vezes nem era necessário que aparecesse o rosto. Um cara com o polegar para cima num mergulho. Uma moça na paisagem estéril do deserto. Outra tocando violão. Essas fotos revelavam algo mais profundo sobre os interesses e a vida dessas pessoas e proporcionaram interações mais significativas.

AS FOTOS DE PERFIL IDEAIS

Com base nesses dados, as dicas são claras: se você é mulher, faça uma selfie de cima, com decote à mostra, debaixo d’água e ao lado de um tesouro.



Se for homem, tire uma foto segurando um filhote de cachorro enquanto explora cavernas.



ESTRATÉGIAS NA TROCA DE MENSAGENS

Digamos que a pessoa tenha se interessado pelas suas fotos. E aí? Começam as mensagens.

As pessoas usam todo tipo de estratégia para se comunicar nos sites de relacionamentos. No entanto, diferentemente do que acontece nas mensagens enviadas por celular, aqui temos dados com os quais trabalhar.

De acordo com Rudder, as mensagens com maiores taxas de retorno são aquelas que têm entre quarenta e sessenta caracteres. O pesquisador também analisou quanto tempo as pessoas gastam escrevendo uma mensagem. Aquelas com o mais alto índice de respostas eram as escritas em torno de dois minutos. Se você pensa muito e fica tempo demais escrevendo, as chances de retorno diminuem.

E quanto à estratégia de copiar/ colar de Arpan? O problema, no caso dele, era que claramente se tratava desse tipo de mensagem, sem reflexão nem toque pessoal. O que parece realmente surtir efeito é bolar com calma uma mensagem que soe genuína e então dispará-la em massa. Aqui vai uma que um cara mandou para 42 pessoas:

Também sou fumante. Comecei numa viagem tipo mochileiro em maio. Antes meu lance era bebida, mas agora, quando acordo, putz, preciso de um cigarro. Às vezes minha vontade era trabalhar num escritório tipo Mad Men. Você foi ver a exposição do Le Corbusier no MoMA? Parece bem interessante. Na semana passada, em Montreal, fui ver a do Frank Gehry (é assim que escreve?). Mostrava como ele usou modelos de computador para projetar uma casa maluca em Ohio.

À primeira vista, a mensagem meio que atira para todo lado, com tantas referências a interesses tão diversos. Mas, depois de terminada a leitura, fica claro que o cara estava à procura de uma garota fumante e ligada em arte, e essa mensagem genérica foi suficientemente específica para chamar a atenção de pelo menos cinco moças, que responderam.

ALGORITMOS

E quanto aos algoritmos que supostamente auxiliam na busca pela alma gêmea? Não há dúvida de que essa ferramenta ajuda os usuários de sites de relacionamento a se orientar num universo de parceiros potencialmente compatíveis, e por isso ela pode ser útil. Mas até os programadores por trás dos cálculos reconhecem que eles estão longe de ser perfeitos.

Em 2012, uma equipe de quatro professores de psicologia liderada por Eli Finkel, da Universidade Northwestern, publicou um artigo no *Psychological Science in the Public Interest* argumentando que nenhum algoritmo é capaz de prever de antemão se duas pessoas formarão um bom casal. “Não há evidência convincente em favor da alegação dos sites de relacionamento de que seus algoritmos matemáticos funcionam”, escreveram os especialistas. O desafio a que esses sites se propõem — selecionar pares compatíveis — é, concluíram os autores do artigo, “virtualmente impossível”.[12]

Finkel e companhia defenderam que a procura por um parceiro na internet se baseia em grande medida na falsa ideia de que o tipo de informação disponível num perfil é realmente útil para determinar se aquela pessoa daria um bom par. Mas, como o que está ali — profissão, renda, religião, posições políticas, programas de TV favoritos *etc.* — é tudo que sabemos sobre aquela pessoa, tendemos a superestimar as informações. O que, na verdade, pode nos levar a fazer escolhas muito ruins sobre com quem estamos marcando encontros.

“Encontrar potenciais pares românticos por intermédio de perfis on-line reduz pessoas tridimensionais a amostras de informação bidimensionais”, anotaram os pesquisadores, acrescentando: “Isso também pode induzir as pessoas a decisões preguiçosas e levianas ao escolher a partir de um conjunto amplo de potenciais parceiros”. Sheena Iyengar, professora da Universidade de Columbia especializada na pesquisa de mecanismos de escolha, explicou a questão de forma diferente. “Pessoas não são produtos”, ela me disse, sem rodeios. “Mas, basicamente, quando a gente diz: ‘Quero um cara de 1,83 metro de altura com tais e tais características’, é assim que está tratando aquele ser humano.”

É um bom argumento, mas quem procura um namorado na internet não tem escolha senão selecionar por algum tipo de filtro, e, uma vez que concordamos ser razoável que a seleção se baseie em, digamos, proximidade geográfica e tipo de emprego, quem pode dizer que é superficial apostar num médico morando no

mesmo bairro? Ainda que se leve em consideração o argumento de Iyengar de que às vezes os sites de relacionamento incentivam as pessoas a tomar umas às outras por produtos, qual é a alternativa?

Helen Fisher, consultora do Match.com especializada em antropologia biológica, afirma que o segredo é evitar explorar demais um perfil e resistir à tentação de iniciar extensas trocas de mensagens antes de um primeiro encontro. Na visão de Fisher, só há uma maneira de determinar se aquela pessoa tem futuro: encontrá-la pessoalmente. Nada mais pode dar uma ideia de como o outro é de fato e de como as duas pessoas se dão.

"O cérebro é o melhor algoritmo", defende Fisher. "Não existe nenhum serviço de facilitação de encontros no mundo que faça o que o cérebro é capaz quando se trata de encontrar a pessoa certa."

Essa foi, provavelmente, a opinião com a qual mais me identifiquei. Eu não saberia como fazer uma busca daquilo que mais adoro na minha namorada. Não é o tipo de coisa que dê para categorizar.

Todas as vezes em que me apaixonei por uma pessoa não foi porque ela tivesse determinada aparência ou gostasse de certo programa de TV ou tipo de comida. Foi porque assisti com ela a determinado programa, ou porque experimentamos uma culinária diferente, e então essas se tornavam as coisas mais divertidas que eu já fizera na vida.

Por quê? Não sei dizer.

O que não significa que sou cético quanto ao relacionamento virtual; ao contrário, a pesquisa que realizamos me convenceu de que milhões de pessoas têm conseguido usar esse recurso para encontrar o que procuram, de uma noite a casamento e família. Mas nossa pesquisa também me convenceu de que muita gente gasta tempo demais com a parte virtual e muito pouco tempo com a parte do relacionamento. Depois de anos observando o comportamento das pessoas e prestando consultoria ao Match.com, Fischer chegou a uma conclusão semelhante, razão pela qual aconselha os usuários desse tipo de site a reduzir as trocas de mensagens ao mínimo e se encontrar na vida real o mais rápido possível.

"É um dos motivos por que acho impreciso chamar esses serviços de 'sites de relacionamento'", diz ela. "Deviam se chamar 'sites de apresentação'. Eles oferecem a oportunidade de, a partir dali, a própria pessoa ir atrás de conhecer alguém."

Laurie Davis, autora de *Love at First Click* [Amor ao primeiro clique] e consultora especializada em relacionamento virtual, aconselha seus clientes a

limitar o contato pelos sites a no máximo seis mensagens antes de um encontro. É o que deveria bastar para saber se haverá interesse em encontrar a outra pessoa. Tudo o que se faz depois disso é apenas adiar o inevitável.

"Os sites de relacionamento são apenas um veículo para conhecer mais gente", afirma a autora. "Não são o lugar onde o relacionamento ocorre de fato."

Esse conselho não convence algumas pessoas, principalmente mulheres. Na visão delas, a internet cria conexões muito rapidamente, e por preocupações de segurança essas pessoas relutam a sair para encontrar alguém pessoalmente antes de sentir que o conhecem de fato. Muitos dos participantes dos nossos grupos focais relataram ter trocado mensagens com um parceiro em potencial durante semanas sem nunca marcar um encontro. Uma moça chamada Kim, de Nova York, nos mostrou uma conversa que teve com um rapaz no OkCupid e que abandonou porque ele a convidou para um café depois de vinte minutos e umas poucas mensagens.

Os dois haviam trocado algumas mensagens divertidas, e Kim comentou com o rapaz que conhecer pessoas virtualmente podia ser uma experiência esquisita. Ele respondeu: "Eu também prefiro te conhecer pessoalmente, porque, assim como você, acho esse negócio esquisito".

A mensagem deixou Kim incrivelmente ansiosa.

"Não tomo café", ela escreveu. Mas aí expressou sua real preocupação: "Na verdade, não sei se você não é um *serial killer*".

O rapaz respondeu rápido. "Também não sei se você não é uma, mas isso não deixa a coisa mais emocionante? Estou disposto a correr o risco, se você também estiver. Que tal um chocolate quente?"

Aparentemente, nada demais. Ela estava num site de relacionamento para conhecer pessoas e marcar encontros. Os dois iriam a um lugar público tomar um chocolate quente. O cara não tinha dito nada do tipo: "Que tal a gente se encontrar no contêiner atrás do Best Buy da Two Notch Road?".

Mas Kim não quis saber. Encerrou a conversa. "Sei lá. Quanto mais mensagens a gente troca, mais se sente à vontade com a pessoa. Ninguém quer entrar numa roubada. Se cada mensagem que chega te diz algo, você vai gostando mais da conversa, e as chances de dar certo aumentam."

Sem dúvida muitas mulheres compartilham da visão de Kim, e, com tantos babacas por aí que de fato assediam as moças, dá para entendê-las. Segundo Helen Fisher, porém, esse vaivém de mensagens não alivia as inquietações mais profundas de uma pessoa. Em última análise, conhecer pessoalmente o pretendente é o único jeito de saber se alguma coisa vai dar certo.

ARRASTANDO FOTOS:

TINDER E ALÉM

Um dos aspectos complicados de escrever um livro como este é que a gente não faz ideia de quais mudanças terão ocorrido no mundo quando ele estiver pronto, mas, no momento em que escrevo, nada está mais em alta do que aplicativos para celular como o Tinder.

Diferentemente da experiência trabalhosa a que se acostumaram os usuários de ferramentas tradicionais de relacionamento virtual, a operação dos aplicativos para celular dedicados a esse fim é muito mais simples e rápida. O Tinder é de longe o líder desse mercado e desencadeia uma onda de imitadores. Para nossos propósitos, vamos usá-lo como exemplo na descrição do fenômeno mais geral.

Abrir uma conta no Tinder é quase instantâneo. Você faz o download do aplicativo e entra usando sua conta de Facebook. Nada de formulários nem algoritmos. Uma vez conectado, o Tinder usa sua localização por GPS para encontrar outros usuários perto de você e começa a mostrar uma quantidade aparentemente interminável de fotos de potenciais parceiros. Você dá uma olhada numa foto e, se a pessoa te interessou, arrasta para a direita, colocando à esquerda aquelas que prefere descartar. É possível explorar mais os perfis e ver algumas informações bem básicas, mas o que o usuário faz, em geral, é olhar a foto de alguém e rapidinho arrastá-la para a direita ou para a esquerda, conforme tenha ou não se sentido atraído pela pessoa. Se você e outro usuário se interessaram um pelo outro, ou seja, se ambos arrastaram a respectiva foto para a direita, o Tinder informa aos dois que houve uma combinação e que podem iniciar uma troca de mensagens no ambiente privado do aplicativo para combinar um encontro, sexo casual, ou seja lá o que for. Em outubro de 2014, o aplicativo contabilizava 50 milhões de usuários, e a empresa dona do serviço estava avaliada em torno de 750 milhões a 1 bilhão de dólares.



O Tinder foi concebido em 2011 por Sean Rad e Justin Mateen, dois estudantes da Universidade do Sul da Califórnia (USC) que se propuseram a criar uma experiência de relacionamento virtual que não parecesse relacionamento virtual. Ao usar como modelo visual da interface um conjunto de cartas, Rad e Mateen pretendiam que o aplicativo lembrasse um jogo, com o qual o usuário poderia brincar sozinho ou com os amigos. Seria simples e de baixo risco, e, se bem jogado, talvez resultasse num encontro em questão de horas — o exato oposto da procura tensa e emocionalmente desgastante por uma alma gêmea. “Ninguém se torna usuário do Tinder por estar em busca de alguma coisa”, disse Rad à revista *Time*.[13] “Quem entra está a fim de diversão.” E, em se tratando de Sean Rad, ele provavelmente disse essa frase para a *Time*, pôs um par de óculos escuros descolados, subiu no skate e deu o fora.

Assim como aconteceu com o Facebook, o Tinder nasceu numa faculdade.

Mas, enquanto o primeiro começou a pegar entre estudantes das universidades de elite, o segundo mirava as famosas festas da USC e da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA).

Um parêntese: num sem-número de entrevistas, Mateen é apresentado como alguém que tinha experiência em organizar festas, o que soa risível como tópico de currículo.

"Você tem qualidades para assumir a função?"

"Sim, tenho bastante experiência na organização de festas. Garanto que sou capaz de *botar fogo na galera*."

Mateen queria criar o burburinho não pela propaganda tradicional, mas colocando o aplicativo na mão de gente com "influência social", que espalharia a novidade no boca a boca. Foi pessoalmente atrás de pessoas que não precisavam recorrer ao relacionamento virtual — modelos, irmandades e fraternidades universitárias, esse tipo de gente — e fez com que entrassem no Tinder. Mateen e a vice-presidente de marketing da empresa, Whitney Wolfe, bateram de porta em porta nas confrarias fechadas das faculdades, pregando o evangelho da pegação via smartphone. Depois do lançamento, em setembro de 2012 — celebrado com uma festa de arromba na USC —, o Tinder decolou e se alastrou como um incêndio descontrolado pelas universidades. Em algumas semanas, milhares de usuários tinham baixado o aplicativo, 90% dos quais entre dezoito e 24 anos.

Durante algum tempo, o Tinder foi tratado como a solução para um dilema antigo enfrentado pela indústria do relacionamento virtual: como fazer uma versão hétero do Grindr?

O Grindr foi um aplicativo revolucionário que tomou de assalto a comunidade gay masculina quando foi lançado, em 2009, atraindo mais de 1 milhão de usuários ao dia no decorrer de alguns anos. Precursor do Tinder, foi o primeiro grande espaço de relacionamento a funcionar primordialmente como um aplicativo móvel que usava a localização por GPS e um perfil básico com foto para combinar pessoas.

Certa vez, anos antes de ouvir falar do Tinder, eu estava com um amigo gay num restaurante japonês e fiquei passado quando, depois de acessar sua conta no Grindr, ele me mostrou no celular o perfil de um cara. "Aqui diz que ele está a quatro metros e meio da gente. Ai, caramba. Olha, ele tá bem ali", meu amigo falou, apontando para um sujeito no balcão.



Aquilo era muito impressionante, mas as empresas penaram para conseguir replicar a ideia no universo hétero. O senso comum dizia que mulheres heterossexuais jamais usariam um aplicativo do tipo Grindr, por razões que iam de preocupações com segurança à falta de interesse em sexo casual com estranhos. Os criadores do Grindr fizeram uma tentativa com outro aplicativo, chamado Blendr, mas ele não pegou.

Acontece que o Tinder introduziu uma característica-chave que não havia no Grindr — e, a propósito, nem no Blendr: o pré-requisito do mútuo interesse. No Tinder, só é possível interagir com outro usuário se os dois tiverem arrastado a foto do outro para a direita, sinalizando interesse.

Considerando nossas discussões até aqui sobre relacionamento virtual, o apelo da novidade parece bastante óbvio. Pensemos em Arpan. Ele não precisa mais esquentar a cabeça com aquela longa mensagem para depois acabar sendo preterido pela aparência. As únicas pessoas para quem pode enviar mensagens são aquelas que já demonstraram interesse. Do ponto de vista das mulheres,

nenhum cara vai ficar no pé da moça a não ser que ela própria tenha antes decidido arrastar a foto dele para a direita. As mulheres deixaram de ser assediadas por aquela infinidade de manés na base de usuários; passaram a se relacionar apenas com aqueles que escolhem. Essa novidade, por si só, foi suficiente para que, em outubro de 2013, a *New York Magazine* proclamasse que o Tinder tinha resolvido a questão do relacionamento virtual para as mulheres.[14]

O estresse de ficar vasculhando perfis, como acontecia com nosso amigo Derek, também já era. Tudo o que o usuário faz é ir passando as fotos. Como num jogo. Esse aspecto da experiência oferecida pelo Tinder é importantíssimo.

Até o fato de ser tão fácil aderir ao aplicativo é um grande diferencial. Me lembro bem de quando criei uma conta falsa no OkCupid, só para ver como era. Levava séculos. Eram tantas perguntas que, no fim, pedi para um assistente preencher o formulário para mim. Parecia lição de casa. Enquanto isso, pesquisei como funcionava o Tinder no banco de trás de um táxi e me cadastrei rapidinho com meus dados do Facebook. Segundos depois, estava usando e curtindo o aplicativo com um amigo. A cada foto de perfil, ele e eu debatíamos o que achávamos daquela pessoa em particular ou víamos se o perfil trazia mais fotos. Às vezes aparecia um usuário com amigos comuns, o que disparava uma conversa.

Não tinha como negar. Havia ali algo de bizarramente divertido que fazia o Tinder parecer um jogo. Quando o aplicativo começou a surgir nas discussões dos nossos grupos focais, as pessoas relatavam ter se cadastrado de farra, para olhar os perfis com a galera. Contaram que usar o aplicativo era, na verdade, uma diversão social, algo que simplesmente não tínhamos ouvido até então a respeito de outros sites de relacionamento.

Ao mesmo tempo, porém, a atitude em relação ao Tinder era estranha. Nas primeiras vezes que perguntamos aos entrevistados sobre o aplicativo, no final de 2013, ninguém dizia ter entrado em busca de encontros ou mesmo de sexo. A justificativa era a brincadeira. Aquilo era tratado como um passatempo de festa. Qualquer um ali que fosse um usuário a sério encarava o Tinder como um aplicativo para transar.

Vejamos algumas falas típicas de um grupo focal que realizamos em dezembro de 2013:

> *Oi, eu sou a Rena. Tenho 23 anos e baixei o Tinder faz, tipo, uns três meses, quando estava bêbada com uma amiga.*

> *Oi, meu nome é Jane. Tenho 24 anos e minha experiência com o Tinder é*

parecida: estava numa festa com os amigos e eles começaram a falar que aquilo era, tipo, um jogo, a maior diversão, vamos ver e tal. Então fiz o download. Só que aí comecei a ver que tinha gente demais que eu conhecia, e deletei.

Quem admitia ter usado o Tinder para valer se sentia meio constrangido com isso. “Se eu conhecer algum cara lá, não vai ser para casar”, disse uma moça. “É, o Tinder funciona mais para sexo casual”, acrescentou outra.

Perguntamos: e o que você faria se conhecesse pelo aplicativo alguém de quem acabasse gostando de verdade? Uma terceira moça disse que teria vergonha de contar que conheceu uma pessoa via Tinder, enquanto, se fosse por outro site, como o JDate, isso não seria um problema.

Mas, no final de 2014, a atitude em relação ao aplicativo já era drasticamente diferente, em especial nas cidades grandes, onde ele se tornou popular primeiro. Pessoas com quem falamos em Nova York e Los Angeles estavam usando o Tinder como “o” aplicativo para se relacionar. Não apenas como recurso para fazer sexo. Não apenas como um jogo. Mas para conhecer gente com quem pretendiam ter um relacionamento, porque era rápido, fácil e divertido. A mudança de percepção era notável.

Em outubro de 2014, pedimos aos participantes do fórum temático que contassem sobre suas experiências com o Tinder e outros aplicativos do gênero. Claro, ouvimos algumas histórias de pessoas usando o aplicativo para sexo casual no meio de uma bebedeira, mas também deparamos com muita coisa assim:

*Moro em Atlanta e, quando surgiu esse aplicativo, Dragon*Con, achei que seria a oportunidade perfeita para algumas histórias hilárias. Comecei a usar com minha melhor amiga, cada uma mandando para a outra amostras das mensagens esquisitas ou assustadoras que a gente recebia e de perfis que tínhamos encontrado. Aí o aplicativo passou a sugerir combinações com caras legais de verdade, com interesses em comum, e com quem eu tinha conversas bacanas, que me fizeram levar a coisa bem mais a sério…*

Na verdade, estou com um cara que conheci pelo Tinder, estamos namorando já faz um mês. Está dando certo, gosto bastante dele, e estamos bem felizes. Quando começamos a namorar, deletei o aplicativo.

Com base nos depoimentos, parece que muita gente que entra no Tinder para

dar umas risadas termina por encontrar algo mais significativo do que esperava. Um rapaz escreveu:

> *Na primeira vez que usei o Tinder a sério, acabei conhecendo minha atual namorada. Não estava particularmente atrás de compromisso ou algo assim, estava só meio que curtindo. É engraçado, porque sempre achei que não estava usando direito o aplicativo, já que nunca conseguia ficar com ninguém, e agora estou namorando essa garota. Não entrei mais desde que começamos a namorar, no começo do verão.*

Claramente o Tinder tem funcionado para as pessoas. Apenas dois anos depois do lançamento, a empresa informou que contabilizava, por dia, 2 bilhões de fotos sendo arrastadas, gerando 12 milhões de combinações entre usuários. E não só entre os universitários. A idade do usuário médio é de 27 anos, e o aplicativo rapidamente vai se tornando popular ao redor do mundo.[15]

Perto do final de 2014, o Tinder divulgou que esse usuário médio entrava no aplicativo onze vezes ao dia, permanecendo conectado por sete minutos a cada vez, o que dá mais de uma hora e quinze minutos diários. É uma quantidade de tempo incrível para se dedicar a qualquer atividade, e mais incrível ainda em se tratando de fuçar uma telinha minúscula.

O Tinder ganhou imitadores. O OkCupid desenvolveu o mesmo tipo de aplicativo para seus usuários. E tem ainda o Hinge, novo no mercado, que forma pares em potencial no estilo do Tinder, desde que haja amigos em comum no Facebook.

Aplicativos como o Tinder definitivamente parecem apontar para onde vai o relacionamento virtual. E o que é bizarro: eles também passaram a provocar um sentimento de encanto pelo que significa ser solteiro hoje. Nas nossas entrevistas, as pessoas na casa dos trinta ou quarenta anos vivendo um relacionamento lamentavam o fato de não ter podido passar pela experiência de ser solteiro na “era do Tinder”. O aplicativo representa a oportunidade de, a qualquer hora, conhecer gente bonita e se relacionar/ fazer sexo casual.

Isso corresponde à realidade? Em certo sentido, sim. É quase como se o Tinder fizesse mágica ao proporcionar que o usuário entre em contato rapidamente com possibilidades excitantes para sua vida amorosa. E pensar que faz só vinte anos que a gente pagava por um classificado na porra de um jornal!

Um jovem que entrevistamos nos contou que literalmente não conseguia sair

do aplicativo, de tão espantado que ficava com a enorme quantidade de moças solteiras de repente à sua disposição. “Fiquei literalmente viciado no negócio”, disse o rapaz. “Precisei deletar o aplicativo.” Uma moça recordou ter sido absorvida de tal forma pelo Tinder que, a caminho de um encontro, continuava passando os perfis na tela para ver se não havia outro cara mais atraente, caso o encontro fosse uma roubada.

Mas, como qualquer modinha nessa área, os aplicativos escondem suas armadilhas. A base de usuários não é composta exclusivamente de solteiros atraentes à procura de diversão; tem muita tranqueira também. Apesar do fator do mútuo interesse, no site Straight White Boys Texting é possível encontrar uma porção de exemplos de conversas extraídas do Tinder que são litros de chorume. E são incontáveis os casos de rapazes fisgados por moças desinteressantes ou, pior ainda, por perfis criados por robôs virtuais e prostitutas.

A maior crítica a esses aplicativos é que, como eles funcionam puramente na base da atração física, representariam um impulso à superficialidade entre os adeptos do relacionamento virtual. (“Tinder: o aplicativo de relacionamento mais superficial já inventado?”, perguntou o *Guardian*.)[16]

Acho que essa crítica é cínica. Muitas vezes, ao entrar numa festa ou num bar, a única coisa que a gente tem para julgar as pessoas é seu rosto, e é a partir disso que decide se vai criar coragem e chegar em alguém. Um aplicativo como o Tinder não é simplesmente uma GIGANTESCA festa cheia de rostos entre os quais você pode escolher e arrastar para a direita aqueles com quem quer conversar?

No caso da minha namorada, primeiro vi o rosto dela em algum lugar e a abordei. Não dispunha de um perfil aprofundado para vasculhar ou de um algoritmo sofisticado. Tudo o que tinha era aquele rosto. Começamos a conversar e nos curtimos. Será que essa experiência é tão diferente do que acontece no Tinder?

“Acho o Tinder sensacional”, diz Helen Fisher, a antropóloga que pesquisa relacionamentos. “O que o aplicativo faz não é nada mais que permitir que a pessoa dê uma olhada nas opções por perto. Aí é deixar que o cérebro humano, com seu brilhante algoritmo, trabalhe para levar cada um àquilo que procura.”

Nesse sentido, o Tinder não está tão distante do que nossos avós faziam, tampouco de como aquele meu amigo que buscava uma judia na vizinhança atuava. Num mundo de infinitas possibilidades, voltamos a circunscrever nossas opções às pessoas das redondezas por quem nos sentimos atraídos.

USANDO A TECNOLOGIA PARA CONQUISTAR A LIBERDADE NA VIDA AMOROSA

Para quem não vive num mundo de infinitas possibilidades, a tecnologia traz outra vantagem, sobre a qual eu nunca tinha pensado até entrevistar pessoas que vivem numa das culturas de relacionamento mais inusitadas do mundo: a do Catar.

A vantagem é a da privacidade. Os mundos secretos do celular e da internet oferecem certo grau de liberdade e de escolha em sociedades menos abertas.

Nem preciso dizer que o universo dos solteiros no Catar não se parece com nada que vimos em outros lugares. Quem é de família religiosa ou tradicional fica literalmente proibido de se relacionar sem compromisso. Flertar em espaços públicos é encrenca séria para um jovem e especialmente perigoso para as moças. É esperado que elas permaneçam castas até o casamento e, se forem flagradas paquerando um rapaz, atraem sobre si e seus pais uma terrível desonra.

Um guia on-line adverte: “Nada de demonstrações públicas de afeto: abraçar, beijar e, em certos lugares, nem mesmo andar de mãos dadas… Pode acabar em cadeia”.[17]

Uma anedota sinistra sobre prisões do tipo:

“E aí, cara, como é que você veio parar aqui?”

“Peguei cinco anos por causa de mãozinha dada no parque. E você?”

“Perpétua… por uns beijos.”

Uma vez que namorar sem compromisso é proibido, as famílias — principalmente as mães — escolhem os casais no Catar. Os casamentos são arranjados, e os incentivos oferecidos para que nossas entrevistadas juntem os trapos lembravam bizarramente aqueles mencionados pelas senhoras americanas com quem conversamos nas casas de repouso.

Uma jovem de 27 anos chamada Kelly nos disse: “A coisa mais importante que vocês precisam entender sobre os casamentos aqui é que as partes que assinam o contrato raramente são o rapaz e a moça que vão se casar. São as famílias; é a coletividade”.

“Tem uma espécie de temporada de formação de casais”, Kelly nos contou, “e são as mães que fazem a primeira triagem. As mães dos rapazes vão de casa em casa. Buscam moças que sejam adequadas em termos de histórico familiar e educação. Buscam algo chamado *naseeb*, o casamento que está destinado a sua família.”

“Outra coisa que é preciso ter em mente, quanto aos casamentos”, continuou

Kelly, “é que para as moças é interessante se casar, porque o que elas querem é sair de casa e ganhar sua liberdade.” Uma amiga de Kelly, Leila, advogada de 26 anos que também participou do bate-papo por vídeo, concordou com a cabeça. “Logo que voltei para Doha, depois de me formar na faculdade, fui ver a Kelly na casa dela. Minha mãe telefonou e disse: ‘Já são quase nove horas; você tem que vir para casa’. Era só sair e me ligavam para saber onde eu estava e perguntar quando eu ia voltar.” Ela continuou: “Se saísse para fazer compras, diziam: ‘Não. Temos a empregada para isso!’. Se estava com uma amiga, chamavam: ‘Venha para casa!’. Simplesmente não queriam que eu ficasse na rua”.

Depois de formada, Leila não conseguia suportar esse nível de vigilância dos pais. “Não queria ficar o tempo inteiro em casa com a minha família”, explicou. “Queria ter minha liberdade de volta. Mas moças de famílias tradicionais não podem morar sozinhas no Catar. Só há duas maneiras de sair de casa: casar ou morrer.”

Casar ou morrer tentando seria um ótimo título para o disco de estreia dela como cantora de rap, comentei com a Leila.

Por fim, ela decidiu pelo casamento. Disse para a mãe que estava pronta para ter um marido, e rapidamente a família encontrou um rapaz apropriado. Os dois conversaram por telefone e fizeram algumas visitas um à casa do outro, mas sem direito a nem sequer um minuto sozinhos. Leila estava nervosa. Mas teve a impressão de que “ele me amava de verdade”. E o mais importante: “Estava me oferecendo a oportunidade de começar uma vida própria”.

Infelizmente, a nova vida que o rapaz lhe ofereceu não era muito melhor. O marido de Leila era tão controlador quanto seus pais. Ficava irritado quando ela ia a algum lugar sem avisá-lo. Leila imaginava se tornar uma esposa moderna e independente, mas seu marido queria algo mais tradicional. Nem ela nem ele estavam felizes com a situação, e um dia o marido chegou em casa e anunciou que queria o divórcio. “A decisão não foi minha”, contou Leila. “E não foi fácil. Meus pais ficaram enrolando — não me deixavam assinar os papéis, porque tinham colocado na cabeça que talvez a gente se reconciliasse. Fui obrigada a voltar para a casa deles. De novo me submeter ao toque de recolher, em torno das onze horas, dependendo do humor da minha mãe. Tinha sempre que dizer aonde ia. Me telefonavam o tempo todo.”

Leila acabou num limbo. Seu marido não a queria. Seus pais não a ajudavam a encontrar outro rapaz porque não queriam que ela se divorciasse. “Aí o que fiz, na verdade, foi esperar que minha família saísse da cidade, um dia, para ir ao

cartório e assinar o divórcio sem eles saberem", ela explicou. "Ficaram furiosos e me botaram de castigo. Passei meses presa em casa. Agora meu ex-marido vai casar de novo, e meus pais parecem dispostos a virar essa página."

De castigo? Para vocês terem uma ideia, não sou colocado de castigo pelos meus pais desde que minha cama era um carro de corrida vermelho berrante. Não consigo nem imaginar ser controlado com essa rigidez. Faria qualquer coisa para me livrar da situação — e os cataris também.

As histórias das mulheres cataris que se sentiam presas à casa dos pais e privadas das liberdades adultas mais básicas soavam surpreendentemente parecidas com aquelas que tínhamos ouvido das senhoras que entrevistamos na casa de repouso de Nova York. E, assim como para as americanas, para as cataris o casamento oferecia uma saída. Mas as moças que vivem no Catar hoje têm uma alternativa para sentir o gostinho da liberdade: as tecnologias digitais.

Com a disseminação dos smartphones, das redes sociais e da internet, jovens cataris estão usando a tecnologia para driblar as normas repressivas. Por exemplo: como socializar com o sexo oposto em público não é permitido, usam a internet para organizar festinhas privativas em quartos de hotel. Uma das moças que conhecemos nos contou que os hotéis são bem importantes na cultura catari, pois é ali que se encontram bares e restaurantes, e atualmente não é raro receber mensagens coletivas que avisam um grupo de conhecidos sobre um encontro em determinado quarto. Uma vez no lobby do hotel, as moças usam o anonimato que a burca lhes proporciona para circular sem ser reconhecidas e ir aonde tiverem de ir. Ao misturar uma coisa antiga, a burca, com outra nova, a internet, a juventude catari criou um jeito próprio de se relacionar.

Os cataris não têm acesso a todos os benefícios da internet. Os sites de relacionamento virtual ainda não decolaram no país. O Instagram começa a se disseminar, mas a cultura do país desaprova fotos de tudo que seja pessoal, então o que as pessoas fazem é clicar e compartilhar coisas interessantes com que deparam em espaços públicos. "Sempre fomos uma sociedade com fobia de fotografia", disse um dos cataris que entrevistamos. "As pessoas não querem nenhum registro de si mesmas em público. Especialmente quando saem para ir a festas ou ao shopping. As famílias podem ficar bem chateadas." Tirar fotos do tipo seria potencialmente escandaloso.

Aí surgiu o Snapchat. O aplicativo funciona sob a promessa de que uma imagem enviada desaparecerá dos telefones dos usuários em poucos segundos. Ele tem permitido aos jovens solteiros do Catar assumir riscos que seriam impensáveis fora da privacidade de seu mundo celular.

“O pessoal envia todo tipo de foto, das explícitas às informais”, explicou uma das moças entrevistadas. “A tecnologia está tornando as pessoas mais ousadas. Oferece um jeito de elas se conectarem.” De vez em quando, claro, as coisas dão errado. Infelizmente, “os caras às vezes pegam fotos das garotas [por captura de tela] que as desonrariam e usam isso para chantageá-las”. Mas, no geral, afirmam os jovens que conhecemos, as redes sociais têm proporcionado novas formas de se encontrar e se expressar a quem vive no Catar e nos Emirados Árabes.

Nos Emirados, e basicamente em todos os outros lugares, as redes sociais e a internet estão introduzindo todo tipo de novas alternativas para a vida social e amorosa. E ter mais opções, ao mesmo tempo que empolga e provoca euforia, não torna a vida necessariamente mais fácil.

---

* Como essa é uma foto de banco de imagens, a lei me obriga a informar que, embora tenha dito que imagino que meu stalker seria assim, esse cara aí não é um criminoso. É só um indiano que às vezes tira uns trocados posando com um laptop para fotos de bancos de imagens.

** Essa mesma busca é muito popular no site Aryanhousehunters.com, voltado a antissemitas procurando por um imóvel.

*** “Judia 90046” também é o nome do cyborg exterminador menos intimidante de todos os tempos.

**** NOTA: Os números aqui superam os 100% porque muitas pessoas relataram ter conhecido seus parceiros por mais de uma dessas formas — por exemplo, através de familiares que também eram colegas de escola ou por meio de colegas de faculdade em um bar.

CAPÍTULO 4

ESCOLHA E OPÇÕES

O casamento dos meus pais foi arranjado. Isso sempre me fascinou. Sou um eterno indeciso até nas questões mais banais e não consigo nem imaginar ter de deixar uma escolha tão importante como essa nas mãos de outras pessoas. Pedi ao meu pai que me contasse sua experiência.

O processo, no caso dele, foi o seguinte.

Meu pai disse aos pais dele que estava pronto para se casar, então a família organizou encontros com três famílias da vizinhança. A primeira moça, contou meu pai, era "um pouquinho alta demais", enquanto a segunda era "um pouquinho baixa demais". Aí ele conheceu minha mãe. Depois de rapidamente chegar à conclusão de que ela tinha a altura adequada (finalmente!), conversou meia hora com ela. Os dois resolveram que daria certo. Uma semana mais tarde, estavam casados.

E continuam casados, 35 anos depois. Um casamento feliz — e provavelmente mais feliz do que o da maior parte das pessoas brancas mais velhas que conheço e não tiveram casamentos arranjados.

Foi assim, portanto, que meu pai decidiu com quem passaria o resto da vida. Conhecendo algumas poucas garotas, analisando sua altura e decidindo por uma delas após meia hora de conversa.

Mais ou menos como se tivesse participado de um programa de namoro na TV e saído de lá casado.

Agora vamos dar uma olhada no meu jeito de fazer as coisas, tomando como exemplo uma decisão um pouquinho menos importante. Como aquela vez em que eu precisava escolher onde jantar quando minha turnê passou por Seattle, na primavera de 2014.

Primeiro mandei uma mensagem para quatro amigos que viajam bastante,

costumam comer fora e em cuja opinião gastronômica confio. Enquanto esperava pelas sugestões deles, dei uma conferida na seção Heat Map do site Eater, que lista bons restaurantes novos da cidade. Também verifiquei uma lista do site com os 38 endereços gastronômicos imperdíveis de Seattle. Aí passei os olhos nas resenhas do Yelp para ver quais lugares eram consenso por ali. Também conferi um guia on-line da cidade na revista *GQ*. Depois de consultar todas essas recomendações, cheguei a uma lista seleta e dei uma olhada no cardápio no site de cada restaurante.

Nesse ponto, fiz a triagem pelos que pareciam mais apetitosos e menos distantes de onde eu estava, e pelo que minha barriga dizia que estava a fim de comer.

Finalmente, após extensa deliberação, escolhi um lugar: Il Corvo. Um delicioso restaurante italiano que parecia incrível. Massa feita na hora. Tinha apenas três opções de pratos por dia. Fiquei animadão.

Infelizmente estava fechado. Só abria para o almoço.

A essa altura eu já não tinha mais tempo para nada, pois uma apresentação me aguardava, e meu jantar acabou sendo um sanduíche de banana com manteiga de amendoim que preparei no ônibus da turnê.*

Costumo ser assim rigoroso quando tomo decisões. Seja quanto ao que vou comer, ao destino de uma viagem ou ainda a algo que quero comprar: me sinto compelido a pesquisar muito para ter certeza de que estou fazendo *a melhor* escolha.

Em alguns momentos, porém, essa mentalidade de que “preciso escolher o melhor” pode ser desanimadora. Queria poder simplesmente comer num restaurante que pareça legal e ficar feliz com minha escolha. Mas não consigo. O problema é que sei que a refeição perfeita espera por mim em algum lugar, e tenho de fazer a pesquisa necessária para encontrá-la.

Essa é a questão com a internet: o que ela faz não é simplesmente ajudar a encontrar a melhor coisa: ela ajudou a criar a noção de que *existe* essa melhor coisa e que, se a gente procurar bem, pode encontrá-la. E que, por sua vez, tem um monte de outras coisas de qualidade inferior por aí, que só os trouxas escolhem.

Consigo pensar numa lista de coisas que gastei pelo menos de cinco a dez minutos pesquisando. Vejamos:

- Espremedor de fruta elétrico. (Estou esperando o pacote chegar pelo

correio. Espero não ter feito merda. Não quero meu suco com bagaço demais!)

- Animais empalhados. (Comecei procurando por um cervo ou um urso, mas acabei achando um lindo pinguim em Paris. O nome dele é Winston.)
- Próxima série famosa para ver de uma vez só. (*The Americans*, *House of Cards* ou *Orphan Black*? Resposta: vi todas enquanto meu editor pensava que eu estava escrevendo este livro.)
- Mochila para carregar o laptop.
- Capa de proteção para o laptop.
- Programa que bloqueia o sinal de internet para parar de usar tanto o laptop.
- Museus. (Preciso dar uma olhada nas exposições em cartaz antes de pegar o carro e ir a um deles, certo?)
- Descansos de copo. (Se procurar bem, a gente encontra até com estampa de dinossauro!)
- Sorvete de baunilha. (Precisava superar a fase do Breyers, e tem *muita* discussão rolando na comunidade de loucos por sorvete — e que debates acalorados naqueles fóruns!)

Mas não sou só eu. Às vezes levo a coisa a extremos, mas vivemos numa cultura que nos diz que merecemos o melhor, e agora dispomos de tecnologia para chegar lá. Pensem na absurda popularidade dos sites dedicados a essa busca pelo melhor. O Yelp para restaurantes. O TripAdvisor para viagens. O Rotten Tomatoes e o Metacritic para filmes.

Algumas décadas atrás, se eu quisesse saber mais sobre sorvete de baunilha, o que eu faria? Chegaria disfarçadamente nuns gordinhos e, aos poucos, levaria a conversa para o tema sorveteria até descobrir a opinião deles? Não, obrigado.

Hoje, a internet é meu amigo gordinho. É o amigo gordinho do mundo inteiro.

O “MELHOR” PARCEIRO?

Se tal mentalidade passou a permear nossas decisões a esse ponto, parece lógico que também esteja afetando nossa busca por um parceiro, especialmente se procuramos um relacionamento de longo prazo. Em certo sentido, já afetou. Lembrem-se: não somos mais a geração do “dá para o gasto”. Agora o que procuramos é nossa “alma gêmea”. E, mesmo depois de encontrá-la, é só começar a se sentir infeliz que a gente se separa.

Se você está procurando sua alma gêmea, este é o melhor momento para isso. Pense na extensa infraestrutura social de bares, baladas e restaurantes nas cidades. Some a isso a gigantesca indústria do relacionamento virtual. Aí acrescente o fato de que hoje, mais do que nunca, as pessoas se casam tarde, tendo vivido entre os vinte e os trinta anos como "jovens adultos", uma fase basicamente dedicada a explorar opções amorosas e ter experiências que as gerações anteriores sequer podiam imaginar.

Faculdade, encontrar uma carreira, mudar da cidade e até para outras partes do mundo — quando jovens adultos, estamos constantemente sendo apresentados a novos e excitantes universos românticos.

Mesmo os avanços dos últimos poucos anos são bem absurdos. A gente pode estar esperando na fila para comprar pão e, enquanto isso, dar uma passada por sessenta rostos no Tinder. Isso é vinte vezes mais opções do que meu pai teve em sua jornada até o casamento.

Quando a gente pensa em tudo isso, é obrigado a reconhecer algo profundo na situação atual: ao longo da história da nossa espécie, jamais um grupo de seres humanos teve tantas opções na vida amorosa quanto hoje.

Ora, em tese, isso deveria ser uma coisa sensacional. Quanto mais escolha, melhor, certo?

Bom. Não é tão simples assim.

Barry Schwartz é um professor de psicologia do Swarthmore College que passou boa parte de sua carreira estudando os surpreendentes problemas derivados de ter opções em abundância.

Sua pesquisa, assim como uma porção considerável dos estudos de outros cientistas sociais, mostra que, diante de mais alternativas, ficamos menos satisfeitos e às vezes temos dificuldade para fazer uma escolha.

Quando me lembrei daquele triste sanduíche de banana com manteiga de amendoim que acabei jantando em Seattle, o raciocínio fez sentido para mim.

As ideias de Schwartz se tornaram populares com a publicação de seu livro *O paradoxo da escolha*. Mas por décadas as pessoas presumiam o contrário: que quanto mais opções tivéssemos, maior seria a chance de atingir o grau máximo de felicidade.

Nos anos 50, Herbert Simon abriu o caminho para sucessores como Schwartz ao mostrar que, na maioria das vezes, não há todo esse interesse pela melhor opção possível. Em geral, argumentou Simon, pessoas e organizações não têm tempo, conhecimento e pendor para buscar "o melhor" e, surpreendentemente, se

contentam com algo inferior. Obter o máximo é complicado demais, então acabamos sendo “satisfazedores”. Podemos até fantasiar que teremos a melhor opção de algo, mas normalmente ficamos felizes com uma versão que “dá para o gasto” daquilo.

De acordo com Simon, em contextos diferentes as pessoas podem ser maximizadoras ou “satisfazedoras”. Por exemplo, se a decisão é sobre tacos, sou do tipo maximizador. Faço uma pesquisa rigorosa para ter certeza de que vou comer o melhor taco que conseguir encontrar, pois vejo enormes diferenças entre uma e outra experiência de consumir tacos. O “satisfazedor” simplesmente vai à primeira barraca decente que vir e está resolvido. Odeio sair para comer tacos com essa gente. Bom proveito com os tacos horrorosos de vocês, panacas.

Se o negócio é abastecer o carro, porém, sou mais um “satisfazedor”. Entro no posto mais próximo, escolho a porcaria da gasolina mais barata que tiver para encher o tanque e caio logo fora daquela merda. Parece bem cruel o que faço com meu carro, mas realmente estou pouco me lixando e não vejo diferença nenhuma de desempenho conforme a qualidade do combustível. Desculpa aí, carrinho.

Mas entendo que existam apaixonados por carro que acham que meus hábitos de abastecimento são tão medonhos quanto eu acho que são os hábitos de consumir tacos deles. Sobre isso, só digo o seguinte: parem de se preocupar tanto com gasolina, seus idiotas! Gastem esse dinheiro em tacos gostosos, como qualquer pessoa bacana e normal.

O que Schwartz sugere, no entanto, é que as mudanças culturais, econômicas e tecnológicas desde a época em que Simon publicou suas ideias alteraram também o contexto no qual fazemos escolhas. Por conta dos smartphones e da internet, nossas opções não se limitam mais ao que está disponível na loja física em que entramos. Escolhemos produtos de *todas* as lojas, em qualquer lugar. A chance de agir como maximizadores é de longe maior do que algumas décadas atrás. E esse novo contexto está mudando quem somos e como vivemos.

Reparei nisso ao me observar comprando enfeites de Natal. Por que eu seria algo além de um “satisfazedor” nesse caso? É tudo muito igual. Bolas coloridas, luzes *etc.* Ora, experimentem fazer uma pesquisa na internet e vocês vão encontrar enfeites incríveis. Um modelo inspirado no DeLorean de *De volta para o futuro*, outro de dinossauro (!), um terceiro com um cara engraçado numa moto. Comprei todos!

Enfeites desse tipo nem sequer passariam pela minha cabeça se a internet não me permitisse ver todas essas opções. Agora meu padrão de exigência para

enfeites de Natal subiu, e quero os melhores. Infelizmente, por causa de atrasos nas entregas, a maior parte deles chegou no final de janeiro, mas em fevereiro minha árvore ficou demais.

Tirando gasolina, é quase impossível para mim pensar em algo em que eu não invista meu tempo procurando o que há de melhor. Sou um maximizador em praticamente tudo. Água mineral? Nada feito se não pesquisar. A gente compra uma dessas marcas genéricas e acaba com uma garrafa cheia de água da torneira. Batatinhas. Ruffles? Não, obrigado. Me dá essa Kettle Chips sabor suave de cebola. Velas aromáticas? Se vocês soubessem como as aqui de casa cheiram bem…

É tão fácil encontrar e comprar o melhor. Então, por que não?

O que acontece com quem procura e encontra o que há de melhor? Bom, de novo más notícias. Schwartz, juntamente com dois professores de administração e negócios, realizou um estudo com formandos que se preparavam para entrar no mercado de trabalho.[1] Durante seis meses, os pesquisadores acompanharam esses estudantes enquanto se candidatavam a novos empregos e começavam a trabalhar. Então os classificaram em maximizadores (aqueles formandos que procuravam o melhor emprego) ou “satisfazedores” (os que estavam atrás de uma vaga que contemplasse requisitos mínimos e “desse para o gasto”).

Vejamos o que se descobriu: na média, os maximizadores dedicaram muito mais tempo e esforço na procura por emprego. Pesquisaram mais, pediram conselhos a mais amigos e fizeram mais entrevistas. Como resultado, foram os que obtiveram as melhores vagas. Conseguiram um salário inicial em média 20% maior do que os “satisfazedores”.

Mas Schwartz e seus colegas então perguntaram a todos os participantes do estudo sobre sua satisfação com o novo trabalho. O resultado foi surpreendente. Ainda que os formandos mais exigentes na busca tivessem empregos melhores, sob todos os critérios psicológicos não se sentiam tão bem empregados quanto os outros. No geral, estavam menos satisfeitos e sequer tinham muita certeza de que sua escolha havia sido a mais acertada. Em contraste, os “satisfazedores” via de regra falavam mais positivamente do novo emprego, do processo para encontrá-lo e da vida em geral.

Os “satisfazedores” ganhavam menos, mas por alguma razão se sentiam melhor quanto à vida profissional.

Não se pode dizer que essa seja uma situação típica, então perguntei a Schwartz se talvez o cenário apontado pela pesquisa não implicaria algo único.

Não implicava.

Schwartz é uma enciclopédia da pesquisa das questões de escolha. Se me pedissem uma frase para ser colocada na quarta capa do livro dele, eu diria: “Esse filho da mãe sabe tudo de escolhas”.

Segundo ele, os maximizadores da pesquisa fizeram o que maximizadores fazem de modo geral: em vez de comparar vagas reais e seus vários prós e contras, selecionam características de cada uma das possibilidades, criando um “emprego fantasia”, um ideal a que ninguém, provavelmente, vai conseguir chegar.

O satisfazedor está lá, no seu emprego mais ou menos, comendo tacos meia-boca e pensando que mais tarde vai pendurar seus enfeites natalinos genéricos. Mas se sente completamente feliz com tudo.

Enquanto isso, acabo de descobrir que o lugar para comer tacos que pesquisei durante horas fecha aos domingos e que, embora neste ano tenha meus enfeites muito loucos de Natal, estou encanado porque talvez existam outros melhores por aí que ainda não descobri, e vou passar as festas na internet, em vez de curtir minha família.

O PARADOXO DA ESCOLHA NOS RELACIONAMENTOS

As implicações dessas ideias, quando aplicadas aos relacionamentos modernos, são levemente aterrorizantes.

Se somos a geração com a mais vasta gama de opções, o que acontece com nosso processo de decisão? Pela lógica de Schwartz, provavelmente estamos em busca do melhor: nossa alma gêmea. É possível encontrá-la? “Quantas pessoas você precisa conhecer até saber que a encontrou?”, pergunta Schwartz. “A resposta é: todas. De que outro jeito saber qual é a melhor? Essa procura é a receita para a infelicidade completa.”

Infelicidade completa!

Quem mora numa cidade grande ou usa um site de relacionamento vai se ver lotado de opções. Ao deparar com todas elas, a exemplo dos universitários que procuravam emprego, não estaríamos comparando parceiros com uma pessoa idealizada para a qual não pode haver ninguém à altura, em vez de fazer a comparação com outros parceiros em potencial?

E, se você não estiver procurando sua alma gêmea ainda e quer apenas

encontrar alguém para namorar? Em que medida um maior número de opções afeta nossa capacidade de assumir compromissos? Para falar a verdade, até mesmo escolher onde almoçar em Seattle foi bem difícil.

Se nós, como os universitários da pesquisa, estamos criando uma "pessoa fantasia", dotada de todas as qualidades que desejamos, não será porque a internet e todos os demais ambientes de relacionamento nos dão a ilusão de que tal pessoa existe de verdade? Por que nos contentar com algo inferior?

Quando levantamos essas questões nos grupos focais, os participantes reagiram imediatamente. Na cidade teoricamente campeã de opções, Nova York, o pessoal discutiu o quanto é complicado decidir, pois cada esquina para a qual se olha revela outras oportunidades em potencial.

Eu mesmo já senti isso. Passei a maior parte dos últimos anos entre Nova York e Los Angeles. Logo no início do relacionamento com minha atual namorada, quando estava em Nova York e via pessoas por todo lado, eu pensava: *Porra, eu precisava* mesmo *ter abandonado o mundo dos solteiros? Tem tanta gente!* Aí voltava para LA, onde, em vez de andar por ruas e estações de metrô cheias de potenciais opções, circulava sozinho no meu carrinho com tanque cheio da pior gasolina, ouvindo algum podcast sem graça. Mal podia esperar para chegar em casa e abraçar minha namorada.

Mas a abundância de opções não está limitada a quem mora em Nova York. Como comentou comigo o professor Schwartz: "Onde as pessoas conheciam as alternativas de relacionamento há trinta anos? No local de trabalho. Quantas havia? Duas ou três, talvez, que a gente achava atraentes e que tinham a idade certa, ou alguém que um amigo conhecia do trabalho dele e com quem nos arranjava um encontro. Então o conjunto de possibilidades na vida amorosa a que a pessoa tinha acesso era, na verdade, bem pequeno.

"E isso, me parece, era como ter de se alimentar num ambiente onde a comida fosse relativamente escassa. Você acha alguém que parece interessante. E o que você faz é cultivar a relação com essa pessoa o máximo possível, pois depois dela pode vir uma longa seca. Era assim que as coisas costumavam ser. Mas hoje, em princípio, você tem o mundo à disposição".

Temos o mundo à nossa disposição, e o problema pode estar aí.

A professora Sheena Iyengar, de Columbia, com quem nos encontramos, é coautora com Barry Schwartz da pesquisa com os universitários em busca de emprego, e ela também conhece profundamente essa questão das escolhas. A partir de uma série de experimentos, Iyengar demonstrou que o excesso de

opções pode levar à indecisão ou à paralisia. Em um de seus estudos mais influentes, ela e outro pesquisador montaram uma mesa num empório de luxo para oferecer aos clientes uma degustação de geleias.[2] Ora a oferta era de seis sabores diferentes, ora passava a ser de 24. Quando os pesquisadores ofereciam o número maior de geleias, a probabilidade de que as pessoas parassem para degustar aumentava. Mas, incrivelmente, era muito menos provável que *comprassem*, de fato, alguma coisa. Quem parava para degustar a oferta menor de amostras se mostrava quase *dez vezes* mais propenso a comprar geleia do que quem provava 24 variedades do produto.

Vocês não percebem o que está acontecendo com a gente? Simplesmente tem geleia demais por aí. Se a pessoa sai com uma delas, não consegue nem manter o foco, pois é só ir ao banheiro que outras três geleias já estão mandando mensagem. Entra na internet e tem mais geleias ali. Coloca filtros para encontrar a geleia perfeita. Tem aplicativos para iPhone que literalmente avisam se alguma geleia nas redondezas está querendo ser comida naquele exato momento!

OPÇÕES LIMITADAS:

VISITAS A WICHITA E MONROE

Será que nos obrigarmos a escolher a partir de um número menor de opções, como faziam as gerações mais velhas, nos tornaria realmente mais felizes? Devemos todos seguir o exemplo do meu pai: encontrar alguém com a altura ideal e fim de papo? Decidi sair de Nova York e explorar alguns lugares onde as opções são limitadas. Meus dois destinos: Monroe, no estado de Nova York, e Wichita, no Kansas.

Monroe fica a pouco menos de cem quilômetros da cidade de Nova York. Lá vivem aproximadamente 8 mil pessoas. É uma pequena comunidade em que a maioria das pessoas se conhece. Não tem nada além de centros comerciais e mercadinhos daquelas redes menos conhecidas que a gente nunca encontra em outro lugar.

Clicando no link Atrações da página da cidade no TripAdvisor, aparece uma mensagem que diz: “Desculpe, você deve ter clicado aqui por engano. Impossível alguém estar planejando viajar a Monroe para ver suas Atrações. Tenho um palpite de por que você quer ir a Monroe, NY. Vou direcioná-lo a um site de prevenção de suicídios”.

Basicamente, não rola muita coisa em Monroe.

Wichita é muito, muito maior. Sua população é de mais ou menos 385 mil habitantes. Uma pesquisa rápida no Google mostra que é uma das piores cidades do país para se relacionar. Certo, nenhum desses levantamentos tem qualquer valor científico, mas os critérios que levam as cidades a figurar em rankings assim fazem sentido. Há baixa porcentagem de solteiros e um número absurdamente pequeno de lugares onde eles podem se reunir, como bares e cafés. Wichita é bastante isolada e não há muito movimento de moradores das cidades próximas.

Uma coisa a ser observada sobre pessoas que vivem em lugares com opções limitadas é que elas costumam se casar jovens. Enquanto em cidades como Nova York e Los Angeles a média de idade no primeiro casamento gira em torno de trinta anos, em cidades menores e estados menos populosos as mulheres se casam com 23 (Utah), 24 (Idaho e Wyoming) ou 25 anos (um monte de estados, incluindo Arkansas, Oklahoma, Alasca e Kansas). Os homens, nesses mesmos lugares, tendem a assumir compromisso apenas um ou dois anos mais tarde.

A falta de opções estaria obrigando as pessoas a se comprometer em um relacionamento sério mais cedo? Talvez, mas isso também nem sempre funciona. Em décadas recentes, as taxas de divórcio em cidades pequenas e áreas rurais

dispararam, alcançando os níveis encontrados comumente em grandes cidades.[3] Entre as pessoas que conheci em Wichita, foram muitas as que me disseram que amigos seus tinham se casado antes dos 25 anos e se separado em pouco tempo. Heather, por exemplo, mesmo com apenas 24 anos, tinha histórias de “um monte de colegas da irmandade que se casaram e se divorciaram em um ano”. Um ano. Caramba.

Tomara que não seja esse o destino da minha relação com o espremedor que acabei de comprar depois de pesquisa tão cuidadosa.

Antes das nossas entrevistas, eu tinha uma visão romântica do relacionamento em cidades com poucas opções. Imaginava uma comunidade menor e mais feliz, onde as pessoas se conheciam de verdade e, em vez de ficarem pulando de galho em galho à procura do melhor partido, simplesmente iam todas para a balada local e se divertiam.

Imaginei que todo cara tinha uma paixonite pela vizinha. Eles cresciam juntos. Iam se conhecendo a vida inteira e mantinham laços profundos. Aí, um dia, começavam a transar e casavam. Nada aqui tem fundamento algum, mas parece correto, não?

Só que conversar com tantas solteiras em Monroe e Wichita rapidamente destruiu minha fantasia de que as coisas eram mais simples ou mais tranquilas em cidades pequenas. Essas pessoas geralmente odeiam a falta de opções e os problemas derivados disso.

Apesar da diferença de tamanho entre as duas cidades, as questões relativas a relacionamento coincidiam bastante em Monroe e Wichita. Em ambas, todos os nossos entrevistados solteiros se sentiam pressionados a juntar os trapos. Se estivessem chegando aos trinta sem casar, eram tratados como párias. O estigma de ainda não ter se casado nessa idade jamais foi mencionado em nenhum dos grupos focais que realizamos em cidades maiores.

Um problema sério é que todo mundo conhece muito bem todas as opções disponíveis. Josh, de 22 anos, contou que suas opções para sair se limitam a uma galera que ele e os amigos conhecem desde o colégio. “Se vejo num bar uma mulher que não conheço, consigo descobrir quem é só perguntando aqui e ali, em menos de um minuto”, explicou o rapaz. “A vida inteira da pessoa, quem ela namorou. Tudo, basicamente.”

E, pelo que conversamos com esse pessoal, parece que, quando alguém já não é conhecido na área, ficar sabendo “tudo” da pessoa não significa: “Ah, ele é o máximo. Brilhante, divertido, sem passado complicado. Estranho você não conhecer ele ainda!”. Não, provavelmente é algo do tipo: “Ah, aquele ali? Rouba pneus para vender no eBay e comprar Doritos”.

Em Wichita conheci Miguel, que tinha se mudado de Chicago. O rapaz lamentava o fato de que agora não conhecia mais gente nova. Em Chicago, topava com todo tipo de gente: amigos dos amigos, colegas de trabalho e amigos deles, estranhos com quem conversava em bares, cafés e mesmo no transporte público. Em Wichita, porém, Miguel basicamente via as poucas pessoas com quem trabalhava e, à noite, encontrava o mesmo grupo de amigos.

Essa mentalidade de panelinha apareceu nas conversas com as pessoas das duas cidades. Um cara de Wichita descreveu a coisa como as gangues de *Os selvagens da noite*. As pessoas têm sua turminha e raramente se arriscam fora dela para conhecer gente diferente. Isso faz com que muitos namorem dentro de seus pequenos grupos e, depois de terem saído com todas as opções, fiquem numa situação complicada. Encontrar pessoas novas não é fácil quando não chega ninguém novo na cidade.

Às vezes alguém acha que encontrou uma pessoa nova, mas logo descobre que está mais ligada a ela do que imaginava. Tanto em Monroe como em Wichita, ouvimos histórias de gente que conheceu uma pessoa "nova", mas, indo ao Facebook, viu que tinham 48 amigos em comum.

Uma garota chamada Heather me contou que, certa vez, topou com um cara sensacional que nunca vira antes e ficou animada de verdade com as possibilidades, até descobrir que ele já tinha ido para a cama com alguém que ela detestava. Isso azedou a coisa toda.

Quem era a outra garota? Gwyneth Paltrow.

Na verdade não era ela, mas vocês entenderam?

Pouco tempo depois, um cara chamado Greg comentou de um caso que tivera com uma mulher: saíram juntos e, a certa altura do encontro, cada um começou a falar como tinha perdido a virgindade. O rapaz logo se deu conta de que a primeira vez dela havia sido com um amigo próximo e colega de trabalho dele.

Quem era? O.J. Simpson.

Na verdade não era, mas de novo: vocês entenderam? É muito esquisito isso! Ir para a cama com alguém que perdeu a virgindade com o O.J. Simpson?! BIZARRO!

"O negócio é meio que uma zona", afirmou Michelle, uma moça de 26 anos de Monroe. "Todo mundo já dormiu como todo mundo."

E, ainda, quando se está saindo com pessoas de um universo tão limitado de opções, surgem questões sobre as quais eu nunca havia pensado.

Primeiro: num encontro, a pessoa vai esbarrar com todo mundo que conhece, então o que os solteiros fazem é sair um pouco da área em busca de privacidade.

“Fui encontrar uma pessoa ontem à noite, mas em outra cidade”, contou Emily, de 21 anos, que vive em Monroe. “Eu nunca marcaria um primeiro encontro aqui na cidade, conheço todos os garçons. Conheço todas as pessoas que trabalham nos bares. Conheço todo mundo.”

Segundo: a etapa inicial de descoberta, de conhecer melhor a outra pessoa, se perde, uma vez que as conexões e a familiaridade já existem. Isso tem vantagens e desvantagens. A vantagem é que se torna possível pré-avaliar qualquer pessoa falando com amigos dos amigos, e a desvantagem é ser privado da diversão de descobrir alguém. Em Monroe, relatou Emily, “a gente já sabe a vida inteira do outro, então nem precisa marcar um primeiro encontro. Tem um pré-julgamento antes mesmo de começar a sair”.

E, por fim, quando o encontro acontece e dá errado, é preciso lidar com o fato de ter de esbarrar com a pessoa o tempo inteiro depois. Comparem essa situação com o que se passa em Los Angeles, onde Ryan, de 23 anos, afirmou que podia sair com uma garota e, se a coisa não rolasse, ficar tranquilo com a quase certeza de que nunca mais a veria de novo. “É quase como se a pessoa tivesse morrido. Tipo, de certa forma, a gente matou ela na própria mente”, disse o entrevistado. Caramba, Ryan, vamos maneirar nesses assassinatos mentais! Mas entendo a sensação do rapaz.

E quanto à possibilidade de expandir o universo de opções via internet e redes sociais? Algum desses solteiros lançava mão do relacionamento virtual? De aplicativos de arrastar fotinhos no celular?

Em Wichita, o pessoal usava mais timidamente esses recursos. Certo estigma persistia e, considerando que o universo de relações era bem pequeno, as pessoas se preocupavam que os outros vissem seu perfil e ficassem julgando.

Josh, de Monroe, resolveu tentar o Tinder: “Programei [o alcance do aplicativo] para um raio de quinze quilômetros, de início, porque queria que a busca fosse rapidinha. Apareceram dois perfis e eu, tipo, não [ele faz o movimento de arrastar para a esquerda na tela] e não [faz o movimento de novo], e aí… acabou. E eu fiquei, tipo: *Pô, achei que ia ter mais gente. Posso pensar melhor sobre aquelas duas?*”.

Outros deram mais sorte. Margaret, uma das poucas solteiras em Wichita a ter experimentado o relacionamento virtual, contou: “Sobre esse negócio de relacionamento virtual, estou me dando conta de que tem opções demais. Fico, tipo: *Ah, meu Deus. Esses caras todos podem ser incríveis*”.

Um terceiro entrevistado havia tentado o Tinder. “Comecei por Wichita, mas as alternativas se esgotaram em uma semana, mais ou menos. Aí fui para perto

da Universidade Penn State por alguns dias e resolvi testar o aplicativo lá. A impressão que eu tinha era de poder ficar arrastando fotos durante anos. O que só me fez ver como são limitadas as opções no Kansas.”

Nem todo mundo, claro, se dizia decepcionado com a falta de opções nas cidades menores.

Um jovem do grupo de Monroe, Jimmy, de 24 anos, mostrava uma atitude mais positiva em relação a isso. Sempre que alguém expressava sua frustração com a cena romântica local, ele insistia que tudo que se precisava fazer era investir tempo nas pessoas para conhecê-las de verdade.

“Se você for paciente e souber do que gosta, vai acabar encontrando isso na outra pessoa. Vai ter aquelas coisas de que você não gosta também. Gente que não corta as unhas dos pés. Que não lava as meias.”

Falei para o Jimmy que achava que ele era capaz de encontrar alguém que usasse meias limpas e aparasse as unhas, e que talvez, no caso dele, o padrão de expectativa estivesse muito baixo.

“A questão é que sempre vai ter algo para a gente achar ruim, sabe como é? Mas isso é com cada um”, explicou o rapaz.

Essa atitude positiva ecoou em Wichita também. “Sou otimista com a cidade”, disse Greg, de 26 anos. “Sei que tem pessoas aqui que me surpreenderiam. A gente precisa se esforçar um pouco mais na relação. Mas a centelha está ali, em algum lugar.”

“Concordo”, falou James, de 24 anos. “O tesouro está escondido. Você só tem que se esforçar bastante procurando.”

Foi bonito ouvir isso. A atitude desses caras era a de dar uma chance às pessoas. Em vez de ficar experimentando um monte de geleias, eles tinham aprendido a focar numa só e tentar desfrutar delas, antes de pensar em passar à opção seguinte.

Quanto mais eu pensava sobre essa abordagem na vida amorosa, mais a ideia se tornava atraente. Não importa quantas opções a gente tenha, o verdadeiro desafio é descobrir como desfrutar delas.

Depois das conversas que tive em Monroe e Wichita, pensei no quanto o relacionamento virtual é popular em Nova York e Los Angeles, em como quase todo mundo nos grupos focais nessas cidades usavam os sites de relacionamento e em histórias como a da moça que, a caminho de um encontro, conferia o Tinder tentando encontrar um pretendente melhor.

Talvez a gente esteja ficando como as pessoas que procuravam trabalho naquela pesquisa, correndo atrás de uma ideia maluca e inatingível de emprego.

Talvez a gente esteja tentando conhecer todos os solteiros do mundo para ter certeza de que vai pegar o melhor.

Talvez a gente esteja fazendo tudo errado.

Talvez a gente precise de um pouco mais de fé na humanidade, como nossos companheiros otimistas de Wichita e Monroe.

Olhem para o meu pai: ele teve um casamento arranjado e parece muito feliz. Dei uma pesquisada e isso não é incomum. A vida a dois de quem entra num casamento assim começa morna, mas com o tempo cada parte do casal investe na outra, e em geral esses relacionamentos acabam sendo mais bem-sucedidos. São pessoas que se comprometem mais profundamente com a relação, em vez de apostar individualmente na busca de uma alma gêmea, o que pode tender à mentalidade resumida na pergunta: “Será que não encontro coisa melhor por aí?”.

ANALISANDO NOSSAS OPÇÕES

Mesmo antes de decidir sair com alguém, as próprias formas de analisar nossas opções têm se tornado mais brutais. Como me disse uma moça de LA sobre a avalanche de opções a que tem acesso com os sites e aplicativos de relacionamento: “É divertido, mas também abre essa porta que leva a gente a ser cada vez mais e mais seletiva e difícil de agradar. Eu estava trocando mensagens com um cara, aí ele mencionou que gostava de escutar *Kevin & Bean* no rádio de manhã. E eu pensei: *Já era*”.

A preferência por um programa de rádio acabou com qualquer chance de o relacionamento prosperar. O sujeito deve estar agora em algum lugar ouvindo *Kevin & Bean* sozinho dentro do carro, olhando para a última troca de mensagens que teve com a moça e pensando onde foi que errou.

Claro, esse tipo de decepção, se o pretendente consegue chegar a marcar um primeiro encontro, acaba surgindo de qualquer jeito. “Um dos problemas com primeiros encontros é saber muito pouco da outra pessoa, o que leva a superestimar aquelas poucas coisas que se sabe sobre ela”, disse a antropóloga e guru das relações amorosas Helen Fisher. “E de repente a gente vê que a pessoa usa sapatos marrons, e a gente não gosta de sapatos marrons, portanto decide que está fora. Ou é a pessoa que não gosta do corte de cabelo da gente e desiste da relação. Mas, se os dois se deixassem conhecer um pouco mais, essas características particulares talvez perdessem importância, uma vez que um descobriria no outro um ótimo senso de humor ou uma grande companhia para ir

pescar no Caribe.”

ENCONTROS ENTEDIANTES

E como fazemos para analisar as opções que temos? Marcando encontros. E, em sua maioria, encontros entediantes. Café, drinques, jantar, cinema. O que todos estamos tentando fazer é encontrar alguém que nos empolgue, com quem sintamos que existe uma ligação verdadeira. Será que é possível atingir um objetivo difícil assim num desses típicos encontros entediantes?

Um dos cientistas sociais que consultei foi Robb Willer, da Universidade Stanford. Robb contou ter vários amigos que, em seus encontros românticos, tinham levado a moça para assistir a uma competição de *monster trucks*, aquelas caminhonetes gigantes com nomes tipo Esmaga-Crânio escalando montes de lama e dando saltos malucos. Às vezes os *monster trucks* pulam por cima de carros menores ou até de ônibus escolares. E o que é ainda mais louco: tem uma modalidade em que essas máquinas são agrupadas para se transformar num robô gigante que literalmente come carros. Não estou brincando. Chamam o negócio de Truckzilla, e vale a pena dar uma conferida. Sério, a barulheira que faz é do caralho, e já estou atrás de ingressos para ir ao próximo show.



Esse aí é um monster truck batizado de Cava-Cova. Se você é um bandido ou gângster, queira observar, por favor, que o Cava-Cova só cava covas para os outros trucks com os quais compete, nunca para ocultar cadáveres das autoridades.

Enfim, no caso dos amigos do Robb, de início a coisa foi pensada para ser algo excêntrico e irônico, uma vez que ninguém ali era grande fã de carros ou caminhonetes. Aquilo não passava de curiosidade sobre uma subcultura meio bizarra, mas acabou se revelando um tipo sensacional de encontro romântico: divertido, animado, empolgante e diferente. Em vez das apresentações tradicionais e monótonas, os casais se viam num ambiente interessante e conseguiam ter uma noção de como se davam. Dois dos pares continuavam juntos e felizes com o namoro. Outro casal, infelizmente, foi atropelado e esmagado por um *monster truck* batizado de Rei da Kebradera quando namorava dentro de um carro comum. Muito azar.

Numa das discussões do fórum temático, pedimos às pessoas que nos contassem sobre seus melhores primeiros encontros, e foi incrível ver quantas histórias eram sobre coisas fáceis e acessíveis, mas que pediam um pouquinho mais de criatividade do que a dupla jantar/ cinema.

Um jovem escreveu o seguinte:

> *Levei a menina numa fazenda de criação de alpacas, porque ela tinha dito que achava os bichos fofinhos. Consegui convencer o dono do lugar a deixar que a gente entrasse no estábulo, onde as alpacas foram perdendo o medo inicial e nos rodearam do jeito mais fofo possível. Depois de ficar uma hora passando a mão nelas, fomos no Taco Bell. Me queimei com uma tortinha de maçã, mas ela riu, então essa vai para a lista das bolas dentro. Eu tinha dezoito anos, a brincadeira toda custou sete dólares e fiz ela sorrir muito, ou seja: foi bem legal.*

Outra história envolvendo animais:

> *Os pais dele trabalham na mídia, e todo ano ele visita a Westminster Dog Show, no Madison Square Garden, passeando nos bastidores com uma pose que combina a do sujeito que está ali a trabalho com a de alguém dando uma carteirada com as credenciais de imprensa descoladas pelos pais. Isso é que é impressionar num primeiro encontro! A gente comprou vinho, que era vendido em tacinhas de plástico, e inventou uma brincadeira baseada na apresentação dos cães.* (*Tínhamos que tomar mais uma dose toda vez que um cachorro fizesse um salto fora de hora, e assim por diante.*)

Encontros à parte, certeza que vou urgentemente brincar desse negócio de mais uma dose no próximo Westminster Dog Show. Parece divertido!

E aqui vai outra história, envolvendo o programa mais típico que se pode imaginar, mas com um simples toque que mudou tudo:

> *Era apenas jantar com drinques… Cheguei no restaurante e ele já estava na mesa esperando por mim, numa boa, usando um traje COMPLETO de apicultor.*
>
> *Aquilo foi "a" tática quebra-gelo. Ri muito* (*de um jeito simpático*). *O pessoal do restaurante parecia confuso, e alguns dos vizinhos de mesa riram também. Um cara mais ou menos da minha idade perguntou se a gente estava participando de um reality show. Conversamos sobre abelhas e mel e o pequeno negócio que ele está começando nessa área. Ele até levou umas amostrinhas de mel para eu provar! HAHA!* (*Provei, e era delicioso.*) *O jantar e a conversa foram ótimos. Ele me disse que estava se divertindo muito e perguntou se eu queria sair para beber alguma coisa a qualquer hora, e respondi que sim, claro. Ele sacou o celular e me mandou uma mensagem ali mesmo, na mesa: "Oi, tá livre para beber alguma coisa hoje à noite?". Achei aquilo tão fofo e bobinho! Respondi para ele e, lógico, saímos para beber.*

Tá, tudo bem, não estou dizendo que todo mundo deveria aparecer nos encontros usando um traje de apicultor. As histórias em que a ocasião não foi aquela chatice de sempre não são todas assim, excêntricas e relaxadas. O ponto em comum entre elas é não se resumirem a uma saída para beber alguma coisa ou para jantar e se apresentar; situações em que as pessoas conseguiram ter uma experiência interessante juntas e descobriram como era estar com alguém novo foram as mais bem-sucedidas.

OS EFEITOS DE ENCONTROS QUE NÃO SÃO ENTEDIANTES

Pesquisas sociológicas mostram que encontros como esses, mais interessantes, podem levar a relações românticas mais bem-sucedidas. Em seu famoso estudo de 1974, intitulado "Some Evidence for Heightened Sexual Attraction Under Conditions of High Anxiety" [Algumas evidências do aumento da atração sexual sob condições de ansiedade], Art Aron e Don Dutton colocaram uma moça atraente nas redondezas do rio Capilano, em Vancouver, Canadá.[4] O rio percorre um cânion profundo, e a

travessia podia ser feita por duas pontes. Uma delas — a ponte de controle — era bastante robusta. Construída com madeira pesada de cedro, tinha balaustrada alta e ficava apenas uns três metros, mais ou menos, acima da água. A segunda — a ponte experimental — era muito, muito mais assustadora. Feita de tábuas e atada com cabos de arame, tendia a balançar e pender. As proteções laterais eram baixas e, se alguém despencasse dali, a queda seria de mais de sessenta metros nas rochas e na correnteza rasa.

Das duas pontes, apenas a segunda era excitante, neurologicamente falando. Os pesquisadores fizeram uma moça atraente abordar rapazes atravessando uma ou outra. Ela lhes dizia que estava fazendo um estudo psicológico e perguntava se poderiam responder a uma enquete rápida. Em seguida, passava seu número de telefone e sugeria que ligassem se tivessem qualquer pergunta a respeito do experimento. A hipótese da pesquisa era de que havia maior probabilidade de os rapazes da ponte capenga telefonarem de volta, uma vez que poderiam confundir a excitação que tinham sentido, na verdade provocada pelo medo, com excitação romântica causada pela atração que a moça provocara. E, evidentemente, quem mais telefonou foram os entrevistados da segunda ponte.

Só que deve ter sido um balde de água fria para eles:

“Oi, Sharon? Aqui é o Dave, da enquete na ponte. Sei que pode parecer estranho, mas estava pensando… será que você não gostaria de sair para tomar um café ou algo assim uma hora dessas?”

“Não, David. Desculpa, aqui quem fala não é a Sharon. Meu nome é Martin. Sou um assistente de laboratório. Na verdade, esta ligação também faz parte do estudo. A gente queria ver se a probabilidade de alguém atravessando a ponte mais precária ligar para Sharon era maior, e foi! Isso é ótimo.”

“Ah, certo… Você sabe como faço para entrar em contato com a Sharon?”

“Não. Não sei. Este aqui é o mesmo número falso que demos para todos os entrevistados. Cara, ela é linda, né? (*longa pausa*) *Certo. Obrigado de novo. Tchau, David.”*

“Tchau.” (voz triste)

Aron publicou outro estudo, este com o título “Couples’ Shared Participation in Novel and Arousing Activities and Experienced Relationships Quality” [Casais que compartilham atividades novas e excitantes e sua percepção da qualidade da relação] (pessoal, vamos encurtar um pouco esses títulos de

pesquisa!), em que pegou sessenta casais vivendo relacionamentos satisfatórios e os levou a compartilhar: a) atividades que fossem novas e excitantes (esquiar, fazer caminhadas); b) atividades que fossem prazerosas/ habituais (sair para jantar, ir ao cinema); c) atividade nenhuma (grupo de controle).[5]

Os casais que se envolveram em atividades novas e excitantes mostraram uma melhora significativamente mais acentuada na qualidade da relação.

Ora, muitos de vocês provavelmente estão pensando que isso contradiz um estudo citado pelo personagem do Keanu Reeves no final do filme *Velocidade máxima*. "Ouvi dizer que relacionamentos baseados em experiências intensas nunca dão certo", ele diz. "Tudo bem", responde a personagem da Sandra Bullock, "então o nosso vai ter de se basear em sexo."

Não sei bem de onde o personagem do Keanu, Jack Traven, tirou a informação, mas, a acreditar que Aron e seus colegas não estejam falando besteira, aparentemente participar de atividades novas e excitantes aumenta a atração por outras pessoas. Os encontros a que vocês costumam ir estão mais para o habitual/ chato ou para o novo/ excitante? Quando olho em retrospecto para minha vida de solteiro, fico pensando como teria me saído melhor (como eu e minhas parceiras teríamos nos saído melhor) se tivesse procurado alguma coisa empolgante para fazer, em vez de mais uma ida ao bar da esquina para beber alguma coisa.

Então, para o próximo encontro, talvez o negócio seja quebrar a cabeça atrás do plano perfeito:

Em vez de um jantar num restaurante legal, você pode jantar num restaurante legal em que atores contratados, capazes de reproduzir um sotaque alemão caprichado, apareçam de repente para simular um ataque terrorista no estilo oitentista de *Duro de matar*, criando a sensação de perigo que vimos no estudo da ponte capenga. Depois de escapar dali por um triz, você percebe, já lá fora, que a rota de fuga é superacidentada e muito perigosa. É quando você diz: "Talvez a gente devesse pegar minha máquina". E aponta para o seu carro — isso mesmo, o *monster truck* Cava-Cova. Então toca pra casa, e no caminho vai saltando sobre dezenas de carros e atirando para os lados pelos pneus.

A moça vai ficar excitada num segundo.

MAIS ENCONTROS ENTEDIANTES?

A qualidade dos encontros é uma coisa, mas e a quantidade? Ao pensar nessa questão, me lembrei de uma mudança de política que promovi a certa altura nas minhas próprias práticas de relacionamento. Enquanto morava em Nova York, a cidade das oportunidades, percebi que eu e muitos dos meus amigos simplesmente estávamos explorando o máximo possível dessas opções todas. Era um monte de primeiros encontros, mas um número bem menor de terceiros. Preferíamos definitivamente conhecer a maior quantidade de pessoas possível, em vez de investir num relacionamento. O objetivo, aparentemente, era encontrar alguém que fizesse a gente se arrastar de paixão de primeira, mas não parecia que estávamos no caminho certo para isso. Minha sensação era de que eu nunca conhecia pessoas de quem eu gostasse *mesmo, de verdade*. Será que todo mundo era zoado? Ou eu que era? Quem sabe o problema não era eu, mas minha estratégia zoada na vida amorosa? Quem sabe eu fosse, sim, meio zoado, e minha estratégia também?

Em certo momento, como um experimento pessoal, decidi mudar de estratégia. Ia investir mais nas pessoas e passar mais tempo com uma só. No lugar de ter quatro encontros com pessoas diferentes, sairia quatro vezes com a mesma pessoa.

Quando dava uma nota seis para o primeiro encontro com uma mulher, normalmente não marcava outro. O que fazia era pegar o celular e mandar mensagens para as demais opções, tentando arranjar aquele ilusório primeiro encontro nota nove ou dez. Com a nova mentalidade que adotei, encarava o segundo encontro independente da primeira nota. E percebi que, em geral, um primeiro encontro nota seis rendia um próximo nota oito. Ficava conhecendo melhor a pessoa, e a gente seguia construindo uma boa relação juntos. Descobria coisas sobre ela que, de início, não eram aparentes. As piadas internas surgiam e se desenvolviam, e começávamos a nos dar melhor simplesmente pela maior intimidade.

Ter apenas encontros casuais raramente me proporcionara esse tipo de descoberta. É provável que antes eu viesse riscando da lista pessoas com quem manteria relacionamentos proveitosos, de curto ou longo prazo, se ao menos tivesse lhes dado a chance. Ao contrário do meu sábio amigo de Monroe, simplesmente me faltara a necessária fé nas pessoas.

Agora eu me sentia bem melhor. Em vez de tentar encontros com um monte de gente diferente e me estressar com joguinhos via mensagem e coisas do tipo, estava realmente começando a conhecer melhor algumas pessoas e aproveitando o tempo.

Com a pesquisa que fiz para este livro, lendo estudos como os de Aron, me dei conta de que os resultados do meu experimento pessoal eram bastante previsíveis.

Inicialmente, o que nos atrai nas pessoas é a aparência física, característica que rapidamente somos capazes de reconhecer. Mas aquilo que realmente nos faz ficar apaixonados por alguém são suas qualidades mais únicas e profundas, as quais em geral só vêm à tona em relacionamentos duradouros.

Num trabalho fascinante, publicado no *Journal of Personality and Social Psychology*, Paul Eastwick e Lucy Hunt, psicólogos da Universidade do Texas, mostraram que, na maioria dos contextos românticos, o "valor como parceiro" de uma pessoa vale menos que seu "valor como indivíduo".[6]

Os autores definem o "valor como parceiro" segundo a média das primeiras impressões sobre a atratividade de alguém, em grande medida baseadas em coisas como aparência, carisma e sucesso profissional, e o "valor como indivíduo" conforme a mesma pessoa pontue acima ou abaixo dessa média com alguém específico. Vejamos, por exemplo, a explicação dos pesquisadores sobre o valor como indivíduo de um rapaz a quem dão o nome de Neil: "Ainda que a média de Neil seja seis, as impressões de certas moças podem variar. Amanda não se comove com as obscuras referências literárias usadas pelo rapaz e lhe dá uma nota três. Mas Eileen o considera nota nove; acha as citações cativantes". Na maior parte dos casos, as características e os valores únicos das pessoas são difíceis de localizar, que dirá apreciar, num contato inicial. Tem coisas demais passando pela nossa cabeça para que possamos registrar tudo o que torna a outra pessoa especial ou interessante. Os traços mais profundos e distintivos aparecem gradualmente, nas experiências compartilhadas e nos momentos íntimos, do tipo que às vezes conseguimos ter quando damos oportunidade para que os relacionamentos se desenvolvam, mas que não acontecem se nunca passamos do primeiro encontro.

Não admira que, segundo relatam Eastwick e Hunt, "as pessoas, em sua maioria, não começam relações amorosas imediatamente depois de formadas as primeiras impressões", e sim aos poucos, quando uma centelha imprevista, ou talvez há muito esperada, transforma alguém que era apenas amigo ou conhecido num caso sério e sexual. De acordo com um estudo recente, só 6% dos adolescentes vivendo relacionamentos românticos afirmam ter ficado com o parceiro logo que se conheceram.[7] O número é certamente bem mais alto entre os adultos, especialmente hoje, com a predominância do relacionamento virtual, mas mesmo aquelas pessoas que se conhecem pelo Tinder ou pelo OkCupid

terão uma probabilidade muito maior de fazer de um primeiro encontro aleatório uma relação significativa se seguirem o conselho do nosso Jimmy, de Monroe: cada pessoa carrega um valor próprio que é único, e investir o tempo e a energia necessários para descobri-lo nos deixará muito mais felizes e satisfeitos.

Mas, sério, se a figura não corta as unhas dos pés nem usa meias limpas, procure em outro lugar.

Há opções aos montes.

---

* No dia seguinte almocei no Il Corvo e estava delicioso.

CAPÍTULO 5

PESQUISAS INTERNACIONAIS SOBRE O AMOR

Quando decidi escrever este livro, uma das coisas que queria muito fazer era explorar como os diferentes aspectos dos relacionamentos modernos se manifestam em outros países. Meu interesse nisso começou certa noite, quando fazia um stand-up num pequeno clube de comédia de Nova York. Falava sobre trocar mensagens de texto e perguntei se havia na plateia um voluntário que tivesse conhecido alguém recentemente e estivesse naquela fase do vaivém de mensagens. Li as conversas no celular de um jovem e fiz piadas sobre o fato de que todo mundo tem de lidar hoje com alguma versão dessa maluquice.

Logo reparei que uma moça parecia muito confusa. Quis saber o porquê de sua expressão tão desconcertada, e ela explicou que aquelas coisas simplesmente não aconteciam na França, de onde ela era. O vaivém de mensagens simplesmente não existia, a moça alegava.

Perguntei: “E na França, que tipo de mensagem você receberia de um cara que conheceu num bar?”.

Ela respondeu: “Ele me escreveria dizendo… ‘Tá a fim de trepar?’”.

Eu disse: “Uau. E o que você responderia?”.

Ela explicou: “Diria sim ou não, dependendo se estivesse ou não a fim”.

Fiquei chocado — faz muito mais sentido ter esse tipo de interação, não é verdade?

Num plano internacional, há uma enorme variedade de culturas de relacionamento, com peculiaridades e dilemas próprios. Nossas entrevistas em Doha foram interessantes e me entusiasmaram quanto às possibilidades de pesquisar o tema em outras culturas. Não podíamos, obviamente, estudar todas elas, então Eric e eu tivemos de ser bastante seletivos quanto a que lugares ir.

Depois de muito debate, decidimos aterrissar em Paris, Tóquio e Buenos Aires.

A razão para a escolha de Paris é óbvia. É a cidade do amor, blá-blá-blá. Além disso, os relacionamentos lá são representativos dos de outros países europeus, de acordo com o que lemos. As pessoas saem em grupos de amigos e, quando estão a fim de começar uma relação com alguém, simplesmente começam. Também encaram o sexo de maneira um pouco mais casual e têm uma atitude diferente em relação à infidelidade.

Tóquio foi o segundo lugar que propus. Fiz isso menos em benefício do livro e mais pensando nos lámens que poderia comer. No entanto, discutindo a ideia com Eric, nos demos conta de que esse era um ótimo lugar para a gente ir, porque o Japão está passando por uma espécie de crise. As taxas de casamento e nascimento têm sofrido um enorme declínio, muitos jovens não mostram interesse por relações amorosas e eu adoro lámen. Estava claro que Tóquio era uma excelente escolha, tanto para o livro quanto para minha barriguinha.*

Se o Japão vem experimentando uma baixa no interesse sexual, também queríamos ver o extremo oposto, então fomos explorar a cultura romanticamente agressiva de Buenos Aires. Existe uma boa razão para que a capital argentina seja com frequência considerada a melhor cidade do mundo para sair com alguém.[1] As demonstrações públicas disso se multiplicam. As pessoas dançam até as oito ou nove da manhã em boates cheias de gente suada. É uma cidade que transpira energia sexual.

Aí está nosso itinerário. Uma vez que não podíamos visitar todos os lugares do mundo, esses que escolhemos proporcionavam um olhar único e interessante sobre os relacionamentos modernos ao redor do globo. Então vamos nessa. Primeira parada: Tóquio!

TÓQUIO:

TERRA DOS HERBÍVOROS E DOS TENGAS

Minha ideia inicial era que Tóquio teria uma cena romântica extremamente ativa. É uma metrópole efervescente, pulsante, talvez mais até do que Nova York. Você encontra de tudo lá — os restaurantes mais saborosos, as lojas mais incríveis e coisas estranhas que só tem lá. Um estabelecimento inteiro só com cabines para tirar fotos? Ahan. Uma máquina de venda automática que cultiva e vende pés de alface? Ahan. Um restaurante no qual o jantar é acompanhado de uma apresentação de dançarinas

de biquíni andando em robôs e tanques enormes? O que mais vocês acham que se veria no Robot Restaurant, em Shinjuku?



O ROBOT RESTAURANT, EM TÓQUIO. SÉRIO. Esse lugar existe. Que merda está rolando na foto? Parece que três mulheres dançam montadas em três robôs gigantes em forma de mulheres. Muito autorreferente? O pessoal ao fundo parece bem animado.

E mais: os motéis no Japão têm decorações temáticas realmente incríveis, como *Jurassic Park*. Sério, isso existe. Não estou brincando.



NOTA: Não havia fotos disponíveis na internet, então essa é uma imagem feita especialmente para este livro. Espero que os quartos sejam legais assim, e que o hóspede seja apanhado no aeroporto num jipe Ford Explorer tunado dos anos 90.

À noite, os luminosos de neon transformam a cidade numa terra de aventuras para adultos: as ruas, os bares e as baladas ficam cheios e agitados. Algo divertido e interessante está à espreita em tudo quanto é buraco ou quebrada. É possível entrar a esmo no terceiro andar de um prédio comercial, abrir uma porta e dar de cara com um bar sofisticado, abrir outra e deparar com uma loja de discos e, no final do corredor, com uma balada bizarra com gente usando máscara do Bill Clinton e massageando as costas de cachorros.

Passeando pelos bairros maiores, você acaba esbarrando num cantinho escondido onde ficam os sex shops e os motéis. À primeira vista, a cidade que mais se aproximaria de Tóquio em termos de infraestrutura para encontros românticos parece ser Nova York.

Eu também imaginava que os japoneses, obcecados por tecnologia, estavam em outro patamar na questão dos sites e aplicativos de relacionamento. Eles são o povo que inventou os emoticons, pelo amor de Deus! Estavam mandando mensagens e pensaram: *Esse texto tá legal, mas seria muito louco poder mandar a imagem de um coala.*** Que surpresas não reservariam as trocas de mensagens desse pessoal? Mal podia esperar pelas nossas entrevistas.

Parecia que teríamos ali a cidade perfeita para a azaração. A decepção não poderia ter sido maior. Todas as minhas suposições estavam erradas. Basta começar a mais superficial das pesquisas com os termos “Japão” e “amor” que a gente rapidinho encontra uma reportagem sensacional depois da outra descrevendo uma crise total. De acordo com demógrafos, jornalistas e até com o governo japonês, o problema é uma verdadeira batata quente.

Desculpem, é que eu precisava de um sinônimo para a palavra “crise”, fiz uma busca no Thesaurus.com e ele sugeriu “batata quente”. Eu não poderia escrever este livro e deixar de informar isso.

“Viu o que está rolando entre Israel e os palestinos? O negócio está virando uma verdadeira batata quente.”

Enfim, de volta ao Japão. A gente lê aquelas reportagens todas e vê que a linguagem ali é de pânico total — “Ninguém está trepando!”, “Ninguém está casando nem tendo filhos!”, “Os jovens não estão mais interessados em sexo!”.

Não estou citando literalmente, mas é basicamente isso que se lê nas matérias sobre o assunto.

Para mim pareceu alarmista. Os jovens *não estão interessados* em sexo?! Como isso é possível? Então vamos olhar para algumas estatísticas de dar medo:

- Em 2013, acachapantes 45% das mulheres entre dezesseis e 24 anos “não se interessavam por ter contato sexual ou o abominavam”, mesmo sentimento de mais de um quarto dos homens.[2] Sempre quis descrever uma estatística como “acachapante”, e acho que podemos concordar que essa é mesmo. Sério, leiam de novo os números. E elas *abominavam* o contato sexual.

- A proporção de homens e mulheres entre dezoito e 34 anos que não estão envolvidos em nenhuma relação amorosa com alguém do sexo oposto tem aumentado desde 1987, passando de 49% para 61% dos homens e de 39% para 49% das mulheres.[3]

- Um acachapante terço dos japoneses com menos de trinta anos nunca namorou;[4] e, numa pesquisa com a faixa etária de 35 a 39 anos, mais da metade dos entrevistados respondeu nunca ter feito sexo.[5] (Prometo que essa foi a última vez que usei “acachapante”.)

- No Japão, quase metade dos homens e um terço das mulheres na faixa dos trinta eram solteiros em 2005.[6]

- Em 2012, 41,3% dos casados não tinha feito sexo no mês anterior, o maior percentual desde que esses dados passaram a ser divulgados, em 2004. O aumento desse número nos dez anos anteriores foi constante: eram 31,9% dos casais em 2004.[7]

- O Japão figura em 222º entre 224 países no ranking de taxa de nascimentos.[8] Um relatório compilado em colaboração com o governo, em 2013, advertia que em 2060 a população japonesa deve cair de 127 milhões para 87 milhões, aproximadamente; quase 40% das pessoas terão 65 anos de idade ou mais.[9]

Este último dado é particularmente alarmante. No Japão, a preocupação, compreensível, é de que os japoneses vão acabar. E o que vai acontecer com o lámen?? E o sushi?? E o saquê? Estão vendo como o negócio é mesmo uma batata quente?

A situação chegou a tal ponto que o próprio governo se viu obrigado a intervir. Desde 2010, o Estado japonês paga uma bolsa mensal de cem a 150 dólares por filho, de modo a aliviar um pouco o peso financeiro da criação de uma criança. Mas, antes de ter um filho, é preciso achar alguém que se ame e casar com a pessoa, certo? O primeiro-ministro do país, Shinzo Abe, reservou 25 milhões de dólares do orçamento para programas voltados a fazer as pessoas se juntarem e terem bebês, o que inclui agências de casamento custeadas pelo governo. Uma enquete oficial realizada em 2010 mostrou que 66% dos governos municipais e 33% das subprefeituras estavam em vias de implementar algum tipo de programa de apoio a casamentos. Hoje os números são ainda maiores.[10]

Pedimos à socióloga nipo-americana Kumiko Endo, que estuda essas iniciativas do governo japonês, que nos desse alguns exemplos. Ela contou que a prefeitura de Niigata promove “eventos como tours (passeios de ônibus a uma localidade vizinha, por exemplo), eventos culturais (cursos de culinárias etc.), eventos esportivos e seminários (*coaching* para os rapazes em passeios de pescaria)”. Em Saga, foi montado um Departamento de Vinculação Afetiva, que atende solteiros querendo conhecer gente nova; tanto a prefeitura de Shizuoka

quanto a de Akita agora dispõem de serviços de internet que informam sobre festas para solteiros e eventos diversos, alguns dos quais patrocinados pelo governo. Por fim, o poder público local em Fukui lançou um site de relacionamento virtual chamado Café Caça-Casamento de Fukui, e os casais que se conhecem e se casam via site recebem dinheiro e presentes.

O governo manda presentes de casamento aos casais japoneses? O que é que está rolando nesse país?

Sabendo de tal crise — e lembrando o quanto amo lámen e outras iguarias de Tóquio —, ficou claro que eu mesmo precisava ir até lá conferir o que estava acontecendo.



De quimono em Kyoto, contemplando a crise sexual no Japão

HISTÓRICO E SITUAÇÃO ATUAL DO CASAMENTO

NO JAPÃO

Antes de abordar melhor o estado das coisas no Japão, é importante entender que o país também tem assistido a uma enorme mudança no modo como a população adulta vê e lida com a instituição do casamento. Minha amiga socióloga Kumiko me explicou que, até a Segunda Guerra Mundial, os casamentos arranjados eram mais comuns do que qualquer outra forma de matrimônio. Na década de 60, aproximadamente 70% de todas as uniões eram combinadas entre as famílias. Nos anos 70, o local de trabalho passou a ser o principal ambiente para encontrar um parceiro. As grandes empresas organizavam reuniões sociais, e as normas culturais do país obrigavam a maioria das mulheres a abrir mão do emprego assim que se casavam e começavam uma família.[11]

Hoje, porém, esse sistema de formação de casais é coisa do passado. Casamentos arranjados são incomuns (haviam caído a 6,2% do total em 2005).[12] Assim como nos Estados Unidos, o Japão adotou uma cultura mais individualista, baseada em escolhas pessoais e felicidade. A economia japonesa perde força desde os anos 90, e o local de trabalho moderno se tornou um ambiente de estressante competição. Não funciona mais como *point* de solteiros.

Mas, se o velho sistema está falido, o que veio substituí-lo?

HOMENS HERBÍVOROS

Chegando a Tóquio, eu sabia que meu tempo seria curto para a tarefa que tinha a cumprir: visitar os cinco melhores restaurantes de lámen da cidade. Depois de comer o que me cabia, era hora de colocar mãos à obra e dar uma passada naquele restaurante com robôs, porque, cara, como deixar escapar uma chance dessas? Aí senti que o dever me chamava: fiz uma visitinha àquele lugar das pessoas com máscara do Bill Clinton massageando costas de cachorros. Foi demais. Então um cochilinho. E, por fim, comecei a trabalhar na pesquisa para este livro.

Primeiro, organizamos alguns grupos focais para discutir a questão do relacionamento em Tóquio. Dezenas de jovens na faixa dos vinte e dos trinta conversaram com a gente (ou, em alguns casos, com Kumiko, que atuou como intérprete das entrevistas em japonês).

Entrando nesse universo, uma das noções que achei mais curiosa foi a de “homem herbívoro”. Esse termo que se tornou onipresente no Japão nos últimos anos como descrição de homens muito tímidos e passivos que não demonstram

interesse por sexo ou relações românticas. Pesquisas sugerem que aproximadamente 60% dos solteiros do país na faixa dos vinte e dos trinta anos se veem como herbívoros.[13]

No nosso grupo de discussão inicial, um dos primeiros participantes a chegar foi Akira. Um cara jovem e bonito com um terno estiloso, Akira, de trinta anos, passava a impressão de quem provavelmente se dava bem na vida. Parecia um rapaz bem-sucedido e autoconfiante. Aquele cara não devia ser um herbívoro.

Fizemos entrevistas e grupos focais com solteiros em quatro continentes e, na maior parte dos lugares, quebrávamos o gelo pedindo às pessoas que nos contassem quantas vezes tinham paquerado ou convidado alguém para sair via smartphone nas semanas anteriores. Quando fizemos a pergunta a Akira, ele simplesmente deu de ombros. Basicamente todos os caras no Japão responderam com o mesmo gesto.

Akira disse que estava trabalhando no momento e não tinha tempo para namorar. Vários outros rapazes que entrevistamos ecoaram esse sentimento. “Acabei de começar num emprego na área de construção e lá não tem muitas garotas da minha idade, então fica difícil”, contou Daisaku, de 23 anos.

Hiro, amigo dele, concordou com a cabeça. “Tenho muito trabalho, e namorar não é urgente. Preciso focar nisso primeiro, e ocupa todos os dias da semana. Jogo video game quando chego em casa. Nos fins de semana, eu e o Daisaku saímos para beber.”

“Vocês não encontram mulheres quando saem para beber?”, perguntamos. “Não”, Hiro respondeu, imediatamente vermelho. “É *charai* [meio agressivo, playboy] o sujeito tentar ficar com uma mulher que não conhece. E se uma garota dissesse ‘sim’ para um convite meu, eu é que nunca ia querer sair com ela. Não gosto de mulheres que aceitam ficar com um cara assim, abertamente. Que ficam olhando, sorrindo, piscando. Quero uma garota *seiso* [pura].”

“Pura?”, Eric quis saber. “Tipo, virgem?”

Eles riram, desconfortáveis. “Não exatamente”, respondeu Daisaku. “Mas precisa ser alguém com o background certo, uma boa família. Se fosse alguém que simplesmente conheci em algum lugar, eu ficaria com muita vergonha dos meus pais. Eles se decepcionariam.”

“Como seus pais se conheceram?”

“No trabalho”, disse Daisaku.

“Casamento arranjado”, respondeu Hiro.

“Essa me parece uma situação realmente difícil”, disse Eric. “Vocês querem uma namorada, e as moças com quem conversamos procuram um namorado,

mas ninguém sabe como fazer as coisas acontecerem. Vocês sentem que isso é um problema?”

“Na verdade, não tenho opinião sobre isso”, disse Hiro, impassível. “Não é um problema nem deixa de ser. As coisas são como são. Porque aqui todo mundo é assim. Nem penso no assunto, porque isso é o normal.”

Akira disse que só convidaria uma moça para sair se não houvesse nenhuma dúvida do interesse dela. Quando perguntamos por quê, ele respondeu: “Ela poderia me dar um fora”. Todos os caras no recinto soltaram um gemido em solidariedade. Estava claro que o medo da rejeição era enorme, muito mais do que eu tinha percebido entre os entrevistados americanos.

Perguntei às mulheres japonesas sobre os homens herbívoros, e se elas gostariam que os rapazes tivessem mais iniciativa. A resposta foi um sonoro “sim”. Aquelas moças ansiavam para que os homens tomassem uma atitude e as convidassem para sair. Da perspectiva delas, era irritante a necessidade extrema deles de segurança. A frustração era palpável. Dava para ver que elas estavam se tornando o que a imprensa batizou de “mulheres carnívoras”. Algumas relataram que agora vinham assumindo o papel que normalmente, na cultural ocidental, caberia ao homem, pedindo o número de telefone dos rapazes. *Uau*, *que atitude* charai *dessa mulherada*, pensei, me lembrando da palavra que tinha aprendido três minutos antes.

No entanto, elas afirmaram que nem sempre era fácil. Contaram que, mesmo conhecendo um cara com quem havia uma conexão, a coisa depois se tornava uma versão pior dos caras americanos que ficam só enviando mensagens e mais mensagens sem nunca convidar a garota para sair. O vaivém não acabava nunca.

“O cara simplesmente é tão tímido que precisa se sentir *muuuito* confortável para sair com a gente”, disse uma moça. “Eles não conseguem dar o primeiro passo, a menos que estejam muito confiantes de que o interesse é recíproco”, lamentou outra. Como afirmou um rapaz: “Os homens esperam a mulher embarcar totalmente antes de tomar qualquer tipo de iniciativa”. O medo da rejeição se manifesta até mesmo no mundo celular.

Pedi a alguém que me desse um exemplo de uma troca de mensagens. Pela maneira como uma mulher nos descreveu uma troca, o rapaz não parecia em nenhum momento estar flertando. Eram mensagens bem diretas, sobre coisas impessoais, filmes ou animais de estimação. Certa noite, ele escreveu o seguinte: “Tenho um repolho imenso aqui. O que faço com ele?”.

Perguntei se aquilo não seria, talvez, um convite muito, muito inábil e indireto para um encontro com jantar — um convite para que ela fosse à casa dele comer

repolho. “Não, ele só queria mesmo me perguntar como devia cozinhar o repolho”, respondeu a moça, desanimada.

O mesmo cara mandou um e-mail para ela, alguns dias mais tarde (de novo, não é uma piada): “Outro dia meu colchonete molhou e coloquei lá fora para secar, mas ele pegou chuva e ficou molhado outra vez”.

Uau. Que história cheia de suspense.

O que ocasionou a ascensão do homem herbívoro? Parece haver uma combinação quase perfeita de ingredientes sociais e econômicos que levou ao surgimento desse estereótipo. Falando em ingredientes, enquanto estava em Tóquio, fui a um *izakaya* chamado Kanemasu que tinha uma costelinha sensacional, a mais suculenta que… Foi mal, já estava perdendo o foco outra vez.

Os cientistas sociais defendem que o homem herbívoro emergiu com o declínio da economia japonesa. Na cultura do país, como em muitas outras, a autoconfiança e a autopercepção masculinas estão ligadas ao sucesso profissional. Todo mundo com quem falávamos em Tóquio parecia se lembrar da efervescente década de 80 como uma época diferente na questão dos relacionamentos, na qual os assalariados, cheios da grana, podiam chegar confiantes e sem medo numa mulher linda e pedir seu número de telefone. Essa visão provavelmente também é exagerada, mas é reveladora. Uma vez que empregos estáveis já não existem, não só ficou mais difícil para um rapaz conhecer uma parceira como sustentá-la financeiramente. Faz sentido que essa insegurança deixe os homens com medo da rejeição.

Além disso, atualmente muitos rapazes solteiros continuam vivendo na casa dos pais bem depois dos vinte e até dos trinta anos. As mulheres no nosso grupo focal sentiam que essa situação só tornava ainda pior o complexo de filhinho da mamãe já dominante na cultura japonesa. Um rapaz que mora com os pais normalmente espera que a mãe cozinhe, faça faxina e lave roupa para ele. Ainda de acordo com essa teoria, os caras, de tão acostumados com a mordomia, teriam perdido seus instintos masculinos.

E, para completar, os homens no Japão provavelmente não ficam tão à vontade perto de mulheres, em geral, porque sua criação não oferece muito contato com elas. Grande parte do sistema educacional do país funciona com segregação de gênero, mesmo em escolas mistas. Fisicamente, socialmente e, em certa medida, psicologicamente, meninos e meninas crescem por caminhos separados até pelo menos o ensino médio, ou até mesmo a faculdade. Muitas pessoas só vão namorar depois dos vinte. Quase 50% dos solteiros no Japão não

têm amigos do sexo oposto.[14]

Quando se combinam o declínio econômico, a infantilização dos homens pelas mães, o medo da rejeição e a falta de contato com pessoas de outro sexo ao longo da vida, a noção de homem herbívoro passa a fazer todo o sentido.

Não quero fazer parecer que todo japa é um cara supertímido que não tem interesse por sexo. Definitivamente parece haver bastante disso, mas são muitos os homens não herbívoros, cuja vida amorosa se assemelha à de um típico americano onívoro. Nos nossos grupos focais, conhecemos Koji, um jovem bartender que parecia o mais onívoro de todo aquele pessoal.

A questão é que Koji não era um tremendo garanhão nem nada disso. Comparado com os demais caras, era um pouco baixo. Não estava usando um terno legal como o de Akira. Vestia um colete cinza e um chapéu de feltro marrom. Ele tinha um jeito casual e descolado que, embora bem normal para os padrões americanos, se destacava no Japão. Aqueles que conheciam Koji nos grupos focais falavam de sua vida amorosa aparentemente mítica aos cochichos e ficavam impressionados com sua autoconfiança. Repito: Koji não era um Ryan Gosling asiático; simplesmente parecia confortável consigo mesmo e não se mostrou particularmente tímido. Como a maioria dos caras que usam chapéu de feltro, ele tinha uma inexplicável autoconfiança.

Koji e um amigo queriam se certificar de que soubéssemos que existem alguns japoneses que não são herbívoros, e que talvez seja culpa da mídia a proporção que esse estereótipo acabou ganhando.

“É para ser sincero? Se não tenho namorada, posso sair à procura de alguém para fazer sexo. Esses caras que dizem que não transam faz um tempão? Acho que estão mentindo. Eles simplesmente não falam do assunto”, disse Koji.

“Em Nova York, quando o cara é solteiro, ele pega o telefone tarde da noite, manda uma mensagem e tenta sair para encontrar alguém. Tem toda uma cultura de convidar os caras para caçar. Como funciona aqui?”, eu quis saber.

“Meus amigos e eu fazemos o mesmo. Telefono para todos eles e nenhum atende.”

“Bom, às vezes é assim em Nova York também”, falei.

Ao mesmo tempo que os homens do país passam por uma transformação, um novo tipo de mulher japonesa está surgindo. Historicamente, as moças com alguma formação iam trabalhar em escritórios depois da universidade, conheciam um cara ali e então deixavam o emprego para se tornar esposa e mãe. Agora elas estão reagindo a essa situação,

e mais mulheres formadas querem trabalhar. Elas têm se qualificado e aprendido a falar inglês. Viajam o mundo. Investem na carreira. Essas profissionais não querem se conformar com a velha norma da mulher submissa que abandona as ambições para virar dona de casa. No entanto, ter formação, falar inglês e conseguir um bom emprego parece intimidar certos homens, e algumas mulheres até falam disso como um fator "broxante" entre seus pretendentes. "Os homens aqui são muito orgulhosos", me contou uma moça. "Não querem uma mulher bem-sucedida com um salário alto. No momento que descobrem que sou bilíngue, já pensam, tipo: *ah, não*…"

Ao final dos grupos focais, ficou bastante claro que homens e mulheres seguem trajetórias distintas no Japão. Elas ainda estão longe de conseguir igualdade de condições, mas começam a se estabelecer na economia do país e a conquistar alguns direitos.

Os homens lutam para manter seu status. Seja no local de trabalho ou no ambiente familiar, caíram do pedestal das gerações anteriores e agora penam para entender qual deve ser o próximo passo.

Alguns estão muito confusos, a ponto de usar chapéu de feltro.

Tempos difíceis mesmo.

UMA PANELA DE ARROZ COMO FOTO DE PERFIL: BEM-VINDO AO RELACIONAMENTO VIRTUAL NO JAPÃO

Com tudo isso, a gente poderia pensar no relacionamento virtual como a solução perfeita para o Japão. Mandar uma mensagem num site àquele parceiro em potencial é muito menos intimidante do que pedir o número de telefone de alguém num bar, certo? Haveria um jeito melhor de minimizar o medo da rejeição? Os japoneses também são notórios novidadeiros. Se um terço dos casamentos nos Estados Unidos hoje é entre pessoas que se conheceram on-line, daria para apostar que uma proporção ainda maior dos casamentos no Japão começa na internet. Mas, embora a ascensão do relacionamento virtual pudesse ser muito útil no país, não parece que será, infelizmente. O receio de ficar marcado como *charai* se estende também às redes sociais, e alguns dos aspectos inerentes ao relacionamento virtual são malvistos entre os japoneses.

Tomemos as fotos de perfil. Relacionamento na internet pressupõe autopromoção. Um perfil num site de relacionamento é uma espécie de anúncio, um jeito de fazer marketing de si mesmo para os potenciais parceiros. Mas essa é

uma postura que realmente não pega bem na cultura japonesa.

No Japão, postar qualquer fotografia sua, especialmente selfies, é meio babaca. Kana, uma atraente solteira de 29 anos, comentou: “E esses estrangeiros todos usando selfies como fotos de perfil? Para os japoneses isso parece narcisista”. Pela experiência dela, numa foto de site de relacionamento apareceriam, em geral, mais de duas pessoas. E até haveria casos em que nenhuma delas é o dono do perfil.

Perguntei que fotos o pessoal colocava, então.

“Muitos japoneses usam seus gatos”, ela respondeu.

“E não aparecem nas fotos com eles?”, eu quis saber.

“Não. Só os gatos. Ou a pessoa coloca a panela de arroz.”



Oi!

“Uma vez vi um cara que postou uma placa de rua engraçada”, acrescentou Rinko, de 33 anos. “Senti que aquela imagem me dizia muita coisa sobre ele.”

Esse tipo de raciocínio fez sentido para mim. Quando a gente posta uma foto de algo interessante, talvez aquilo passe a ideia de um tipo de personalidade. Mostrei a Rinko a fotografia que tinha tirado mais cedo, naquele dia, de uma tigela de lámen, e perguntei o que ela achava daquilo como imagem para o meu

perfil.

Ela só fez que não com a cabeça.

ENTÃO EU NÃO TENHO CHANCE CONTRA AQUELE CARA DA PLACA DE TRÂNSITO, HEIN?

MACHIKONS E *GOKONS*

Então parece que o relacionamento virtual não está pegando lá. Mas tem um tipo de encontro de grupos chamado *gokon*, em que um cara convida alguns amigos, uma garota e algumas amigas dela, e todos saem juntos para jantar e beber. Mas, mesmo nesses encontros, segundo relatam as mulheres, os caras continuam tímidos demais para pedir um número de telefone. Para que acontecesse uma interação dessas, o anfitrião precisaria anunciar: “Certo, pessoal, agora vamos todos trocar números de telefone”. Na verdade, participei de um *gokon* uma vez, para um relato de viagem que fiz para a revista *GQ*. Infelizmente, nenhuma das moças presentes falava inglês, e minha única arma em japonês era a frase: “Você gosta de pizza?”. Ao final, empanturrados de deliciosas *yakitori* (carnes grelhadas) e cerveja, a maioria das moças achava que eu tivera uma participação em *Friends*, como o “Chandler indiano” e eu pude confirmar que duas delas de fato gostavam de pizza.

No caso daqueles rapazes que conhecemos e que diziam estar ocupados demais com o trabalho, os *gokons* pareciam ser a opção mais confortável para conhecer mulheres, mas o esquema cria obstáculos para aqueles que não têm nenhuma amiga com quem dividir a organização de um encontro do tipo.

Uma nova tendência quando o assunto é conhecer pessoas são os *machikons*. Nesses eventos, homens e mulheres pagam para participar de uma enorme festa itinerante, com centenas e mais centenas de solteiros que vão de um bar ou restaurante a outro, no mesmo bairro. Em alguns *machikons*, a maioria das pessoas vai sozinha; em outros, os participantes começam o evento jantando com um ou dois amigos mais alguns desconhecidos do sexo oposto; depois disso, os organizadores, numa espécie de dança das cadeiras, fazem circular os convidados, que acabam se misturando a um monte de outros solteiros. O incrível é que tanto o setor privado quanto o governo japonês passaram a subsidiar os estabelecimentos que cedem seu espaço a essas festas. De acordo com Kumiko Endo, a socióloga que foi nossa guia em Tóquio e estuda os *machikons* para sua dissertação, donos de bares e restaurantes recebem entre 25 e 35 dólares por assento cedido.

Em toda a minha pesquisa sobre relacionamentos, não ouvi falar de outro lugar onde o Estado esteja botando dinheiro no mundo dos solteiros, chegando a pagar drinques a qualquer jovem disposto a sair à caça. Até agora o investimento público nesses eventos é modesto, mas sinaliza que as autoridades encaram com seriedade a seca de casamentos e o que será preciso para revigorar o mercado de formação de casais.

A INDÚSTRIA DO ESTEPE: OVOS, PROSTITUTAS E ENSABOLÂNDIA

Para uma porção de caras com tendências herbívoras com quem conversamos, parece haver ainda um longo caminho pela frente até conseguirem superar a barreira da timidez e participar com propriedade de um desses encontros de grupos. Também deparamos com moças que não estavam dispostas a aceitar as restrições que acompanham casamentos e famílias tradicionais. Assim como as mulheres nos Estados Unidos, na Europa e num número cada vez maior de lugares, elas querem ter vida profissional e carreira gratificantes. O problema, em Tóquio, é que quem não está interessado num relacionamento romântico tradicional, ou não consegue ter um, não tem a opção de uma cultura ativa de encontros casuais como a que se pode encontrar em Nova York.

A sorte dessas pessoas é que o Japão dispõe não só de uma enorme indústria do sexo como de outra especializada naquilo que ficou conhecido como “estepe para relacionamentos” e que oferece de tudo, desde “cafés do cafuné” (onde os clientes pagam por coisas como carinho na cabeça, contato olho no olho e ter o ouvido limpado por alguém com cotonete) até robôs de sexo completos e feitos para durar anos.[15] Nunca pensei que fosse dizer isso, mas, entre essas duas opções, fazer sexo com um robô parece a mais razoável.

O tipo de serviço mais popular na indústria do estepe são as casas de acompanhantes, basicamente a mais recente variação de uma longa tradição japonesa de estabelecimentos com uma atmosfera agradável, tipo bar, onde os frequentadores pagam moças para lhes proporcionar contato íntimo e pessoal de um jeito romântico, mas não sexualmente explícito. As moças são como gueixas modernas: acendem o cigarro dos clientes, enchem os copos e ouvem atentamente o que tiverem para dizer, mais ou menos o que a esposa ou a namorada japonesa ideal faria.[16] Montes de rapazes frequentam essas casas depois do trabalho, sozinhos ou em grupos. Só para esclarecer, não há contato sexual nenhum ali. As casas de acompanhantes não têm nudez ou sexo. É como

se fosse uma casa de prostituição, mas as moças só fazem companhia. Fiquei bastante confuso com isso.

Al, um jovem de Baltimore que mora em Tóquio, tentou explicar o que motiva os rapazes a frequentar esses estabelecimentos. “É uma coisa tipo: *Sou sozinho, as pessoas me dão medo*”, ele disse. “*Preciso espairecer, ou simplesmente beber alguma coisa com alguém que me escute e não me julgue*. O pessoal paga pela segurança. Paga para não ser rejeitado.”

Mulheres também frequentam casas de acompanhantes, onde o mesmo tipo de serviço é oferecido a elas: há rapazes descontraídos com quem elas conversam e tomam drinques. De novo, nada ali tem a ver com sexo: é puramente pela companhia. As mulheres pagam para curtir um pouco com homens que não sejam herbívoros.

Mas e o sexo? A prostituição do tipo pênis/ vagina é ilegal no Japão e, mesmo com um mercado negro disponível, os japoneses desenvolveram algumas alternativas criativas dentro da lei. Uma bastante popular, mencionada várias vezes nos grupos de foco, é a ensabolândia, um lugar onde o sujeito deita num colchão à prova d’água e uma moça despeja água com sabão sobre os dois e fica deslizando sobre ele. É possível pagar um extra por serviços adicionais, como sexo oral ou uma punheta. As ensabolândias, mesmo com esse nome simplesmente ridículo, não carregam um estigma muito grande. (Comentário à parte: daria qualquer coisa para estar lá quando um cara disse: “Já sei! Vamos chamar de… ensabolândia!”.)

Alguns rapazes nos contaram que, ao sair com um grupo de amigos, não seria absurdo um deles dizer: “Certo, vão indo na frente que quero dar uma passadinha rápida na ensabolândia”. Repito: aparentemente, o que esses espaços proporcionam, para além de prazer sexual, é um ambiente seguro para investidas amorosas livres do risco de rejeição. Por que ir a uma balada procurar por sexo casual e arriscar levar um fora quando na ensabolândia o cara tem 100% de certeza de que uma garota vai cobri-lo de sabão e deslizar sobre seu corpo molhado?

E, claro, tem ainda a prostituição pura e simples. Quando levantamos o tema, surpreendeu ver como a prática parece muito mais comum e aceita do que nos Estados Unidos. Um participante de um dos grupos de foco, professor-assistente numa universidade local, nos contou que é frequente seus alunos lhe falarem sobre suas visitas a prostitutas. Ele não parecia ligar muito para o fato. Daria na mesma se os estudantes estivessem lhe dizendo que iam tomar um sorvete depois da

aula.

Mesmo tendo em conta que não existem dados precisos sobre a frequência com que homens de diferentes países usam os serviços de prostitutas, as melhores estatísticas que conseguimos encontrar mostram que aproximadamente 37% dos japoneses pagaram para fazer sexo pelo menos uma vez na vida, contra 16% entre os franceses, 14% entre os americanos e de 7% a 9% entre os britânicos.[17]

Para os rapazes de Tóquio que não curtem nem ensabolândias nem bordéis, há sex shops por toda parte, oferecendo todo tipo de fetiche imaginável, de camareiras francesas e colegiais a personagens de animê.

Existe também um mercado em expansão de brinquedinhos, e não há estigma para quem compra. Um dos mais populares é o *tenga*. E o que é isso? Entrando no site do fabricante, você depara com o mais sensacional slogan de uma empresa em todos os tempos: "O futuro da masturbação é… AGORA".

A companhia é especializada em equipamentos para masturbação, e o *tenga* é um ovo de silicone descartável que o cara enche de lubrificante para se masturbar ali dentro. Quando termina, lacra o negócio e joga fora.

Um fato divertido é que um dos diretores da Tenga Corporation, Masanobu Sato, detém o recorde mundial do maior tempo de masturbação: nove horas e 58 minutos. O que significa que daria para o cara assistir a toda a trilogia de *O senhor dos anéis* em sequência enquanto se masturba e, quando os créditos de *O retorno do rei* estivessem rolando na tela, ele ainda teria mais *42 minutos* de exercício pela frente.

Isso me fez ficar pensando que a única coisa mais triste do que ser recordista em tempo de masturbação é receber a notícia de que o recorde foi batido por outro.

"Sinto muito, cara. A punheta dele durou uns minutos a mais. Quem sabe o ano que vem?"

Nenhum desses estudos que descrevem a falta de interesse por sexo no Japão mergulhou de fato nesse mundo de alternativas sexuais. Quando se toma conhecimento delas, a suposta "falta de interesse" parece fazer mais sentido. Os herbívoros querem, sim, prazer sexual, só não querem chegar a ele pelas vias tradicionais. Para eles, aparentemente, se você sofre tanto só de pensar em ser rejeitado por uma mulher, por que não se masturbar com um ovo e ir dormir feliz?

A esta altura, vocês devem estar se perguntando qual foi o melhor lugar em que comi em Tóquio. Difícil

dizer. Curti de verdade o Sushisho Masa, especializado em sushi. Mas também adorei os tempurás que comprei de ambulantes no mercado de Tsukiji. Sem falar, claro, do lámen.

Para ser honesto, a cena gastronômica de Tóquio foi muito mais fácil de entender que a dos solteiros. É complicado decifrar por que o sexo e os relacionamentos passaram por mudanças tão rápidas e dramáticas, e a razão de tantas pessoas terem preferido se voltar para si mesmas — ficando em casa sozinhas com o video game ou saindo para cafés onde se paga para afagar gatos — em vez de procurar umas às outras.

Na minha última noite em Tóquio, resolvi abrir a mente e comprar um *tenga*. Foi uma jornada cheia de percalços. Fui a uma loja de conveniências e tive de perguntar: "Vocês têm *tengas*?". A moça me olhou com uma cara triste e apontou a estante que eu procurava. Quando fui pagar, sorri e falei: "Estou pesquisando para um livro!". Não pareceu que a convenci de que era um cara descolado. Ela provavelmente pensou que se tratava de um livro bizarro intitulado *Masturbação pelo mundo: A jornada de autodescoberta de um homem*.

Voltando ao meu quarto no hotel, abri o negócio para testar. Estava meio que excitado para ver se aquilo era realmente o futuro da masturbação. No presente a coisa já é bem gostosa, então talvez aquela tentativa não fosse ruim. Não foi bem assim. Achei bizarro abrir aquela coisa esquisita parecida com um ovo. O troço feito para enfiar o troço da gente era gelado e desagradável. Parecia que eu estava me masturbando com uma camisinha grossa e fria, e não entendi qual era a graça.

Mas, num sentido simbólico, o *tenga* parecia ser uma opção aos encontros e ao sexo casual. Era uma alternativa a dar a cara para bater e ter uma experiência real com outra pessoa. Digam o que quiserem sobre o sexo casual, sobre a relevância e a qualidade da experiência: os encontros que tive me ajudaram a crescer como pessoa e atingir o ponto em que me senti preparado para um relacionamento sério. Também fizeram com que eu me desse conta do valor desse tipo de relação e entendesse melhor suas vantagens e desvantagens. Procurar um parceiro tem seus percalços, mas pode ser bem divertido. Mesmo quando não é, ao conhecer outras pessoas a gente sempre passa por experiências que guardamos e com as quais aprendemos.

Não importa o que aconteça, vai ser sempre muito melhor do que mandar bala num ovo gelado de silicone.

BUENOS AIRES:

TERRA DOS CHONGOS E DOS HISTÉRICOS

Depois da viagem ao Japão, quis ver o que acontece numa cultura onde os homens são mais onívoros. Eric e eu pesquisamos pelo mundo ambientes de relacionamento particularmente agressivos e decidimos que um bom lugar para visitar seria a Argentina. Se Tóquio é a capital do "homem herbívoro", Buenos Aires certamente deve ser a do "maníaco comedor de carne".

Merecida ou não, a fama global do homem argentino é de romântico apaixonado e sangue quente, o que com frequência extravasa para algo patológico e assustador. Em 2014, uma pesquisa realizada por uma organização sem fins lucrativos chamada Stop Street Harassment [Chega de assédio nas ruas] revelou que mais de 60% das mulheres de Buenos Aires já foram intimidadas por homens com provocações sexuais em público.[18] Para muitos homens da cidade, essa preocupação surpreendeu. Quando questionado a respeito da pesquisa, o prefeito da capital argentina, Mauricio Macri, desdenhou dos resultados, que considerou imprecisos, e em seguida passou a explicar que não havia por que as mulheres acharem que era um problema que estranhos gritassem coisas para elas no meio da rua.

"Toda mulher gosta de elogio", disse o prefeito. "Aquelas que dizem que se sentem ofendidas estão mentindo. Mesmo que a cantada seja grosseira, tipo 'Que bunda linda você tem…', tudo bem. Não tem nada mais bonito que as mulheres. É quase que a razão para os homens respirarem."

Só para esclarecer, quem falou essas coisas foi *o prefeito* de Buenos Aires.*** Depois de ler a declaração, fui investigar e posso confirmar que, na hora da entrevista, ele *não* estava usando um daqueles capacetes que armazenam a cerveja, com uns canudinhos que vão até a boca.

Como vocês podem imaginar, a declaração não pegou muito bem. Centenas de mulheres — inclusive a própria filha do prefeito — condenaram os comentários de Macri, obrigando-o a se desculpar publicamente.

Mas a opinião dele não é incomum entre os homens de Buenos Aires. Na Argentina, onde Eric e Shelly, uma estudante de pós-graduação em sociologia, passaram um mês fazendo entrevistas e conduzindo grupos focais, cantar sem piedade as moças é algo que está profundamente impregnado nas tradições culturais. Espera-se mesmo que os homens sejam os predadores naquilo a que os argentinos se referem, em tom casual, como "caçar", e a arena primordial das caçadas é a rua.

As ruas de Buenos Aires transbordam de energia sexual: tem a dança sensual do tango, o *chamuyo* (papinho de azaração), tiradas com sexo por todo lado, pessoas se pegando em público em parques, restaurantes e ônibus.

No Japão, uma mulher ficaria surpresa se fosse abordada de forma direta, mas em Buenos Aires as mulheres que entrevistamos disseram que ser objeto de atenção masculina não solicitada é algo cotidiano, e muitos homens resistem a aceitar um "não" como resposta. "Aqui os caras não estão nem aí se a gente dá um fora ou se recusa a conversar com eles", relatou uma moça. "Simplesmente continuam falando."

E falar é o menos grave. Muitas das moças entrevistadas nos contaram que os rapazes argentinos podem ser bem desinibidos em sua caça. Num grupo focal memorável, uma moça chamada Tamara relatou que homens que ela tinha acabado de conhecer a beijaram, passaram a mão nas suas pernas e tentaram enfiar a mão por baixo da sua saia apesar do claro desinteresse dela. Quando pediu para eles pararem, os caras reagiram como se estivessem frustrados e perguntaram: "Por quê?". Enquanto Tamara contava isso, as demais mulheres no recinto assentiam com a cabeça para mostrar que a situação era familiar. "Isso é normal", explicou uma delas.

"Quando sou abordada por um cara na balada, não importa que eu diga que sou comprometida e não estou interessada. Ele continua em cima", disse outra. "E ainda fala: 'Seu namorado está aqui hoje? Você mora com ele?'. É uma coisa totalmente aceitável. Por mais que a gente diga 'não', 'não' e 'não', os caras só vão chegando com o rosto mais e mais perto."

Rob, um nova-iorquino de 28 anos que mora em Buenos Aires, tentou nos explicar esse comportamento num dos grupos focais. Disse que as atitudes na Argentina são muito diferentes do que se vê na cultura americana, onde "não" quer dizer "não". "Aqui, se [elas] dizem 'não', é porque estão interessadas. Quando não estão, simplesmente não falam com você. Apenas te ignoram completamente." Então o que Rob faz agora é só desistir se a moça literalmente lhe virar as costas. Na sua interpretação sobre como cortejar uma mulher em Buenos Aires, um "não" geralmente é apenas um prelúdio para um "sim".

Dá para ver quanto problema essa abordagem pode criar. Nos nossos grupos focais, tanto homens quanto mulheres relataram ser comum que uma moça, ao receber uma proposta, se faça de difícil para então, só depois do cara ter feito um número suficiente de tentativas, concordar com um encontro. Muitas mulheres justificam a encenação pela necessidade de manter as aparências. Se aceitassem a proposta muito rapidamente, poderiam parecer fáceis demais.

“Na semana passada, uma amiga me contou ter dito ‘não’ algumas vezes para um cara de quem na verdade gostava, até finalmente dizer ‘sim’, depois de ter brincado de bancar a difícil”, explicou uma das entrevistadas. “Foi só para ter certeza de que ele queria algo sério e para ela não ficar parecendo fácil.” Também no aspecto sexual as mulheres relataram o temor de parecer afoitas demais. “A gente sabe que, se transar no primeiro encontro, já era”, afirmou outra entrevistada.

As mulheres argentinas podem sinalizar seu interesse de várias maneiras, mas, assim como nos Estados Unidos, são os homens que tendem a iniciar o contato. Não que elas estejam proibidas de chegar neles, mas as moças com quem conversamos, em sua maioria, disseram achar que mulheres agressivas são, na opinião dos rapazes, broxantes. “Acho que eles amam caçar”, opinou Sara. “Sempre que a gente toma a iniciativa, pensam, tipo: *Opa. Por que ela está atrás de mim?*”

O uso da tecnologia em Buenos Aires reflete a cultura de rua. Há um nível de agressividade que os americanos simplesmente não conhecem. Emilio, um americano de 28 anos, nos contou que tinha mandado pedidos de amizade no Facebook para as amigas gostosas dos seus amigos só para poder convidá-las para sair. Eduardo, de 31 anos, disse que enviava mensagens a mais ou menos trinta moças por semana na esperança de conseguir alguma coisa. Usava para isso o Facebook, o Instagram, ou qualquer lugar onde pudesse encontrar alvos.

Apesar disso tudo, pouquíssimos jovens com quem conversamos eram, de fato, usuários de sites de relacionamento como o OkCupid, em parte porque procurar um parceiro na internet ainda carrega um estigma de desespero. Mais importante, porém: isso simplesmente não era um hábito que as pessoas achassem necessário. Como explicou Eduardo: “Uma mulher argentina não precisa desse recurso, porque os caras ficam na cola dela a vida inteira”.

A troca de mensagens, no entanto, é enorme. Quando perguntamos aos jovens dos nossos grupos focais em Buenos Aires com quantos parceiros estavam trocando mensagens no momento, poucos declararam um número menor que três. Não era incomum que as pessoas tivessem múltiplos relacionamentos com níveis diversos de comprometimento. Um americano de 27 anos, Ajay, comparou a cena romântica de Buenos Aires a um *asado* (churrasco).

“A gente tem à disposição vários cortes de carne”, explicou o rapaz. “Tem a linguiça, que assa mais rápido. Tem o filé, que é o melhor, mas leva algum tempo para ficar no ponto, certo. O cara precisa conversar com todas essas garotas simultaneamente, do mesmo jeito que controla as carnes.”

Depois de ouvir a analogia, entreguei a Ajay um troféu com os dizeres: PRÊMIO DE COMPARAÇÃO MAIS SEXISTA DE TODOS OS TEMPOS: CATEGORIA CHURRASCO.

Quando o assunto é estar envolvido num relacionamento de verdade, os argentinos têm reputação de histéricos. A opinião apareceu com frequência nas nossas discussões. De início, a pessoa age de um jeito, depois inverte totalmente o comportamento. Uma moça que diz "não, não, não" e, no final, "sim", é considerada histérica, assim como seria histérico um rapaz que desse em cima de uma garota feito um desvairado e, de repente, não fizesse mais contato e desaparecesse durante semanas.

"Quando estão tentando pegar a gente, eles agem como homens", disse Sara. "Ficam falando e falando… até despertar o interesse. E aí passam a agir como garotas. Se a gente não está interessada, ficam obcecados. Quando a gente mostra interesse, desaparecem. É meio que… meio que como matemática. É uma equação."

Um tipo comum de abordagem do qual ouvimos falar é aquele em que um rapaz fica na cola de uma moça declarando repetidamente seu amor por ela e, para prová-lo, usa de um expediente distintamente argentino: ele a convida para conhecer seus pais num churrasco de domingo. "O cara chega e diz: 'Eu te amo, você é o amor da minha vida, quero casar com você, quero ter filhos'", relatou uma argentina de 27 anos chamada Sofia. "Mas aí nem telefona. Na Espanha, se dizem 'eu te amo', estão falando sério. Não é só da boca pra fora. Aqui eles não dizem isso para valer." De acordo com outra entrevistada, é um: "Me engana que eu gosto". Tudo faz parte da caçada.

Até quem teoricamente está numa relação afirma gostar de manter um ex ou potencial parceiro preparado, para entrar em campo caso a relação atual não dê certo. Várias das pessoas com quem conversamos mantinham esse tipo de plano B. Isabell, de 28 anos, contou que flertava com vários caras via mensagem, mesmo estando comprometida. Chamava a isso "hacerte la linda". "Só porque você está de dieta, não quer dizer que não possa dar uma olhada no cardápio", ela explicou. "Desde que não peça aquele prato que não pode comer."

Qual é a desse pessoal com as analogias gastronômicas?!

"Mesmo quando tinha namorado, se eu fosse num bar ou coisa parecida e conhecesse um cara, passava meu número de telefone para ele", contou Marilyn, de 25 anos. "Tipo, não que eu fosse trair, sabe?"

"Você mantinha opções em aberto", interveio outra entrevistada.

"É", disse Marilyn. "Porque nunca se sabe, né?"

É claro que havia sexo casual por todo lado. Na Argentina, mulheres comprometidas com frequência têm seu "*chongo*", palavra que literalmente significa "fortão" ou "musculoso", mas também funciona como termo genérico para falar de um parceiro de sexo casual e pode se referir a uma amizade colorida, a uma transa regular ou a alguém com quem a moça mantém encontros paralelamente ao relacionamento oficial. O uso, numa frase, seria: "Não, não é sério. Ele é só meu *chongo*".

Num dos grupos focais, uma mulher casada nos contou que, durante seu relacionamento anterior, tinha mantido um *chongo* com quem se encontrou regularmente por vários anos. "Era só uma coisa física", ela explicou, querendo se certificar de que entendíamos que não se tratava de traição, apenas de satisfazer uma necessidade sexual. "Nem o nome dos pais dele eu sabia."

Espero nunca me envolver num relacionamento casual na Argentina e acabar gostando da pessoa. Imaginem só que horror ter de ouvir: "O quê? Relacionamento? Você não está falando sério, né? É só uma coisa física. Achei que tinha sido bem clara: você é meu *chongo*, nada mais".

O que é incrível é que o interesse generalizado por sexo sem compromisso moldou os imóveis e os bairros de Buenos Aires tanto quanto a cultura. Por toda parte há *telos* (motéis). Em Buenos Aires, os jovens moram em sua maioria com os pais em apartamentos relativamente pequenos. O que significa que quase todo mundo que quer fazer sexo acaba usando um *telo*. Eduardo, o rapaz de 31 anos que manda mensagens a trinta moças por semana, relatou que algumas vezes, ao chegar a um desses lugares às três ou quatro da manhã, já teve de ficar numa sala de espera com todas as outras pessoas que acabavam de sair dos bares e baladas.

Se, por um lado, esse cenário parece divertido e liberado, por outro, Buenos Aires pode ser uma cidade bastante dura para pelo menos metade da população. Nos grupos focais, as pessoas relataram que era frequente ver moças chorando em lugares públicos, como bancos de parques e pontos de ônibus. Quando Eric perguntava por que isso era tão comum, a resposta era sempre a mesma: homens.

A cultura de relacionamento da capital argentina é extremamente excitante e sensual, repleta de flerte, caçada e sexo casual. Tem, porém, um inegável lado negro, uma agressividade indesejada, manipulação, infidelidade. Todo mundo sofre de amor em Buenos Aires, mas não pude evitar a conclusão de que as coisas lá são bem mais difíceis para as mulheres do que para os *chongos*.

---

* Aziz Ansari, Comi comida boa pra caralho em Tóquio. 2014, inédito.

** Se o cara que decide quais opções de emoticons devem existir no iPhone estiver lendo isso, será que posso pedir encarecidamente para que seja criada uma carinha morena sem turbante? Seria bem útil para mim. Com isso não quero ofender o cara de turbante do emoticon ou os demais caras da vida real que usam turbantes, certamente gratos pela existência desse emoticon.
*** Em dezembro de 2015, Mauricio Macri assumiu a presidência da Argentina. (N. E.)

CAPÍTULO 6

VELHAS QUESTÕES, NOVAS FORMAS: **NUDES, TRAIÇÃO, O FUÇAR OBSESSIVO E SEPARAÇÃO**

O advento dos smartphones e da internet significou que nossa vida amorosa passou a se desenrolar em dois mundos: o real e o celular. Neste último, encontramos, num grau elevado e sem precedentes, um espaço privativo de comunicação que nos obriga a lidar com problemas antigos como o ciúme, a infidelidade e a intimidade sexual em novos formatos, que ainda estamos tentando entender.

NUDES

De todas as mudanças pelas quais os relacionamentos modernos vêm passando no mundo celular, a mais radical é o advento das nudes: o compartilhamento de imagens sexuais explícitas pelas mídias digitais.

Conceitualmente, esse é um fenômeno atemporal. Existem registros de fotografias de nudez, cartas eróticas e afins ao longo de toda a história da civilização. Quando o político Anthony Weiner renunciou depois que foi descoberto que tinha enviado fotos suas seminu a mulheres, pareceu algo próprio do nosso tempo, mas há antecedentes, como as cartas de amor apimentadas escritas pelo então presidente dos Estados Unidos, Warren G. Harding, à vizinha da sua esposa, nas quais ele se refere ao próprio pênis como “Jerry” e à vagina da amante como “sra. Pouterson”.

Queria ter estado presente quando o historiador que analisava essas cartas descobriu isto: “Opa, peraí. Toda vez que ele escreve ‘sra. Pouterson’, acho que está falando… da vagina da vizinha da esposa!!”.

Quando o assunto é foto e vídeo, nossa capacidade de registrar a nós mesmos evoluiu com as tecnologias. Câmeras analógicas eram excelentes para captar imagens de alta qualidade, mas tinham suas desvantagens. A menos que se contasse com um laboratório próprio, era necessário levar o filme para revelar, e a privacidade ficava comprometida.

Entre os anos 70 e meados dos 90, as polaroides e câmeras de vídeo com preço acessível permitiram que as pessoas produzissem conteúdo sexual por conta e o mantivessem em segredo, mas às vezes uma criança resolvia abrir uma caixa com o aviso “NÃO ABRA” e acabava traumatizada para o resto da vida.

As mídias digitais, a internet e — mais importante — a disseminação dos smartphones mudaram tudo isso. Hoje, quase todo mundo tem, a qualquer hora e ao alcance da mão, uma câmera capaz de tirar fotos de qualidade notável e gravar vídeos. Além desse aparato high-tech para capturar imagens, a gente também pode usar o telefone como um depósito aparentemente privativo para guardá-las só para a gente mesmo e o parceiro, mas, assim como acontecia com a caixa etiquetada “NÃO ABRA”, às vezes o negócio cai nas mãos erradas.

A diferença fundamental, porém, está na facilidade de uso e distribuição. No passado, podemos pressupor com segurança, a maioria dos homens não andava por aí enviando fotos de seus pênis pelo correio para garotas que tinham conhecido em algum bar. Pareceria uma coisa assustadora e um tipo de assédio. Mas, com uma câmera de alta resolução literalmente a poucos metros do seu

pênis o tempo todo — e a possibilidade permanente de compartilhar aquela foto gloriosa —, tudo muda.

Não temos números sobre a frequência com que imagens sexuais eram compartilhadas na era pré-smartphone, mas os dados de hoje são impressionantes. Especialmente entre os jovens, as nudes, embora ainda não tenham se tornado normal, rapidamente seguem nesse caminho.

Vejamos algumas das melhores estatísticas sobre o fenômeno que pudemos encontrar:

- Metade dos jovens entre dezoito e 24 anos já recebeu nudes no celular.
- Um terço dos que estão saindo da adolescência já enviou nudes.
- A prática está em expansão em todas as faixas etárias, exceto no grupo de 55 anos ou mais.
- A probabilidade de enviar uma mensagem do tipo é maior se a pessoa tiver um smartphone próprio.
- Entre os donos de iPhones, a probabilidade é o dobro em relação aos usuários de Androids.
- O horário mais popular para essa prática é entre dez da manhã e meio-dia, às terças-feiras. É isso mesmo, verificamos duas vezes a informação. Estranho!
- Pessoas casadas ou comprometidas têm tanta probabilidade de aderir às nudes quanto quem está solteiro.[1]

Por que enviar esse tipo de mensagem? As principais razões, segundo descobrimos, são compartilhar a intimidade com o parceiro, criar atração sexual, tranquilizar o companheiro e, em alguns casos, manter o contato íntimo a longas distâncias.

Jenna Wortham, jornalista especializada em tecnologia, fez uma reportagem na qual pediu a cada um dos entrevistados que lhe reenviasse uma mensagem sexual explícita que já tivesse mandado antes a alguém, sobre a qual a jornalista então conversou com aquela pessoa. “O que descobri”, escreveu Wortham, “é que essa prática — como qualquer outra coisa que fazemos nos nossos smartphones — não tinha outro propósito além da diversão pela diversão, gente grande agindo como gente grande.”[2]

Os entrevistados deram todo tipo de boas razões para terem aderido às nude, e seus comentários, tomados em conjunto, de fato fazem a prática parecer uma maneira saudável e atraente de manter uma relação erótica moderna.

Uma editora de 27 anos afirmou que mandava mensagens desse tipo para o cara com quem estava saindo porque assim ele sentiria o poder dela. “É meio que um lance de controle”, explicou a entrevistada. “Queria fazer ele me desejar.” D., uma artista de trinta anos, contou que trocava nudes com o noivo para apimentar a relação.

“A gente já viu o corpo um do outro tantas vezes, e vamos ver ainda mais”, disse a moça. “Então às vezes o erotismo surge naquilo que não é visto, ou em alguma coisa que é mostrada de maneira diferente.”

M., que trabalha com *branding*, enviou para o namorado uma foto dos próprios peitos para ajudá-lo a relaxar antes de uma apresentação no trabalho.

Essa é minha história favorita. Simplesmente adoro a ideia do cara conferindo o celular, vendo os peitos e pensando: “Ahhh. Beleza, vai que é tua, Phil! Vamos destruir com esse PowerPoint”.

No fórum temático, uma moça ofereceu uma série de motivos para recorrer às nudes: “Porque a gente se sente bem de saber que é desejada à distância. Porque é algo em que ficar pensando. Porque dá uma turbinada na autoconfiança. Porque eu nunca tinha feito isso antes. Porque gostei das mensagens. Porque tinha acabado de terminar um relacionamento…”.

Para algumas pessoas, a privacidade e a distância proporcionadas pelo mundo celular permitem que elas sejam mais honestas sobre sua sexualidade. “Comecei a mandar nudes porque era um jeito mais fácil de discutir coisas íntimas com meus parceiros”, afirmou uma participante do fórum temático. “Tinha dificuldade para pedir o que eu queria ou precisava na cama, em pessoa, então encontrei esse jeito mais fácil de colocar minhas necessidades e fantasias. Agora virou uma coisa que eu curto, meio que uma forma de preliminares. Gosto de mandar algo sexy para ele antes da gente se encontrar.” Outra participante escreveu: “Um cara com quem fiquei alguns anos atrás costumava insistir o tempo inteiro para eu mandar fotos. No fim, como senti que talvez o perdesse (não era uma relação casual saudável), acabei cedendo. E AMEI. Simplesmente me sentia supersexy tirando as fotos, e até hoje gosto quando as vejo. Além do mais, um dia meus peitos vão estar na cintura, e vai ser legal poder me lembrar deles assim”.

Muitos dos participantes do fórum afirmaram que mandar nudes criava um espaço em que se podia manter a intimidade à longa distância.

Uma moça escreveu:

Moro nos Estados Unidos, e meu namorado vive no País de Gales. Diria que a gente manda nudes pelo menos uma vez por semana. Numa relação como a nossa, em que a gente chega a passar dois ou três meses sem se ver, acho que é quase uma necessidade. Quero mantê-lo interessado e excitado. Como a gente estava junto há bem pouco tempo quando ele foi para lá, não chegamos a discutir o que cada um gostava e não gostava na cama. Mas com as nudes e o sexting pudemos expressar isso e colocar tudo às claras. Aí, da próxima vez que a gente se encontrar, um já vai saber dos desejos. Se você me perguntasse um ano atrás, eu estaria me sentindo uma safada, mas agora sou totalmente a favor disso num relacionamento.

Outra pessoa explicou:

Acho que, em geral, seria muito mais difícil manter uma relação de exclusividade à longa distância sem a tecnologia. A simples possibilidade de comunicação por mensagem durante o dia, poder mesmo ver o rosto um do outro toda noite, é uma parte muito necessária da manutenção da intimidade e do relacionamento. Esse é apenas um jeito legal de apimentar as coisas sem estar presente.

A conclusão era clara: sem essa prática, seria muito mais complicado manter esses relacionamentos, e eles talvez nem resistissem. As nudes e o *sexting* proporcionam uma maneira efetiva de lidar com um dilema bem conhecido e frequentemente doloroso: como amar alguém quando a pessoa está longe.

A mesma tecnologia que nos concede o luxo e a privacidade de compartilhar esses momentos íntimos é também, infelizmente, o que nos permite trair a confiança do parceiro em escala maciça.

A principal razão alegada pelas pessoas para não mandar nudes é o medo de ser exposto. Uma mulher comentou: “Nunca fiz e não acho que algum dia vá fazer. A ideia parece excitante, mas as possíveis consequências são assustadoras. Se o relacionamento dá errado e o cara ainda está de posse das fotos, sabe-se lá onde elas podem ir parar. Simplesmente me parece o tipo da situação evitável e desnecessária”.

Soubemos, de fato, de algumas histórias péssimas que confirmariam essa visão. Uma participante que, de início, relutou a aderir à prática conta o que aconteceu quando finalmente cedeu aos apelos:

Meu namorado queria, eu ficava desconfortável com a ideia, mas ele implorou e soltou a frase: "Se você me ama mesmo, faz". Ficamos naquele vaivém de argumentos. Eu não sabia muito bem o que fazer, na verdade. Ele pediu uma foto minha me masturbando. Atendi o pedido, e aí comecei a receber mensagens de números aleatórios me chamando de coisas como "vadia nojenta". Descobri que ele estava numa festa, passando o celular de mão em mão e mostrando para o pessoal o que eu tinha enviado. Totalmente humilhante. Isso já faz alguns anos, e nunca mais fiz isso.

Enviar uma foto para alguém que sai se comportando como lixo humano, como o namorado descrito acima, é um temor disseminado. E, embora em tese todo mundo esteja sujeito a ser exposto dessa forma, tal risco afeta as mulheres de um jeito bem diferente do que os homens.

Em 2014, fotos íntimas de nudez de várias mulheres famosas vazaram na internet depois que hackers as postaram no site 4chan.* As imagens tinham claramente sido feitas para os parceiros daquelas mulheres, e jamais deveriam ter sido compartilhadas. Ao mesmo tempo que os hackers responsáveis pelo roubo das fotografias foram condenados, as mulheres que tiveram suas fotos roubadas sofreram reprimendas por serem descuidadas. "Não quer que as nudes vazem? Não faça nudes!", dizia um típico comentário sobre o caso. Fazer fotos de si mesma pelada usando seu iPhone, prosseguia o argumento, era uma atitude indulgente, vaidosa e imatura. O que se estava sugerindo era que gente normal, sexualmente saudável, não faz isso, apesar de vastas evidências a contrariar tal tese. Claro, nem todo mundo concordou, mas ainda assim essa é uma opinião corrente.

O medo desse tipo de condenação foi outro motivo citado para evitar as nudes, mas muitas moças que ouvimos acreditavam que a disseminação da prática já começa a mudar percepções sobre os riscos. Uma entrevistada de 24 anos nos contou que vê as nudes como uma forma de empoderamento e concluiu que, se fotos suas sem roupa viessem a vazar, ela não seria julgada por isso.

Os alertas sobre a prática (*direcionados principalmente às mulheres*) *costumam se concentrar no pior cenário — fotos de nudez sendo postadas publicamente, tipo num site pornô montado em vingança. Mostram isso como uma coisa que vai perseguir você pelo resto da vida, assombrando carreira e futuros relacionamentos. Não acho que chegará a acontecer comigo, mas, se for o caso, prefiro pensar que a conclusão de quem deparar com as fotos será a mais óbvia — de que sou uma mulher*

autoconfiante sexualmente que fez um vídeo para alguém de quem gostava. Se um conhecido visse as imagens e me julgasse negativamente por elas, posso afirmar que o problema é com a pessoa, não comigo… Quando envio esse tipo de mensagem para meu namorado, o principal objetivo é esquentar as coisas entre a gente. Mas também é um jeitinho de reafirmar que sou eu quem decido o que fazer com meu corpo e quais comportamentos arriscados valem a pena.

Essa visão está se tornando bastante comum entre os jovens, particularmente entre os adolescentes. Para a geração que cresceu na cultura do smartphone, as nudes e o *sexting* viraram uma etapa normal na trajetória até a vida sexual ativa. Agora, ao lado do primeiro beijo, com frequência tem também a primeira vez que um adolescente envia uma mensagem do tipo.

Ao explorar o caso de um colégio na região central da Virginia onde a prática disseminada das nudes e do *sexting* e o compartilhamento de imagens promíscuas levaram a uma investigação policial, a jornalista Hanna Rosin conheceu um número surpreendente de garotas e garotos que acreditavam que aquela situação não era nada demais.[3]

Quando um policial questionou algumas das meninas sobre a preocupação de que as fotos se espalhassem pela internet, ficou chocado ao ouvir uma delas insistir: “A vida é minha, o corpo é meu e posso fazer com ele o que eu quiser”. Outra disse: “Não vejo problema nisso. Tenho orgulho do meu corpo”. O policial descobriu que algumas garotas tinham tirado fotos de si mesmas nuas com o propósito específico de compartilhá-las no Instagram. A ideia de que isso devesse ser motivo de vergonha ou de que fosse voltar um dia para assombrá-las parecia absurda.

Independentemente de como vocês ou algum policial encaram riscos e recompensas do envio de nudes, a prática está se tornando mais e mais comum. E, assim como já vimos em relação a outros aspectos dos relacionamentos modernos, o que soa insano para uma geração muitas vezes acaba sendo algo normal para a próxima.

TRAIÇÃO

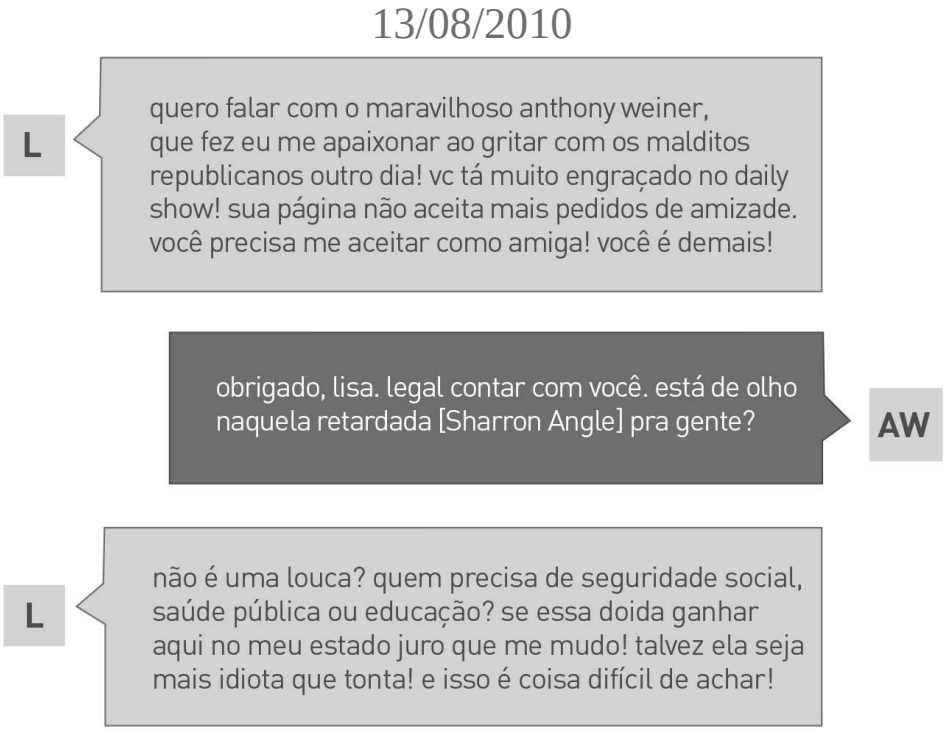
Claro, enviar fotos de nudez não é o único comportamento de conotação sexual que os smartphones permitem ou tornam mais fácil. Pensemos na infidelidade. No passado, homens e

mulheres adúlteros só podiam praticar seus flertes pessoalmente ou por telefone fixo. As pessoas adotavam códigos: “Vou ligar, deixar tocar duas vezes e desligar. É o sinal para você ir até a janela. Ali você vai encontrar o cabo de aço pelo qual deve deslizar até a casa da árvore. Encontro você lá às dez e meia”.

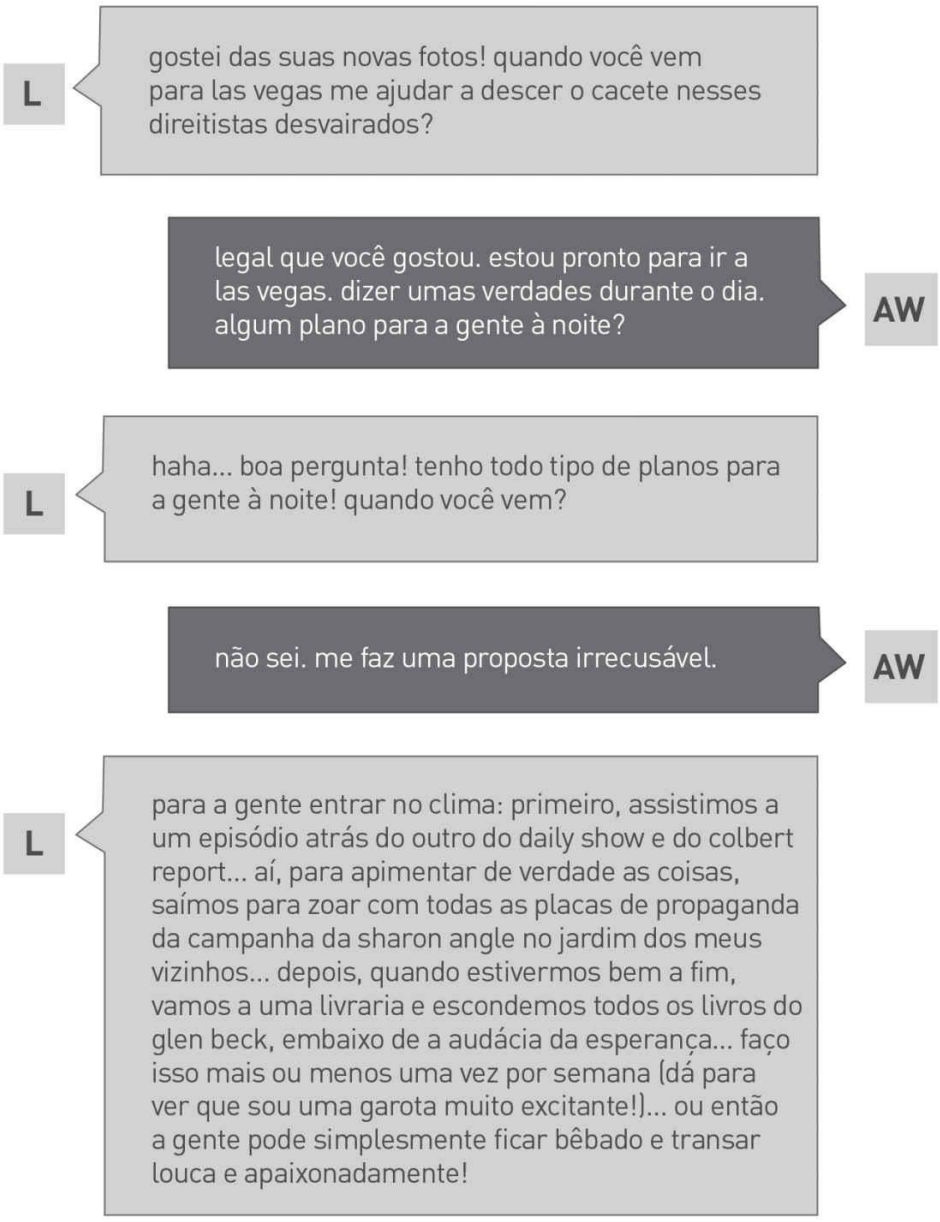
Hoje você pode estar na cama com sua esposa e perguntar: “Ei, querida, o que você está vendo aí no celular?”. E ela pode responder: “Ah, só estou lendo um artigo no *Times*”, quando na verdade está mandando para o vizinho uma foto da sra. Pouterson.

Será que o extenso leque de opções e a tecnologia para acessá-lo levaram as pessoas a pular a cerca com maior frequência? Eu me lembro de quando li as mensagens de Facebook de Anthony Weiner. Assistir ao cara enviando mensagens para mulheres aleatórias por todo o país e ver o conteúdo dessas mensagens passando rapidamente do inócuo ao abertamente sexual, foi inacreditável.

Abaixo, segue a transcrição de um bate-papo do político com uma dessas mulheres, Lisa, de Las Vegas.[4] Weiner e Lisa, desculpem por ressuscitar isto aqui, mas, gente, é fascinante.



17/09/2010



Para mim, o momento mais ofensivo é quando ele usa a palavra “retardada”.

E vocês repararam na alusão sexual discreta, quase subliminar, daquele tipo que, se a gente piscar, escapa? Foi quando ela falou de eles transarem louca e apaixonadamente.

Esta última mensagem basicamente assinalou uma inflexão nas mensagens de Facebook entre os dois, abrindo a porta para todo tipo de declarações sexuais e infames fotos penianas.

O que mais me fascina, porém, é que isso simplesmente não poderia ter acontecido há trinta anos. Claro, talvez ele quisesse de todo jeito pular a cerca, mas a privacidade do Facebook, a facilidade de acesso a potenciais parceiros com quem trair e a possibilidade do flerte discreto via mensagem — essa enxurrada de tentações é, inegavelmente, algo novo.

Como o assunto é delicado, e em grupos focais presenciais as pessoas estariam sujeitas ao julgamento dos demais participantes, usamos a privacidade da internet para ter acesso direto a experiências reais envolvendo traição e redes sociais.

Lancei uma pergunta no fórum temático: alguém já tinha começado um caso ou traído por esse meio? Se as redes sociais não existissem, algo do tipo teria acontecido de qualquer maneira?

Um jovem relatou ter iniciado um relacionamento numa dessas redes. Começou como um bate-papo inofensivo, mas, como nas conversas de Weiner, com o tempo a coisa foi esquentando. Embora não tão agressivamente como com o político, o tom passou a ser de flerte, e os dois se tornaram confidentes dos sentimentos e problemas mais íntimos um do outro.

> *Certamente não teria acontecido sem as redes sociais, uma vez que minha esposa na época havia conseguido com sucesso me afastar da maioria das mulheres que eu conhecia, exceto as da família. Também não acho que o que aconteceu foi completamente ruim — se eu não tivesse conversado com a outra garota* (*e do jeito honesto que o relativo anonimato da internet proporciona*)*, não me daria conta do quanto a relação com minha esposa estava fodida, nem das inúmeras coisas que sempre achei que eram normais e, na verdade, resultavam de um grande esforço dela para manter o controle sobre todos os aspectos da minha vida, o que no plano mais geral me impedia de me separar.*

Outro participante contou de um caso extraconjugal que, não fosse pelo Facebook, ele simplesmente não teria tido peito para começar.

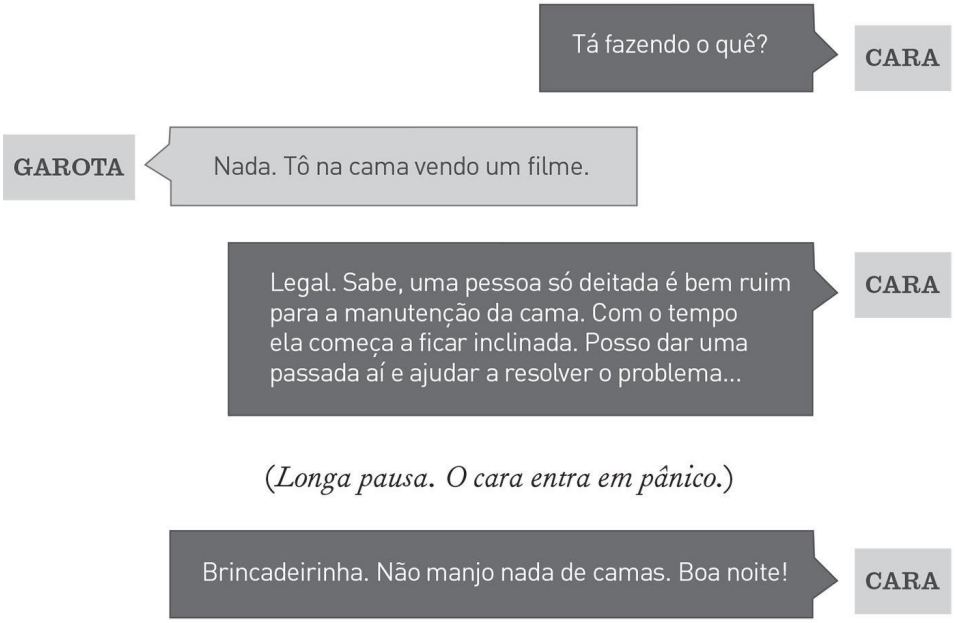
Os dois trabalhavam no mesmo lugar e se conheciam informalmente. Certo dia, ele procurou pelo perfil dela e mandou uma mensagem convidando para beber alguma coisa. Logo em seguida passaram a ter um caso.

“Se não existisse Facebook, duvido que eu tivesse juntado coragem para fazer o convite diretamente. A rede tornou o primeiro passo bem mais fácil”, afirmou o rapaz.

As vantagens da tecnologia que auxiliam namoros normais (como a facilidade

de acesso e a ausência da pressão de uma interação presencial) também se transferem para situações de traição. Entre essas vantagens surge a possibilidade de dosar as ações, o que, quando se está embarcando em algo escandaloso como uma traição, tem grande valor. Via mensagem é possível ir sentindo o terreno de um potencial caso extraconjugal. Uma vez que se descubra que a outra pessoa está na mesma sintonia, a coisa pode evoluir rapidamente. Ou é possível recuar com facilidade sem o mesmo nível de constrangimento que se teria pessoalmente.

Vejamos um exemplo:



A outra pessoa talvez ache que você é um canalha, mas você ou ela podem agir como se não passasse de um mal-entendido. No caso Weiner, frases como “algum plano para a gente à noite?” e “me faz uma proposta irrecusável” permitiram que ele sentisse o terreno com segurança, vendo se Lisa estava mesmo interessada em sexo.

A privacidade dos nossos celulares também significa que temos um novo espaço para criar e cultivar relações clandestinas. No passado, quem quisesse ficar ou flertar com alguém fora do casamento ou namoro teria de dar uma escapada para um bar ou restaurante longe de casa, para diminuir os riscos de ser visto por amigos ou pessoas próximas. Hoje, com as devidas precauções, os telefones proporcionam um refúgio privativo capaz de preservar uma intimidade a que ninguém mais terá acesso.

Num dos nossos grupos focais, um jovem contou que, certa vez, começou a

trocar mensagens inocentes com uma colega de trabalho casada e, no fim, a coisa virou um relacionamento de verdade, mas secreto. Normalmente, os dois não tinham assunto fora do escritório, mas, um dia, ele viu uma coisa que o lembrou de algo de que os dois tinham rido durante o expediente, e mandou para ela uma mensagem em tom de brincadeira. Ela respondeu e o papo espirituoso e divertido se tornou irresistível. Essas ocasiões foram ficando mais frequentes, e logo os dois passaram a se encontrar depois do trabalho. Com o tempo, começaram a se sentir atraídos um pelo outro, o que evoluiu para uma relação clandestina, a moça casada constantemente enviando mensagens secretas ao rapaz. Elas chegavam com tanta frequência que o cara precisou alterar as informações de contato dela no celular, de modo a não levantar suspeitas das outras pessoas, que poderiam se perguntar por que aquela mulher casada escrevia tanto para ele. Em vez de mensagens da Susan, fez parecer que as mensagens eram de um cara chamado David.

Se algum dia eu quisesse dar um pseudônimo a alguém com quem estivesse trocando muitas mensagens, escolheria “Scottie Pippen”. Aí qualquer amigo que espiasse minha tela ia ficar se perguntando por que a troca de mensagens regular com o antigo astro do Chicago Bulls.

Só espero que a esposa do Pippen nunca venha a ter um caso e use a mesma estratégia. Se o amante manda uma mensagem com o Scottie por perto e ele está olhando para a tela do celular da mulher, o ex-astro acaba acreditando que se trata de um impostor com seu nome, vindo de outra dimensão para roubar sua esposa e assassiná-lo. O dano psicológico causado ao pobre do Scottie seria muito pior do que o de descobrir uma simples traição.

De volta à nossa situação real: mais adiante, ambas as partes resolveram que era melhor terminar. Mas, de novo, será que esse tipo de coisa ganharia impulso caso essas pessoas não tivessem contado com a privacidade das mensagens de texto para acrescentar um elemento romântico à relação?

> *Ela era casada e eu entendia isso. Não teria telefonado para fazer alguma piadinha. Seria esquisito. Como era só uma mensagem, pareceu uma coisa bem inócua. Mas, à medida que evoluiu, não tinha como não percebermos, os dois, que havia algo ali. Cada um com seu celular, a gente entrou naquela zona segura a que ninguém mais tinha acesso. Era nesse mundinho privativo que podíamos conversar sobre todo o estresse, a confusão e o amor que aquele dilema criava. Se não fossem as mensagens, não sei se alguma coisa começaria entre nós.*

Algumas pessoas com quem conversamos, porém, disseram achar que a tecnologia, em última análise, não nos transforma em um bando de adúlteros. Se a pessoa vai trair, ela trai. Com ou sem redes sociais, trata-se de contato carnal entre duas pessoas, no fim das contas.

"Não acredito que uma pessoa que normalmente é um parceiro fiel num relacionamento de repente vá começar a trair porque alguém mandou para ele uma carinha piscando", comentou um participante do fórum temático, naquele que foi o post mais popular da série. "Diria que a tecnologia torna mais fácil trair, e não mais difícil ser fiel."

Mas, ainda que não levem a uma traição de fato, as redes sociais introduzem novos problemas e tentações até para quem é fiel. Além de oferecer privacidade, também são um espaço em que outros parceiros em potencial estão constantemente na vitrine. Um jovem se lembrou de quando, começando um novo relacionamento, via em redes sociais como o Instagram um repositório de todas as demais opções.

> *Amo minha namorada, mas no começo, quando o relacionamento estava ficando sério, eu entrava no Instagram e ficava vendo todas aquelas garotas gostosas. E pensava: "Nossa, será que eu não devia estar saindo para encontrar essas garotas? Ou devo simplesmente sossegar e manter meu relacionamento?". Era como aquele negócio de "o que os olhos não veem o coração não sente". Elas estavam diante dos meus olhos e DENTRO do meu coração.*

A privacidade da internet e do mundo celular também levou ao surgimento de espaços em que as pessoas podem praticar o adultério sem ser julgadas. O exemplo mais conhecido é o assustadoramente popular Ashley Madison, site de encontros casuais voltado especificamente a quem quer trair. O slogan da empresa é: "A vida é curta. Curta um caso".

O site registra seus membros pagantes no Programa de Garantia de Amante, que oferece reembolso integral caso o cliente não encontre ninguém em seus primeiros três meses como usuário do serviço. A página inicial oferece a opção "Pesquise e converse com pessoas casadas perto de você", assim como um blog e tuítes com conselhos do tipo "Como conseguir e manter alguém para trepar" e novidades como "Homens que não se importam com a ideia de uma esposa infiel".

Ao que parece, o site tem crescido rapidamente: passou de 8,5 milhões de membros em 2011 a 11 milhões em 2014, segundo dados da própria empresa.[5]

Certo, eu sei que as pessoas traem umas às outras desde as primeiras promessas de monogamia e que, até agora, não existe evidência concreta de que a internet as esteja tornando mais propensas à infidelidade. Dito isso, é impossível imaginar algo como o Ashley Madison alcançando tamanha popularidade tão rápido num mundo sem mídias digitais. Tendo ou não ficado mais frequente, o certo é que a traição ficou mais fácil.

TERMINANDO NO MUNDO DO CELULAR

Outra coisa que ficou mais fácil por conta da tecnologia moderna é terminar um relacionamento. Há pouco tempo, terminar com alguém exigia uma conversa cara a cara emocionalmente torturante ou, pelo menos, um telefonema no qual quem estivesse tomando a iniciativa teria de confessar seus sentimentos e, em geral, ainda se explicar. Normalmente, a conversa de fim de namoro também requeria consideração com os sentimentos e a vulnerabilidade da outra pessoa, fazendo-se tudo o que fosse possível para dizer coisas que levantassem o moral de quem estava levando um pé na bunda.

Por essas razões é que nossa cultura desenvolveu frases feitas como “O problema não é você, sou eu”, “Não estou pronto para encarar um relacionamento agora” e “Desculpa, mas no momento quero me concentrar nos meus desenhos de dragão”.

Claro, ninguém gostava de ter esse tipo de conversa. Mas todos víamos a coisa como obrigatória, pois era a atitude decente.

Hoje, um número crescente de pessoas e a maioria dos jovens adultos declaram ser mais provável terminar com alguém por mensagem do que pessoalmente ou por telefone. De acordo com uma pesquisa de 2014, na qual foram ouvidas 2712 pessoas entre dezoito e 32 anos que tivessem terminado um relacionamento ao longo do ano anterior, 56% usaram alguma mídia digital para isso, sendo a mensagem de celular o método mais popular (25%), seguido de perto pelas redes sociais (20%), depois pelo e-mail (11%), usado porque permitiria “dar uma explicação completa dos motivos do término”.

Em contraste, apenas 18% tinham dado fim ao relacionamento numa interação cara a cara, e meros 15% por telefone.[6] Um percentual surpreendente de 0,0014% dos entrevistados contou ter contratado um dirigível para anunciar a frase: “Tammy, acho que a gente precisa conhecer outras pessoas”. (Nota: parece que foi o caso de um cara só, chamado Phil, de Indiana.)

O motivo mais citado para o término da relação via mensagem de texto ou redes sociais foi tornar a coisa “menos constrangedora”, o que faz sentido, uma vez que os jovens adultos também usam o celular para se comunicar em praticamente todas as demais situações da vida.

Estranhamente, 73% desses jovens — exatamente os mesmos que declararam ter dispensado outras pessoas via mensagem ou redes sociais — afirmaram que

ficariam chateados se alguém terminasse com eles desse jeito.

Só para esclarecer, a referida pesquisa não especifica se os casais em questão namoravam ou não, então não dá para saber quais são os métodos preferidos para terminar conforme a duração ou a intensidade do relacionamento. Evidentemente há uma grande diferença entre dar fim a uma relação de três semanas ou a uma de três anos. Na verdade, a antropóloga Ilana Gershon descobriu que os jovens, em sua maioria, preferem que terminem uma relação casual com eles por um desses métodos menos tradicionais.[7]

No fórum temático, perguntamos às pessoas o que achavam das novas maneiras de terminar um relacionamento. Muitas das que responderam admitiram ter dispensado um parceiro por mensagem ou redes sociais para evitar estresse e conflito. Uma moça explicou: “Desse jeito não precisei olhar na cara dele nem ouvir sua voz, então pude ser totalmente honesta. O cara era um fofo, mas eu queria partir para outra”.

O que é interessante aqui — mas também meio assustador — é ela dizer que a comunicação via mensagem de texto lhe permitiu ser mais honesta, pois não se sentia à vontade com a ideia de dourar a pílula quanto às razões pelas quais estava terminando. Talvez a existência desse recurso signifique que vamos parar com aquela bobagem de “O problema não é você, sou eu” e passar a ser mais diretos.

Ao mesmo tempo, a maior parte das histórias parecia indicar que a pessoa aproveitava o hábito moderno da troca de mensagens para evitar confronto, e não para ser mais honesto. E isso valia para muitas pessoas que terminavam relacionamentos firmes. Vários participantes do fórum compartilharam histórias como esta:

> *Era um dia normal. Tinha marcado de encontrar o cara com quem estava fazia dois anos para um brunch. Peguei o carro, fui até o local combinado e ele não estava. Telefonei muitas vezes, até demais, e nada de ele atender. Voltei para casa. Entrei no Facebook e ele me mandou uma mensagem: “Oi, tenho pensado sobre a gente e não consigo me decidir se quero ou não continuar com você :/”. E foi isso.*
>
> *Me surpreendeu completamente, eu não conseguia acreditar que ele tivesse escolhido esse jeito para terminar, já que tínhamos nos visto no dia anterior e marcado o brunch. Claro que fiz ele me ligar depois disso para esclarecer a situação, o que só tornou as coisas piores. Nunca mais falamos desde então, por razões óbvias.*

É terrível ler um relato assim. Depois de dois anos, a relação termina com um :/, nem sequer um emoticon de verdade. Apareceram muitas outras histórias como essa, de comportamento passivo-agressivo que não propriamente terminava o namoro, o que só fazia a coisa ter um fim mais irritante, e doloroso, do que numa conversa cara a cara.

Decretar o fim mudando o status de relacionamento nas redes sociais sem avisar o parceiro é outra maneira como as pessoas terminam hoje. Uma participante nos contou: "Na faculdade, meu namorado terminou comigo alterando seu status no Facebok para 'solteiro'. A gente voltou a namorar seis anos depois e, dessa vez, ele me avisou que era o fim por mensagem de texto. Eu provavelmente deveria desistir de ficar com ele". Se voltar com o cara e ele te disser que precisa dar uma passada na "lojinha de dirigíveis", pode se preparar para ler a má notícia no céu.

A história a seguir é impressionante por conta da profundidade da relação terminada com uma mensagem de texto:

> *Em junho de 2012, quando eu estava com 42 anos, meu namorado terminou comigo via mensagem depois de termos passado oito anos juntos! Praticamente criei a filha dele e tinha sido totalmente devotada a ele e tudo o que o cercava. Fiquei muito ofendida e magoada, porque sentia que merecia que ele pelo menos me dispensasse pessoalmente, no mínimo por telefone!*

Aparentemente a cicatriz não foi muito profunda, porém, pois vejam o que aconteceu em seguida:

> *Passados dez meses sem contato, o tio dele faleceu e eu liguei e deixei uma mensagem de pêsames. Depois disso, a gente finalmente voltou a conversar e, mais tarde, a namorar. Continuo a amá-lo muito e o perdoei pela maneira como conduziu as coisas. E é óbvio que dei uma dura nele por causa daquela mensagem! :-)*

Sem querer ofender, mas vamos fazer uma pausa aqui e agradecer que não somos nós em nenhum dos dois lados desse relacionamento.

Discutindo esse tema com pessoas da minha geração, elas ficavam chocadas em saber que tanta gente anda terminando desse jeito. A geração mais jovem pega de novo uma ideia que parecia bizarra e a transforma num comportamento normal. Mas será que é tão surpreendente? Se a gente aceitar o argumento de

Sherry Turkle de que a preponderância da comunicação por texto está levando ao declínio das habilidades exigidas para uma conversa presencial, a mudança faz todo o sentido.

SEU EX CONTINUA A EXISTIR NO MUNDO CELULAR

Para quem sai de um relacionamento, as redes sociais também oferecem um canal fácil para manter contato com amores passados. Soubemos de vários casos em que a antiga chama foi acesa num flerte via mensagens, o que resultou em traição do novo parceiro.

Mas, mesmo quando isso não acontecia, ter de lidar com a presença do ex nas redes sociais era difícil para quem tivesse sido dispensado. “Fica mais complicado esquecer”, relatou uma pessoa. “Ainda que você seja um unicórnio capaz de terminar com sentimentos amigáveis e depois de uma conversa às claras, seu autocontrole acaba sendo testado, pois para ver como a outra pessoa está tocando a vida sem você basta um clique.”

A tentação de continuar na cola do ex na internet é praticamente universal. Um estudo descobriu que 88% das pessoas que continuam tendo acesso ao perfil de Facebook de um ex declaram que às vezes monitoram as atividades do antigo parceiro, ao passo que 70% dos que não tinham mais essa conexão virtual admitiram que tentavam espionar a página do ex por outros meios, como usando a conta de um amigo.

Muitas das pessoas com quem conversamos defenderam uma “desconexão” completa, mas outras achavam que esse tipo de jogo via redes sociais podia proporcionar bons momentos dramáticos. Ainda que se exclua o ex dos amigos e se deixe de segui-lo nas redes, é difícil evitar os encontros. Como ouvimos de uma pessoa: “Quanto mais longo tiver sido o relacionamento, mais complicado fica. Dá para bloquear a pessoa no Facebook? Claro. Mas os amigos são os mesmos, ou no mínimo você aceitou como amigos os amigos do outro. A gente acaba vendo as mesmas coisas que veria pelo que aparece no perfil dos amigos”.

Algumas pessoas arrumaram formas bastante criativas de resolver o problema do ex nas redes sociais. Cassandra, uma moça de dezenove anos de Toronto, usou o Photoshop para substituir o rosto do antigo namorado pelo da Beyoncé e colocou as fotos no Tumblr.

“Se você se imaginar vivendo os momentos mais felizes com a Beyoncé não

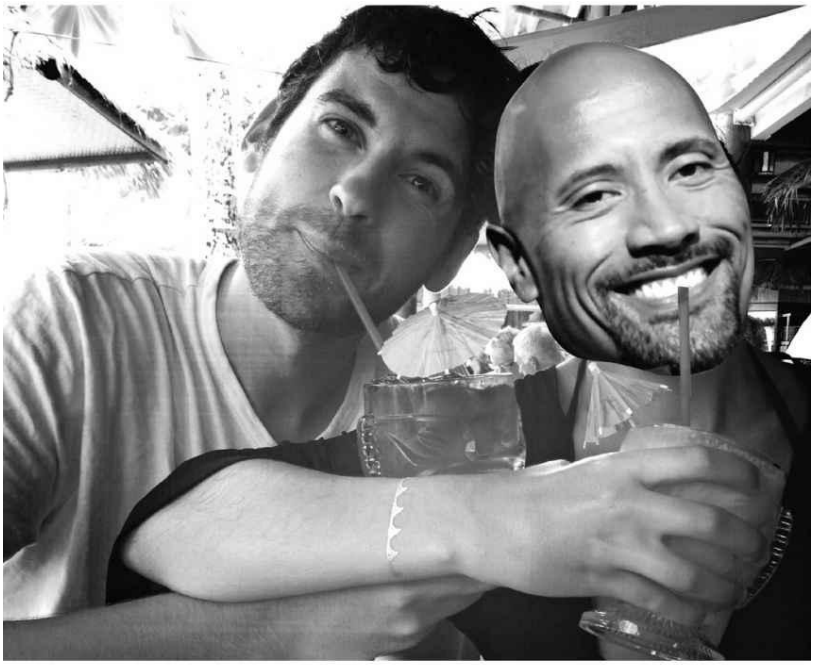
der certo, não sei mais o que pode dar", declarou ela ao Buzzfeed.[8]

Pensando nessa estratégia, concluí que outras celebridades talvez também funcionem.

Problemas para esquecer aquele rapaz? Por que não uma photoshopada para ter a seu lado o *Carga explosiva* Jason Statham em pessoa?



E aí, rapazes, deprimidos com as fotos daquelas férias com a amada no Havaí? Que tal se, em vez dela, você estivesse lá com o cara mais divertido de todos os tempos: Dwayne "The Rock" Johnson?





Meninas, se vocês estão tristes lembrando aquele jantar romântico com o ex que as trocou pela melhor amiga, que tal se nunca tivesse havido jantar romântico nenhum, e sim um estimulante papo com a juíza da Suprema Corte Sonia Sotomayor?



Ainda que nem vocês nem seus parceiros se sintam tentados a usar as redes sociais para facilitar traições — uma vez que todos sabemos como isso é fácil —, outra tendência tem se disseminado nos relacionamentos modernos: o fuçar obsessivo.

O FUÇAR OBSESSIVO

Se as redes sociais tornam mais fácil trair, não há dúvida de que facilitam muito mais ser descoberto traindo. Cada interação on-line com alguém deixa pistas.

Esses rastros digitais e o fato de estarmos conscientes de que nosso parceiro carrega um mundo de segredos em seu celular levam àquilo que chamaremos de “fuçar”.

Uma dica: enquanto estiverem lendo esta seção do livro, sempre que a palavra “fuçar” aparecer, ouçam-na à meia-voz na imaginação de vocês, pronunciada no sussurro sub-reptício do Aziz. Vai fazer o tópico ficar mais divertido. Experimentem agora. Fuçar… Sentiram?

Tanto nos nossos grupos focais presenciais quanto no fórum temático, muitas pessoas levantaram a discussão sobre fuçar mensagens, e-mails e interações nas redes sociais do parceiro e acabar descobrindo evidências incriminadoras que as

deixaram furiosas e, algumas vezes, até levaram ao fim do relacionamento.

"Terminei com minha namorada por causa de uma mensagem que li no celular dela", contou uma pessoa. "A gente estava na cama e ela levantou para ir ao banheiro. Não demorou muito e o celular vibrou. Era uma mensagem. Na tela inicial, bloqueada, já aparecia que era do ex-namorado dela, dizendo alguma coisa do tipo: 'Você vem hoje de novo?'."

"Minha ex e eu pegamos o mau hábito de ficar conferindo o telefone um do outro, o que levou a vários episódios de quebra de confiança", relatou outro jovem no fórum temático. "A maior parte do tempo não tínhamos absolutamente nada a esconder, mas, antes da briga final, descobri que ela vinha mentindo sobre frequentar um grupo de estudos bíblicos: em vez disso, andava se encontrando com um cara que tinha conhecido no grupo."

E não, não era o novo melhor amigo dela, Jesus Cristo.

Então vejam como são as coisas, leitores: caso o namorado ou a namorada de vocês diga que está saindo para ir à reunião do grupo de estudos bíblicos, é mais provável que esteja trepando com alguém do tal grupo.

Mesmo em situações nas quais uma das partes fuçou e não encontrou provas de traição, o próprio ato de olhar o celular do parceiro pode criar problemas. Ao buscar se certificar de que o outro está sendo fiel, talvez você acabe quebrando o acordo de confiança.

Entre os entrevistados que contaram ter estado do outro lado, os sentimentos eram variados. Alguns não se importavam que o parceiro fuçassem seu celular, pois não tinham mesmo nada a esconder. Muitos concordavam com a teoria de que manter login automático nas contas de aplicativos e sites era jogar limpo. Outros acreditavam que espiar a tela do parceiro é quebra de confiança e revela problemas subjacentes de ciúme. Alguns dos entrevistados chegaram a dizer que seria motivo para terminar o relacionamento.

Uma coisa que me chamou a atenção, porém, foi que, existindo ou não uma traição de fato, essas suspeitas e o consequente ato de fuçar podem evoluir a ponto de virar uma paranoia total que leva a pessoa à loucura.

Fuçar… (Continuam imaginando aquele sussurro? Só conferindo!)

Um jovem participante de um grande grupo focal que fizemos em Nova York relatou ter flagrado uma traição da namorada na conta do Gmail que ela tinha deixado logada. O rapaz observou que havia uma troca de mensagens entre a namorada e um ex dela e, com base em suspeitas anteriores, se sentiu compelido a conferir do que se tratava. O relato levou a que cerca de 150 pessoas assentissem quando perguntei: "Quer dizer que, quando a pessoa se esquece de

fazer logout, a atitude deve ser: *Já que essa porra ficou aberta, vou ler*?”.

A moça estava, de fato, traindo, mas concordou em terminar com o ex. Embora o casal tenha trabalhado a questão, o episódio acabou levando a uma intensa paranoia da parte do rapaz, que passou a checar e-mails, mensagens e redes sociais. A garota mudava as senhas, ele descobria as novas. Às vezes encontrava alguma coisa suspeita, tipo uma mensagem deletada, outras vezes não encontrava nada. No final, descobriu um e-mail que deixava claro que aquela relação com o ex não ia terminar como ela tinha prometido. Foi o fim do namoro.

O interessante é que, ainda que fuçar tenha, afinal, ajudado o rapaz a flagrar a traição da namorada, a experiência o fez adotar a postura de nunca mais fazer isso em relacionamentos futuros. Ele sentiu que fuçar só produzia suspeitas e paranoia capazes de violar a confiança fundamental necessária em uma relação.

Depois de ouvir todas as histórias contadas nas nossas entrevistas, essa posição do rapaz fez sentido para mim. Foram muitas as pessoas que entrevistamos e nos contaram que o menor vislumbre da privacidade do parceiro no celular ou nas redes sociais podia despertar uma incontrolável necessidade de fuçar mais. Basta o vestígio de uma mensagem ou e-mail de um estranho do sexo oposto, ou de algum astro da NBA como o Scottie Pippen, para levantar suspeitas. As pessoas em geral reconhecem que, na maior parte das vezes, não há nada com que se preocupar. Ainda assim, é difícil não seguir a pista, uma vez descoberta.

Na maioria dos relacionamentos, as barreiras que protegem a privacidade virtual são derrubadas sem que a gente perceba. À medida que a relação avança, o casal acaba compartilhando senhas por conveniência.

“Ei, querida, qual é sua senha do laptop? Queria ouvir aquela música incrível do Pitbull no Spotify!”

“A senha é ‘Pitbull’!”, ela responde.

“Uau, que louco isso!”

Quando você se dá conta, já está escutando aquele hit do *Planet Pit*. Aí pinta uma mensagem de bate-papo de um usuário chamado Armando.Perez@gmail.com. Você pensa consigo mesmo: *Caramba. Armando Perez… Esse é o nome verdadeiro do Pitbull! Por que ele está mandando uma mensagem para minha namorada?*

Será que sua namorada está tendo um caso com o Pitbull? Você lê a mensagem para ter certeza de que não está? É justificável, de alguma forma, trair a confiança dela apenas para acalmar seus temores momentâneos? É um dilema

que você não planejou, mas agora se vê obrigado a enfrentar.

Fuçar ou acidentalmente vislumbrar as mensagens privativas do parceiro não é o único jeito de pirar. Simplesmente ler as postagens públicas dele nas redes sociais com frequência já é suficiente.

Uma participante de um dos grupos focais contou que, acompanhando a timeline do namorado no Facebook, acabou ficando desconfiada de uma mulher que andava muito ativa por ali.

"Essa garota simplesmente ficava comentando direto na página dele", disse a moça. "Era só ver que o cara tinha namorada."

Ela ficou inquieta e decidiu checar as mensagens de texto do namorado, o que confirmou que ele a traía.

Homens e mulheres também contaram de parceiros incomodados quando alguém do sexo oposto resolvia "curtir" fotos demais no Instagram, ou mesmo ao ver certas imagens.

Um jovem que entrevistamos relatou que sua namorada costumava ter ciúme quando via fotos dele no Instagram com outras garotas, ou quando mulheres comentavam ou curtiam um número exagerado de imagens postadas por ele.

"Certa vez, cometi o erro de curtir a foto de uma amiga minha de biquíni. Foi um inferno", ele disse.

Essas não são necessariamente questões novas. Por acaso a namorada se chatear porque o cara curtiu a foto de uma mulher de biquíni é muito diferente de ela fechar a cara por causa de uma olhada indiscreta para a mesma pessoa na praia?

Todos esses desentendimentos e brigas mundanos em que nos metemos nos relacionamentos são reinventados de jeitos estranhos e interessantes no mundo virtual.

Um jovem, Sean, nos contou a história de como desconfiou de traição por conta de uma fuçada na atividade da namorada nas redes sociais num momento de grande estresse:

> *Minha namorada tinha sofrido um acidente de esqui. Eu estava na ambulância com ela, que me passou o celular para que eu ligasse para seus pais.*
>
> *Depois, olhando para a tela, vi que ela tinha baixado o Snapchat. Na verdade eu não sabia o que era esse aplicativo. Só tinha ouvido falar que servia especificamente para mandar nudes.*
>
> *Aí fui checar e apareceram, tipo, uns snapchats desse cara com um*

nome que eu não reconheci.

Fiquei furioso. Mas não falei nada. Porque ela estava usando um colete ortopédico. Não parecia o momento mais adequado.

Meses depois, a gente deu uma festa e fui apresentado para o tal cara. Ele era gay, o que me tranquilizou.

Eu mesmo passei por uma situação parecida, certa vez, quando minha namorada se chateou comigo por conta de postagens no Instagram. Eu estava embarcando num voo para a Nova Zelândia, a caminho do casamento de um primo. Antes do embarque, liguei para ela. Caiu na caixa postal. Mandei uma mensagem: "Oi! Logo vou embarcar. Só queria conversar antes do voo sair. Me liga". Ela respondeu: "Te liguei quatro horas atrás".

Tive certeza de que ela estava chateada porque a mensagem incluía o emoticon de um cara indiano com um revólver apontado para a cabeça.

Liguei de volta e, finalmente, ela atendeu. Expliquei que tinha estado ocupado fazendo as malas e preparando as coisas para a viagem, e que sabia que, chegando ao aeroporto, teria tempo para telefonar. Ela disse: "Ah, você estava ocupado arrumando mala? Bom, é que vi uma foto no Instagram de um amigo seu: você circulando na piscina e tirando fotos, aí pensei que, se tinha tempo para ficar brincando com uma câmera, podia ter me ligado ou respondido com uma mensagem".

Eu me desculpei e disse que não ia acontecer de novo.

Só que uma semana depois era Dia dos Namorados. Não esqueci nenhum detalhe. Era a primeira vez que íamos comemorar o dia. No trabalho, ela recebeu suas flores favoritas, mais um Fuzzball (um bicho de pelúcia do show do Michael Jackson na Disney, *Captain EO*, para lembrá-la da nossa excursão para lá) e chocolates iguais aos que ela tinha adorado na nossa viagem para o México.

Quando me encontrou em casa, depois do expediente, pedi que ela fechasse os olhos e entrasse num dos cômodos, onde estava tocando um dos nossos discos preferidos do Stevie Wonder. Ao abrir os olhos, ela deparou com duas taças servidas com seu vinho predileto. Aí chegou o momento da troca de presentes.

Eu primeiro.

"Ei, lembra semana passada, quando eu estava me arrumando para viajar e você ficou chateada porque não te atendi, e depois furiosa porque eu estava tirando fotos? Bom, o motivo daquilo é que tinha comprado para você essa câmera vintage incrível e resolvi testar se funcionava antes de te dar, então… este é seu presente."

Ela ficou se sentindo PÉSSIMA.

Foi o mais sensacional presente de Dia dos Namorados que já bolei.

TRAIÇÃO É UMA COISA FREQUENTE?

O medo e as suspeitas de traição nem sempre são infundados. De acordo com os dados de uma pesquisa de alcance nacional, de 20% a 40% dos homens heterossexuais casados e 25% das mulheres na mesma condição terão pelo menos um caso extraconjugal ao longo da vida, e entre 2% e 4% de todas as pessoas casadas estão dispostas a contar nessas pesquisas que mantiveram um amante no ano anterior.

A incidência da traição entre casais que não são casados, mas têm um relacionamento sério, chega a 70%. Além disso, 60% dos homens e 53% das mulheres confessam ter praticado a "caça ilegal" (tentar seduzir uma pessoa a uma aventura fora do relacionamento).[9] O que não deve ser confundido com a caça ilegal aos rinocerontes, que é quando alguém tenta seduzir um deles a uma escapada romântica interespécies. Nem com a caça ilegal ao ovo, na qual a pessoa tenta seduzir o coelhinho da Páscoa para que os ovos dos outros venham parar na sua barriguinha.

Vejamos o que acontece no "melhor cenário possível" de traição. Seu parceiro há dez anos ou mais ficou uma noite apenas com alguém que não voltará a ver, ele lamenta o ocorrido, diz que não significou nada e que nunca mais vai fazer isso de novo.

De acordo com a pesquisa nacional do Match.com, 80% dos homens e 76% das mulheres prefeririam que a atitude do parceiro fosse "confessar o erro… e sofrer as consequências", em vez de "levar o segredo para o túmulo".

Perguntei a muitas pessoas nos grupos focais como elas se sentiriam sendo traídas por uma noite apenas. O desconforto pareceu ser menos com o sexo casual em si — em termos práticos, isso não mudaria muito a relação — do que com o conhecimento do fato de que o parceiro fora infiel.

"Em tese eu não me importaria", afirmou Melissa, de 26 anos. "Mas saber que aconteceu? Não sei se conseguiria suportar."

Como todos nós vimos no sucesso de bilheteria intitulado *Proposta indecente*, só porque Woody Harrelson *pensa* que vai levar a coisa numa boa não quer dizer que não acabe se arrependendo quando o negócio acontece de verdade.

Outros entrevistados disseram não aceitar de jeito nenhum essa situação

hipotética. Para muitos deles, seria motivo para terminar imediatamente o relacionamento. Uma moça com quem falamos se lembrou de quando, certa noite, contou a um casal de amigos, pais de um bebê recém-nascido, que tivera um caso extraconjugal.

A esposa virou para o marido e disse: “Se algum dia você me trair, peço o divórcio e levo o bebê comigo”. Então levantou e foi para a cama. E ele respondeu: “Por mim, beleza. *Sayonara*, querida!”.

Certo, esta última parte da conversa não aconteceu, mas há certamente quem tenha tolerância zero com a infidelidade, assim como há casamentos que já terminaram com alguém saindo irado da sala dizendo: “*Sayonara*, querida!”.

FRANÇA:

MONOGAMIA E AMANTES

Nos Estados Unidos, há uma expectativa otimista de que a maioria das pessoas se manterá fiel ao parceiro, mas os números mostram que esse não será o caso para grande parte delas. Como vimos, quando o assunto é sexo e relacionamentos, aquilo em que acreditamos na teoria nem sempre combina com o que fazemos na prática.

Nas entrevistas que realizou para seu livro *Lust in Translation* [Traduzindo o desejo], sobre a infidelidade ao redor do mundo, Pamela Druckerman, colunista do *New York Times*, percebeu que a atitude de quem traía nos Estados Unidos parecia ser a de tentar manter distância do que tinham feito. "Muitos dos meus entrevistados começavam dizendo: 'Não sou do tipo de pessoa que teria um caso'. E eu sempre pensava: *É claro que você é exatamente o tipo de pessoa que teria um caso, porque não existe um tipo só*."

De acordo com uma pesquisa recente sobre atitudes em relação a casos extraconjugais em quarenta países diferentes, 84% das pessoas nos Estados Unidos afirmaram que a infidelidade é algo "moralmente inaceitável".[10] Outro levantamento, feito pelo Instituto Gallup, revelou que a prática é universalmente mais condenada do que a poligamia, a clonagem de animais e o suicídio.[11]

Isso quer dizer que se houvesse dois caras num bar, um dos quais traindo a esposa, o outro com uma porquinha clonada chamada Bootsie, o pessoal olharia mais torto para o marido infiel do que para a porquinha.

Quando se compara esse grau de desaprovação aos dados sobre quanto se trai de fato, o cenário resultante é bizarro. Será que realmente acreditamos que toda essa massa de gente que se envolve em casos extraconjugais é composta de monstros imorais? Haja monstros. O que parece é que, na nossa própria vida, ainda que relutantemente, com frequência aceitamos o ato da traição, ao passo que continuamos a condenar a prática de maneira geral.

Mas nem todas as culturas reprovam a infidelidade com tanta veemência.

O país que, com larga vantagem, mostra maior tolerância à traição conjugal é — nenhuma surpresa aqui — a França, onde apenas 47% das pessoas entrevistadas disseram considerar a prática moralmente inaceitável. O que é boa notícia, pois a França é o país com as mais altas taxas de infidelidade: 55% entre os homens e 32% entre as mulheres, segundo os números mais recentes.[12]

A segunda nação mais tolerante é a Alemanha, com 60% concordando que trair é moralmente inaceitável. Vários outros países europeus, incluindo Espanha e Itália, se encontram nessa faixa.

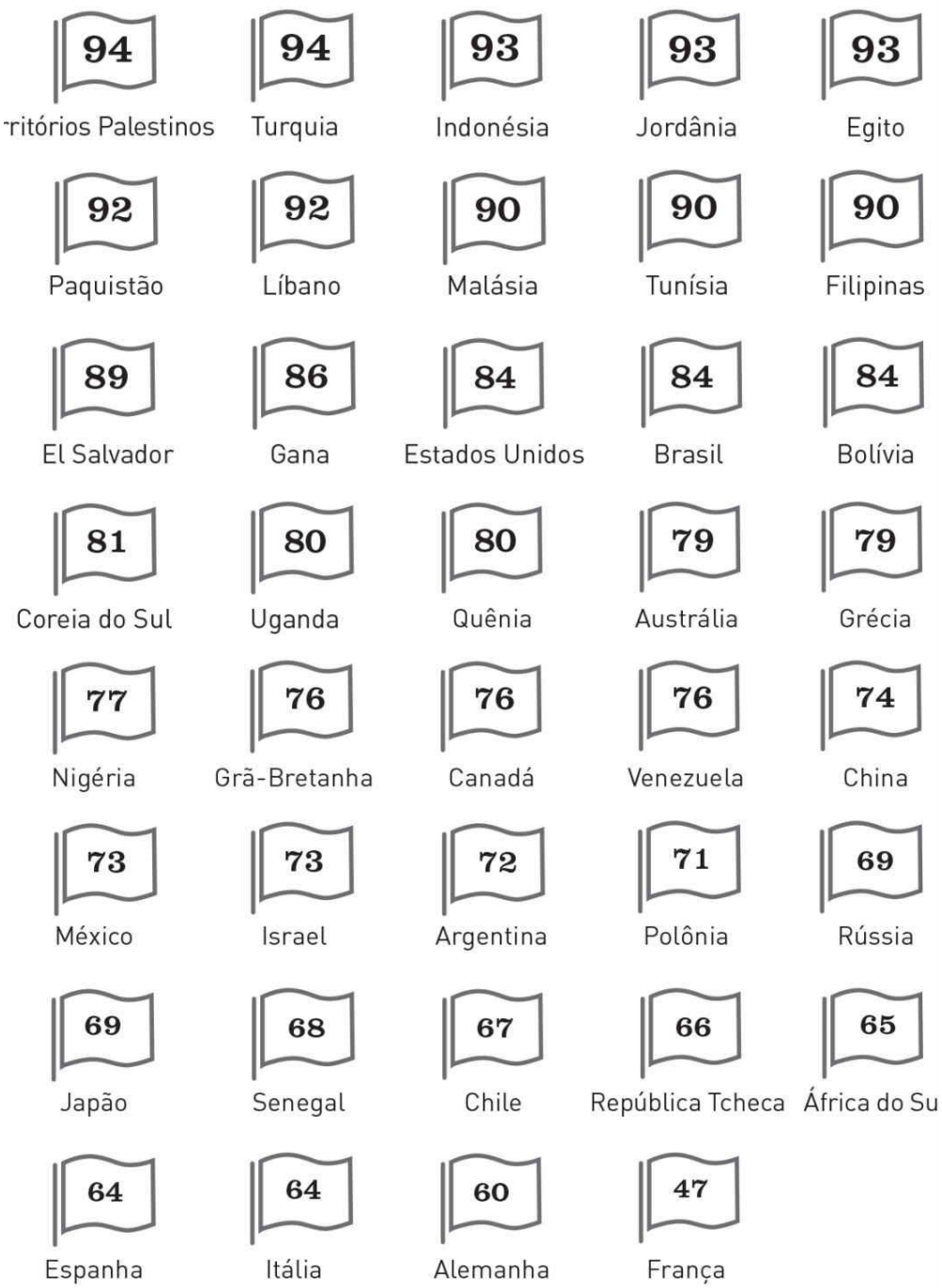
Os países que fazem companhia próxima aos Estados Unidos no ranking são principalmente os latino-americanos e africanos, lugares como Gana, Bolívia e Brasil. Aqueles países em que a desaprovação da infidelidade é maior, de 90% ou mais, ficam basicamente em partes islâmicas tradicionais do Oriente Médio.

Decidi viajar para a França para tentar aprender um pouco sobre a cultura de relacionamentos dos franceses, além de desfrutar da incrível culinária do país.

Bom, então todo mundo já sabe que a França é famosa pela tolerância à infidelidade. Mas tem uma diferença entre ver um número numa pesquisa sobre comportamentos e conversar com gente de verdade acerca de suas experiências com algo complicado como costumam ser os casos extraconjugais. Fomos ao país não para verificar se as pessoas lá traem e têm sentimentos diferentes dos nossos em relação a isso, mas para descobrir como a postura mais aberta dos franceses quanto à monogamia afeta seus relacionamentos, sua família e sua vida. Não romantizamos o jeito deles de fazer as coisas, e sim nos perguntamos se pessoas de lugares mais conservadores teriam algo a aprender (e o quê) com essa abordagem mais tolerante.

PORCENTAGEM DE PESSOAS QUE DIZEM QUE CASOS

EXTRACONJUGAIS SÃO “MORALMENTE INACEITÁVEIS”



Nas entrevistas e grupos de foco, a maioria dos franceses que conhecemos afirmou ser natural, senão inevitável, buscar novidade e excitação na vida sexual. Eram pessoas que, ainda assim, ficavam furiosas quando traídas, mas não da mesma maneira que nos Estados Unidos. Não havia um julgamento tão duro de quem cometesse a transgressão.

“Na França, mesmo que tenha seus casos, você ainda pode ser um cara legal”,

contou Lukas, um jovem parisiense.

“Não acho que seja possível se manter fiel uma vida inteira”, afirmou Irene, de 23 anos. “Não é razoável pensar que a gente não vá se sentir atraído por outras pessoas. Se fosse casada, tivesse filhos e meu marido tivesse dormido com outra, eu não jogaria tudo para o alto.”

“A gente sabe que meio que todo mundo já pulou a cerca, então, quando acontece, as pessoas são mais compreensivas”, disse George, um rapaz de 25 anos que tinha morado na França e na Áustria. “No subconsciente dos franceses há essa ideia de que todo mundo trai, mesmo que não seja bem assim.”

A maior parte das pessoas no país convive com a expectativa de que seus líderes políticos, no mínimo, mantenham relações extraconjugais, e muitas vezes uma segunda família também. Quando François Mitterrand era primeiro-ministro, sua amante, Anne Pingeot, e a filha dos dois, Mazarine Pingeot, o visitavam com frequência no Palácio do Eliseu, ainda que o político tivesse esposa e filhos. No funeral de Mitterrand, a segunda família ocupou seu lugar ao lado da família oficial.

Políticos não são os únicos a fazer esse tipo de coisa. Os participantes dos grupos focais compartilharam histórias sobre outros acordos de casais franceses que seriam difíceis de compreender nos Estados Unidos. Uma moça nos contou que seu tio costumava discretamente separar os ossos dos pratos com carne preparados pela esposa para dar ao cachorro da amante, e que por fim a tia, irritada com a encenação, simplesmente passou ela mesma a acondicionar os ossos num saco para serem entregues.

Numa entrevista com o cachorro sobre a situação, ele me disse: “O negócio é esquisito, mas, sabe, não dá para reclamar. *O dobro de ossos, cara!*”.

Outra participante nos relatou que um parente seu mais velho saía de férias com a esposa e a amante, hospedando-as em quartos separados, mas, fora isso, passando boa parte do tempo com as duas juntas.

O hábito da amante é bastante disseminado. O mais chocante para mim foi saber que, no Dia dos Namorados, as floriculturas usam o slogan: “Não esqueça sua amante!”.

Na saída do grupo focal, esbarrei com aquele cachorro na calçada. Ele disse:

> *Sei lá, cara. De certa forma, entendo a coisa. As expectativas desse pessoal quanto à fidelidade amorosa são mais realistas. Mas essa porra de ter amantes…*
>
> *Parece que os caras estão se aproveitando da boa-fé das mulheres, que*

se resignaram com uma situação depreciativa para elas.

É uma droga, exceto pelo negócio do dobro de ossos.

Admiro os franceses porque aceitam com honestidade sua natureza sexual, mas deve haver um meio-termo entre expectativas monogâmicas irreais e uma segunda família.

Ei, por acaso você não tem aí um saco plástico, né? Para quê? Nada, não…

---

* Tinha um cara entre as pessoas com fotos vazadas, mas as imagens dele não foram as que realmente viraram manchete e se espalharam.

CAPÍTULO 7

ASSUMINDO UM COMPROMISSO

Nunca fui um cara de namorar. Eu já tinha mais ou menos 23 anos quando começou meu primeiro relacionamento sério. Eu morava em Nova York, mas, na altura do terceiro aniversário de namoro, precisei me mudar para Los Angeles. Tinha 25 anos. A garota estava disposta a ir para LA, só que para mim parecia um pouco demais viver com outra pessoa naquela idade e, em especial, fazê-la atravessar o país comigo. Acabamos terminando depois de um ano e pouco tentando manter a coisa à longa distância.

Curti aquele relacionamento, mas também fui muito feliz solteiro entre os 25 e os 31. Lá atrás, neste livro, discutimos a dificuldade de achar a pessoa certa com quem assumir um compromisso quando há tantas opções. Esse é um problema real, embora tenha um lado positivo: com esse monte de alternativas, a vida de solteiro pode ser muito divertida!

Meu estilo de vida era bem complicado para manter um relacionamento sério, de qualquer forma. Ficava o tempo todo em trânsito entre Nova York e LA, por conta do trabalho, e não tinha certeza de para onde minha futura carreira me levaria.

Me diverti muito frequentando ambientes de encontros casuais, mas, a certa altura, cansei da trabalheira que dava manter uma vida de solteiro divertida. Assim como aconteceu com outras pessoas entrevistadas neste livro, o mundo dos solteiros tinha me exaurido.

Cheguei a me tornar aquele romântico esperançoso que ficava na balada todo dia até as quatro horas da manhã, apreensivo porque, se fosse para casa, perderia a mulher encantadora e incrível que estava para aparecer naquele bar às 3h35. Depois de muitas madrugadas viradas e manhãs brutais, porém, me dei conta de

que, em sua maioria, mulheres encantadoras e incríveis não aparecem em bares às 3h35. Em geral, estão na cama nesse horário. Em geral, homens e mulheres que frequentam a balada nesse nível de desespero estão mais para “pesadelo/ desastre” do que para “demais/ incrível”.

Quanto cheguei aos trinta, passei a desprezar bares. Tinha vivido todas as versões possíveis das baladas. Conhecia todos os desfechos e as probabilidades a partir daí. Uma vez que se chega a esse ponto, a gente percebe como pode ser infrutífero tentar encontrar uma pessoa rodando de bar em bar: há números em abundância provando estatisticamente que o melhor que se pode fazer ao entrar num deles é ir até o banheiro, bater uma punheta e cair fora.

Também comecei a perder amigos. Certo dia, no meio de um churrasco em casa, vi que estava rodeado de casais. Parecia que eu era o único solteiro do pedaço. Todos os outros estavam dividindo a costelinha. Enquanto isso, tive de comer uma inteira sozinho, como se fosse um gorducho solitário. Senti que era hora de mudar. Sossegar um pouco.

Resolvi que queria ao menos tentar namorar. Fazia muito tempo que não tinha um relacionamento sério. Passei a pensar nas vantagens. Teria alguém com quem me importar de verdade, que também se importaria comigo. Seria o fim daquela loucura de mensagens para lá e para cá. Não daríamos cano um no outro. Eu sempre teria companhia para assistir a um filme, ir a um novo restaurante, ou, como eu costumava descrever como meu sonho na época, “ficar em casa, cozinhando e não fazendo nada”.

Era divertido ser solteiro, mas eu tinha chegado ao que vou chamar de “ponto de exaustão”. Conhecia a experiência em primeira mão e, ao entrevistar pessoas para este livro, percebi que era uma coisa bem universal.

A certa altura, o esforço necessário para manter um estilo de vida divertido como solteiro supera os benefícios. As noites que terminam com uma transa casual incrível começam a perder terreno para as ocasiões em que a gente vagueia sozinho de volta para casa, exausto, e acorda com ressaca e um burrito pela metade no peito.

A sequência interminável de primeiros encontros, nos quais a gente acaba dizendo sempre as mesmas merdas nos mesmos lugares repetidas vezes, se torna cansativa. O universo dos encontros casuais proporcionava diversão, mas muitas vezes, entre um momento divertido e outro, há um vazio.

Assumir um compromisso oferece a oportunidade de preencher esse vazio com a confiança, a profundidade e a intimidade amorosas de um relacionamento de verdade.

Agora o que eu tinha de fazer era achar a pessoa certa. Quando saía à noite, tentava ficar atento a pessoas com potencial para um relacionamento. De início não dei muita sorte, mas então fui almoçar com um amigo que colocou a questão em perspectiva.

“Quero namorar, mas nunca encontro alguém de quem eu goste de verdade”, eu disse.

“Tá, e aonde você tem ido para conhecer essas garotas?”, ele perguntou.

“Bares e baladas”, respondi.

“Então você anda frequentando lugares horríveis e conhecendo pessoas horríveis e fica aí se queixando? Tenha uma vida mais adulta. Vá ao mercado, compre sua própria comida, se cuide. Se você levar uma vida responsável, vai acabar conhecendo outras pessoas responsáveis”, disse meu amigo.

Aquilo fazia sentido. Eu ficava na balada feito um lunático e reclamava que só conhecia gente lunática. Percebi que, se era para tentar encontrar uma namorada, teria de mudar o jeito como estava procurando. Em vez de ir a bares e baladas, faria coisas que gostaria que uma hipotética namorada gostasse de fazer. Iria mais a museus, eventos gastronômicos, a bares discretos e interessantes (e mais cedo), e com isso as coisas melhoraram.

Topei mais de uma vez conhecer amigas de amigos e passei a aceitar que esses amigos arranjassem os encontros, na esperança de conhecer pessoas mais legais que já tivessem passado pelo filtro das minhas relações sociais. Também decidi que conheceria de verdade as mulheres com quem saísse. Como observei no capítulo 4, a ideia era, em vez de emplacar uma porção de primeiros encontros, tentar ficar realmente íntimo das pessoas e chegar mais vezes ao quinto ou sexto encontro juntos.

Alguns meses mais tarde, esbarrei numa moça incrível que já conhecia havia anos. Tinha gostado dela na época, mas ela era comprometida. Ela era linda, divertida e chef de cozinha!!! Se vocês repararam na quantidade de referências a comida neste livro, devem ter percebido o quanto esse detalhe era sensacional para mim. Começamos a nos ver. Muito rapidamente passamos a ficar em casa, cozinhando e não fazendo nada o tempo inteiro. Foi fantástico.

Depois de algumas semanas, com a relação começando a ficar séria, tive de encarar a decisão de assumir ou não compromisso com ela. Queria mesmo uma namorada? Queria mesmo abrir mão da vida de solteiro?

Eu tinha certeza de que queria um relacionamento, mas essa mulher incrível me achou e continuei acuado. Assumir um relacionamento parecia uma perspectiva assustadora.

Já expliquei aqui a ideia de que, sendo esta a época da maior abundância de opções na vida amorosa, quando a gente embarca num relacionamento, isso equivale a fechar a porta para todas essas opções.

Ser solteiro dá uma trabalheira, mas um relacionamento também dá. Havia o inconveniente das minhas turnês e o obstáculo gigantesco da longa distância (eu precisava voltar para LA e ela vivia em Nova York).

Por fim, decidi mergulhar de cabeça.

Hoje moramos em Los Angeles e cozinhamos e não fazemos nada regularmente. Ela é incrível e estou muito feliz com a relação, mas a decisão de me entregar completamente foi dura. E é dura para muitos solteiros por aí.

MEDO DE ASSUMIR COMPROMISSO, MEDO DE SE ACOMODAR

A esta altura, já vimos que ter um monte de opções torna difícil achar a pessoa certa para namorar. Isso é de fato um problema, mas com um lado positivo: com tantas opções, estar solteiro pode ser bem divertido.

As chances de encontrar alguém com quem estabelecer uma ligação e ter experiências incríveis são grandes. O relacionamento pode ser casual, sério ou algo entre uma coisa e outra, o que a gente quiser.

Quando a oportunidade de namorar se apresenta, o glamour da vida de solteiro, com todas as alternativas em potencial, fala mais alto. O temor constante que muitos solteiros expressaram nas nossas entrevistas era de que, entrando num relacionamento sério, não estivessem assumindo um compromisso, mas se acomodando.

No clima que hoje impera nas relações românticas, muitas pessoas são acometidas do que chamaremos de “mal do upgrade”. Solteiros ficam sempre se perguntando se não haveria alguém melhor, um upgrade do parceiro atual.

Essa sensação predomina em especial nas cidades maiores. Em lugares como Chicago e Boston, em que se anda muito a pé, o pessoal relatou a dificuldade que enfrenta para namorar quando, a cada esquina, surge mais gente atraente e hipoteticamente interessante.

Como comentou conosco uma moça: “Para os caras e para as garotas é igual… É simplesmente muita gente. E vai ter alguém na outra esquina, nessa ou naquela região da cidade, de quem talvez você goste só um pouquinho mais do

que da pessoa que está bem na sua frente naquele momento”.

Mesmo quando não se vive numa cidade onde se caminha bastante pelas ruas, todo mundo acaba vendo muito mais rostos no mundo virtual. E, de um jeito estranho, todos os rostos que vemos parecem ser opções reais para as quais estamos fechando a porta ao assumir um compromisso. Vocês alguma vez já navegaram a esmo no Instagram? Pode acabar sendo como cair na toca do coelho da Alice: a gente clica nos perfis dos amigos, das amigas dos amigos, de pessoas que curtiram as fotos desses amigos. Fica ali, vendo imagens daquelas pessoas lindas. Olha algumas delas no perfil de alguém e talvez comece a imaginar quem é aquela pessoa. E passa a se perguntar: *Uau, e se rolasse alguma coisa entre nós dois?*

Num mundo em que as pessoas ficam o dia inteiro de pijama arrastando para a direita fotos dos rostos dos seus sonhos, as escolhas acabam mostrando sua face assustadora e fazem a decisão de namorar parecer muito limitadora. Certo, você está com uma pessoa sensacional, mas tem certeza de que é a mais sensacional de todas?

E, mesmo entre aqueles que superam esse obstáculo e embarcam num relacionamento sério, há mais desafios pela frente.

AMOR APAIXONADO E AMOR COMPANHEIRO

A sabedoria convencional diz que todo relacionamento tem duas fases. Primeiro vem o começo, quando a gente se apaixona e tudo parece novo e mágico. Depois, a certa altura, talvez passados alguns anos, as coisas ficam menos excitantes e mais rotineiras. Ainda há amor, mas simplesmente deixa de existir a mágica do começo. Como diz o Woody Allen em *Noivo neurótico, noiva nervosa*, "o amor desbota".

"No meu casamento, não! Está tudo ótimo. A gente atingiu o ponto alto, aí aquele cume virou um platô e, desde então, nos mantemos nas alturas!"

Certo, então por que você está lendo este livro sobre relacionamentos? Para ver as besteiras que pessoas tristes e solitárias fazem para tornar sua vida uma porcaria que nem chega aos pés da sua? Então por que você não abandona agora mesmo a leitura e vai fazer sexo com o parceiro que te excita tanto, seu mané?

Mas peraí: a ciência diz que você pode estar mentindo. Exatamente: estou falando de ressonâncias, tomografias, a porra toda. De ESCANEAR O CÉREBRO.

Os pesquisadores identificaram, de fato, dois tipos distintos de amor: o amor apaixonado e o amor companheiro.

Na primeira fase de um relacionamento, o que se sente é amor apaixonado. É quando os amantes estão loucos um pelo outro. Cada sorriso faz o coração disparar. Cada noite é ainda mais mágica que a anterior.

Durante esse estágio, o cérebro se torna especialmente ativo e passa a liberar todo tipo de neurotransmissores responsáveis por provocar prazer e estímulo. As sinapses neurais são inundadas de dopamina, a mesma coisa que é liberada quando se consome cocaína.

"Carol, nem consigo descrever aquilo que você me faz sentir. Não, espera, consigo sim — você leva minha mente a liberar neurotransmissores indutores de sensação prazerosa e inunda meu cérebro de dopamina. Se uma pessoa pudesse encarnar a experiência de cheirar cocaína e ficar tão doidão a ponto de querer escalar um poste usando só as mãos, essa pessoa seria você."

Como acontece com qualquer droga, porém, o barato uma hora acaba. Os cientistas estimam que essa fase normalmente dura entre doze e dezoito meses. Chega o momento em que o cérebro se reequilibra. Para de bombear adrenalina e dopamina e a gente passa a se sentir como antes de ter se apaixonado. A paixão do início começa a desaparecer gradualmente. O cérebro está dizendo, tipo: *TÁ BOM!! Já saquei. Ela é incrível, blá-blá-blá.*

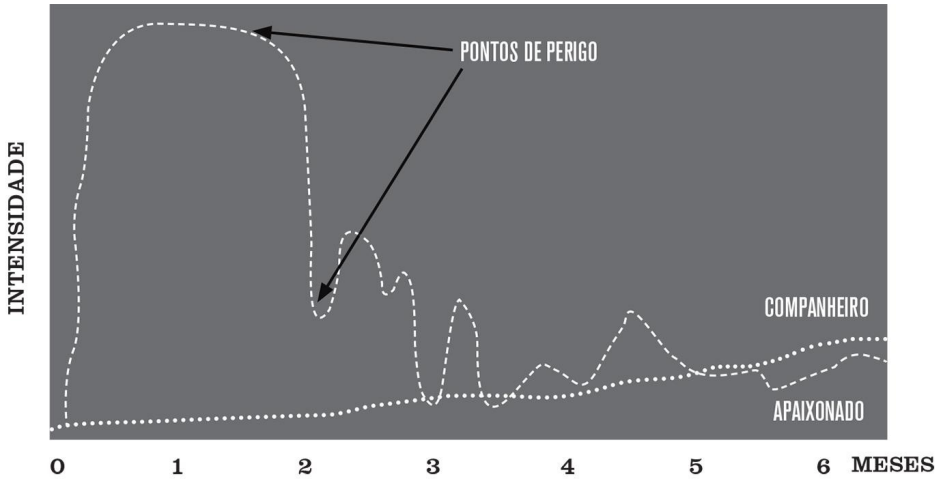
O que acontece então? Ora, nos bons relacionamentos, quando o amor apaixonado desbota, um segundo tipo de amor surge no lugar: o *amor companheiro*.

O amor companheiro é neurologicamente diferente do amor apaixonado. Este sempre desponta primeiro, depois mingua, ao passo que aquele é menos intenso, mas cresce com o tempo. E, enquanto o amor apaixonado estimula os centros do cérebro relacionados ao prazer, o amor companheiro está associado às áreas cuja atividade tem a ver com laços e relacionamentos duradouros. A antropóloga Helen Fisher, autora de *Anatomy of Love* [Anatomia do amor] e uma das especialistas mais citadas nos estudos sobre sexo e atração, integrou uma equipe de pesquisadores que, depois de reunir um grupo de pessoas na meia-idade e casadas então há, em média, 21 anos, escaneou o cérebro delas enquanto olhavam para uma fotografia do companheiro, o que foi comparado às imagens do cérebro de gente mais jovem olhando a imagem de um novo parceiro. A conclusão da equipe de pesquisadores, segundo escreveu Fisher, foi a seguinte: "Entre as pessoas comprometidas há mais tempo, as regiões do cérebro associadas à ansiedade não se mostravam mais ativas; em vez disso, observou-se estímulo nas áreas ligadas ao estado de tranquilidade".[1] Neurologicamente, a reação se assemelha à do tipo de amor que se sente por um velho amigo ou por alguém da família.

Quer dizer que a reação provocada pelo amor vai de algo como cheirar cocaína àquilo que sinto pelo meu tio? Não quero fazer parecer que o amor companheiro é uma porcaria. É amor, apenas menos intenso e mais estável. A paixão ainda está lá, mas temperada por confiança, estabilidade e pela compreensão dos defeitos do outro. Se o amor apaixonado é cocaína, o amor companheiro é como beber uma taça de vinho ou dar uns tapas num baseadinho. Agora parece um pouco melhor do que aquela história de tio, certo? Todo mundo curte mais um trago ou um baseado do que os parentes, né? Maravilha.

Também faz sentido que o amor apaixonado não dure muito. Caso todos fôssemos capazes de viver apaixonados a vida inteira, o mundo entraria em colapso. Ficaríamos trancados no apartamento, sem tirar os olhos do parceiro, enquanto as ruas seriam tomadas por animais enormes e crianças catando comida no lixo.

Essa transição do amor apaixonado para o amor companheiro pode ser espinhosa. Em seu livro *The Happiness Hypothesis* [A hipótese da felicidade], Jonathan Haidt, psicólogo social da Universidade de Nova York, identifica dois momentos perigosos numa relação romântica.



Um deles é o pico da fase do amor apaixonado. Todo mundo já viu isso acontecer. A pessoa fica toda entusiasmada e mergulha de cabeça. Um casal novo, com semanas ou meses de relacionamento, doidão de amor apaixonado, cai na besteira de ir morar junto e se casa rápido demais.

É a mesma coisa de quando o cara cheira uma porrada de cocaína e resolve que tem um projeto sensacional para a vida, pronto para ser colocado em prática.

"É isso, mano! Vou derreter fitas de vídeo velhas e moldar bonequinhos de personagens para vender. Aí, com esse dinheiro, posso financiar meu negócio: roupas dupla face! Vai chamar Pijamas do Avesso. Pensa só! Um dos lados é uma roupa normal, para o dia a dia. À noite você vira do avesso e TA-DÁ, UM PIJAMA! Opa, meu nariz tá sangrando?"

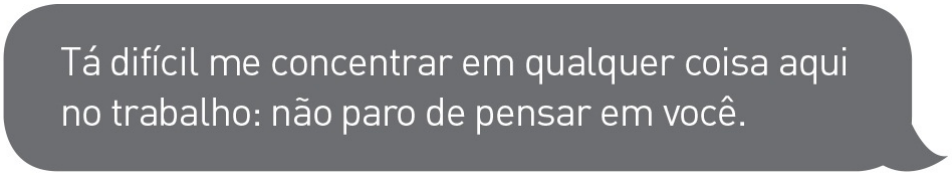
Algumas vezes esses casais conseguem passar da fase da paixão à do companheirismo. Outras, porém, entram numa relação maluca e tóxica, se separam e ficam se perguntando onde é que estavam com a cabeça quando foram morar juntos.

"Merda, aparentemente o lado pijama fica bem sujo e nojento se a gente usa ele durante o dia. Quem sabe se esse lado fosse usado na noite anterior, e só depois o lado roupa? Ah, caralho, mas o que é que eu estou fazendo? Idiota! Imbecil! Porra. Acho que eu não devia ter acessado a conta bancária dos meus pais e feito a limpa no fundo de aposentadoria deles. Vou precisar de *muito* mais cocaína para pensar num jeito de sair dessa…"

O segundo momento perigoso ocorre quando o amor apaixonado começa a minguar. É o momento em que o efeito daquele barato inicial vai diminuindo e a gente passa a se perguntar, apreensivo, se aquela é realmente a pessoa certa.

Algumas semanas antes, você andava nas nuvens, estava obcecado. Qualquer novo detalhe ou fato que descobria sobre seu parceiro tinha o sabor de surpresinhas deliciosas, como chegar em casa e encontrar um bombom sobre o travesseiro. Agora você tem reações do tipo: *Certo, entendi. Seu hobby é confeccionar réplicas exatas de uniformes da Guerra Civil!!*

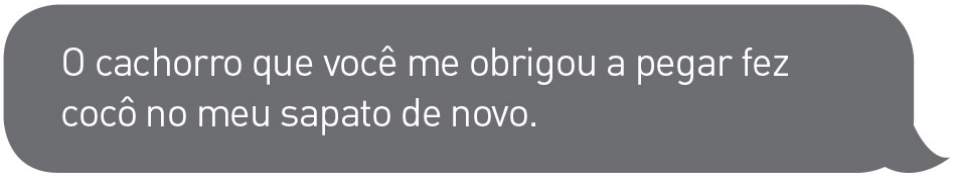
As mensagens costumavam ser tão amorosas:



Agora são assim:



ou



Você conclui que tem alguma coisa errada com a pessoa ou com a relação, uma vez que não existe mais o entusiasmo de antes. E aí vocês terminam, sem chegar a dar chance para o amor companheiro se desenvolver.

Mas Haidt argumenta que, quando se chega a esse estágio, deve-se simplesmente ter paciência. Com sorte, se a gente se permitir investir um pouco mais naquela pessoa, vai encontrar um belo companheiro para a vida.

Tive uma experiência própria e meio esquisita com isso. No início do relacionamento com minha namorada, quando tínhamos alguns meses de namoro, fui ao casamento de um amigo em Big Sur. Fui sem ela, porque meu amigo me fez esse favorzão e não me deixou levar alguém. Valeu, cara. É ótimo

sentar sozinho e segurar vela durante o jantar, sem ter ninguém com quem dançar nem companhia para tirar sarro das coisas. Ficar o tempo todo enfiando a cara entre as duas cabeças de algum casalzinho pra perguntar: “Sobre o que vocês estão conversando?”. É DEMAIS!

Os votos, nesse casamento, foram marcantes. Os noivos disseram as coisas mais memoráveis e amorosas um para o outro. Coisas como “Você é um prisma que transforma a luz da vida num arco-íris”, ou “Você é um creme que hidrata meu coração. Sem você, minha alma fica ressecada”. O que eles disseram foi uma versão sincera e não zoada de declarações desse tipo.

Depois do casamento, quatro casais presentes terminaram, supostamente porque sentiram que não se amavam a ponto de expressar votos como aqueles.

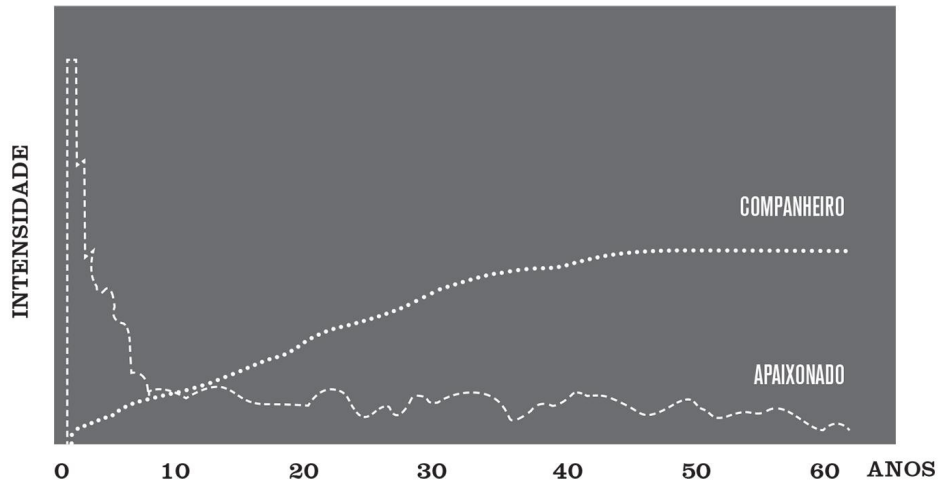
Será que desistiram cedo demais, num dos tais momentos perigosos? Não sei, mas também me senti intimidado ao ouvir os votos matrimoniais. Será que eu tinha o que aqueles noivos tinham? Àquela altura, não. Mas, por alguma razão, sentia bem no fundo que devia continuar investindo no relacionamento com minha namorada porque, no fim, chegaríamos ao mesmo nível de amor. E até agora tem sido assim.

VOCÊ PRECISA SE CASAR?

Nos relacionamentos, há compromissos e compromissos, estes últimos de um tipo que envolve uma permissão, em geral algo como uma benção religiosa, e uma cerimônia na qual todos os amigos próximos e parentes são testemunha da promessa do casal de ficar junto até que um dos dois morra.

O que acontece com o gráfico do amor quando as pessoas vão além dos estágios iniciais da vida amorosa e resistem à travessia dos momentos perigosos?

O gráfico a seguir mede a intensidade do amor no curso de um casamento.



De início, logo que se casa, a pessoa recebe uma injeção de amor apaixonado. Esse combustível dura mais ou menos dois anos. Aí a paixão mingua e vêm os vários altos e baixos. O casal passa pela experiência de viver junto e formar uma família. Quando as crianças finalmente saem de cena — mais ou menos onde o gráfico assinala 25 anos —, há um influxo de intensidade amorosa. Talvez aconteça um retorno da curtição romântica e até se renove algo da paixão que, lá atrás, uniu as duas pessoas — que, logo mais, vão estar mortas.

Sempre que estou numa festa de casamento assistindo a um lindo casal expressar seus votos matrimoniais debaixo de uma árvore ou no cenário de uma montanha ou de um arco-íris, ou seja lá o que for, começo a pensar nesse gráfico.

A mais pura verdade é que, não importa o quanto os dois se amem, nem que a cerimônia seja maravilhosa e os votos, os mais poéticos e amorosos, sabemos que, terminada a festa, aquele amor vai se tornar menos apaixonado e a vida do casal, mais complicada, sem que isso signifique “mais divertida”.

A parte romântica da relação atingiu seu ápice.

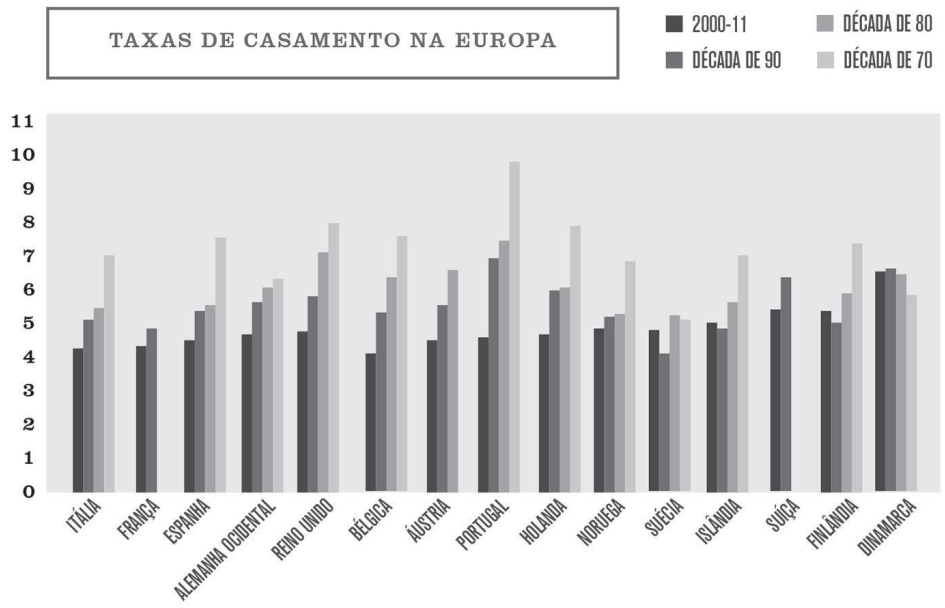
Alianças trocadas, o padre deveria dizer, simplesmente: “Aproveitem, seus bocós. Por causa da tendência do nosso cérebro à adaptação hedonista, daqui a alguns anos vocês não vão estar se sentindo mais tão nas nuvens. Agora, cadê os salgadinhos? Tenho que cair fora”.

Então, por que casar, afinal?

Em décadas recentes, nos países mais desenvolvidos, as taxas de casamento despencaram, o que levou algumas pessoas a se perguntar se essa não seria uma instituição moribunda. Philip Cohen, atualmente um dos principais demógrafos especializados em temas de família, vem documentando o declínio global abrupto e disseminado do casamento desde os anos 70. De acordo com seus

cálculos, 89% da população mundial mora em países onde a frequência de novos matrimônios está em queda, e europeus e japoneses vivem algo parecido com uma queda livre nessa questão.[2]

Nos Estados Unidos, essas taxas são, hoje, as mais baixas da história. Em 1970, por exemplo, havia em torno de 74 casamentos para cada mil mulheres solteiras na população do país. Em 2012, esse número havia caído para 31 por mil — uma baixa de quase 60%. Os americanos também estão aderindo à tendência internacional que mostra as pessoas se casando mais tarde. Em 1960, 68% do total de jovens entre vinte e trinta anos estava casado, contra 28% em 2008.[3]



Pela primeira vez na história, o americano típico agora passa mais anos da vida solteiro do que casado.

E pelo que as pessoas têm optado no lugar de casar?

Como Eric escreveu em seu livro *Going Solo* [Ficando sozinho], vivemos uma época de incrível experimentação quanto a diferentes maneiras de assumir compromisso. Morar com outra pessoa por bastante tempo é uma tendência em alta, especialmente na Europa. Os percentuais de gente morando sozinha dispararam em quase todo lugar, e em muitas cidades maiores — de Paris a Tóquio, de Washington a Berlim — quase metade dos lares são habitados por apenas uma pessoa.

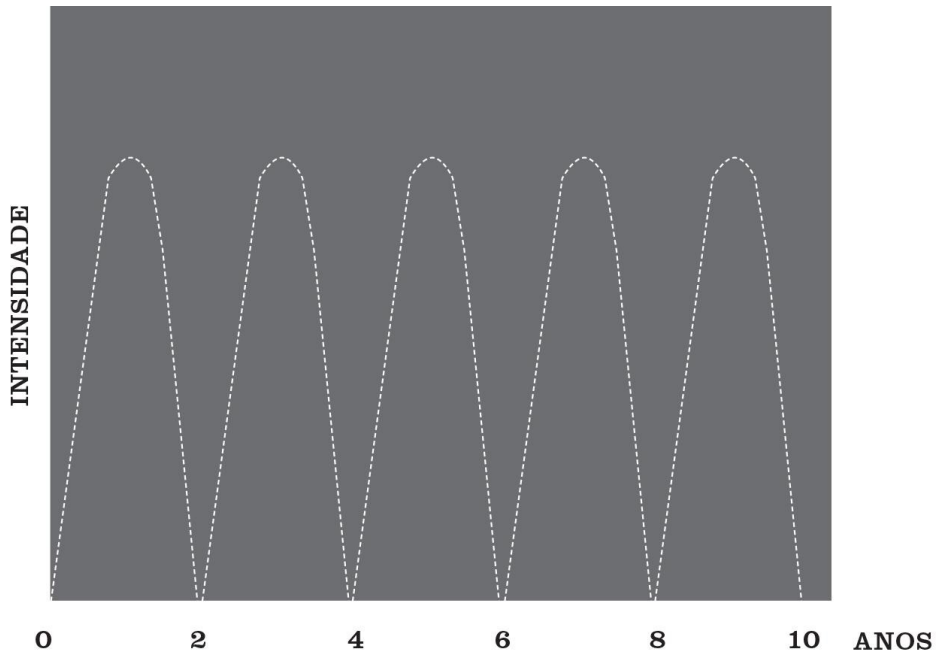
Mas o casamento não se tornou de todo uma instituição indesejável. Afinal,

pilhas de pesquisas em ciências sociais mostram que uniões bem-sucedidas fazem as pessoas mais longevas, felizes e saudáveis. (Tudo bem que um número grande de casamentos não dá certo, e aquelas pessoas que se divorciam ou ficam viúvas talvez não tenham acesso a todos esses benefícios.)

Casamentos felizes também proporcionam maior segurança financeira, e uma das questões que hoje preocupam os especialistas é que gente com mais dinheiro está se casando mais — e com mais sucesso — do que gente com menos dinheiro, o que aumenta as desigualdades de maneira geral. De acordo com o sociólogo Andrew Cherlin, nos Estados Unidos, "o casamento se tornou um símbolo de status — um diferencial muito importante de sucesso na vida pessoal".[4]

Quando vi o gráfico anterior, me ocorreu uma coisa. Será que não faria mais sentido deixar de lado o plano de se casar e procurar viver ao longo da vida inteira relacionamentos de intensa paixão que durassem, vamos dizer, entre um e dois anos cada? Não seria melhor do que penar as agruras de décadas à espera de ser recompensado no amor companheiro?

O gráfico teria então a cara deste aqui, certo?



Contatei Jonathan Haidt, o psicólogo que bolou os demais gráficos e perguntei o que achava deste último, hipotético. A resposta foi a seguinte:

Existem duas maneiras de pensar o que é satisfação. Uma visão mais hedonista, segundo a qual a melhor vida é aquela em que se vive com o máximo de paixão. E uma visão narrativa, que diz que é melhor construir uma história.

Se a pessoa acha que o máximo de paixão proporciona uma vida melhor, então, sim, a estratégia do seu gráfico é muito mais adequada do que o casamento. Apaixonar-se é a mais intensa e maravilhosa experiência que existe — a segunda mais intensa, atrás apenas do efeito de certas drogas, que podem ter mais impacto por algumas horas.

Mas eu não conseguia ser lá muito produtivo quando estava apaixonado pela minha mulher. Aí a gente teve filhos e, quando finalmente chegou a fase das crianças, foi algo totalmente envolvente — e seria estranho continuar tão romanticamente absorvidos como casal quando tínhamos filhos para criar. Agora que aquela insanidade passou, pude voltar a escrever meus livros, o que adoro fazer. E tenho uma parceira em quem penso o dia todo. O que não é uma coisa trágica, tampouco frustrante. Tenho uma parceira para a vida. Funcionamos muito bem juntos. Construímos uma vida fantástica. Estamos ambos muito, muito felizes.

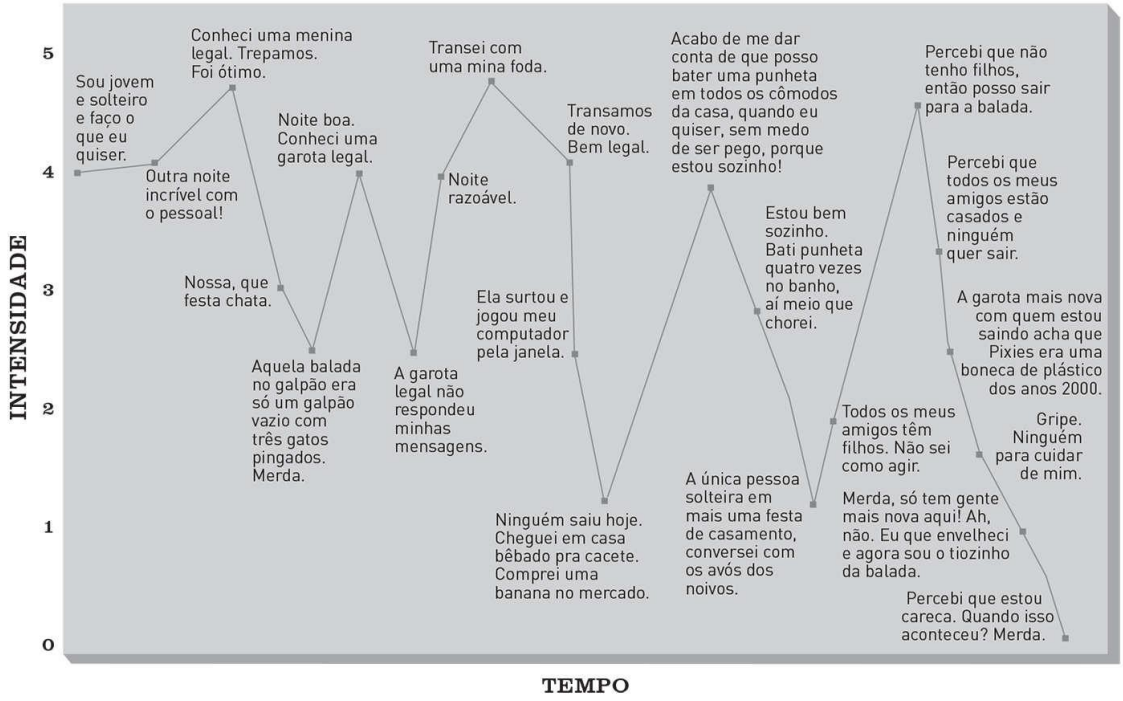
Quando se considera a visão narrativa dessa questão, há diferentes realizações a buscar nos diversos estágios da vida. Namorar e viver esses arroubos apaixonados é perfeito quando se é jovem, mas algumas das maiores alegrias da vida devem ser cultivadas e emergem de algo chamado "generatividade". As pessoas lutam muito para construir e realizar coisas, deixar algum legado. E, claro, os filhos são um jeito de fazer isso. Minha própria experiência como pai é a de alguém que descobriu ter espaços a ser preenchidos no coração que nem sabia que estavam ali. E, se eu tivesse me dedicado a uma vida de repetidos arroubos de paixão, nunca teria aberto essas portas.

Se você acha que o sentido da vida é ficar vidrado o dia inteiro nos olhos de uma parceira amorosa até morrer — bom, eu é que não queria viver essa sua vida.

Seria esse finalzinho da resposta uma citação de alguma frase do James Van Der Beek em *Marcação cerrada*? Gosto esquisito. Mas, exceto por isso, a análise de Haidt fez muito sentido para mim. O amor apaixonado é uma droga

que leva a gente a se sentir incrível. O projeto de simplesmente buscar repetidas vezes essa sensação parece legal em teoria, mas na prática seria meio idiota. O ecstasy também proporciona uma sensação incrível. Só que, se eu dissesse que meu projeto de vida é ganhar dinheiro suficiente para ficar o tempo todo sob efeito de ecstasy durante vinte anos, vocês me achariam louco.

E, claro, é legal imaginar um gráfico hipotético como aquele, com uma série só de picos e sem depressões, mas, como sabe qualquer pessoa que já foi solteira por longos períodos, a curva provavelmente teria uma cara bem mais esquisita:



MONOGAMIA E “MEIOGÂMICOS”

Estar num relacionamento sério tem muitas coisas sensacionais. A gente é envolvido por amor, confiança e estabilidade. É lindo. Mas a excitação e a novidade de um encontro romântico totalmente inesperado… essa fase da vida acabou.

Para muitas pessoas que entrevistamos, isso cria um conflito que não é fácil resolver. Não importa qual seja sua situação amorosa no momento, as pessoas ficam divididas entre os benefícios de um relacionamento fiel e monogâmico e a

novidade e a excitação da vida de solteiro.

Há quem diga, inclusive muitos psicólogos evolucionistas e pesquisadores do campo da antropologia biológica, que homens e mulheres não são programados para ser monogâmicos.

Conversei demoradamente sobre isso com a antropóloga Helen Fisher. Ela argumenta que nossos antepassados das cavernas, compelidos a disseminar seu material genético, mantinham vários parceiros sexuais simultaneamente, e que, depois de milhares de anos de promiscuidade, o cérebro humano continua programado para se relacionar com várias pessoas.

As normas correntes de fidelidade e exclusividade sexual são, na verdade, relativamente novas até quando se pensa nos tempos modernos. De acordo com a historiadora do casamento Stephanie Coontz, os homens americanos do século XVIII falavam muito abertamente sobre escapadas extraconjugais. Ele descobriu cartas nas quais maridos comentavam sobre amantes com os irmãos da própria esposa e relatavam ter contraído doenças sexualmente transmissíveis de prostitutas. Não consegui encontrar nenhuma dessas cartas, mas imagino que fossem mais ou menos assim:

Meu caríssimo Charles,

Espero que, ao receber esta carta, estejas firme e forte. Tenho certeza de que estarás, pois tua compleição, se bem me lembro, foi sempre das mais notáveis pela resiliência e fortaleza.

Que te parece essa tal "Revolução"? Sinto que, vitoriosa ou derrotada, provavelmente a sentiremos reverberar ao longo de décadas.

No mais, além da tua irmã, estou trepando com a Tina, uma moça que conheci no bar na semana passada. E também peguei sífilis de uma prostituta com quem estive em Boston.

Afetuosamente, do teu cunhado,
Henry

Os homens, explica Coontz, acreditavam que se aventurar sexualmente era seu direito nato, e as mulheres basicamente aceitavam isso como uma das contingências do relacionamento. "Por milhares de anos, a expectativa foi de que os homens tivessem casos extraconjugais e arroubos de paixão", declarou a

pesquisadora ao *New York Times*. “Isso seria impensável nos dias de hoje.”[5]

O que foi que mudou, então?

Bati um papo com Dan Savage, jornalista e colunista especializado em questões sexuais que tem escrito muito sobre o conflito milenar entre ser fiel e ter aventuras sexuais por fora. Savage defende que o movimento feminista do século XX alterou fundamentalmente nossa abordagem do problema. As mulheres, ele explica, com toda razão contestaram o pressuposto de que os homens podiam andar por aí fazendo o que quisessem, enquanto elas não tinham opções fora do relacionamento. A virada definitiva veio quando, em vez de estender à esposa a liberdade de que os homens sempre haviam gozado para suas escapadas, a sociedade adotou a atitude oposta.

Os homens poderiam ter dito: “Certo, vamos todos curtir”. Mas tiveram ciúme preventivo de que as mulheres saíssem pirando por aí: “O quê? Não, não quero você pegando outros caras! Simplesmente nenhum de nós dois vai pular a cerca”. Savage afirma que foi nesse momento que a expectativa da monogamia passou a recair sobre homens e mulheres, e nenhum dos dois estava programado para isso.

“A cultura nos diz que, se a gente quiser fazer sexo com outra pessoa, precisa fazer a coisa certa e terminar o relacionamento atual antes, caso contrário estará sendo um babaca”, prossegue Savage. “Acho isso uma bobagem. Tem uma lealdade mais elevada. Tem um bem maior. Um relacionamento é algo maior do que simplesmente nunca mais encostar o pênis em alguém que não seja a própria parceira.”

Resolvi eu mesmo me colocar à prova com um experimento hipotético. Vamos dizer que minha namorada estivesse em Miami para uma despedida de solteira e desse de cara com o ator e astro do R&B Tyrese Gibson (da sequência de filmes *Velozes e furiosos* e de *Baby boy*). E que, por alguma razão, rolasse algo entre os dois e eles acabassem transando. Uma noite apenas. Ela não se apaixonou pelo Tyrese. Não anda tentando encontrar o Tyrese nem ser convidada para jantar no GibsiHana, o restaurante customizado que ele mandou construir no quintal de casa imitando a franquia de comida japonesa Benihana. (Isso é real! Podem procurar no Google.)

Se fosse assim, acho que eu ficaria numa boa — caso não soubesse de nada.

Apresentei essa situação hipotética à minha namorada com os papéis trocados. Ela não reagiu igual. Disse que não via nenhum motivo para que a gente abandonasse a monogamia e que encarava isso como uma quebra de confiança no nosso relacionamento. E que, se eu estivesse bêbado e algo do tipo

acontecesse, seria compreensiva, mas que se trataria de uma coisa séria da qual ela ia querer saber. Porém, disse ainda que havia uma grande diferença entre fazer uma besteira por estar realmente bêbado ou sair atrás de uma pulada de cerca, frequentando bares e mandando mensagens para mulheres em busca de uma escapadinha rápida.

E disse ainda que seria melhor a gente ter conversado sobre isso em casa, reservadamente, e não num bar, onde com certeza recebi umas encaradas de pessoas que queriam saber o motivo de eu estar discutindo a hipótese da minha namorada me trair com o Tyrese.

Savage acredita que a traição é sedutora para quase todo mundo e simplesmente difícil demais de resistir para algumas pessoas. De acordo com ele, em vez de sucumbir a necessidades que todos temos, trair pelas costas do parceiro, ser descoberto e destruir a relação, seria melhor reconhecer nossos desejos e decidir como lidar com eles — como casal.

"Se os dois têm filhos juntos, se têm uma história juntos, se têm bens, se juntaram duas famílias em torno do relacionamento, tudo isso deve ter um peso maior do que um boquete numa viagem a trabalho."

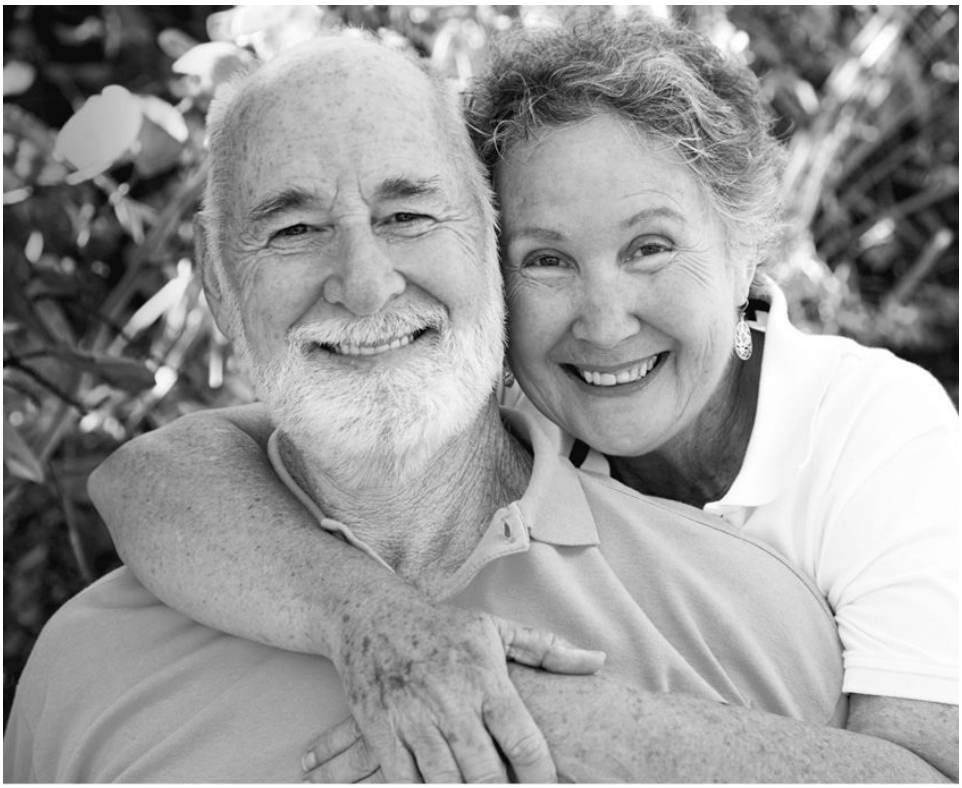
Savage não se opõe à monogamia. Ele reconhece as vantagens de ser monogâmico para quem consegue sustentar um acordo assim e ter um relacionamento bem-sucedido. O problema, diz, é que hoje tem gente demais assumindo compromissos que, em termos realistas, não será capaz de honrar.

A ideia de tentar manter uma relação de compromisso e, ao mesmo tempo, satisfazer a urgência por novidade sexual tem levado, ao longo dos anos, a muitos experimentos com arranjos do tipo "relacionamento aberto". Os casais têm tentado de tudo, de casamentos livres a suingue e à política de que é melhor não falar muito a respeito.

Mas quantas pessoas de fato fazem esse tipo de experiência? Os dados mais recentes apontam que, nos Estados Unidos, 26% dos homens e 18% das mulheres relatam ter se envolvido num "relacionamento sexual aberto". Surpreendentemente, os jovens adultos, pessoas entre 21 e trinta anos, são a faixa com menor probabilidade de tentar algo assim, com apenas 19% de respostas afirmativas, ao passo que a ideia predomina entre quem está na casa dos quarenta, com 26% de adeptos. E os velhinhos? Vinte e dois por cento deles já tentaram um relacionamento sexual aberto. Caramba!

Savage cunhou o termo "meiogâmico" para descrever seu relacionamento com a parceira. A essência da relação é o casal estar profundamente comprometido, mas com alguma margem para atividade sexual extraconjugal.

Não há um só modelo para os “meiogâmicos”. Cada casal chega a seus próprios termos e entra em acordo de antemão sobre que tipo de sexo fora do casamento será tolerado. Alguns adeptos exigem total honestidade do parceiro, ao passo que outros talvez preferem não tocar no assunto. Há quem coloque restrições à distância que uma terceira parte na relação deve ter com o casal — que seja no mínimo amigo de um amigo, ou amigo de um amigo de um amigo, ou um estranho que nenhum dos dois nunca mais vá encontrar, ou alguém que more em outro estado, ou *única e exclusivamente* a reitora da Universidade Estadual de Michigan, June Pierce Youatt. (Tá, tudo bem, esta última é exagero.)



“Relacionamento aberto? É aquele negócio de transar com outras pessoas? É, a gente faz isso às vezes.”*

Nas entrevistas e no fórum temático, conhecemos vários casais que tinham entrado em acordo na linha do que Savage propõe. Algumas dessas pessoas se mostraram incrivelmente entusiasmadas. No fórum temático, uma moça escreveu:

Tenho vivido relacionamentos abertos nos últimos dez anos, oito dos quais

casada com meu atual marido. Decidi por essa solução porque me dei conta de que todos os meus namorados até então tinham me traído e eu havia feito a mesma coisa com eles. Acabei concluindo que talvez precisasse de variedade, e que o que me atraía eram homens sexualmente arrojados.

Estar num relacionamento aberto é um alívio muito grande — acabam-se as mentiras, os términos horríveis, a culpa. Meu marido e eu temos regras que devemos observar, como: ele só poder ficar com outra pessoa uma vez por semana, e eu tenho o direito de impedi-lo de continuar com uma garota, caso não goste dela.

O melhor de tudo é a gente poder ser sincero sobre como se sente sem que haja julgamento. Chega de esconder paixonites e tensões sexuais. Eu e ele somos loucamente apaixonados um pelo outro e temos uma filha. Sei que não funciona para todo mundo, mas para a gente, sim.

Outros casais com quem conversamos usavam esse tipo de esquema para facilitar relações à longa distância. Uma entrevistada, namorando um músico há alguns meses, me contou o que os dois combinaram para durante as turnês dele. Ela compreendia que ele tivesse de ficar fora durante meses e, para manter o relacionamento, permitia que ele tivesse alguma liberdade quando em viagem — até certo ponto. O casal criou as "regras de turnê" que ele teria de seguir. "Nada de sexo, só boquetes. É o máximo permitido", disse a moça.

E ela não queria que o namorado continuasse a manter contato com nenhuma das garotas. "Não quero estar na cama, espiar e ver que ele está mandando uma mensagem para alguém em Cincinnati", explicou. "E, com ele em turnê, tenho os mesmos privilégios."

Também conhecemos uma moça do Brooklyn que havia acabado de começar a namorar um rapaz. Ele dissera claramente que gostaria, às vezes, de fazer sexo casual com outras pessoas. Os dois fizeram um acordo permitindo que transassem com terceiros, mas apenas sob as seguintes condições: a pessoa precisaria estar a pelo menos dois graus do grupo de amigos em comum (ser amigo de um amigo), eles não tocariam no assunto e, caso um dos dois fosse sair com o amante, teria de inventar uma boa desculpa, de modo que o outro não ficasse sabendo. Seguia a ideia de que "o que os olhos não veem o coração não sente", e vinha funcionando.

Para essa moça, no entanto, manter um relacionamento aberto não era exatamente ideal. Quando perguntamos por que ela e o parceiro faziam isso, a

entrevistada explicou que, da parte dela, não tinha a ver com uma necessidade de variar e ter aventuras sexuais. Tratava-se mais de um mecanismo de proteção, para não correr o risco de o namorado se desgarrar da relação por estar interessado em ir para a cama com outras pessoas. “Sinto que ele vai me trair de qualquer jeito”, disse a moça, “e pelo menos assim tenho controle sobre isso.”

Conhecemos ainda pessoas em relacionamentos abertos nos quais os parceiros não compartilhavam o mesmo grau de entusiasmo pela ideia. Um jovem nos relatou no fórum temático que havia concordado com o esquema a pedido de uma garota por não querer perdê-la. Mas, como explicou, esse acabou sendo simplesmente um jeito demorado e doloroso de se magoar:

> *Eu estava tão a fim dela que resolvi que um relacionamento aberto era melhor do que nada. Como da minha parte não havia interesse em mais ninguém, a relação quase que se resumia a eu estar com ela e ela ficar com outros caras até encontrar alguém de quem gostasse mais do que de mim. Era uma situação esquisita. Eu ligava e falava: “Oi, tá a fim de um cineminha ou de sair para jantar?”. E ela dizia: “Ah. Que chato. Na verdade, hoje à noite vou sair com o Schmitty Yagermanjensen”. Ou nem atendia, o que era ainda pior, pois aí eu ficava imaginando onde ela andava… Ser um estepe é uma droga, e eu era basicamente isso para ela.*

Outra moça escreveu que se meter num relacionamento aberto tinha sido “a pior decisão da minha vida”.

“Quando o caldo entornou, eu é que me ferrei. Com aquele papo de ‘todo mudo se ama e se quer bem, e por ordem de preferência’, o cara foi para a cama com uma terceira mulher com a qual eu ainda não estava me sentindo confortável, e basicamente mandou eu me f… A gente não se fala mais”, relatou a participante do fórum temático.

Às vezes, ambas as partes estão a fim de estabelecer um relacionamento aberto — ao menos na teoria. Na prática, porém, logo descobrem que dormir com outras pessoas pode ser um negócio confuso.

Conhecemos Raina, uma moça que testou um esquema desse tipo com o novo marido. Depois do casamento, eles se mudaram para Hong Kong e entraram em acordo quanto a ser permitido ter parceiros extraconjugais sem tocar no assunto. Ambos eram entusiastas da ideia de manter um relacionamento aberto, mas, a certa altura, Raina achou que as coisas tinham passado muito dos limites.

Achei que estivesse sendo realista. Então, um dia, tive uma conversa com

ele e falei: “Não vou pedir divórcio por causa de uma indiscrição ou outra, mas você precisa agir como se fosse da CIA. Não quero saber de nada. Não quero nem sentir o cheiro. Você tem que chegar a esse nível de invisibilidade”.

Mas a gente mantinha uma regra complementar, que era a de que, se a qualquer momento eu quisesse saber, ele seria obrigado a me contar a verdade.

No meu aniversário, estávamos em Kyoto passando férias e perguntei a respeito.

Ele respondeu: “Acho que não quero falar disso no seu aniversário”.

Pensei: Agora já sei que alguma coisa está rolando. Então falei: “Bom, por que você não me diz só quantas foram?”.

E então ele disse: “Peraí, me dá um segundo”.

Precisou fazer as contas.

E me saiu com esse número aí.

E queria que você reparasse que, àquela altura, estávamos casados há 13 meses.

26.

26 pessoas.

Eu esperava uma, talvez duas.

26 eu não esperava.

Bom… feliz aniversário, Raina!

O casamento acabou logo depois.

Comentei com Savage que meu medo, quando pensava em tentar um relacionamento aberto com alguém, era o de acabar em terreno escorregadio. Talvez não tão escorregadio quanto esse em que Raina se meteu, mas ainda assim eu podia facilmente visualizar as coisas saindo de controle. Toda vez que fico sabendo de algum casal que experimenta esse arranjo, a relação acaba não durando.

Savage não aceitou esse argumento.

“Quando um relacionamento assim não dá certo, todo mundo põe a culpa no fato de o casal não ser monogâmico; quando um relacionamento exclusivo não dá certo, ninguém põe a culpa na exigência de exclusividade”, disse o colunista.

Savage também explicou que os relacionamentos não monogâmicos que funcionam de fato são construídos sobre alicerces mais sólidos.

“Pelo que tenho observado ao longo de muitos e muitos anos, e pela minha

experiência pessoal, os relacionamentos ‘meiogâmicos’ bem-sucedidos ou que se permitem ser mais compreensivos acabam sendo monogâmicos anos a fio”, afirmou ele. Ambas as partes precisam querer de verdade o acordo, ele afirmou, e nenhum dos dois pode amarelar. Se a coisa for claramente unilateral, não vai dar certo.

O esquema parece pensado, em última análise, para tentar solucionar o fato de que o amor apaixonado não consegue sobreviver no longo prazo e reafirmar que os alicerces de um relacionamento vigoroso não são a excitação e a intensidade perpétuas, mas um laço emocional profundo, conquistado a duras penas, que se fortalece com o tempo. Em outras palavras, o amor companheiro.

O argumento de Savage para que sejamos mais honestos com relação aos nossos desejos é atraente. Mas, para a maior parte das pessoas, ao menos nos Estados Unidos, acolher a atividade sexual extraconjugal num relacionamento é algo difícil de imaginar. Sempre que levantei a questão em conversas informais ou nos grupos de foco, a reação foi de ceticismo. Algumas pessoas se mostraram temerosas de que a simples menção do assunto ao parceiro pudesse levar a problemas no relacionamento.

“Se eu falasse de um negócio desses com minha esposa”, disse um rapaz, “ia mudar para sempre a relação. Caso ela não topasse o esquema, não daria mais para voltar atrás e dizer: ‘Ah, não, era só brincadeira, nem me passa pela cabeça fazer sexo com outras pessoas. Não me atrai nem um pouco’. A semente da dúvida teria sido plantada, e eu estaria ferrado. Seria como abrir a porra de uma caixa de pandora. E nunca mais eu ia me livrar do que saísse dali.”

Outros entrevistados disseram entender a lógica que leva alguém a desejar um relacionamento aberto em teoria, mas duvidavam ser capazes de suportar um arranjo desses. “Eu não conseguiria ficar numa boa com isso”, disse uma participante de um dos grupos de foco. “Queria conseguir, mas não dou conta.”

Muitas mulheres com quem conversamos declararam que, se o namorado propusesse um comportamento mais livre, começariam a se perguntar se ele estava mesmo levando a sério a relação. “Se chegou a esse ponto, para que manter uma parceira?”, perguntou uma moça, aparentemente desdenhando da ideia de um relacionamento “meiogâmico”. “Se você não quer se comprometer, bata uma punheta.” (Só para esclarecer, a ordem foi para um parceiro hipotético. A moça não estava mandando que eu abandonasse a entrevista e fosse me masturbar.)

Os especialistas, mesmo aqueles que concordam com Savage em tese, também expressaram reservas quanto ao realismo do argumento na prática.

“Certamente consigo perceber o apelo da sugestão de que se tente um arranjo mais aberto, recíproco, equânime em termos de gênero”, comentou Coontz, a historiadora do casamento. “Só fico um pouco na dúvida sobre as chances de isso funcionar.”

Barry Schwartz, nossa autoridade nos temas da tomada de decisões, também se preocupava com a ideia de, paralelamente a escolhas já feitas, tentar explorar outras opções. “Quando eu tinha sua idade, os casamentos abertos viraram a onda do momento”, ele me contou. “Todos aqueles intelectuais, gente de destaque, estavam convencidos de que podiam manter relacionamentos amorosos fixos e, ao mesmo tempo, ir para a cama com outras pessoas. Tinham certeza de estar acima da moral comezinha da geração de seus pais. Todo mundo acabou separado em menos de um ano. Então, pelo menos nessa época, não deu para sustentar a prática. A monogamia não conseguiu sobreviver à promiscuidade.”

Mas uma pessoa é capaz de colocar essa questão toda em perspectiva: o rapper Pitbull. Naquela que talvez eu considere minha descoberta favorita em toda a pesquisa para este livro e até na vida em geral, encontrei uma entrevista na qual ele comentava o relacionamento aberto que mantém com a namorada. O lema de vida do Pitbull é: “*Ojos que no ven, corazón que no siente*”.

“As pessoas ficam se prendendo àquilo que é normal, que é correto ou é errado”, disse Pitbull. “Talvez aquilo que para você é correto, para mim seja errado… O que interessa, no fim das contas, é que todo mundo fique feliz.”[6]

Só queria que vocês soubessem como estou feliz de poder terminar este capítulo com um insight tão profundo do Pitbull.



---

* NOTA: Para me garantir legalmente, preciso de novo informá-los de que esse é um casal que posou pra uma fotografia de banco de imagens, e não faço ideia se essas duas pessoas estão juntas, se mantêm mesmo um relacionamento aberto e se são adeptas da ideia de “transar com outras pessoas”. Não são pessoas de verdade. Bom, elas são de verdade, e não clones ou algo assim. Sei lá. Vocês me entenderam. Mas, sério, são dois cyborgs.
* NOTA 2: Acabei de receber o seguinte retorno do meu advogado: para estar 100% garantido legalmente, preciso ser explícito e dizer que essas pessoas não são cyborgs, apenas posaram para uma foto de banco de imagens. Desculpem qualquer confusão.

CONCLUSÃO

QUANDO COMECEI ESTE LIVRO, EU tinha um monte de questões sobre os relacionamentos modernos. Os perrengues que todos já enfrentamos muitas vezes me deixavam confuso, frustrado e irritado. Buscar uma relação amorosa (ou mesmo alguma coisa mais casual) nesse cenário de trocas intermináveis de mensagens para marcar um encontro e de obstáculos como o "sumiço" da Tanya, em 2012, pode ser estressante.

Mesmo depois de estar em um relacionamento incrível e saudável com uma parceira que me ama, surgiu toda uma nova série de questões. Tive dúvidas quanto a namorar. Será que devia fechar todas as portas do excitante mundo dos solteiros de hoje? Se as coisas começarem a virar rotina, as nudes e o *sexting* podem ser uma opção para nossa vida amorosa? Se eu desconfiar que minha namorada tem um relacionamento paralelo, quais são os limites éticos de olhar o Facebook ou as mensagens dela para tentar descobrir alguma coisa? E, se o amor apaixonado acaba desaparecendo, correr atrás de uma relação monogâmica e de longo prazo é mesmo o melhor a fazer?

Escrevi este livro porque queria entender melhor todos os dilemas que emergem com os relacionamentos modernos. Então, depois de trabalhar com um eminente sociólogo, entrevistar centenas de pessoas, consultar os mais destacados especialistas do mundo em vida amorosa e relacionamentos, conduzir pesquisas de campo em cinco países e ler uma pilha de estudos, livros, artigos e papers acadêmicos, o que exatamente aprendi?

Muita coisa, na verdade.

Vejamos o que estou levando de toda essa experiência:

Encontrar uma pessoa é mais complicado e estressante hoje do que era para as gerações anteriores, mas, ao mesmo tempo, é maior a probabilidade de que, uma vez com ela, essa pessoa seja alguém realmente empolgante.

Nossa busca pela pessoa certa — e mesmo a ideia do que queremos dizer com “a pessoa certa” — mudou radicalmente num período muito, muito curto de tempo.

Se eu tivesse sido jovem há algumas gerações, há muito já estaria casado. O mais provável é que, em torno dos 23 anos, acabasse me juntando com uma moça da vizinhança na minha cidade natal, Bennettsville, na Carolina do Sul. Ela seria ainda mais jovem, o que significa que estaria saindo direto dos braços dos pais para os meus, sem que tivesse tido tempo de desenvolver interesses próprios e correr atrás deles.

Digamos que a família da moça fosse dona da franquia local do Hardee’s.*

Os pais dela me conheceriam desde garoto e concluiriam que eu era um cara bacana com um emprego bacana e que não ia matar ninguém. A gente namoraria por um curto período e então se casaria.

Eu administraria a franquia do Hardee’s e provavelmente seria muito bom no negócio. Talvez ouvisse os boatos sobre um sujeito que mantinha um esquema de extorsão de hamburguinhos pelo qual contrabandeava o produto através da divisa com a Geórgia. O cara e um parceiro roubavam os hamburguinhos da nossa loja e os vendiam a um preço mais baixo no mercado negro de hamburguinhos. Suspeitando das viagens frequentes do rapaz à Geórgia, eu me esconderia na carroceria de uma Ford F-150, debaixo de um carregamento contrabandeado, e, quando os contrabandistas chegassem ao seu destino, faria uma aparição dramática, dizendo: “DEVOLVAM MEUS HAMBURGUINHOS”.

A família ficaria orgulhosa.

No cenário ideal, minha mulher e eu amadureceríamos juntos e teríamos um relacionamento feliz. Mas talvez, à medida que fôssemos ficando mais velhos, nos tornássemos pessoas diferentes e nos déssemos conta de que o casamento não estava funcionando. Talvez minha mulher passasse a se ressentir do papel de dona de casa e a ter desejos e objetivos vetados às mulheres da época. Talvez eu me transformasse num ranzinza insatisfeito e, por fim, me juntasse ao Alfredo numa casa de repouso, onde a gente armaria um esquema para descolar donuts.

Mas não estou nessa época. Quando completei 23 anos, nem pensava em casamento. Tive a chance de viver a experiência da “idade adulta emergente” e amadurecer como indivíduo. Encontrei pessoas de todas as partes do mundo nesse período da vida. Não me limitei apenas ao pessoal do meu bairro em Bennettsville. E, à medida que fui ficando mais velho, decidi por uma carreira, transei com pessoas em Nova York e Los Angeles e, finalmente, comecei a namorar uma linda chef do Texas que conheci por intermédio de amigos nova-iorquinos.

Em gerações anteriores, a gente jamais teria se conhecido, porque eu seria

casado com a moça do Hardee's e minha atual namorada provavelmente estaria no Texas com algum cara chamado Dusty** do bairro dela, talvez o dono de um império dos molhos de pimenta. E vai saber se, caso nos conhecêssemos, a coisa rolaria. Eu me tornei uma pessoa diferente entre os 23 e os 31 anos.

A situação que vivemos hoje é provavelmente mais favorável do que aquela que teríamos enfrentado algumas gerações atrás. Ainda mais se você é mulher. Com todos os avanços culturais, mulheres de classe média com formação profissional ganharam liberdade para ter sua própria vida e uma carreira sem a necessidade do casamento. Marido e filhos não são mais pré-requisitos para uma vida adulta plena e realizada. Só para deixar claro, não estou dizendo que estar no papel de dona de casa, em vez de ter uma carreira, seja uma escolha ruim, e sei das decisões complicadas que atualmente as mulheres têm de tomar em relação à vida profissional. Tampouco o que estou dizendo é que as mulheres que escolhem ter uma carreira odeiam os filhos *etc.* Fui claro? NÃO ESTOU ENCHENDO O SACO DE NINGUÉM POR CAUSA DE SUAS OPÇÕES DE VIDA (a menos que a opção seja ficar fumando crack e tratando crianças como a personagem da Mo'Nique trata Preciosa no filme *Preciosa*). O que importa é que as mulheres, mais do que nunca, podem fazer as próprias escolhas.

Mesmo que optem de fato por uma carreira, estudos mostram que elas, ainda assim, terão uma carga de trabalho doméstico de longe maior que a dos homens (se liguem, marmanjos), mas no geral estão muito mais próximas da igualdade com os parceiros do que as mulheres de algumas gerações atrás. Não são obrigadas a assumir um compromisso aos vinte anos com algum mané que os pais acham que será um bom par porque tem um bom emprego ou sei lá o quê.

O "dá para o gasto" definitivamente não serve para os solteiros de hoje. Não nos contentamos com a ideia de casar com alguém que, por acaso, mora na rua dos nossos pais e se dá bem com eles.

Claro, muitas pessoas de outras gerações conheceram alguém do bairro e ambos acabaram criando um laço profundo e amoroso como o que se tem com uma alma gêmea. Mas muitas outras não. E a geração atual não aceita correr esse risco. Queremos uma alma gêmea. E, para encontrá-la, estamos dispostos a ir procurar muito longe, durante muito tempo.

Uma alma gêmea não é apenas alguém que a gente ama. Assim como para nossos avós, há pessoas aos montes por aí com quem seríamos capazes de assumir um compromisso e que, com tempo e paciência, passaríamos a amar. Mas queremos mais do que amor. Queremos um parceiro que nos complete e consiga encarar a verdade, misturando aqui metáforas de três filmes diferentes

do Tom Cruise.

Historicamente falando, vivemos um momento único. Nunca se teve à mão tantas opções românticas nem uma expectativa tão astronomicamente alta quanto a qual delas escolher. E, sendo tantas as alternativas, como alguém pode ter certeza de que acertou na escolha?

Esqueça isso: ninguém pode! Então o negócio é simplesmente tocar em frente e esperar que, com a idade e o amadurecimento, a gente acabe, por fim, aprendendo a navegar nesse novo universo romântico e encontre alguém que pareça ser a pessoa certa.

A tecnologia não mudou apenas o modo como se encontra um parceiro; ela também acrescentou uma camada aos desafios atemporais que encaramos quando vivemos um relacionamento.

Uma das coisas estranhas que acontecem nos relacionamentos modernos é que, uma vez que se começa a namorar alguém, não só a vida física do casal se entrelaça; o mundo celular das duas pessoas também se funde. Hoje os casais têm um espaço compartilhado que podem usar para práticas íntimas como o envio de nudes e o *sexting*. Às vezes esse mundo celular compartilhado proporciona excitação e novidade, mas há momentos em que se torna uma nova fonte de ciúme. A gente acaba fuçando a vida daquela pessoa especial, em vez de confiar nela.

E os medos que nos levam a fuçar são válidos, porque, sejamos realistas: as pessoas traem. Na verdade, elas cometem erros nos relacionamentos o tempo todo. Nessa questão, talvez os Estados Unidos possam aprender alguma coisa com a França. Não fico muito confortável com a ideia de uma mulher francesa tendo de conviver com um marido e sua amante de longa data, mas gosto, sim, da abertura dos franceses a admitir, realisticamente, a falibilidade essencial da natureza humana e o fato de que as pessoas, mesmo com as melhores intenções e o amor que sentem por seu parceiro, dão suas escapadas. Como diz Dan Savage (e, de certa forma, o Pitbull), um relacionamento é algo maior do que a ideia de exclusividade sexual.

Trate potenciais parceiros como pessoas reais, e não como balões de diálogo numa tela.

Com os relacionamentos virtuais e os smartphones, podemos trocar mensagens com gente do mundo inteiro. Podemos interagir com potenciais parceiros numa escala simplesmente inconcebível para as gerações que nos antecederam. Mas essa passagem à comunicação virtual teve um efeito colateral poderoso. Quando se olha para uma tela em que aparece a mensagem de um par em potencial, nem sempre se vê ali outra pessoa — com frequência o que a gente enxerga é um balãozinho de diálogo. E é fácil esquecer que esse balão é, na verdade, alguém.

À medida que vemos mais e mais pessoas on-line, pode ser difícil lembrar que, por trás de cada mensagem de texto, perfil no OkCupid e fotografia no Tinder, existe um ser vivo e complexo, exatamente como a gente.

Mas é muito, muito importante se lembrar disso.

Para começar, porque, quando a gente esquece que está falando com uma pessoa de verdade, pode passar a dizer numa mensagem de texto o tipo de coisa que ninguém, no seu juízo perfeito, jamais, nem em um milhão de anos, diria a alguém.

Se estivesse num bar, chegaria em alguém e repetiria a palavra “oi” dez vezes seguidas sem receber resposta? Algum dia na vida chegaria numa mulher que conheceu faz dois minutos e pediria que ela lhe mostrasse os peitos? Ainda que esteja à procura de sexo casual, você realmente acha que isso funcionaria? E, se acha, tem *certeza* de que está a fim de uma trepada com alguém que aceita esse tipo de abordagem?

No entanto, as pessoas enviam esse tipo de mensagem o tempo todo. Só posso concluir que isso acontece porque é muito fácil esquecer que se está falando com outro ser humano, e não com um balão de diálogo. E o conteúdo desses balões pode mesmo chegar a influenciar o julgamento a que você, como pessoa, estará sujeito.

Temos dois eus: o do mundo real e o do mundo celular, e as besteiras que nosso eu do mundo celular comete podem fazer nosso eu do mundo real parecer babaca. Os dois eus andam de mãos dadas. Aja feito um idiota no seu mundo celular, mande uma mensagem descuidada e cheia de erros ortográficos, e você pagará o preço no mundo real. A pessoa do outro lado não distingue seus dois eus. Ela jamais vai pensar: *Ah, tenho certeza de que ele é muito mais inteligente e sensato pessoalmente. Isso aí é só a persona preguiçosa dele quando usa o celular*.

Se você manda uma mensagem inócua do tipo “Eaê?” para alguém que acabou de conhecer e com quem quer sair, talvez não pareça que está fazendo alguma coisa particularmente idiota. Mas, pensando nas entrevistas e lembrando

quanta porcaria desse tipo chega aos celulares de todo mundo, nos damos conta de que mensagens assim fazem a pessoa que as envia parecer chata e sem graça.

Não se limite a uma mensagem idiota do tipo “Eaê?”. Tente dizer algo bem pensado e divertido e convide a pessoa para fazer alguma coisa legal e interessante. Coloque uma marca pessoal. Brinque com o fato de vocês passarem o dia assistindo a todos os episódios das oito temporadas de *Perfect strangers* Sabe-se lá se essa não é a pessoa com quem você vai passar o resto da vida! Tenho muitos amigos que começaram alguma coisa pensando que seria casual, mas surgiu algo e a relação acabou virando coisa séria. Até comigo aconteceu.

O mais casual dos encontros pode levar a algo maior, então encare essas interações com respeito. Mesmo que a relação não se desenvolva, tratar as mensagens assim certamente tornará a pessoa do outro lado mais receptiva também. Ninguém tem *nada* a perder.

E, se você for ousado, talvez uma conversa por telefone não seja a pior coisa do mundo, não é mesmo?

Por outro lado, também aprendi que todo mundo faz seus joguinhos numa troca de mensagens, como demorar mais que a outra pessoa para responder, mandar respostas do mesmo tamanho, nunca falar por último, e assim por diante. Mesmo quando alguém diz “não faço joguinhos”, *isso* já é uma maneira de jogar com o outro — o tipo “não faço joguinhos” de joguinho.

Todo mundo odeia isso e ninguém quer entrar nesses joguinhos. As pessoas, na sua maioria, só querem ser honestas e dizer como se sentem, e definitivamente querem que os outros sejam sinceros e se abram também. Mas é preciso dizer: infelizmente, esses joguinhos meio que funcionam. Não importa o quanto a gente deseje que as coisas sejam diferentes, não acho que dê para ganhar a briga com as inseguranças e as tendências arraigadas dentro de cada um.

Mas vamos todos nos conscientizar de que estamos no mesmo barco e temos de lidar com as mesmas merdas. Então, caso você não esteja a fim de uma pessoa, em vez de simplesmente ignorá-la, tente pensar bem e ver o quanto é frustrante estar do outro lado, e tente bolar uma mensagem honesta ou, ao menos, mentir, dizendo algo como: “Oi, desculpa, mas estou trabalhando no meu disco de estreia como rapper, *Fantabulous*, fico enfurnado no estúdio e preciso me concentrar, então nada de sair. Mas fico lisonjeado, você é uma pessoa incrível, tudo de bom”.

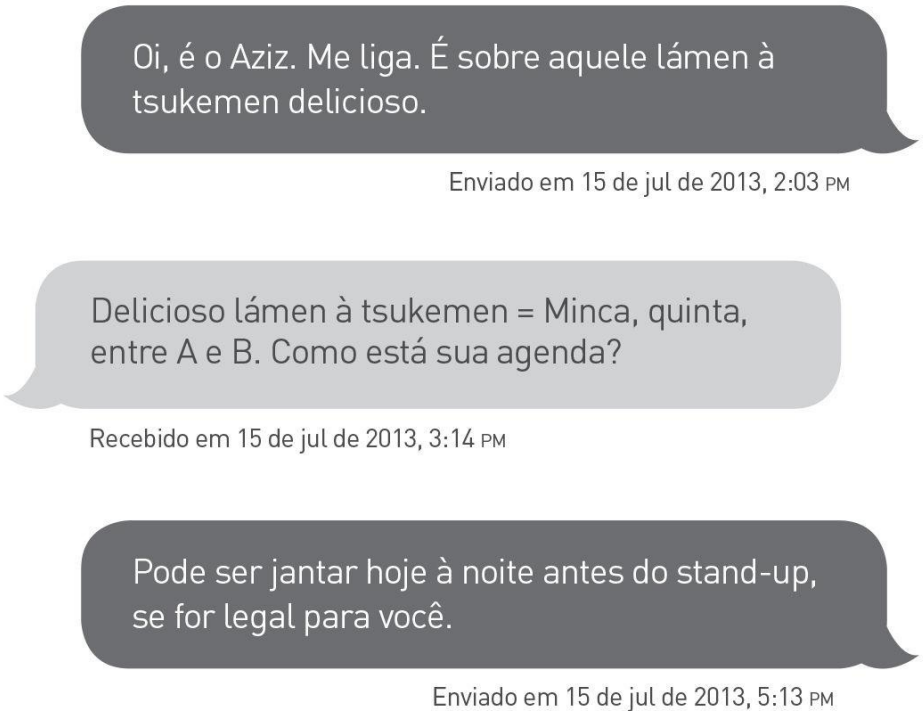
Em livros como este, é fácil acabar com uma impressão negativa da tecnologia e de seus impactos. A

mudança nas formas de comunicação pode ser bem irritante, e não é difícil, ouvindo as queixas das gerações mais velhas, começar a romantizar o passado. Mas fui a um casamento recentemente e vi ali que essas coisas também têm um lado bonito.

Na hora do brinde, uma das madrinhas compartilhou e-mails antigos, de anos antes, que a noiva lhe mandara quando sua caçada ao noivo estava no começo e ele a fazia sofrer, indiferente às tentativas de aproximação dela. As primeiras mensagens mostravam uma garota triste porque o cara não correspondia ao seu amor, e se perguntando apreensiva se não devia desistir. A amiga chegava até a sugerir que o melhor era "dar um tempo", pois já estava ficando demais, tipo "de novo aquela garota". Mas a noiva persistiu e, meses mais tarde, contou num e-mail que estava loucamente apaixonada.

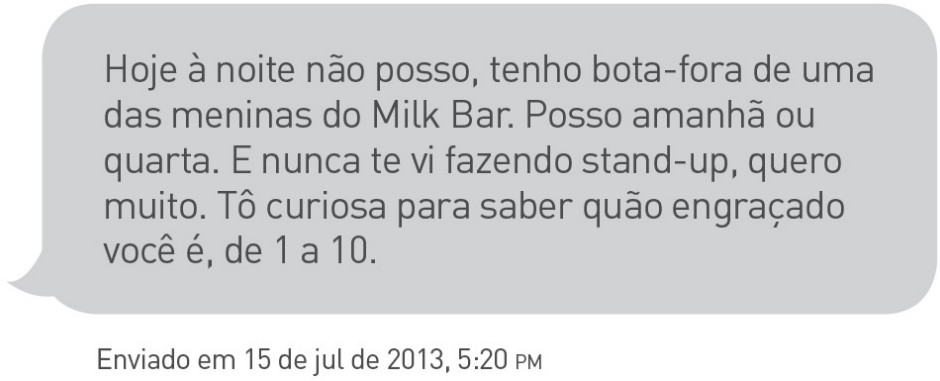
Ouvir essas mensagens foi uma experiência notável, que me fez perceber que a tecnologia nos dá a chance de guardar esse registro bastante único das nossas experiências românticas.

Quando completamos um ano juntos, minha namorada me deu um livro enorme em que tinha reunido o histórico das nossas mensagens de texto durante aquele primeiro ano de namoro. Foi hilário olhar para todas aquelas coisas que havíamos dito um para o outro. E o sensacional é que ela tinha escrito comentários sobre o que passava na cabeça dela ao ler algumas das mensagens.

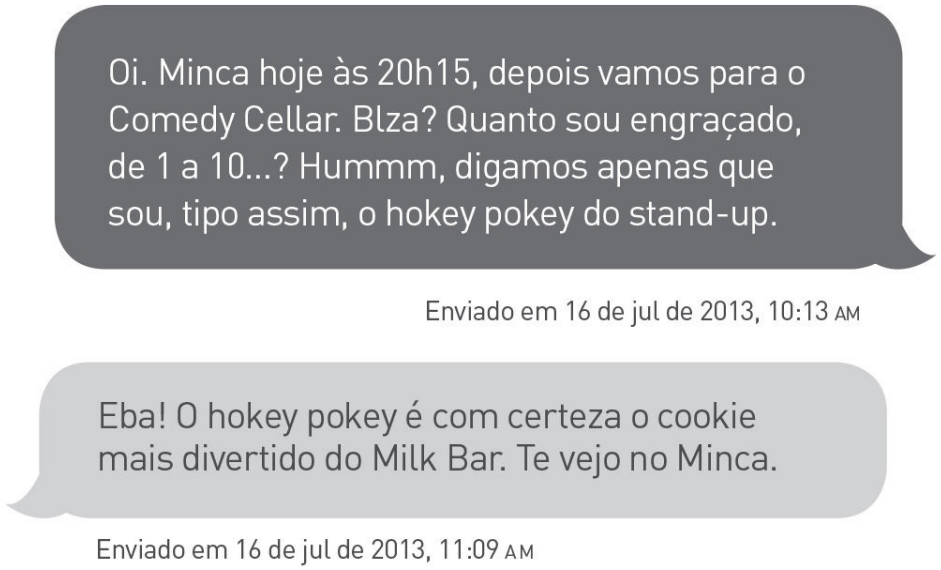


Como fiz isso com centenas de pessoas, finalmente chegou o momento de fazer a mesma coisa comigo. Vamos dar uma olhada nas *minhas* mensagens. Só para esclarecer o contexto: pedi o telefone dela durante um churrasco no Brooklyn e a gente tinha conversado sobre sair para comer lámen mais perto do fim da semana:

Certo, então a primeira mensagem foi enviada por mim depois de um telefonema — preferi mandar a mensagem a deixar um recado no correio de voz. Ela não ligou de volta: respondeu por mensagem de texto. No livro que compilou para mim, revela que na hora não percebeu que eu tinha pedido que me ligasse. Quando se deu conta do erro, pirou de preocupação, achando que, como tinha enviado a mensagem em vez de telefonar, ia parecer que estava muito nervosa ou assustada.



Reparem a espera de um dia.



Só fui responder a mensagem dela às 10h13 do dia seguinte. O intervalo definitivamente foi intencional, para não parecer que estava ansioso. E me lembro especificamente de ter pedido a opinião de um amigo sobre a primeira versão da mensagem, depois reescrito várias vezes antes de enviar. (*Hokey pokey* é uma referência a um dos cookies feitos no restaurante dela, que ela sabia que eu adorava.)

Hoje tenho a confirmação de que minha demora de fato causou alguma apreensão. Ela me disse que achou que me ofendera, de alguma forma, com o comentário sobre "quão engraçado você é". Mas, naquela mesma noite, enquanto esperava minha resposta, ficou sabendo que eu tinha perguntado a uma amiga comum sobre ela estar mesmo solteira, o que a tranquilizou.

Ainda assim, a espera teve seu efeito. Ela me contou ter ficado realmente empolgada na manhã seguinte, quando escrevi de volta.

É interessante reler essas primeiras mensagens porque elas revelam muita coisa sobre o que passava na nossa cabeça na época. Ambos ficávamos ansiosos quanto às mensagens que íamos bolar, mas alheios ao fato de que estávamos no mesmo barco.

Ela comentou que, conforme as coisas progrediam no relacionamento (e nas mensagens), era cada vez mais significativo ter recebido os primeiros textos amorosos, em que eu dizia que sentia sua falta e estava pensando nela. Lendo essas mensagens, voltei a sentir como foram excitantes e divertidos aqueles tempos.

Então, embora as novas ferramentas de comunicação possam causar estresse e

ansiedade a todos nós nos estágios iniciais de uma relação, essa mesma tecnologia também nos proporciona um novo espaço para armazenar, lembrar e compartilhar nosso amor pela outra pessoa, e fico feliz de ter acesso a isso.

Não pense no relacionamento virtual como relacionamento — pense em sites do gênero como um serviço virtual de apresentação de casais.

O relacionamento virtual foi, provavelmente, o mais importante fator isolado de mudança na busca da alma gêmea. Vamos lembrar que, entre 2005 e 2012, *um terço* de todos os casamentos nos Estados Unidos aconteceu entre pessoas que se conheceram na internet. Quando este livro estiver sendo lançado, o percentual sem dúvida será ainda mais alto, e algum novo aplicativo ou site terá feito o Tinder ou o que quer que esteja na moda parecer ultrapassado.

Muitas pessoas com quem conversamos que usam os sites e aplicativos de relacionamento estavam se saindo bem na empreitada, mas muitas outras se sentiam frustradas e estavam de saco cheio com o cenário como um todo. E, no entanto, essas que se diziam de saco cheio pareciam estar passando mais tempo com suas telas do que com os potenciais parceiros na vida real.

O relacionamento virtual funciona melhor quando é usado como um espaço em que se pode conhecer gente que jamais se conheceria de outro jeito. É o que há de mais avançado na busca por um parceiro para além do bairro.

O segredo é sair da tela e ir encontrar essas pessoas. Não passe suas noites em intermináveis trocas de mensagens com estranhos. Faça contato com pessoas de quem você tenha alguma chance de vir a gostar, e então, depois de algumas mensagens — o suficiente para descobrir se não tem alguma coisa de muito, muito errado com elas —, simplesmente as convide para sair.

Se, a certa altura, você continuar no vaivém interminável de mensagens on-line, só vai perder seu tempo. Bote fé na sua capacidade de avaliar alguém em pessoa.

A atração do relacionamento virtual e sua vasta oferta de parceiros em potencial podem fazer parecer que ficar em casa de pijama, navegando por perfis, é uma alternativa melhor do que ir a um bar ou restaurante cheio de gente, mas não vamos esquecer esta outra fonte excelente de potenciais pares românticos: *o mundo real*.

Lembram-se do Arpan, aquele cara que estava totalmente exausto do

relacionamento virtual? Entramos em contato com ele mais ou menos um ano depois do grupo focal, para ver se continuava a conhecer mulheres pela internet e as levando ao boliche (para alguns drinques apenas, claro).

Ficamos muito felizes em saber que a vida amorosa do rapaz tinha mudado para melhor. Ele havia conhecido alguém especial e estava namorando fazia alguns meses, e pareceu genuinamente feliz, com muito mais energia do que naquela triste manhã de domingo na qual nos encontramos.

Arpan encontrara sua nova parceira na vida real, mas dava o devido crédito a suas experiências de relacionamento virtual por tê-lo ajudado a conhecer novas pessoas. Explicou que todas aquelas mensagens não respondidas tinham diminuído seu medo de ser rejeitado e que ele se tornara um sujeito menos apreensivo quanto a chegar nas mulheres.

Conhecera a namorada num bar, depois de reparar nela à distância e tomar coragem para se apresentar. “Caminhei na direção do pessoal com quem a garota estava, disse oi para o grupo todo, olhei direto nos olhos dela e falei: ‘Estava lá do outro lado e te vi aqui, aí pensei que tinha que vir te dizer oi’.” Fiquei até emocionado ao saber que o Arpan tinha conseguido dar a volta por cima desde o nosso encontro e foi fascinante ouvi-lo atribuir seu sucesso na vida amorosa de verdade às coisas que aprendera com o relacionamento virtual.

Com tantas opções, em vez de tentar explorar todas, tenha certeza de estar investindo como deve nas pessoas, dando-lhes uma oportunidade real antes de procurar a opção seguinte.

Temos tantas opções e somos péssimos em avaliá-las. Marcamos encontros chatos e rapidinho passamos à próxima pessoa da lista.

Vire o jogo a seu favor. Saia para encontros interessantes. Adote a teoria da batalha de *monster trucks* e faça coisas que ajudem você a vivenciar como é, de fato, estar com aquela pessoa. Não se limite a sair para ficar cada um do seu lado da mesa olhando para a cara do outro, dando golinhos num drinque e reprisando pela milésima vez o mesmo papinho sobre irmãos, cidade onde nasceu e universidade que frequentou.

E mais: acredite nas pessoas. Um potencial parceiro pode dar a impressão de ser apenas passável, mas, se você realmente investir tempo na relação, talvez a

pessoa se revele mais legal do que se poderia supor.

Considere a questão do mesmo jeito que faria com as músicas do rapper Flo Rida. Quando ouve uma música nova dele, de início a gente pensa: *Pô, Flo Rida, uma depois da outra, você faz sempre a mesma coisa? Essa música nova não tem nada de especial*. Aí, escutando a dita canção pela décima vez, a reação é: FLO!!! VOCÊ CONSEGUIU DE NOVO! É UM HIT, CARA!!!

Em certo sentido, somos todos como uma música do Flo Rida: quanto mais tempo alguém passar com a gente, mais vê o que temos de especial. Os cientistas sociais se referem ao fenômeno como Teoria Flo Rida da Apreciabilidade Adquirida por Repetição.

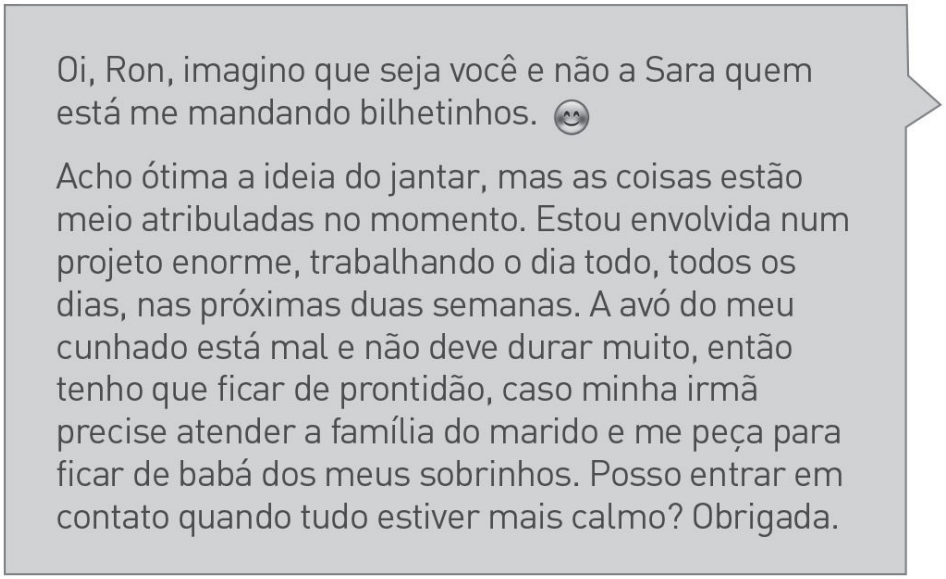
Outra coisa que aprendi foi a importância de analisar as opções do mundo real, não apenas as que aparecem na tela. Quando estava terminando este livro, fui procurado por uma moça que tinha assistido a um dos meus stand-ups em Michigan, em setembro de 2013. Na apresentação, eu estava falando sobre trocar mensagens e perguntei se alguém da plateia tinha conhecido uma pessoa recentemente e estava na fase do vaivém de mensagens. Essa moça, sentada bem na frente, levantou a mão, e eu a convidei a subir ao palco e compartilhar sua experiência.

Ela me contou que conhecera o rapaz uma semana antes e estava trocando mensagens com ele. O encontro tinha acontecido por intermédio de amigos de amigos num luau. Os dois moravam no mesmo condomínio e, depois de conhecê-la, ele deixou um bilhete na porta dela: “Jantar amanhã?”. Nele também havia o número do apartamento.

Ela escreveu “Tenho compromisso” no bilhete e o colocou de volta na frente da porta do apartamento dele.

O rapaz então pôs outro bilhete na porta dela, no qual escreveu: “Tem compromisso hoje à noite? E segunda, quarta ou sexta?”.

Aí a moça resolveu continuar a conversa no Facebook e mandou a seguinte mensagem para ele:



Ele respondeu: “Sem problemas. Família sempre em primeiro lugar”. Para variar, uma troca de mensagens desse tipo diz muito. A extensa lista de desculpas dela, incluindo aquela bem pesada sobre a avó moribunda do cunhado, não deve ter animado muito o pretendente. Pedi aplausos da parte da plateia que achava que a moça tinha realmente gostado do cara e sairia com ele quando as coisas “se acalmassem”. Um punhado de gente aplaudiu. Quando pedi aplausos da outra parte do público, aqueles que achavam que ela não tinha gostado do rapaz e não sairia com ele, as palmas foram gerais. A plateia entendeu que a moça não estava disposta àquele encontro.

Depois de ouvir essa opinião, ela disse: “Bom, vi o Ron algumas vezes desde então e até que ele parece normal”. Então acrescentou que “talvez” saísse com o rapaz. E essa foi a última notícia que eu tive.

Então, em setembro de 2014, um ano depois, ela conseguiu entrar em contato comigo. Contou que, lendo comigo aquelas mensagens, percebeu que tinha de dar uma segunda chance ao cara. Os dois começaram a namorar e agora, passado um ano, vão se casar!

Foi muito louco receber essa notícia.

No contexto deste livro, acho que é uma história importante de lembrar. Com todas as novas ferramentas que temos para nos conectar e nos comunicar, ainda não surgiu nada mais eficaz do que dedicar algum tempo de verdade a um pretendente.

Muitas vezes, quando a gente está na balada conhecendo pessoas, aparece alguém que agrada, a gente anota o número de telefone da pessoa no celular e ela

imediatamente se transforma numa “opção” morando na agenda do aparelho. Aí pode ser que você e essa opção comecem uma troca de mensagens no mundo celular e marquem um encontro presencial. Ou pode ser que essa interação nunca aconteça. Aquela pessoa potencialmente bacana e excitante morre ali e fica enterrada num celular.

Na fase em que eu estava ativamente procurando encontros, conheci uma moça num bar. Sei lá por quê, nossa conversa por mensagens não vingou, e nunca chegamos a nos reencontrar depois daquele encontro inicial. Nos esbarramos na festa de um amigo comum, anos mais tarde, e a coisa entre a gente rolou muito dessa vez. Me senti um idiota. Me perguntava por que nunca tinha dado continuidade à relação com aquela mulher incrível. Por que havia deixado uma pessoa daquelas desaparecer de vista?

Depois de escrever este livro, acho que sei por quê. A razão é que eu provavelmente estava ocupado correndo atrás de outras opções. Não mandei nenhuma mensagem e deixei que ela morresse no meu celular. Foi preciso um grande lance de sorte para ressuscitá-la, porque o mais provável era que nunca mais nossos caminhos se cruzassem.

Para mim, a lição dessas histórias é que, não importa quantas opções nossas telas aparentemente nos ofereçam, deveríamos tomar cuidado para não perder de vista os seres humanos por trás delas. Melhor gastar com qualidade nosso tempo, conhecendo gente de verdade, do que ficar horas nos aparelhos, à procura de quem mais possa estar disponível.

---

* Para quem não é do Sul dos Estados Unidos, Hardee’s é uma cadeia de fast-food especializada em hamburguinhos para café da manhã. Tem outras porcarias também, mas eu me lembro de gostar do lugar principalmente por causa dos hamburguinhos. Particularmente os de frango.

** Tive um colega de escola, na Carolina do Sul, chamado Dusty Dutch. De verdade. Não é um nome fantástico? Precisava incluir essa informação. Fico feliz que ela finalmente ganhe o mundo.

Pronto! Terminei meu livro! Aêê!

Antes das despedidas, porém, quero dizer mais uma coisa sobre nossos dilemas românticos atuais. Tem um monte de gente por aí dizendo que as redes sociais e as novas tecnologias de comunicação estão tornando impossível que nos conectemos de verdade uns com os outros. E tem outro monte de gente dizendo que essas mesmas redes tornaram as coisas melhores do que nunca. Espero que, a esta altura, esteja claro que não me deixo levar nem por um nem por outro desses argumentos extremos.

A cultura e a tecnologia sempre causaram abalos nos relacionamentos. O advento do arado e a consequente desvalorização da força de trabalho da mulher no núcleo familiar trouxeram instabilidade. Quando o carro veio proporcionar que as pessoas viajassem e fossem encontrar outras que moravam longe, isso também foi desestabilizador. A mesma coisa com o telégrafo, o telefone, a televisão e sejam quais forem as invenções do futuro. Vai saber: talvez um dia, lá na frente, uma moça leia isto aqui e pense: *Hummm… bom, pelo menos naquela época os caras não ficavam o tempo todo teletransportando o pinto para a casa da gente! Parece bom.*

A história mostra que nos adaptamos continuamente a essas mudanças. Não importa que obstáculos apareçam, não deixamos de encontrar amor e romance.

Agora que terminei este projeto, tenho uma compreensão muito mais rica do novo cenário dos relacionamentos. E a coisa mais importante que aprendi com a pesquisa toda é que estamos todos juntos nessa. Espero que você se sinta assim também.

Desejo a você, e a todos os leitores, que tenha a maior sorte possível nos relacionamentos modernos.

E, quando digo a maior sorte, meu desejo é que, um dia, você se veja em Tóquio, num motel com decoração de *Jurassic Park*, transando com alguém que ame de verdade.

AGRADECIMENTOS

Tecnicamente, este livro é “de Aziz Ansari”, mas nunca será demais enfatizar o quanto, em muitos níveis, é resultado de um trabalho em grupo.

Para começar, devo agradecer ao sr. Eric Klinenberg. Se o cara é um renomado sociólogo e um autor best-seller, embarcar numa parceria com um comediante para escrever um livro de sociologia/ humor sobre os relacionamentos modernos não é necessariamente uma aposta segura ou lógica. Mas Eric botou fé no projeto e em mim desde o primeiro dia. Ao longo dos últimos dois anos, passamos uma quantidade insana de tempo trabalhando juntos, tentando conceber e executar este projeto. Trabalhar em colaboração tão estreita e intensa com alguém pode ser um saco, às vezes, mas com Eric foi sempre divertido e interessante. Também ajudou o fato de que, quando o assunto era comida, Eric, como eu, não se contentava com pouco, jamais fazendo objeções a nossos intervalos de almoço prolongados ou à estafante busca pelo *melhor* lugar para a gente comer naquele momento. Eric, um milhão de vezes obrigado.

Além dele, o outro fator essencial para que este livro saísse foram nossas muitas entrevistas, que nos forneceram experiências do mundo real com as quais trabalhar e aprender. O projeto simplesmente não teria sido possível sem as centenas de pessoas do mundo todo que participaram como entrevistadas e generosamente compartilharam o lado mais íntimo de sua vida. O mesmo vale para todos que participaram do fórum temático on-line. Não tenho como agradecer suficientemente a vocês, pessoal.

Fizemos uma quantidade absurda de pesquisa para este livro, e não teríamos como conseguir isso sem a ajuda de nossos incríveis colaboradores e assistentes.

Matthew Wolfe, mais conhecido com Wolfe Man, foi um superstar e tanto como assistente de pesquisa. Tudo o que caía nas mãos dele era resolvido, por mais esquisito que fosse o pedido. De rastrear classificados pessoais de centenas de anos atrás a encontrar alguém para photoshopar fotos do Dwayne “The Rock” Johnson, ele se superava em tudo. E mais: fazia essas coisas todas no maior

profissionalismo e bom humor, o que tornou o trabalho muito mais divertido e fácil do que poderia ter sido. Wolfe Man, você destruiu, e te agradecemos por isso.

Shelly Ronen ofereceu apoio crucial nos estágios iniciais do projeto, ajudando a realizar grupos focais em Nova York e fazendo suas próprias entrevistas em Buenos Aires. Kumiko Endo nos ajudou muito em Tóquio, recrutando pessoas para os grupos focais e nos ensinando sobre a estranha e fascinante cultura de relacionamentos da cidade. Sonia Zmihi organizou nossos grupos focais em Paris. *Gracias, arigato, merci.*

Robb Willer, sociólogo da Universidade de Stanford e meu conterrâneo, foi consultado durante todo o processo de pesquisa, auxiliando na análise de sofisticados conjuntos de dados, além de nos fazer apreciar o valor de uma competição de *monster trucks* como opção de encontro romântico.

O livro se apoiou imensamente nas contribuições de estudiosos e especialistas em questões amorosas que generosamente nos cederam seu tempo e suas ideias: danah boyd, Andrew Cherlin, Stephanie Coontz, Laurie Davis, Pamela Druckerman, Thomas Edwards, Eli Finkel, Helen Fisher, Jonathan Haidt, Sheena Iyengar, Dan Savage, Natasha Schüll, Barry Schwartz, Clay Shirky e Sherry Turkle. São todos incrivelmente inteligentes, e tenho sorte por ter passado algum tempo na companhia deles e roubado um pouco da sua sabedoria.

Também quero mandar um obrigado especial a algumas pessoas que foram extremamente prestativas na coleta de dados. Christian Rudder, cofundador do OkCupid, e Helen Fisher, antropóloga e consultora do Match.com, que nos passaram todo tipo de dados inéditos de seu site. Victoria Taylor e Erik Martin, do Reddit, que nos ajudaram a configurar o fórum temático Modern Romantics, que provou ser uma ferramenta de pesquisa de valor inestimável. Michael Rosenfeld, da Universidade de Stanford, que compartilhou conosco os dados de seu sensacional estudo “How Couples Meet and Stay Together”, da Universidade de Nova York, e permitiu que reproduzíssemos e tomássemos algumas liberdades com seus gráficos.

Geoff Mandel é o responsável pelo incrível trabalho de Photoshop no livro e foi sempre rápido na resposta aos meus e-mails ridículos dizendo coisas como: “Oi, Geoff, será que daria para a gente aumentar uns 30% o tamanho dos dinossauros da Suíte de Lua de Mel Jurassic Park, e acrescentar uns candelabros em cima deles?”. Walter Green fez nossos excelentes gráficos. Devo ainda um enorme agradecimento a Warren Fu e Crisanta Baker pela grande ajuda com as muitas e muitas idas e vindas da arte de capa da edição original, em que

trabalhamos juntos. Sou muito grato a vocês pela paciência.

Em Nova York, tivemos apoio logístico de Jessica Coffey, Siera Dissmore, Victor Bautista, Sebastien Theroux e Matthew Shawver. Em Los Angeles, Honora Talbot e Dan Torson botaram as coisas para funcionar. Também quero mandar um obrigado ao Upright Citizens Brigade Theatre por nos ajudar a conseguir espaços para alguns de nossos grupos focais maiores, e ao University Settlement pelo auxílio na organização das entrevistas com os idosos.

Um pequeno grupo de amigos e colegas leu as primeiras versões do manuscrito, e seus comentários nos ajudaram a lapidar a versão final. São eles: Aniz Ansari, Siera Dissmore, Enrique Iglesias,* Jack Moore, Matt Murray, Kelefa Sanneh, Lizzie Widdicombe, Andrew Weinberg, Robb Willer, Harris Wittels, Jason Woliner e Alan Yang.

Nossos agentes e empresários, Richard Abate, David Miner e Dave Becky, da 3Arts, Mike Berkowitz, da APA (pelo Aziz), e Tina Bennett, da William Morris (pelo Eric), foram grandes apoiadores em todas as fases do processo. Gostaria de agradecer também à minha relações-públicas, Jodi Gottlieb, que, mesmo sem tecnicamente ter a menor pista de qual será a recepção da imprensa para este projeto enquanto digito isto aqui, vai com certeza trabalhar incansavelmente para divulgá-lo. Também devo agradecer David Cho, que faz todo tipo de coisas digitais muito fodas e sempre topa sair comigo atrás de comida coreana. Meus advogados, Jared Levine, Corinne Farley e Ted Gerdes, que me mandaram e-mails sensacionais dizendo coisas do tipo: “Você não pode de jeito nenhum dizer que o casal de idosos da foto de banco de imagens ‘transa com outras pessoas’, a menos que deixe muito claro que, na verdade, os dois *não* ‘transam com outras pessoas’”.

Scott Moyers, nosso editor na Penguin, foi incrível a cada passo do caminho. Sacou de imediato o conceito deste livro, sempre apoiou o projeto e jamais tentou transformá-lo em alguma coisa que não era. Além do Scott, temos de agradecer a Ann Godoff, Mally Anderson, Akif Saifi, Hilary Roberts, Jeannette Williams e ao restante da equipe da Penguin Press, que sempre nos apoiou.

E, finalmente, os maiores obrigados vão para nossos próprios parceiros de relacionamento moderno.

Para Kate, que aguentou a inesperada conversão do marido em porta-voz dos solteiros americanos; Eric espera que este livro possa redimi-lo.

Para Courtney: se todo mundo tivesse a sorte de encontrar uma parceira tão encorajadora, amorosa, carinhosa, talentosa e bonita como você, duvido que existisse mercado para um livro como este.

Para Eric: aqui é o Aziz. Espero que você não esteja mal com a Kate por eu ter te destruído na disputa para ver quem escrevia o recado mais fofo para a parceira.

---

* Foram feitas inúmeras tentativas de entrega do manuscrito ao sr. Iglesias, sem sucesso, infelizmente.

NOTAS

1. PROCURANDO SUA ALMA GÊMEA

1. James H. S. Bossard, “Residential Propinquity as a Factor in Marriage Selection”. *American Journal of Sociology*, n. 38, pp. 219-24, 1932.
2. John S. Ellsworth Jr., “The Relationship of Population Density to Residential Propinquity as a Factor in Marriage Selection”. *American Sociological Review*, v. 13, n. 4, pp. 444-8, 1948.
3. William M. Kephart, “Some Correlates of Romantic Love”. *Journal of Marriage and the Family*, v. 29, n. 3, pp. 470-74, 1967.
4. Stephanie Coontz, *Marriage, a History: How Love Conquered Marriage*. Nova York: Penguin, 2006, p. 7.
5. Elizabeth Rice Allgeier e Michael W. Wiederman, “Love and Mate Selection in the 1990s”. *Free Inquiry*, v. 11, n. 3, pp. 25-7, 1991.
6. Esther Perel, “The Secret to Desire in a Long-Term Relationship”, TED, fev. 2013. Disponível em: <www.ted.com/talks/esther_perel_the_secret_to_desire_in_a_long_term_relationship>. O acesso a todos os links mencionados neste livro foi feito em 4 jan. 2016.
7. Casey E. Copen et al., “First Marriages in the United States: Data from the 2006-2010 National Survey of Family Growth”. *National Health Statistics Reports*, n. 49, 2012.
8. Esses números foram tirados de um relatório sobre tendências na internet assinado por Mary Meeker para a companhia de análise de riscos de capital Kleiner Perkins Caufield Byers. O texto está disponível no site Quartz: <qz.com/214307/mary-meeker-2014-internet-trends-report-all-the-slides>.

2. O PRIMEIRO CONVITE

1. Os resultados da pesquisa estão disponíveis em: <www.textplus.com/its-prom-party-time>.
2. Ibid.
3. Chris Gayomali, “The Text Message Turns 20: A Brief History of SMS”. *The Week*, 3 dez. 2012.
4. Os dados de 2010 têm como fonte o artigo “Your Smartphone Will Run Your Life”, de David Goldman (*CNN.com*, 19 out. 2010). Os números de 2014 são do Pew Research Center, na publicação “Device Ownership over Time” (Pew Research Internet Project, jan. 2014. Disponível em:

<www.pewinternet.org/data-trend/mobile/cell-phone-and-smartphone-ownership-demographics>).

5. Clive Thompson, “Clive Thompson on the Death of the Phone Call”. *Wired*, 28 jul. 2010.

6. George Homans propôs o clássico princípio sociológico do “menor interesse”, segundo o qual a pessoa que está menos interessada é a que tem mais poder num relacionamento. Ver George Homans, *Social Behavior: Its Elementary Forms* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1961).

7. Mike Robinson et al., “Initial Uncertainty in Pavlovian Reward Prediction Persistently Elevates Incentive Salience and Extends Sign-Tracking to Normally Unattractive Cues”. *Behavioral Brain Research*, n. 266, pp. 119-30, 2014.

8. Erin Whitchurch, Timothy Wilson e Daniel Gilbert, “‘He Loves Me, He Loves Me Not…’ Uncertainty Can Increase Romantic Attraction”. *Psychological Science*, v. 22, n. 2, pp. 172-5, 2011.

9. A pesquisa, realizada pela Hunter Public Relations, está disponível em: <clientnewsfeed.hunterpr.com/?page=141>.

3. RELACIONAMENTOS VIRTUAIS

1. Christian Rudder, *Dataclysm*. Nova York: Crown, 2014.

2. Nathan Ensmenger, “Computer Dating in the 1960s”. The Computer Boys, 5 mar. 2014.

3. H. G. Cocks, *Classified: The Secret History of the Personal Column*. Londres: Random House, 2009.

4. Essa história é contada por Jeff Kaufl em “How Match.com’s Founder Created the World’s Biggest Dating Website — and Walked Away with Just $50,000”. *Business Insider*, 16 dez. 2011.

5. John Cacioppo et al., “Marital Satisfaction and Breakups Differ Across Online and Offline Meeting Venues”. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 110, n. 25, pp. 10 135-40, 3 jun. 2013.

6. Mais dados disponíveis em: <data.stanford.edu/hcmst>. A pesquisa fez a compensação dos números de gays e lésbicas para se certificar de que a amostragem fosse suficiente e as conclusões, significativas.

7. Michael J. Rosenfeld e Reuben J. Thomas, “Searching for a Mate: The Rise of the Internet as a Social Intermediary”. *American Sociological Review*, v. 77, n. 4, pp. 523-47, 2012.

8. Aaron Smith e Maeve Duggan, “Online Dating & Relationships”. *Pew Internet & American Life Project*, 2013.

9. C. Rudder, op. cit., p. 70.

10. Dan Slater, *Love in the Time of Algorithms*. Nova York: Current Books, 2013.

11. C. Rudder, “The 4 Big Myths of Profile Pictures”. oktrends, 20 jan. 2010. Disponível em: <http://blog.okcupid.com/index.php/the-4-big-myths-of-profile-pictures>.

12. Eli J. Finkel et al., “Online Dating: A Critical Analysis from the Perspective of Psychological Science”. *Psychological Science in the Public Interest*, v. 13, n. 1, pp. 3-66, 2012.

13. Laura Stampler, “Inside Tinder: Meet the Guys Who Turned Dating into an Addiction”. *Time*, 6 fev.

2014.
14. Ann Friedman, “How Tinder Solved Online Dating for Women”. *New York Magazine*, 6 out. 2013.
15. Nick Bilton, “Tinder, the Fast-Growing Dating App, Taps an Age Old Truth”. *The New York Times*, 29 out. 2014.
16. Holly Baxter e Pete Cashmore, “Tinder: The Shallowest Dating App Ever?”. *The Guardian*, 22 nov. 2013.
17. Velvet Garvey, “9 Rules for Expats in Qatar”. *Matador Network*, 28 jul. 2012.

4. ESCOLHA E OPÇÕES

1. Sheena S. Iyengar, Rachael E. Wells e Barry Schwartz, “Doing Better but Feeling Worse: Looking for the ‘Best’ Job Undermines Satisfaction”. *Psychological Science*, v. 17, n. 2, pp. 143-50, 2006.
2. Sheena S. Iyengar e Mark R. Lepper, “When Choice Is Demotivating: Can One Desire Too Much of a Good Thing?”. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 79, n. 6, p. 995, 2000.
3. Para a média de idade no primeiro casamento por estado, ver Population Reference Bureau, “Median Age at First Marriage for Women (5-Year ACS)”. Disponível em: <www.prb.org/DataFinder/Topic/Rankings.aspx?ind=133>. Sobre o aumento nas taxas de divórcio em cidades pequenas e áreas rurais, ver Sabrina Tavernise e Robert Gebeloff, “Once Rare in Rural America, Divorce Is Changing the Face of Its Families” (*The New York Times*, 23 mar. 2011).
4. Donald G. Dutton e Arthur P. Aron, “Some Evidence for Heightened Sexual Attraction Under Conditions of High Anxiety”. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 30, n. 4, p. 510, 1974.
5. Arthur Aron et al., “Couples’ Shared Participation in Novel and Arousing Activities and Experienced Relationship Quality”. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 78, n. 2, p. 273, 2000.
6. Paul Eastwick e Lucy Hunt, “Relational Mate Value: Consensus and Uniqueness in Romantic Evaluations”. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 106, n. 5, pp. 728-51, 2014.
7. Paul W. Eastwick e Lucy L. Hunt, “So You’re Not Desirable”. *The New York Times*, 16 maio 2014.

5. PESQUISAS INTERNACIONAIS SOBRE O AMOR

1. Lindsey Galloway, “Living In: The World’s Best Cities for Dating”. BBC.com, 16 jun. 2014.
2. Abigail Haworth, “Why Have Young People in Japan Stopped Having Sex?”. *The Guardian*, 20 out.

2013.

3. National Institute on Population and Social Security Research, “The Fourteenth Japanese National Fertility Survey”, 2010.

4. Um resumo em inglês desses resultados pode ser encontrado no artigo “30% of Single Japanese Men Have Never Dated a Woman”. *Japan Crush*, 3 abr. 2013.

5. Roland Buerk, “Japan Singletons Hit Record High”. BBC.com, 28 nov. 2011.

6. Se você sabe ler japonês, veja este site: <www.stat.go.jp/data/kokusei/2005/sokuhou/ 01.htm>.

7. “Survey Finds Growing Number of Couples Turned Off by Sex”. *Asahi Shimbun*, 21 dez. 2012.

8. Central Intelligence Agency, “The World Factbook”, 2014.

9. Linda Sieg, “Population Woes Crowd Japan”. *Japan Times*, 21 jun. 2014.

10. Para um apanhado sobre as iniciativas governamentais de apoio ao casamento no Japão, ver Keiko Ujikane e Kyoko Shimodo, “Abe Funds Japan’s Last-Chance Saloon to Arrest Drop in Births”. *Bloomberg*, 19 mar. 2014.

11. Kalman Applbaum, “Marriage with the Proper Stranger: Arranged Marriage in Metropolitan Japan”. *Ethnology*, v. 34, n. 1, pp. 37-51, 1995. Ver também David Millward, “Arranged Marriages Make Comeback in Japan”. *Telegraph*, 16 abr. 2012.

12. Masami Ito, “Marriage Ever-Changing Institution”. *Japan Times*, 3 nov. 2009.

13. Alexandra Harney, “The Herbivore’s Dilemma”. *Slate*, 15 jun. 2009.

14. National Institute on Population and Social Security Research, “Fourteenth Japanese National Fertility Survey”.

15. Um vídeo absolutamente fascinante da *Vice* sobre a indústria do amor no Japão está disponível em: <www.vice.com/the-vice-guide-to-travel/the-japanese-love-industry>.

16. Para quem se interessar, há um livro todo dedicado a essas acompanhantes: Anne Allison, *Nightwork: Sexuality, Pleasure, and Corporate Masculinity in a Tokyo Hostess Club* (Chicago: University of Chicago Press, 1994).

17. Os dados sobre a frequência com que os homens recorrem à prostituição estão compilados no artigo “Percentage of Men (by Country) Who Paid for Sex at Least Once: The Johns Chart” (ProCon.org, 6 jan. 2011). Disponível em: <prostitution.procon.org/view.resource.php?resourceID=004119>.

18. A fonte para as declarações do prefeito e o número citado são do artigo de Tara Brady, “‘Women Who Say They Don’t Like Cat-Calls Are Lying’: Buenos Aires Mayor Sparks Furious Backlash” (*Daily Mail*, 29 abr. 2014).

6. VELHAS QUESTÕES, NOVAS FORMAS

1. Consultamos as seguintes fontes: os dados sobre envio e recebimento de mensagens de *sexting*, no artigo

“Why Kids Sext”, de Hanna Rosin (*Atlantic*, nov. 2014); os números de usuários de iPhone e Android, o dado sobre *sexting* nas terças pela manhã e sobre pessoas adeptas da prática, na pesquisa do Match.com que citamos ao longo de todo o livro.

2. Jenna Wortham, “Everybody Sexts”. *Matter*, 11 nov. 2014.

3. H. Rosin, op. cit.

4. Oliver Tree, “‘Stop Starin at My Weapon’: Hilarious New Details of Weiner’s Sordid Facebook ‘Affair’ with Blackjack Dealer are Revealed”. *Daily Mail*, 8 jun. 2011, disponível em: <www.dailymail.co.uk/news/article-2000386/Anthony-Weiner-Facebook-affair-blackjack-dealer-Lisa-Weiss-revealed.html>.

5. O dado de 2011 aparece no artigo “Cheating, Incorporated”, de Sheelah Kolhatkar, (*Bloomberg Businessweek*, 10 fev. 2011); o número de 2014, no site Ashl y Madison, disponível em: <www.ashleymadison.com/ blog/about-us>.

6. Deni Kirkova, “You’re Breaking Up with Me by TEXT?”. *Daily Mail*, 5 mar. 2014.

7. Ilana Gershon, *The Breakup 2.0: Disconnecting over New Media*. Ithaca: Cornell University Press, 2011.

8. Rossalyn Warren, “A Girl Is Getting Over Her Ex By Photoshopping Photos Of Beyonce Over His Face”. Buzzfeed, 29 jul. 2014.

9. Irene Tsapelas, Helen Fisher e Arthur Aron, “Infidelity: When, Where, Why”. In: W. R. Cupack e B.H. Spitzberg, *The Dark Side of Close Relationships II*. Nova York: Routledge, 2010, pp. 175-96.

10. Richard Wike, “French More Accepting of Infidelity Than People in Other Countries”. Pew Research Center, 14 jan. 2014.

11. Frank Newport e Igor Himelfarb, “In U.S., Record-High Say Gay, Lesbian Relations Morally OK”. Gallup.com, 20 maio 2013.

12. Henry Samuel, “French Study Shows a Majority of Men and a Third of Women Cheat”. *Telegraph*, 21 jan. 2014.

7. ASSUMINDO UM COMPROMISSO

1. Helen Fisher, “How to Make Romance Last”. *O, the Oprah Magazine*, dez. 2009.

2. Philip N. Cohen, “Marriage Is Declining Globally: Can You Say That?”. *Family Inequality*, 12 jun. 2013.

3. Christina Sterbenz, “Marriage Rates Are Near Their Lowest Levels in History — Here’s Why”. *Business Insider*, 7 maio 2014.

4. Andrew J. Cherlin, “In the Season of Marriage, a Question: Why Bother?”. *The New York Times*, 27 abr. 2013.

5. Mark Oppenheimer, “Marriage, with Infidelities”. *The New York Times*, 30 jun. 2011.

6. Mimi Valdes, “Do Open Relationships Work?”. *Men’s Fitness*, out. 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, Beth. *From Front Porch to Back Seat: Courtship in Twentieth-Century America*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988.

BOYD, Danah. *It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens*. New Haven: Yale University Press, 2014.

CHERLIN, Andrew. *Marriage, Divorce, Remarriage*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

CHERLIN, Andrew J. *The Marriage-Go-Round: The State of Marriage and the Family in America Today*. Nova York: Knopf, 2010.

COCKS, Harry G. *Classified: The Secret History of the Personal Column*. Londres: Random House, 2009.

COONTZ, Stephanie. *Marriage, a History: How Love Conquered Marriage*. Nova York: Penguin, 2006.

DAVIS, Laurie. *Love at First Click: The Ultimate Guide to Online Dating*. Nova York: Simon & Schuster, 2013.

DRUCKERMAN, Pamela. *Lust in Translation: The Rules of Infidelity from Tokyo to Tennessee*. Nova York: Penguin, 2007.

DUNBAR, Robin. *The Science of Love*. Hoboken: Wiley, 2012.

FISHER, Helen. *Anatomy of Love: A Natural History of Monogamy, Adultery, and Divorce*. Nova York: Simon & Schuster, 1992.

_____. *Why Him? Why Her? Finding Real Love by Understanding Your Personality Type*. Nova York: Henry Holt, 2009.

HAIDT, Jonathan. *The Happiness Hypothesis: Finding Modern Truth in Ancient Wisdom*. Nova York: Basic, 2006.

ILLOUZ, Eva. *Why Love Hurts: A Sociological Explanation*. Cambridge: Polity, 2012.

IYENGAR, Sheena. *The Art of Choosing*. Nova York: Twelve, 2010.

JONES, Daniel. *Love Illuminated: Exploring Life's Most Mystifying Subject* (*With the Help of 50,000 Strangers*). Nova York: HarperCollins, 2014.

KLINENBERG, Eric. *Going Solo: The Extraordinary Rise and Surprising Appeal of Living Alone*. Nova York: Penguin, 2012.

LING, Richard Seyler. *New Tech, New Ties: How Mobile Communication Is Reshaping Social Cohesion*. Cambridge: MIT Press, 2008.

NORTHRUP, Chrisanna; SCHWARTZ, Pepper Schwartz; WHITE, James. *The Normal Bar: The Surprising Secrets of Happy Couples and What They Reveal About Creating a New Normal in Your Relationship*. Nova York: Harmony, 2013.

OYER, Paul. *Everything I Ever Needed to Know About Economics I Learned from Online Dating*. Cambridge: Harvard Business Review Press, 2014.

ROSENFELD, Michael J. *The Age of Independence: Interracial Unions, Same-Sex Unions, and the Changing American Family*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

RUDDER, Christian. *Dataclysm: Who We Are* (*When We Think No One's Looking*). Nova York: Crown, 2014.

RYAN, Christopher; JETHÁ, Cacilda. *Sex at Dawn: The Prehistoric Origins of Modern Sexuality*. Nova

York: HarperCollins, 2010.
SCHWARTZ, Barry. *The Paradox of Choice*. Nova York: Ecco, 2004. [Ed. bras.: *O paradoxo da escolha*. São Paulo: Girafa, 2007.]
SIMON, Herbert A. *Models of Man: Social and Rational*. Oxford: Wiley, 1957.
SLATER, Dan. *Love in the Time of Algorithms: What Technology Does to Meeting and Mating*. Nova York: Current, 2013.
TURKLE, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. Nova York: Basic, 2012.
WEBB, Amy. *Data, a Love Story: How I Cracked the Online Dating Code to Meet My Match*. Nova York: Dutton, 2013.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

A numeração das páginas nesta seção refere-se à 1ª edição impressa.

Página 10: Everett Collection/ Shutterstock.com
Páginas 45 e 168: cortesia do autor
Páginas 53, 54 e 57: straightwhiteboystexting.tumblr.com
Página 80: A and N Photography/ Shutterstock.com
Página 83: cortesia de *Beaver County Times*
Páginas 87 e 88: screenshots retiradas de www.youtube.com/watch?v=0bomkgXeDkE
Página 109 (sup. esq.): cortesia de Anna Sacks
Páginas 109 (inf. dir.), 110-114: utilizadas com permissão
Página 115: © 2/ Pete Atkinson/ Ocean/ Corbis e Jeffrey Waibel/ Thinkstock (montagem)
Página 116: © George Steinmertz/ Corbis e Paulo Resende/ Thinkstock (montagem)
Página 121: cortesia de Tinder
Página 124: cortesia de Grindr LLC
Página 152: Natursports/ Shutterstock.com
Página 163: "Charge of the Fembots, Robot Restaurant, Shinjuku, Tokyo, Japan", por Cory Doctorow, licenciada por Creative Commons Attribution-Shake Alike 2.0 (commons.wikimedia.org/wiki/File:Charge_of_the_fembots_Robot_Restaurant,_Shinjuku_Tokyo.jpg)
Página 164: Levent Konuk, 3dalia e etse1112/ Thinkstock
Página 176: trailexplorers/ Shutterstock.com
Página 208: Pascal Le Segretain/ Getty Images. A foto de fundo é cortesia de Matt e Mag Lane
Página 209 (sup.): Barry King/ FilmMagic/ Getty Images. A foto de fundo é cortesia de Matt e Mag Lane
Página 209 (inf.): Ethan Miller/ Getty Images. A foto de fundo é cortesia de Matt e Mag Lane
Página 210: Governo dos Estados Unidos. A foto de fundo é cortesia de Matt e Mag Lane
Página 243: Lisa F. Young/ Shutterstock.com
Página 249: Jeff Bottari/ WireImage/ Getty Images



RUVAN WIJESOORIYA

AZIZ ANSARI é escritor, comediante e ator. Atualmente dirige, atua e escreve a própria série no Netflix, *Master of None*. Também é conhecido por sua atuação na série *Parks and Recreation* e nos filmes *É o fim* e *30 minutos ou menos*.

Copyright © 2015 by Modern Romantics Corporation
Todos os direitos reservados, incluindo direitos de reprodução do todo
ou de parte em qualquer meio.

Edição publicada mediante acordo com The Penguin Press, um selo da
Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Modern Romance
CAPA Cleber Rafael de Campos
PREPARAÇÃO Mariana Delfini
REVISÃO Marina Nogueira e Luciane Gomide Varela
ISBN 978-85-438-0543-6

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

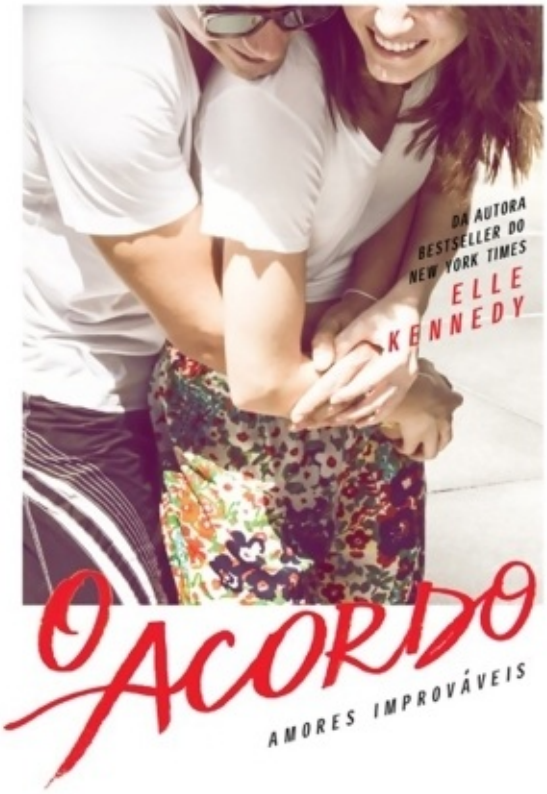

TATI BERNARDI
MEU PASSADO ME CONDENA
COM HISTÓRIAS INÉDITAS
DOS PERSONAGENS
DE FÁBIO PORCHAT
E MIÁ MELLO

Meu passado me condena

Bernardi, Tati 9788543803395
120 páginas

Compre agora e leia

Fábio Porchat e Miá Mello estão de volta em situações inéditas e divertidíssimas, fruto do humor aguçado do texto de Tati Bernardi. Meu passado me condena foi sucesso no cinema (mais de 3,5 milhões de espectadores) e no teatro (mais de cem mil pessoas) e agora, em forma de livro, traz de volta Fábio e Miá em histórias inéditas, marcadas pela sinceridade desconcertante costumeira. Enquanto chocam um ao outro, o leitor se diverte com este livro que reúne ainda os melhores momentos dos dois na peça. Tudo isso fruto do texto inteligente, bem-humorado e cheio de personalidade de Tati Bernardi. "Tati Bernardi é uma Mulher, assim com M maiúsculo. Ela não tem medo de sentir, de se expor e, principalmente, de ser como é e de pensar o que pensa. Ela faz a gente se conhecer melhor pela clareza do sentimento atrás de cada palavra [...] Tati é moderna, esperta, culta, interessante e... . muito sacana!" - Marcelo Adnet"Discordo que a Tati Bernardi seja a voz de uma geração. Não há ninguém no mundo tão patologicamente franco nem francamente engraçado. Ela é uma só. Não aceite imitações: Tati é a voz de uma geração composta unicamente por ela mesma". - Gregório Duvivier Compre agora e leia


DA AUTORA
BESTSELLER DO
NEW YORK TIMES
ELLE
KENNEDY
O ACORDO
AMORES IMPROVÁVEIS

O acordo

Kennedy, Elle 9788543805887
360 páginas Compre agora e leia

Tocante, profundo, engraçado, sexy... Um romance que vai te encantar e surpreender a cada página.

Hannah Wells finalmente encontrou alguém que a interessasse. Mas, embora seja autoconfiante em vários outros aspectos da vida, carrega nas costas uma bagagem e tanto quando o assunto é sexo e sedução. Não vai ter jeito: ela vai ter que sair da zona de conforto… Mesmo que isso signifique dar aulas particulares para o infantil, irritante e convencido capitão do time de hóquei, em troca de um encontro de mentirinha.
Tudo o que Garrett Graham quer é se formar para poder jogar hóquei profissional. Mas suas notas cada vez mais baixas estão ameaçando arruinar tudo aquilo pelo qual tanto se dedicou. Se ajudar uma garota linda e sarcástica a fazer ciúmes em outro cara puder garantir sua vaga no time, ele topa. Mas o que era apenas uma troca de favores entre dois opostos acaba se tornando uma amizade inesperada. Até que um beijo faz com que Hannah e Garret precisem repensar os termos de seu acordo.

Compre agora e leia


VICTORIA CERIDONO
DIA de BEAUTÉ
UM GUIA DE MAQUIAGEM
PARA A VIDA REAL

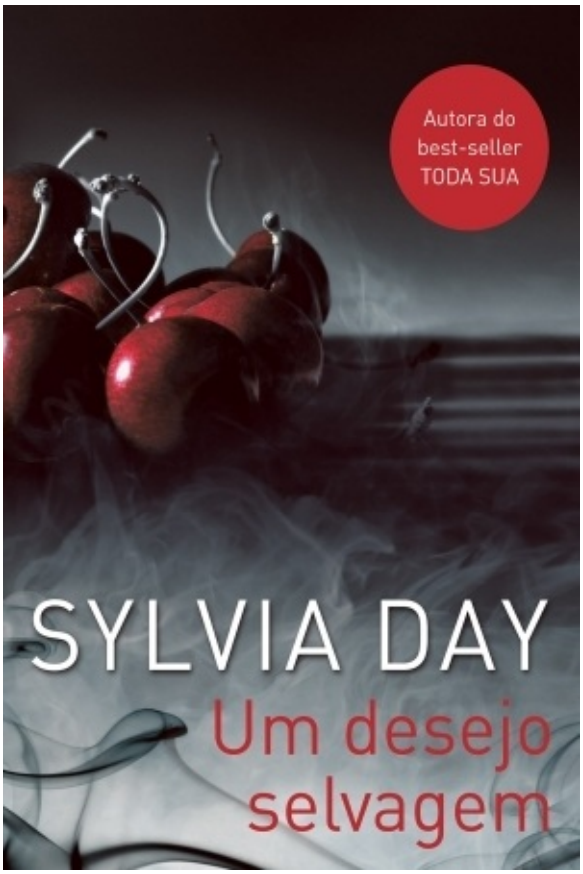
Dia de beauté

Ceridono, Victoria 9788543804187
160 páginas

Compre agora e leia

Quase nada é tão divertido quanto maquiagem. O lema de Victoria Ceridono, blogueira e editora de beleza da Vogue, é especialmente verdadeiro em seu livro Dia de beauté – um guia de maquiagem para a vida real. Com mais de 130 fotos e ilustrações, promete ensinar tudo que existe entre um make básico, quase nada, e uma maquiagem para festa. Sem nunca perder o tom divertido, as dicas de Victoria são acessíveis, vindas de quem experimentou de tudo para descobrir o que vale mesmo a pena. Um livro para todo tipo de leitor(a) – desde iniciantes até obcecadas, passando por quem apenas busca dicas para sair da rotina, ou alguém não interessado que sem querer foi parar com o livro em mãos. Um livro para inspirar e despertar a vontade de mergulhar nesse fantástico universo da maquiagem.

Compre agora e leia


Autora do
best-seller
TODA SUA
SYLVIA DAY
Um desejo
selvagem

Um desejo selvagem

Day, Sylvia 9788580869330
264 páginas Compre agora e leia

Neste segundo livro da série, Vash, a segunda vampira mais importante do mundo, e Elijah, líder dos licanos, assumem o papel central. Além de serem representantes de duas espécies que sempre se perseguiram, Elijah e Vash se odeiam, mas são obrigados a se aproximar em busca de parceria numa guerra contra os anjos. O único problema é que o ódio entre eles vai se transformando em uma paixão incontrolável. Vash, uma mulher dura e determinada, perde a concentração nas lutas, passa a ter ciúmes e a não controlar mais seus sentimentos, enquanto Elijah parece decidido a conquistá-la, usando os mais tentadores artifícios.

Compre agora e leia


BETH
KERY
Quando
estou
com você
PARTE 8

Quando estou com você - Parte 8

Kery, Beth 9788580868012
31 páginas Compre agora e leia

Quando estou com você — segundo e-book seriado de Beth Kery, escritora best-seller da lista do New York Times — chega ao seu clímax quando Elise, Lucien, Francesca e Ian descobrem as verdades que os cercam, revelam os segredos que os assombram e o incontrolável desejo que pode destruí-los ou salvá-los...

Na luxuosa cobertura de Ian, ele, Francesca, Lucien e Elise passam uma noite que começa agradável e termina devastadora, pois finalmente os segredos do passado de Lucien são revelados. Graças à impulsividade de Elise, a dolorosa verdade que ele esconde há tanto tempo vem à tona. Mas revelar a verdade era muito mais grave do que Elise imaginava, fazendo-a se sentir culpada por ter afastado o homem que ama.

Quando Lucien e Ian vão para Londres, Elise é deixada para trás e sofre com a indiferença de Lucien, que certamente está furioso por ela ter revelado seu segredo — esse era o medo dele desde que se reencontraram. Com o coração partido, Elise toma uma decisão difícil para ambos. Mas Lucien ainda tem uma revelação a fazer, que pode uni-los ou afastá-los. Uma revelação que pode mudar o futuro do casal para sempre.

Compre agora e leia